CAPÍTULO 03

PORANGABA ANTIGA 1

MEMÓRIA LOCAL. CURIOSIDADES, CRENÇAS, TRADIÇÕES, PROFISSÕES, USOS E COSTUMES

Júlio Manoel Domingues – Setembro/08

Índice

Porangaba Antiga

INTRODUÇÃO, 135

PORANGABA ANTIGA 1
CURIOSIDADES, 135

1. Local do povoado, 136
2. Data de fundação, 138
3. Pioneiros, 138
4. Personagens destacadas, 140
5. Cartório de Registro Civil, 143
6. Livro do Tombo da Paróquia, 144
7. Boletim da Secretaria da Agricultura, 150
8. Correio, 151
9. Posto Policial e Cadeia Pública, 153
10. A segurança pública na Bela Vista, 154
10.1 Vigilantes e Guardas Noturnos, 155
11. Posto militar – comandantes, 156
12. Fazenda São Martinho, 157
13. Tropas e Tropeiros, 158
14. Tropeiros de Porangaba, 159
15. A Influência gaúcha, 160
16. Carros e Carreiros, 160
17. Carroças e Carroceiros, 162
18. Estradas e Caminhos, 163
19. Pontes sobre o rio Feio, 164
20. Córregos, 164
21. O primeiro automóvel, 165
22. Linha de ônibus, 166
22.1 Motoristas Antigos, 167
23. Carros de aluguel, 167
24. Luz elétrica e telefone, 167
25. Centro telefônico, 169
26. Linhas telefônicas particulares, 169
27. Indústria, 169
28. Comércio, 171
29. Curiosidades, 177
29.1 A culinária, 179
29.2 Os pirulitos de minha avó, 179
30. Sorveterias, 180
31. Outras atividades comerciais, 181
32. Compradores de algodão e cereais, 182
33. Criadores e negociantes de gado, 183
34. Comercialização de suínos, 184
35. Comercialização de combustíveis, 184
36. Compradores de aves e ovos, 185
37. Bancos Comerciais, 185
38. O petróleo em Porangaba, 186
39. Petróleo da Mina, 187
40. Benzedeiros e Curandeiros, 188
41. Farmacêuticos, 190
42. Médicos, 190
43. Dentistas, 191
44. Parteiras, 192
45. Santa Casa de Misericórdia, 192
46. Ofícios diversos, 194
47. Alfaiates, 194
48. Fogueteiros, 195
49. Sapateiros, 196
50. Ferreiros, 196
51. Marceneiros e Carpinteiros, 196
52. Serradores de madeira, 197
53. Barbeiros, 198
54. Seleiros e Trançadores, 199
55. Funileiros, 199
56. Fotógrafos, 199
57. Poceiros, 200
58. Valeiros, 200
59. Pedreiros, 200
60. Casa de barro, 202
61. Suprimento de água, poços, carregadeiras e lavadeiras, 203
62. Poço da bomba, 204
63. Poço d´água boa, 204
64. Poço do Boava, 205
65. Pocinho, 205
66. Recreação – divertimentos, 205
67. Corrida-de-cavalo, 205
68. Tourada, 208
69. Cavalhada, 208
70. Dança de São Gonçalo, 209
71. Futebol, 210
72. Campos de futebol, 211
73. Jogadores do passado, 211
74. Clubes de futebol, 213
75. Sport Club Independente, 214
76. Clube 4 de Junho, 215
77. Juvenil Foot-bal Club, 215
78. Esporte Clube Independente, 215
79. Esporte Clube Porangabense, 215
80. Briga-de-galo, 216
81. O Cinema, 217
82. Cinema em Porangaba, 218
83. O primeiro gramofone, 222
84. O primeiro aparelho de rádio, 223
85. O primeiro aparelho de TV, 224
86. Clubes Recreativos, 224
87. Clube Recreativo 21 de Abril, 224
88. Clube R. Esportivo 7 de Setembro, 226
89. O Carnaval Antigo, 226
89.1 O Carnaval Atual, 228
90. Seresteiros, 228
91. Zé Mestre – "o musicão" de Ana Rosa, 229
92. O Teatro, 229
93. O Circo, 232
94. Loteria da Habitação, 234
95. Escotismo, 235
96. A bandeira dos escoteiros, 235
97. Tiro de Guerra, 236
98. Histórias que o povo conta, 236
A história da Cigana
Nhandica
Avião – queda
Avião – pouso emergencial
Apicultura
As prostitutas
99. Tipos populares, 240
100. Iluminação pública (lampião), 242
101. Coretos, 243

102. Nomes antigos de ruas, 243
103. Cariocas e Luzias, 246
104. Procissões e Verônicas, 246
105. A Festa de Santo Antônio, 247
106. Costureiras e bordadeiras, 248
107. A Instrução Pública, 249
108. Guarda Nacional, 252
109. A GN em Porangaba, 253
110. A Revolução Liberal, 253
111. Tatuí e a ligação com o Rio Feio, 254
112. A Revolução de 1924, 255
113. A volta dos voluntários de Tatuí, 256
114. Em Porangaba, 256
115. Promoções, 256
116. Prisão do Juiz de Direito, 257
117. O crime político na Bela Vista, 257
118. Eleições em 1930, 258
119. Eleições em Porangaba, 259
120. A Revolução de 1930, 260
121. Junta Governativa, 261
122. Revolucionários, 261
123. A Revolução de 1932, 261
124. Revolucionários, 262
125. A Primeira Guerra Mundial, 262
126. Participação do Brasil, 263
127. Conseqüências da guerra, 263
128. A relação com Porangaba, 263
129. A Segunda Guerra Mundial, 265
130. Participação do Brasil, 265
131. Expedicionários Porangabenses, 266
132. Catequistas, 267

AGRADECIMENTOS, 268

FONTES, 268

LEITURAS, 269

1. Porangaba e meus parceiros – Saudade
Roque Miranda, 269

2. O assassinato do ex-prefeito Minguinho, 270

3. Nossas raízes rurais – É verdade ou é mentira?
Anna Verônica Mautner, 271

4. "A vida no sítio"- (Depoimento) Joaquim
Soares da Silva Primo (Quim Feliciano), 272

5. Um Pouco de História
Eugênio José de Camargo Barros, 273

6. A primeira biblioteca, 274

7. Mãe e Mestra,
Gentil de Oliveira, 275

8. Eu e os tempos antigos de Porangaba,
Urbano de Miranda, 275

9. O Mestre Gentil e seu epitáfio
Gentil de Oliveira, 279

10. O 1º Arcebispo de Belém do Pará na Bela Vista,
280

11. *Porangaba Antiga - Onozor Pinto da Silva*
ORVALHOS E GRANIZOS DE MINH 'ALMA, 281

Anos 40 – Século 20

Recordar os fatos históricos passados é como mexer num baú e buscar informações, detalhes, datas e pormenores perdidos no rolar do tempo...

Sem passado não existe futuro.
Sem memória, não teríamos lembranças de nossa infância, nem de nossa juventude. Nada aprenderíamos, não teríamos identidade. Seríamos uma não pessoa.

São Paulo Antigo (Antônio Egydio Martins)

INTRODUÇÃO

resgate da memória histórica mexe com o passado. A volta no tempo destaca temas diversos, complexos. Envolve pessoas, fatos, tradições, organizações, instituições e, sem fugir da verdade, deve ser bem dosado na prudência e discrição. O momento propício é quando muitas coisas ainda podem ser lembradas e ratificadas pela confrontação de documentos, pois, em caso contrário, tudo será esquecido. Jamais será um trabalho individual e exige buscas constantes que possibilitem coligir dados junto àqueles que conviveram com os moradores mais antigos, parentes e amigos. Entram aí as informações verbais desses privilegiados ouvintes

Hoje, com o progresso das comunicações e da informática, as condições às pesquisas são mais favoráveis, embora as investigações ainda sejam prejudicadas pelo desinteresse cultural da sociedade brasileira, além dos entraves e da burocracia de órgãos governamentais. As dificuldades são imensas pela destruição de documentos, a desorganização de arquivos públicos e outras barreiras impostas aos pesquisadores.

Como poderemos passar às gerações futuras, ansiosas por saber como viviam os seus antepassados, tanto desinteresse...! Daí, a teimosia e obstinação em tentar resgatar a história antiga de Porangaba.

O povoado do Rio Feio formou-se em meados do século 19, mas pouco cresceu nos primeiros cem anos de vida. Somente após o 2º conflito mundial, quando teve inicio o grande desenvolvimento sócio-cultural e tecnológico que envolveu toda a humanidade (e que se estende até hoje), é que Porangaba começou, morosamente, a progredir.

- *A partir daí, as transformações foram marcantes a nível mundial. Não poderemos esquecer que no século 20 o homem rompeu o átomo, dividiu os genes e fez o clone de uma ovelha, inventou o plástico, o radar, o chip de silício, aviões, foguetes, satélites, aparelhos de rádio e de telefonia celular, televisões, etc. – e enfim chegou na Lua – ocorrências que comprovam ser a mente humana extraordinária.*

Diante de tudo isso, muitos perguntarão: - e daí ?, mas o que aconteceu na pequena Porangaba?. Vamos, então, registrar temas e fatos diversos da história local, buscar "*alfarrábios*" em arquivos empoeirados e desorganizados de órgãos públicos, ouvir pessoas e juntar tudo que for possível para reconstituir o passado. Nada foi estático por aqui, houve muita ação e dinamismo, embora o crescimento sempre dependesse de investimentos, que, infelizmente, não aconteceram nesse primeiro século.

PORANGABA ANTIGA - CURIOSIDADES

É o tema fascinante da pesquisa histórica, que permite saber parte do que aqui ocorreu no passado com a nossa gente; identificar os usos, costumes, avanços e retrocessos, as tradições, o cotidiano, enfim conhecer a trajetória formadora da sociedade porangabense. Serve ainda para mostrar que o "tempo antigo" não foi "*uma história descontínua de conhecimentos e anos de ignorância*". Houve muita bravura na luta dos pioneiros - ***os nossos eternos personagens.***

Se fosse possível voltar no tempo, a "*fotografia*" seria incomparável pela singeleza das coisas, simplicidade dos ranchos, das cabanas de taipa e sapé ao lado da trilha, no surgimento do "sítio urbano". Pouca gente e precários caminhos - mostrariam o desconforto no ponto de pouso, ***muito antes de se tornar o povoado***, a par de uma rotina quase angustiante, mas, em compensação, a paisagem campestre se apresentaria indescritível pela beleza pictórica da "bela vista", algo místico a sinalizar o surgimento futuro de uma cidade.

O povoado nasceu num dos caminhos alternativos para o oeste paulista, na busca e conquista do "sertão", num sítio já subordinado e dependente de Tatuí, o que em nada mudou seu destino. Muitas foram as barreiras para o seu desenvolvimento, começando pelas seguintes situações :

- ***geográfica*** *– o isolamento foi quase total até os primeiros anos do século 20 e somente com a abertura da rodovia Castelo Branco, quando já era centenária, é que Porangaba deixou de ser "cidade fim de estrada";*
- ***política*** *– os primeiros governantes daqui, dependendo dos políticos tatuienses, foram subservientes e não tiveram poder de influência;*
- ***econômica*** *– a economia foi (e ainda é) predominantemente primária, baseada na agricultura e pecuária, sem indústrias, com um comércio tímido e sem investimentos.*

Com tantos fatores adversos e o descaso dos governantes tatuienses (a quem estivemos subordinados até 1927), o povoado foi crescendo lentamente e somente chegou a mudar de nome, para ***Bela Vista de Tatuí***. Formou-se aqui uma gente trabalhadora, agricultores descendentes da estirpe cabocla dos desbravadores paulistas. No início vieram poucas famílias, espalhadas, vivendo em condições inóspitas, desfavoráveis, com desconforto, trabalhando a terra à própria subsistência. A luta foi árdua e, com o aumento da população, cresceram as relações de comércio. As agruras do dia a dia foram sendo vencidas e o povoado traçou o seu rumo.Tornou-se realidade o sonho dos pioneiros; formou-se a vila com a capela em patrimônio doado que passou a polarizar vendas e casas. Decorridos mais de cem anos, o município não atingiu o desenvolvimento sonhado, mas não podemos negar que o progresso chegou por aqui e hoje não vivemos mais ilhados.

O objetivo principal desta busca é recompor a história local,[1] a formação da sociedade porangabense, nas suas diversas fases, desde os tempos mais remotos e buscar os "motivos" de sua formação. Trata-se de árduo e demorado trabalho de pesquisa, com uma amostragem razoável de documentos e entrevistas. A curiosidade é grande, o conteúdo rico e complexo. É óbvio, também, que os assuntos e fatos abordados às vezes se apresentam distorcidos em função dos valores estimativos e subjetivos das pessoas consultadas, que, encorajadas, procuram valorizar as informações, alteram os fatos verídicos e confirmam os fantasiosos. Tudo acontece de forma natural, sem má fé, faz parte da rica imaginação popular, com base nos "causos" ouvidos, daí a necessidade de triagem, do testemunho fiel e de provas documentais.

1. Local do Povoado

O local onde se formou o povoado foi certamente determinado (e escolhido) pela topografia, tanto para a ***pousada*** (no inicio), como o ***sítio urbano*** *(depois}*, em lugar alto e seguro, sem desconsiderar a importância das terras adjacentes, lavradias. Com o tempo surgiram as mais desencontradas versões, algumas até folclóricas, sobre a localização inicial do agrupamento Rio Feio.

---

[1] *Napoleão, Cabral, Joana D'Arc... Grandes personagens da História! Descobrimentos, Guerras, Invenções... Grandes acontecimentos! Mas a História não é apenas o grandioso, o que os livros contam e as obras de arte registram. Toda comunidade tem história, por menor que seja. Todo grupo humano se desenvolve ao longo do tempo, tem seus momentos importantes, suas mudanças mais sentidas. Por isso, hoje, a idéia de História Local ganha força. Tão valioso quanto saber a História do mundo e do Brasil é conhecer a história do bairro em que vivo; como ele se formou, por que cresceu, quem construiu seus prédios, quem mais se dedicou a ele, quais as atividades do povo do lugar, ontem e hoje. A História Local, é claro, sempre está ligada à História mais geral, de sociedades mais amplas, mas entendendo o que está perto posso compreender melhor o mais distante.*

Chico Alencar, Brasil Vivo, Vozes, Rio de Janeiro/1997

1950 – Rua do Comércio
(atual 4 de Junho)

Antônio Manoel de Miranda, tropeiro, filho do capitão Miranda, contou ao pesquisador Onozor Pinto da Silva, que ouviu dizer: " *que, antes da capela em louvor a Santo Antônio ser construída, existiu outra, bem mais antiga, uma capelinha feita de tábuas em louvor a São João Baptista, próxima de um rancho no lado esquerdo do rio Feio, no sentido descendente"*.

Foram ouvidas pessoas idosas, duas dezenas no mínimo, sobre a existência dessa capela, mas nada foi confirmado. Surgiram hipóteses unicamente: seria no local onde hoje é o campo de futebol ou no caminho para o bairro das Partes, na atual Vila São Luiz ! Outros consultados "ouviram dizer" também que a primeira capelinha ficava lá pelos lados da estrada velha de Bofete, próxima à ponte do rio Feio, para o lado dos Piragibu. Não existem provas!

Pois bem, com base nos estudos feitos sobre o povoamento e a expansão urbanística paulista, é sabido que o movimento para o oeste se processou aos saltos, não como um avanço sistemático e refletiu na urbanização. O agregamento inicial de pessoas em moradias ao redor de uma capela, levava sempre em conta ***a posição estratégica do lugar, a aparência retilínea do acampamento, o rocio e o largo***. É, seguramente, o que ocorreu por aqui.

Logo, respeitando os relatos antigos que ilustram e valorizam a pesquisa e dão até uma roupagem folclórica ao estudo, a explicação mais lógica é que a cidade realmente nasceu no *"sítio onde se encontra*", num ponto elevado que facilitava a vigilância permanente, sem o perigo das enchentes do rio e riacho (vizinhos), com acesso difícil para quem chegasse e de defesa fácil àqueles que ali morassem. [2]

Poderemos citar como fatos importantes, ligados à segurança inicial da população, e que podem até ser aceitos para explicar a escolha do local:

- *o surgimento proposital de alguns ranchos vizinhos à região ribeirinha, (nas terras de Silvéria Angélica da Fonseca Bueno, dos portugueses João Boava, Manoel Izidoro Brenhas, Manoel Ignácio), na antiga saída para Bofete; e no terreno defronte ao atual campo de futebol, onde existiu no passado o olaria do João Paes, já na saída para Tatuí),* ***que acomodavam os viajantes e tropeiros.***

Os "belavistenses" nunca deixaram de acolher os viajantes e forasteiros, mesmo os desconhecidos, acomodando-os, por segurança, fora do núcleo central. Era costume da época que os tropeiros, com suas cavalgaduras, ficassem alojados em telheiros que existiam nos quintais ou ao lado dos pontos de pouso das caravanas, pois as grandes distâncias a percorrer, aliadas à vagarenta locomoção a pé ou a cavalo, tornavam necessários os pernoites em certos pontos do caminho. Por exemplo, por aqui, no início do século passado, foi tradicional a atenção e hospitalidade dispensada pelo tenente Antônio Paulino Telles (Tellinho) aos tropeiros viajantes e também, mais tarde, pelo seu genro Jango Mendes.

Como destacam os historiadores, o bom acolhimento, ao invés de ser virtude, era a obrigação social necessária à sobrevivência, pois recebendo os tropeiros amigos no próprio povoado, ficava claro o alto grau de confiança que os anfitriões dispensavam aos seus conhecidos.

Sabemos, também, com base nas notícias publicadas em jornais tatuienses e nos escritos do advogado Laurindo Minhoto, que *" o Sertãozinho de Santo Antônio, como era chamado o bairro do Rio Feio, era ponto de sesta ou pouso de tropeiros e viandantes, que demandavam a freguesia de*

---

[2] *Até o final dos anos 20 do século passado, mais ou menos, a vila era fechada por porteiras instaladas em pontos estratégicos. Os porangabenses mais idosos afirmam que uma ficava na atual rua 4 de Junho, na confluência com a atual rua João Rosa de Oliveira, defronte ao sobrado (atual) dos Avallone, na saída para Bofete; outra na atual rua Estevão Maier, na altura do templo da Igreja Assembléia de Deus, na saída para Tatuí. Na saida para Conchas, via bairro dos Nunes, e no caminho também usado para atingir a Fazenda São Martinho, a porteira ficava na altura do antigo "cruzeiro", onde hoje começa a avenida Narciso Pieroni.*

Samambaia, hoje Bofete, com destino a volta de Botucatu e sertões de Avaré, Santa Cruz e Lençoes (além, não havia povoados). Como preferiam outros historiadores, situava-se, portanto, à margem da estrada que dava entrada para a serra de Utucatú ou Botucatú, com direção para os sertões do Rio Novo e Tibagy. Era por ali que se fasia todo o commercio dos sertões, hoje (1926) atravessados pelo ramal de Salto Grande e tronco da Sorocabana, sertões tributários de Botucatu, donde se vinha em procura de Sorocaba e depois Bacaetava, fasendo-se o transporte em tropas e carros de boi, em quantidade tão considerável que chegavam a interromper o transito, na estrada, como acontece, hoje, com os vehículos, nas ruas de São Paulo. As marchas das tropas e dos carros eram de tres léguas por dia e, assim, os pontos forçados de pousos eram: a Serra do Galdino, Samambaia, Rio Feio, Aleluia, Tatuhy, Bacaetava. ***Rio Feio era, portanto, ponto obrigatório de pernoite dos viandantes e ali se crearam vendas, ranchos, quartos ou estalagens*** *e não demorou que se tivesse a ideia de se erigir uma cappelinha, o que se fez, inteirada com paliçada de folhas e panos de estopa. Terras optimas, povo trabalhador e ousado, o pequeno núcleo não poderia deixar de crescer e dahi as necessidades de uma povoação nascente. Seis léguas de distancias de Tatuhy, estradas feitas de "mão commum", uma vez por anno, no mez de Abril, sem conservação, era difficilimo traser-se aqui (Tatuí), para ser sepultado qualquer cadáver, donde a provisão de 24 de março de 1874, creando ali um cemitério provisório e que foi substituído em 18 de janeiro de 1883 ".*

2. Data de Fundação

A extinta agência do IBGE em Porangaba, anexa à Prefeitura Municipal, elaborou em 1969 o mapa de dados estatísticos do município onde consta o ***dia 23 de setembro*** como a data oficial de fundação. Existe dúvida quanto à exatidão; trata-se de assunto polêmico por não citar a fonte e o documento. Sabemos que é praticamente impossível indicar a data exata de fundação de uma cidade, pois os motivos à formação, estabelecidos muito tempo depois, são subjetivos e envoltos por opiniões gregárias e pela emoção dos descendentes dos fundadores a enaltecer e valorizar os parentes. Dados e fatos fundamentais chegam a ser omitidos. É o que acontece, na maioria da vezes, além da vaidade dos historiadores e pesquisadores que partem muitas vezes para a controvérsia e chegam a alterar o que está certo para satisfazer suas opiniões e caprichos. O aniversário da maioria das cidade passou, então, a ser comemorado na data da emancipação política. É o que sucede no nosso município. Esclarecemos que após demorada busca, nos livros de Cartórios e das Capelas de Tatuí e Porangaba, nada encontramos com referência à data citada no Boletim do IBGE.

3. Pioneiros

"Estudando a vida doméstica dos antepassados, sentimo-nos aos poucos nos completar: é outro meio de procurar-se o "tempo perdido". Outro meio de nos sentirmos nos outros – nos que viveram antes de nós; e em cuja vida se antecipou a nossa. É um passado que se estuda tocando em nervos; um passado que emenda com a vida de cada um; uma aventura de sensibilidade, não apenas um esforço de pesquisa pelos arquivos".

(Gilberto Freire, Casa-Grande & Senzala, prefácio).

João Machado da Silva - (Fundador)

Veio da Bahia, de São José do Carinhanha, filho de Antônio Machado e Segismunda dos Santos Fonseca (conhecida como Segismunda Machado); foi um dos fundadores do povoado. Pessoa influente, político, fazendeiro escravocrata, comerciante, capitão da Guarda Nacional, etc., ocupou cargos diversos e importantes na comunidade. Viveu antes em Tatuí, onde em 27/09/1859 casou-se com Aurélia Mascarenhas de Camargo, filha de Bento Antunes de Camargo e Angélica de Mascarenhas Camargo. Deve ter chegado ao Rio Feio em 1860. Mudou-se depois para o Rio Bonito (Bofete) no último quartel do século 19 e deve ter falecido naquela cidade [3] ou em Botucatu. A esposa Aurélia de Mascarenhas Camargo faleceu em Santos em 12/01/1930, com 89 anos de idade e foi sepultada no cemitério daquela cidade.

Segismunda Machado – (Fundadora)

Natural da Vila de São José do Carinhanha, Bahia, mãe de João Machado da Silva, é citada como uma das fundadoras. Usou, oficialmente, sempre o nome de solteira: ***Segismunda dos Santos Fonseca,*** o que pode ser comprovado pelos assentamentos nos livros da Capela de Nossa Senhora da Conceição de Tatuí. Seu marido foi Antônio Machado. Já se encontrava em Tatuí, comprovadamente, no ano de 1856 e, como sempre acompanhava o filho, deve ter vindo junto para o bairro do Rio Feio. Mulher destemida, independente, escravocrata, proprietária de terras.

[3] *De acordo com a certidão de fls.95, registro 563, de 03/02/1896, do cartório de registro de imóvel de Tatui, o fazendeiro João Machado da Silva adquiriu, naquele ano, terras do sítio Velho Monjolão, no município do Rio Bonito (Bofete).*

Mudou-se da Bela Vista e não sabemos a data e o local de seu falecimento. Existem muitos boatos.

Comentário

Com referência a essa personagem, em diversos trabalhos sobre a História de Porangaba, é comum confundirem-na com outra pessoa, também do Rio Feio - Segismunda Pereira Falcão, por coincidência também baiana, sua parente. Trata-se de grosseiro engano, que mostra despreocupação com a verdade e desinteresse pela pesquisa. Segismunda Pereira Falcão - Filha de Maurício Pereira Falcão e Ângela dos Santos Fonseca (irmã da Segismunda Machado), também de São José do Carinhanha, Bahia. De acordo com o registro do óbito feito no Cartório de Registro Civil de Porangaba, Livro nº. 5, fls. 165: " no dia 28/03/1915 foi feito o registro do óbito de Segismunda Pereira Falcão, viúva de João Diniz Vaz, falecida no dia 27/03/1915, com 65 anos de idade. Deixou 11 filhos, todos maiores: Luiza, Francisca, Maria das Dores, Ângela, Isaias, Emília, Antônio, João, Elídio, Elias e Maurício. Era sobrinha de Segismunda Machado e conhecida como Mundinha.

Francisco Manoel de Oliveira – (Fundador)

Pioneiro, natural do Rio Bonito (Bofete), foi um dos maiores incentivadores à formação do povoado. Patriarca de uma das mais tradicionais famílias, faleceu no ano de 1890, conforme registro de óbito no Cartório de Tatuí, no dia 29/07/1890: "*o lavrador Francisco Manoel de Oliveira, com 50 anos de idade, casado com Silvéria Angélica da Fonseca Bueno, faleceu no dia 18/07/1890 na Freguesia da Bella Vista de Tatuhy, onde foi sepultado no cemitério local. Como "causa mortis" foi declarado influenza (gripe). O declarante foi Antônio Paulino Telles, zelador do cemitério da Bella Vista, e o escrivão Antônio da Silva Teixeira".* A esposa Silvéria Angélica da Fonseca Bueno, natural de Itu , filha de João Antônio Ferreira e Gertrudes de Almeida Salles, faleceu na Bella Vista, no dia 02/02/1910, com 65 anos de idade, sendo sepultada no cemitério local.

Manoel Isidoro Brenhas – (Fundador)

Português, lavrador, filho de Izidoro Brenhas e Ana Rosa de Jesus, casou-se com Alexandrina Maria, filha de Ricardo Pinto de Camargo e Joaquina Maria, em 15/06/1869, na Igreja Matriz de Tatuí. Foi testemunha o fazendeiro Cândido Silvestre Domingues. Brenhas, citado como um dos fundadores do povoado, mudou-se depois para o Rio Bonito (Bofete).

Leandro de Moraes e Silva – (Fundador)

Natural de São Roque, filho de Salvador José da Silva e Maria Emília Domingues de Moraes, foi casado com Firmina Maria de Oliveira, filha de Joaquim Antônio de Oliveira e Maria da Conceição, natural da Bela Vista. Lavrador, pessoa participativa, exerceu importantes cargos na Bela Vista. Foi, também, Juiz de Paz. Faleceu em 28/11/1920 no bairro Carrascal e está sepultado no cemitério de Porangaba.

Obs. *Existem outros fundadores,* ***Pedro José, Salvador José da Silva, Vicente Moraes e Francisco Alves****, cujos dados não foram ainda resgatados por falta de registros e também pelas citações superficiais encontradas no Livro do Tombo da Paróquia.*

Francisco Xavier de Miranda

Natural de São Paulo, da Freguesia de Santa Ifigênia, foi um dos principais pioneiros e formou tradicional família. Dedicou-se à lavoura e ao comércio. Fixou-se no bairro do Ribeirão da Conchas, na parte que, depois, tornou-se o bairro dos Miranda, mais para o lado de Pereiras. Filho de João José dos Passos e Delfina Isabel Vasconcellos casou-se com Gertrudes Maria, filha de Antônio Manoel de Barros e Angélica Maria de Jesus, em 09/02/1850, na cidade de Tatuí. Ao contrário do filhos que se fixaram em Tatuí, Porangaba e Cesário Lange, viveu mais ligado à Pereiras, onde chegou a residir. Faleceu em Conchas, onde está sepultado.

Paulino Alves Barreto

Pioneiro, natural de São Roque, filho de Bento José Barreto e Albina Soares de Oliveira, foi, com certeza, um dos primeiros a se fixar na região, instalando-se também, no bairro do Ribeirão da Conchas, mais ou menos, em 1840. Casou-se duas vezes: a primeira esposa foi Ana Thereza, filha de Francisco Antônio Ferreira e Francisca Maria, natural de Itapetininga, em 17/05/1838; a segunda esposa foi Eduarda Maria, sua cunhada, viúva de Pedro José, com quem se casou no dia 26/04/1860, em Tatuí. Formou numerosa família. Foi lavrador. Faleceu em 01/05/1896, no bairro dos Ferreira e foi sepultado no cemitério de Porangaba.

Cândido Silvestre Domingues

Natural de Itapetininga, viveu antes em Tatuí, no bairro do Congonhal e, depois, mudou-se para o

Rio Feio, para o bairro das Partes. Fazendeiro, escravocrata, era alcunhado de *Candido Rico*. Formou importante e numerosa família, tendo casado duas vezes. Filho de Manoel Domingues e Rita Maria, faleceu em 24/03/1887, com mais ou menos 60 anos de idade, e foi sepultado no cemitério de Porangaba. A primeira esposa foi Paula Maria da Conceição, filha de Pedro Manoel de Proença e Ana Hilária, natural de Campo Largo; a segunda esposa foi Rosária Maria da Conceição, filha de Antônio Ribeiro Bueno e Maria das Dores.

Feliciano do Amaral Camargo

Fazendeiro, escravocrata, veio de Tatuí, provavelmente, após 1870, sendo membro destacado da tradicional Família Amaral Camargo, de Porto Feliz. Foi um dos líderes do movimento presbiteriano que surgiu no Rio Feio em 1886. Filho de Salvador Gabriel do Amaral e Gertrudes da Silveira Leite, casou-se com Gertrudes Coelho de Oliveira, natural de Cotia, filha de José Coelho de Oliveira Prestes e Maria de Anhaia Leite

Ignácio Nunes da Silva

Filho de Francisco Nunes da Silva e Ana Maria do Espírito Santo, natural de Tatuí, nasceu em 20/01/1829. Viveu no bairro dos Nunes, onde deve ter chegado, antes de 1870. Lavrador, formou uma grande e tradicional família. Casou-se duas vezes. A primeira esposa foi Maria Angélica, natural de Tatuí; a segunda esposa foi Francisca Maria Xavier, filha de José Francisco Xavier e Gertrudes Maria do Espírito Santo, também de Tatuí. Faleceu em 17/12/1900, com 71 anos de idade. Sepultado em Porangaba.

João Nunes da Silva

Outro piomeiro, filho de Francisco Nunes da Silva e Ana Maria do Espírito Santo, nasceu em Tatuí, mais ou menos, em 1825 e casou-se com Ana Maria Ribeiro (ou Ana Maria da Conceição), filha de José Antônio de Arruda (ou José de Arruda Ribeiro) e Maria Sant'Anna. Faleceu em 20.07.1910, com, mais ou menos, 85 anos de idade. Sepultado no Cemitério de Porangaba. Lavrador, formou tradicional família. Viveu no bairro dos Mariano.

4. Personagens Destacadas

Cônego Demétrio Leopoldo Machado

Vigário da Paróquia de Tatuí, chegou àquela cidade em 1849. Natural de Sorocaba, figura respeitável, intelectual, político do partido conservador, foi deputado da Assembléia Provincial. Sócio fundador do Gabinete de Leitura Tatuhyense, no ano de 1879. O nascimento da Capela de Santo Antônio do Rio Feio foi durante o seu vicariato, ficando sob sua responsabilidade, por muito tempo, a assistência religiosa aos moradores do Rio Feio. Faleceu no dia 05/09/1880, em Tatuí, sendo sepultado na antiga Igreja Matriz daquela cidade.

Padre Francisco José de Miranda

Francisco José de Miranda, filho de Mariano de Brito de Miranda e Josefina Maria da Conceição, nasceu em Jacareí. Foi padre coadjutor da Paróquia de Tatuí e ***o primeiro professor de primeiras letras*** da escola masculina oficial de Bela Vista (Porangaba), instalada no ano de 1878. Como mestre, aqui permaneceu até 1880. Atendeu, também, na capela do povoado. Como padre, esteve em Botucatu em 1867; foi, ainda, vigário encomendado do Braz (São Paulo) em 1875; trabalhou em Tatuí (1879-1880) e em Bofete (Rio Bonito) de 1884 a 1893.

Simão José de Oliveira

Filho de Ignácio José de Oliveira e Messias Maria da Conceição, foi o primeiro intendente e, também, delegado de polícia na Freguesia da Bela Vista de Tatuí. Negociante, pessoa influente, fazia parte do Corpo de Jurados da Comarca de Tatuí, onde tinha excelente relacionamento e respeitabilidade. Foi casado com Antônia Maria da Conceição, filha de João Mathias de Oliveira e Constância Maria da Conceição (08/11/1876) – 1º casamento; e com Luiza Diniz Vaz (Pereira Diniz), filha de João Diniz Vaz e Segismunda Pereira Falcão – 2º casamento. Faleceu em 27/02/1900.

Capitão Joaquim Francisco de Miranda

Nasceu em Tatuí no dia 17/11/1861, filho de Francisco Xavier de Miranda e Gertrudes Maria. Casou-se em 09/01/1885 com Paula Maria de Nazareth, filha de Francisco Manoel de Oliveira e Silvéria Angélica da Fonseca Bueno, natural do Rio Bonito. Casou-se, pela segunda vez, com

Hermínia Vieira de Camargo, filha de Francisco de Paula Vieira de Camargo (Chicuta) e Doralina Ilha de Camargo. Formou numerosa e destacada família. Fazendeiro, negociante, membro da Guarda Nacional, ocupou diversos cargos públicos e foi chefe político importante. Faleceu em 28/11/1944 e está sepultado em Porangaba.

Comentário

Laurindo Minhoto escreveu: *"desde então, o capitão Joaquim Francisco de Miranda tomou a frente da direcção política - administractiva daquelle districto, pelo qual muito se tem interessado. Real influencia, no centro daquelle povo, prestigio conquistado pelo seu temperamento bondoso de servidor, o capitão Miranda tem sido o oráculo daquella gente, que a elle recorre em todas as emergencias. Dotado de muita calma, espírito ponderado e, cheio de patriotismo, o capitão. Miranda é alli respeitado e venerado como o director supremo daquelle povo trabalhador e progressista".*

Através de decreto da Presidência da República dos Estados Unidos do Brasil, datado de 23/07/1900, recebeu a carta patente de Capitão do 2º Esquadrão, do 30º. Regimento de Cavalaria da Guarda Nacional, da Comarca de Tatuí, Estado de São Paulo. A carta é datada de 17/11/1900 e no documento constam as assinaturas do Presidente Campos Salles e do Ministro Epitácio Pessoa.

Conhecido como "Miranda Velho" ou "Capitão Miranda", foi o mais importante "chefe" político de Porangaba. Fez seu sucessor o cunhado Dassás Vieira de Camargo, que também "reinou" por muitos anos, mas não chegou a ser tão carismático, embora nunca tenha perdido eleição, enquanto viveu e militou na política.

Capitão Francisco da Silva Cardoso

Natural de Vila Real, Portugal, filho de Antônio da Silva Cardoso e Maria Oliveira de Jesus, foi pessoa influente. Capitão da Guarda Nacional, membro do Conselho de Intendência do Rio Bonito (1890), chefe político, escrivão do Cartório de Registro Civil (1891), zelador da Capela de Santo Antônio, professor leigo de primeiras letras (interino), e o segundo agente de intendência. (1892). Pertenceu à Loja Maçônica Caridade III, de Tatuí e, com a conversão ao presbiterianismo, tornou-se um dos líderes do movimento protestante. Casou-se com a professora América Kuntz Cardoso em 19/03/1881, na Igreja Matriz de Tatuí. Faleceu em 24/03/1931, com 73 anos de idade, na cidade de Guareí, onde está sepultado.

Professora América Kuntz Cardoso

Natural de Tatuí, filha de João Nicolau Kuntz e Maria da Conceição, ***foi a primeira professora pública*** a lecionar na Bela Vista, então Freguesia da Capela de Santo Antônio do Rio Feio, sendo nomeada em 1885, conforme notícia inserida no jornal "O Progresso de Tatuí", edição nº 368, de 05/07/1885. Foi casada com o capitão Francisco da Silva Cardoso e, ao converter-se ao protestantismo, teve sérios desentendimento com o padre José Gorga, vigário da paróquia, culminando com uma série de denúncias e processo administrativo na área da educação. Transferiu-se em 04/07/1905, a pedido, para a Escola de Torre de Pedra. Posteriormente, mudou-se para Guareí, onde lecionou por muitos anos. Faleceu naquela cidade, em 27/04/1953, com 90 anos de idade, onde está sepultada.

Dr. Laurindo Dias Minhoto

Natural de Tatuí, nasceu em 08/12/1863. Fez os primeiros estudos com os professores Leopoldo Goulart Penteado, Laudelino Fiúza, Fortunato José Dantas e o padre Francisco José de Moraes. Iniciou o Curso de Humanidades no Externato de Antônio Moreira da Silva, transferindo-se, depois, para o Seminário Episcopal. Formou-se advogado no ano de 1891 pela Faculdade de Direito de São Paulo. Durante o curso acadêmico, dirigiu o Colégio Paulista. Diplomado, começou a advogar em Tatuí. Foi vereador, prefeito municipal, deputado estadual (reeleito diversas vezes) e senador estadual. Presidente da Ordem dos Advogados - Sub-Secção local. Membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. Historiador. Faleceu em Tatuí no dia 16/08/1947.

Obras*: "Tatuí Através da História", in Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, (25, 131-200, 1917); "História de Bofete". Foi redator-proprietário do jornal "Comarca de Tatuhy"- 1907/1909.*

Comentário

Além de advogado, foi político por vocação, sendo considerado o maior "líder partidário" da região tatuiense em todos os tempos. Figura polêmica, odiado

pelos inimigos, mas adorado e idolatrado pelos companheiros. Fez carreira política em Tatuí, onde dominou totalmente. As severas críticas que recebeu, sempre estiveram relacionadas aos nebulosos episódios ligados às suas atividades partidárias e profissionais. No início de sua caminhada política contou com o apoio dos Guedes, combatendo arduamente os Vieira, "conchavo" que se inverteu no final de sua carreira. Chegou a ter o seu próprio jornal, "Comarca de Tatuhy", onde fazia sua apologia, criticava os adversários e se defendia das acusações. Por exemplo, o crime político ocorrido na "Bella Vista", no ano de 1910, no acirrado confronto entre ***hermistas*** *e* ***civilistas****, com repercussão estadual, retratou fielmente o clima de animosidade contra sua pessoa. Na disputa local, foi assassinado na Bela Vista o sub-prefeito Benedito José Soares (Nhô Tico) pelo fiscal e cobrador da Câmara de Tatuí, Leôncio Manoel de Oliveira, sendo-lhe atribuído de forma indireta o mando do crime.*

O jornal "Cidade de Tatuhy", cuja direção era anti-laurindista, fez publicar na edição do dia 20/01/1910, a seguinte nota*: "O dr. Pinheiro e Prado não é auctoridade commum. É o delegado popular do nosso Estado, estimado e querido de todo mundo, pela sua amabilidade, austera imparcialidade e correção comprovada. Felizmente, para o bom e ordeiro povo deste município, cahiu por terra os quixotescos planos lançados e postos em prática pelo dr. Laurindo Minhoto, procurando até tirar partido com o cadáver do inditoso Benedicto José Soares. É que acima dos seus sonhos de louco e de sua política mesquinha e perversa, está a verdade dos factos, apurados escrupulosamente por um dos mais sensatos e dignos delegados da polícia paulista".*

A partir de 1920, a luta pela supremacia política em Tatuí passou a ser contra os ***Guedes*** - antigos e primeiros companheiros - representados pelo coronel Thomaz Guedes Pinto de Mello e pelo seu pai, o industrial Manoel Guedes Pinto de Mello. Nessa época, o dr. Laurindo Minhoto comandava o PRP - Partido Republicano Paulista, o partido da situação, e contava com a adesão do coronel Francisco Vieira de Camargo, outrora ferrenho inimigo. A oposição tinha como ponto de apoio, para denunciar as perseguições políticas impostas aos simpatizantes dos Guedes, o "Jornal do Comércio", da Capital. O dr. Laurindo Minhoto utilizava nessa época o jornal local "O Progresso de Tatuhy". Um caso curioso aconteceu no ano de 1922, com a denúncia de um crime de emboscada em Tatuí, noticiado no jornal de São Paulo, envolvendo Salamão Garcia, eleitor dos Guedes, que foi, prontamente, desmentido pelos aliados do dr. Laurindo e, surpreendentemente, pela própria vítima ao ser ouvida pela polícia. Rebatiam os homens da oposição que Salamão fora emboscado com tiros de espingarda, já que vinha sendo ameaçado de morte por um capanga do advogado, um tal de Aureliano. Diante do recuo da vítima, passaram a criticar o delegado Quartim de Moraes pela omissão, pois se ausentava frequentemente da cidade e deixava o comando para os policiais, os mesmos que promoveram o conflito que culminou com o assassinato de Lázaro de Pádua.

Outras denúncias:

Jornal "O Progresso de Tatuhy", edição de 30/07/1922 Seção Livre: Violências em Tatuhy - Noticiou o "Jornal do Comércio", de São Paulo, que o coronel Thomaz Guedes Pinto de Mello telegrafou ao Presidente do Estado de São Paulo, e ao Secretário da Justiça, pedindo providências contra as ***arbitrariedades da polícia de Porangaba*** *contra seus eleitores, pois o comandante do destacamento****, cumprindo ordens do deputado Laurindo Minhoto****, ameaça de morte seus amigos e correligionários. O dr. Laurindo Minhoto se defendeu através do jornal "O Progresso de Tatuhy". Na diligência feita pelo Delegado Regional de Itapetininga constou: "que no dia 26 de julho, o sr. Francelino de Campos encontrava-se conversando na casa comercial do sr. Bento Manoel Domingues, situada defronte ao posto policial, quando os praças Frederico Ayeta e Benedito Melchior, que faziam o patrulhamento, notaram que o mesmo estava armado. O fato foi comunicado ao anspeçada Francisco Alves da Silva, comandante do destacamento, que determinou que o mesmo fosse desarmado. Foi encontrado em seu poder um revólver e uma faca, mas o sr. Francelino nada sofreu e nem foi preso. O fato contrariou bastante o sr. Alberto dos Santos, patrão de Francelino, que, também, se encontrava em Porangaba em viagem de negócios e a serviço eleitoral do coronel Thomaz Guedes. Diante do ocorrido, o coronel Guedes se deslocou até Porangaba, onde acompanhou pessoalmente os depoimentos. Foram ouvidos os srs. Francelino de Campos, Alberto dos Santos, Euclides Mello e Pedro de Oliveira (Pedrão), todos dizendo que foram ameaçados de violência por parte da polícia, por ordem da política dominante". As autoridades sindicantes concluíram que tudo não passou de intriga política e que as queixas eram improcedentes.*

Jornal "Cidade de Tatuhy", edição de 13/12/1922.

"... O Partido Oposicionista local fará desfraldar aos ventos a sua bandeira de vitória e se incumbirá de fazer rolar pelo despenhadeiro insondável do desprezo público o imprestável deputado Laurindo Minhoto - ***o único responsável por todas as desgraças sobrevindas ao povo de Tatuhy".***

*"... derrota na urna, a política sanguinária e dilapidadora dos cofres municipais, chefiada pelo deputado Laurindo Minhoto, "****o typo mais bem acabado do político assassino, deshonesto e trapaceiro",*** *que o mundo tem produzido".*

"A política situacionista chefiada pelo imprestável Laurindo Minhoto tem um passado negro e nojento; traz as mãos manchadas de sangue das vítimas de seu punhal traiçoeiro; os dedos azinhavrados pelo contato do dinheiro roubado dos cofres públicos; a consciência atormentada pelo remorso das suas constantes perseguições e demissões de funcionários públicos e municipais, e a bandeira situacionista que se desfralda, negreja tristemente, orvalhada pelas lágrimas derramadas pelos parentes das vítimas da terrível política do bacamarte".

O assassinato de André Lange, filho do professor Cesário Lange Adrien, ocorrido em Tatuí no dia 16/03/1924, também foi explorado politicamente pela oposição. Lange envolveu-se em atrito com policiais, que tentavam desarmá-lo, e foi atingido por tiros dados por um soldado. O crime ocorreu na gare da estação da Estrada de Ferro Sorocabana, onde a vítima aguardava o trem. Os Guedes fizeram uma série de denúncias através da imprensa paulistana e os partidários do dr. Minhoto usaram o jornal local "O Progresso de Tatuhy" para defender o político situacionista. Diziam*: "um grupo de pessoas portando armas*

encontrava-se em atitude ameaçadora na estação, quando chegou a patrulha policial para desarmá-los. André Lange reagiu e foi baleado. Por outro lado, o jornal oposicionista "Cidade de Tatuhy" publicou versão totalmente diferente, lamentando o ocorrido e deu conotação política ao crime.

Capitão Francisco de Paula Vieira de Camargo

Figura destacada, ocupou cargos de relevância na vida político-administrativa de Porangaba. Gaúcho, formou uma das famílias mais importantes daqui. Pai do sr. Dassás Vieira de Camargo e sogro do Capitão Miranda, faleceu em 25/01/1930 e, a seu respeito, o "Jornal de Tatuhy" publicou o seguinte necrológio:

"*Dotado de uma clarividência fora do comum, resolvia com serenidade os mais intrincados problemas que se ofereciam em nossa organização municipal, tendo sempre uma palavra autorizada para o assunto. Devido ao seus incontestável mérito, chegou a desempenhar cargos de importância nesta localidade, entre os quais os de Escrivão de Paz e Polícia. De temperamento em extremo modesto, desprezava as loas e hinos dos bajuladores e muito lhe aprazia ser chamado apenas de "**Chicuta**", como era geralmente conhecido. De um acendrado amor à Pátria, era de ver como sua fé se comunicava, quando cheio de entusiasmo repetia versos de nosso poetas e relatava feitos de nossos maiores, citando lugares e datas com toda precisão. Serviu bravamente nas fileiras dos poderes constituídos em seu Estado, conquistando, pela sua intrepidez, o honroso posto de Capitão. Foi um grande trabalhador em prol da instrução, sendo um dos que mais se esforçou para a criação das Escolas Reunidas desta cidade. Nasceu em Santana do Livramento, Rio Grande do Sul, em 02 de abril de 1851, filho de Joaquim Vieira de Camargo e de Ana Candida de Araújo. Com apenas 18 anos de idade veio para a casa de seu tio Antônio Vieira Filho, em Guareí. Permaneceu algum tempo e voltou à sua terra natal, onde casou-se com Doralina Ilha de Camargo. Retornou a Guareí em 1875 e ali exerceu os mais variados cargos, dentre os quais o de Escrivão de Paz. Mudou-se para a Bella Vista em 1902".*

Tenente Antônio Paulino Telles

Natural de Tatuí, foi casado com dona Ana Cecília Telles. Pessoa empreendedora, faleceu em São Paulo em 28/05/1924, onde está sepultado. Tinha 71 anos de idade. Formou tradicional família porangabense. Carinhosamente conhecido como "Telinho", foi **o *primeiro "juiz de paz",*** (a maior autoridade da comunidade), alem de membro da Guarda Nacional, lavrador, comerciante, chacareiro, negociante de muares. Ocupou inúmeros cargos, e lutou arduamente na defesa dos interesses da "Bela Vista"; pois queria a sua emancipação.

Alferes Firmino Olindino de Mello Palmeira

Pessoa destacada na história de Porangaba,"dentista prático" e professor leigo de primeiras letras. Membro da Guarda Nacional, foi, também, juiz de paz, delegado de polícia, sub-prefeito, vereador, ***o primeiro presidente da Câmara Municipal de Porangaba***. A comunidade deve muito ao "Palmeira Velho", como era carinhosamente conhecido, um orador eloquente. Pernambucano, formou uma tradicional família. Filho de João Correa de Mello Palmeira e Joana Maria de Jesus Palmeira, foi casado com Ana de Jesus Palmeira, filha de Manoel Luiz Gonzaga Bonfim (ou Pompeo) e Gertrudes Maria de Jesus, natural de Angatuba. Faleceu em Porangaba, onde está sepultado.

Tenente João Affonso Pereira

Pessoa empreendedora, proprietário de terras e imóveis, pode ser considerado o primeiro empresário da Bela Vista. Comerciante, sócio proprietário do primeiro cinema aqui instalado, dono de olaria, casas de aluguéis e, ainda, se dedicava à agricultura. Membro da Guarda Nacional. Ocupou cargos importantes na comunidade. Filho de Modesto Antônio Pereira e Catarina Dina de Sene, foi casado com Carlota Maria da Conceição, filha de Justo Antunes Cassemiro e Justina Maria da Silveira.

Capitão Carlos Frederico dos Santos

Natural do Rio de Janeiro, irmão do professor Eugênio Frederico dos Santos, viveu pouco tempo na Bela Vista, mas teve bastante participação, como como membro da comissão para a construção do prédio da Igreja Católica e outros movimentos sociais na comunidade. Em 1900 instalou a primeira farmácia na Bela Vista. Capitão da Guarda Nacional, retornou para Tatuí e ali também ocupou inúmeros cargos. Foi um dos Intendentes da Câmara Municipal de Tatuí com destacada atuação.

5. Cartório de Registro Civil de Porangaba

O Cartório de Registro Civil da "Freguezia da Bella Vista de Tatuhy" foi instalado no ano de 1891, logo depois da proclamação da república, quando houve a separação da Igreja do Estado. Os

primeiros registros públicos oficiais lavrados foram:

- *Primeiro registro de óbito*

Óbito lavrado no dia 13/07/1891, de Maria Victorina, criança do sexo feminino, de 2 anos de idade, filha de Belbiano Lemes Machado e Victorina Maria, naturais de Tatuí, falecida em 08/07/1891. Sepultada no cemitério da Bela Vista. Escrivão: capitão Francisco da Silva Cardoso.

- *Primeiro registro nascimento*

Registro lavrado no dia 13/07/1891, de Theodomiro, criança do sexo masculino, nascida no povoado no dia 05/07/1891, filho de José Rodrigues Machado e Maria do Rosário. Testemunhas: Francisco Mendes de Almeida e João Ribeiro de Campos. Escrivão: Francisco da Silva Cardoso.

- *Primeiro casamento*

Assentamento do casamento realizado no dia 22/07/1891, no Cartório de Paz da Bela Vista de Tatuí, às 8 horas da manhã, na presença do juiz de paz Antônio Paulino Telles, de Leopoldino Antônio de Oliveira, filho de José Antônio de Oliveira e Luiza Maria da Conceição, com 22 anos de idade, lavrador, natural da Bela Vista, e Leopoldina Maria da Conceição, filha de Cândido Silvestre Domingues e Rosária Maria da Conceição, com 15 anos de idade, doméstica. Testemunhas: Leandro de Moraes e Silva e Bento Silvestre Domingues. Assinou arrogo da contratante: Benedito Novaes.

- *Escritura de compra e venda*

A primeira escritura de compra e venda foi lavrada no dia 07/08/1891, no Cartório da Freguesia da Bela Vista de Tatuí, referente à venda de uma casa com quintal pelo preço e quantia de 400$000 (quatrocentos mil réis), feita por Luiz Antônio Rodrigues e sua mulher Ignácia Maria da Conceição para Raphael do Amaral Camargo. "O imóvel apresenta as seguintes divisas: do lado esquerdo com uma casa que foi de Francisco do Amaral Camargo; do lado direito divide com a rua e pelo fundo com o dito comprador, cuja casa, ela, outorgante, herdou do seu primeiro marido Veríssimo do Amaral Camargo". Assinaturas: Francisco da Silva Cardoso - escrivão de paz; Salvador do Amaral Camargo - arrogo do outorgante; João do Amaral Camargo - arrogo da outorgante; Raphael do Amaral Camargo - comprador; Simão José de Oliveira e João Francisco Vieira - testemunhas.

- *Procuração como instrumento público*

A primeira procuração como instrumento público, lavrada no cartório na Bela Vista de Tatuí, foi no dia 29/07/1891, na qual América Kuntz Cardoso nomeou e constituiu seus procuradores João Baptista de Chagas Júnior e Benedito Ferreira França junto ao Tesouro do Estado, na Capital, para o recebimento de seus vencimentos de professora pública.

6. Livro do Tombo da Paróquia de Santo Antônio do Rio Feio

Registros feitos pelo padre José Gorga, complementados por informes contidos no Almanach Tatuhyense (1899), jornais de Tatuí e outras publicações.

Linha divisória da Paróquia

O livro nº 1 da Paróquia de Santo Antônio do Rio Feio, no distrito da Bela Vista de Tatuí, foi aberto em 15 de julho de 1898, sendo numerado e rubricado pelo Vigário Padre José Gorga. Erigida e canonicamente instituída por portaria, a nova paróquia de Santo Antônio do Rio Feio tinha a seguinte linha divisória: "Com a Freguesia dos Pereiras pelas atuais que são da Capela de São Roque pelos espigões de Claudino Xavier de Souza e de Vicente Cassimiro, Joaquim Cassimiro, Francisco do Prado e Bento Luiz, Domingos Furtado, até cair na estrada, que serve atualmente, aberta por José Antônio de Siqueira e por ela acima até o rio da Vargem no lugar denominado Catharina e por este acima até suas cabeceiras e destas pelo espigão da Serrinha, cabeceira do rio Feio, seguindo pelo mesmo até a cabeceira do rio Bonito e por este abaixo e suas caídas até a barra do rio do Peixe, por ele abaixo até a Capela de São Roque d'onde principiou".

Limites da Paróquia

"Confina esta Parochia ao Norte com a Parochia de Pereiras e Conchas; ao sul com a de Guarehy; ao leste com a de Tatuhy e a oeste com a de Rio Boneito".

Extensão

"A distancia da sede d'esta Parochia à linha divisória das Parochias confinantes é a seguinte:
D'esta Parochia ao limite da Parochia de Pereiras 18 kilometros; de Conchas 12 kilometros; de Guarehy 12 kilometros; de Tatuhy 12 kilometros; de Rio Bonito 9 kilometros.

Distância

Dista esta Parochia:
da Capital do Estado ..... 220 kilometros;
da Villa de Pereiras ..... 24 kilometros;
da Estação de Conchas ..... 25 ½ kilometros;
da Villa de Guarehy..... 27 kilometros;
da cidade de Tatuhy..... 36 kilometros;
da Villa do Rio Bonito..... 18 kilometros.

Criação do cemitério no bairro do Rio Feio [4]

"A distancia desta cidade (Tatuhy), com estradas más, fez preciso que se fundasse alli um cemitério

---

[4] *Cemitérios*
No Brasil Colonial chegou a existir cemitérios para brancos e negros (escravos), católicos e protestantes, separadamente, costume que perdurou até a proclamação da república, quando veio a secularização dos cemitérios e todos passaram, então, a ser sepultados num mesmo local.

por provisão de 24 de março de 1874, que se acha registrada no Livro 2 do Tombo, fls. 7" - (Almanach Tatuhyense-1899)

A provisão da bênção do cemitério do bairro do Rio Feio, Distrito de Tatuí, foi autorizada por Dom Lino, bispo de São Paulo, atendendo representação do padre Demétrio Leopoldo Machado, dentro do ritual romano e que os óbitos fosssem registrados no Livro do Tombo da Paróquia da Matriz de Tatuí.

"Por provisão de 24/03/1874, fundou-se aqui o primeiro cemitério, mas em 1883 já se tornava preciso um novo (segundo), porque baixou a provisão de 18 de janeiro, ficando registrada no Livro 3 do Tombo. Foi bento em fevereiro do mesmo ano pelo revmo. padre Francisco de Paula Vocca, coadjutor da Paróquia de Tatuí O cemitério é situado em lugar elevado a 470 metros da porta da Matriz, e em frente à mesma. Tem uma área de 5625 metros quadrados, todo fechado com cerca de pau a pique; nele se entra por um portão, sendo as folhas de madeira. Dentro dele existem alguns túmulos e várias cruzes. O cemitério é municipal, sendo seu zelador pago pela Câmara de Tatuí".

Não restam quaisquer vestígios do primeiro cemitério que existiu na atual praça Francisco Pássaro. Somente os moradores mais antigos sabem que ali foi construída a Capela de São Roque, cujo largo recebeu o nome do santo, e que foi demolida, infelizmente, há quase 50 anos. No atual cemitério, já centenário, restam pouquíssimos jazigos antigos da época da inauguração (a rigor, localizamos somente um); a maioria se deteriorou e foi destruída pelo tempo por desinteresse das famílias e falta de conservação. De acordo com o recente levantamento feito pela Prefeitura Municipal, foi possível identificar a sepultura nº 574, como a mais antiga ali existente, cuja lápide simples, em mármore, consta:

- *"Benedito - filho de Antônio Alves da Cunha e de Ermelinda Alves da Cunha - faleceu em 05/10/1884, com 18 meses de idade".*

Obs. Óbitos ocorridos em 1867 no bairro do Rio Feio, localizados no Livro da Capela de Nossa Senhora da Conceição de Tatuí:

- *Francisco, filho de Vicente de Camargo e Gertrudes Maria da Conceição, menino, vitimado por tosse comprida, faleceu 16/04/1867 e foi sepultado no Cemitério de Tatuí.*
- ***Maria, escrava de Ignácio Xavier de Freitas, com 30 anos de idade, faleceu em decorrência de machucaduras no dia 11/05/1867 e foi sepultada no Cemitério de Tatuí;***

Zeladores e Coveiros

Zeladores: (*existia o zelador):*

Antônio Paulino Telles (1888/90); Benedito Novaes (1891); José Marcelino dos Reis (1891); Pedro Piragibu (1928), Manoel Leme (1929/31)

Coveiros: Joaquim Manoel Rodrigues, casado com Ana, pais do João Lemes - o mais antigo; José do Nascimento; Pedro Piragibu (1928); Manoel Lemes (1929), Amador Florentino, Agenor da Artina, Marcílio Ribeiro do Prado, João Florêncio; e os descendentes dos Lemes, até há pouco tempo, Lourenço Augusto de Oliveira e José Augusto de Oliveira (Zico). Em seguida, Salustiano de Oliveira, Ademar de Oliveira (neto do Silvério de Oliveira).

Padres Católicos na Bela Vista/Porangaba

- *O pe. Francisco José Seródio foi o segundo padre residente na Bela Vista, porém somente permaneceu 4 meses e alguns dias; veio transferido de Guareí e já tinha trabalhado, antes, em Santa Cruz do Rio Pardo e Paranapanema. Daqui foi transferido para Ipaussu.*

- *Os padres. Antônio Augusto e Antônio Henrique Pereira, o terceiro e o quinto, respectivamente, chegaram a trabalhar também na Paróquia do Rio Bonito, atual Bofete.*

- *Padre João Baptista de Palma, filho de Francisco Antônio de Palma e de Maria Emília Bueno nasceu em Tatuí em 24 de junho de 1875. Estudou em São Paulo com os salesianos. Fez seus estudos para o sacerdócio em Lorena e em Turim na Itália. Regressando ao Brasil, foi ordenado sacerdote em São Paulo por Dom José de Camargo Barros em 15 de janeiro de 1905. Em 09 de abril de 1914, ingressou no clero da diocese de Botucatu. Foi secretário da diocese de Botucatu de 1915 a 1922. Foi vigário de Pereiras de 06 de agosto de 1915 a 26 de março de 1922; vigário de Conchas de 02 de outubro de 1922 a 04 de janeiro de 1929. De 26 de junho a 30 de setembro de 1918 foi vigário-ecônomo de Cesário Lange. Exerceu tal função também em Bofete (1917), Porangaba (1920) e, depois, tornou-se pároco de Piedade em 1.º de julho de 1930,*

onde ficou até 1.º de novembro de 1949, quando renunciou por motivo de saúde e velhice. Faleceu em Piedade às 18h00 de 02 de março de 1950.

- *Padre João Quirino de Almeida nasceu em Laranjal Paulista em 13 de março de 1892. Foi ordenado sacerdote em Botucatu por D. Lúcio Antunes de Souza no dia 03 de setembro de 1918. Em 06 de agosto de 1926 foi nomeado examinador "pro synadoaes ad decenium" da nova diocese de Sorocaba. Em 20 de dezembro de 1931, tornou-se pároco de Conchas.*

- *Padre Ângelo Lemarchand nasceu em La Motte, Bretagne, na região oeste da França, no dia 24 de junho de 1862, filho de Pierre Lemarchand e Marie Julianne Barchet. Fez seus estudos eclesiásticos em Plouguenast e em Saint-Brieuc. Foi ordenado sacerdote em 29 de fevereiro de 1896 por Mons. Pierre-Marie-Frédéric Fallières, bispo da Diocese de Saint-Brieuc. Foi professor do Seminário Menor de Plouguenast de 1896 a 1907. Foi vigário de 1907 a 1908 em Hennebont. Bacharelou-se em letras na Faculdade de Rennes. Veio ao Brasil em 1908. No livro "Cultura Popular Brasileira", de Alceu Maynard Araújo, é registrada a presença do padre bretão em São Vicente, já no mesmo ano, e consta que "criado entre rendeiras e marinheiros em sua terra natal, a 15 de agosto de 1908, lançou nas águas do Mar Pequeno,* ***a primeira procissão de barcos****, iniciando assim a festa na cidade fundada por Martim Afonso de Souza".Foi coadjutor do Comissário do Carmo em São Paulo de 1908 a 1912. Pároco de Cerqueira César em 1923. Assumiu a Paróquia de Porangaba em 20 de dezembro de 1923 e permaneceu até 07 de novembro de 1934 (chegou a cumular as Paróquias de Bofete e Pardinho (Espírito Santo do Pardinho por algum tempo), quando foi transferido para a cidade de Pereiras. Em 08 de novembro de 1934 tornou-se pároco de Pereiras, onde faleceu no dia 06 de junho de 1936, às 6h30, assistido pelo Pe. Bernardo Reckes, de quem recebeu os últimos sacramentos.*

- *Padre Horácio Lembo nasceu em Ortodonico, diocese de Vallo della Lucania, no dia 02 de janeiro de 1905, Itália, sendo ordenado em Vallo della Lucania no dia 03 de agosto de 1929. Pároco de Porangaba desde 08 de novembro de 1934.*

- *Padre Hermann José Künel. von Wolff nasceu em Reisbrenbach, Alemanha, na diocese de Breslau (atual Wroclaw – Polônia), em 27 de agosto de 1898, filho de Karl Hermann Künel e Martha Künel von Wolff. Fez estudos eclesiásticos em Rheinsberg, diocese de Colônia (Alemanha) e depois já no Brasil, no seminário de Olinda, PE. Foi ordenado sacerdote na Diocese de Pesqueira, Pernambuco, pelo bispo Dom José Antônio de Oliveira Lopes no dia 31 de janeiro de 1931. Em 08 de agosto de 1940, com licença "ad annum" veio à Diocese de Sorocaba, sendo na mesma data nomeado pároco de Cesário Lange, tomando posse no dia 15 dezembro de 1940. Nesta época, devido à deflagração da II Guerra Mundial, conseguiu sua naturalização como cidadão brasileiro. Em 22 de dezembro de 1941 foi transferido para a Paróquia de Santo Antônio de Porangaba. Em 1942 retirou-se para o Rio de Janeiro, onde faleceu.*

- *Padre Ambrósio Marks nasceu em Aub, diocese de Würzburg, Alemanha, no dia 24 de agosto de 1904, filho de Johann Marks e Margarete Dull Marks. Vindo ao Brasil, fez seus estudos eclesiásticos na Diocese de Mariana, MG. Foi ordenado sacerdote em 04 de agosto de 1938 pelo bispo de Juiz de Fora Dom Justino José de Sant'Ana (1878-1958). Veio para a diocese de Sorocaba no dia 03 de maio de 1940, tornando-se pároco de Bom Sucesso. Foi pároco de Itaberá, em 17 de dezembro de 1942 e, em seguida, foi nomeado pároco de Cesário Lange. A partir de 05 de maio de 1942, acumulou também a Paróquia de Porangaba. Em 26 de dezembro de 1943, desligou-se de Cesário Lange, tornando-se pároco de Porangaba. Em 21 de junho de 1952, deixou a Diocese de Sorocaba, indo à Diocese de Jacarezinho. Faleceu no Paraná.*

- *Padre José Antônio Pabón nasceu em 09 de janeiro de 1891 em Alhama de Granada, diocese de Granada, Espanha, filho de Antonio Pabón e Rosalia Pabon. Fez seus estudos eclesiásticos na Universidade em Almeria. Foi ordenado sacerdote pelo bispo de Almeria, (futuro cardeal e arcebispo de Granada), mons. Vicente Casanova y Marzol, no dia 16 de março de 1916. Obteve da Nunciatura Apostólica da Espanha licença para vir à América Latina em 1921. Passou por diversos lugares, por fim passou pela Diocese de Assis e de lá veio para a Diocese de Sorocaba em 09 de abril de 1940. Tornando-se pároco de Guareí e depois de Porangaba (1940), de Campo Largo e Cerquilho (1941). Em 27 de dezembro de 1942, retirou-se para a Argentina. Quando voltou, tornou-se pároco de Cesário Lange em 11 de abril de 1945, permanecendo até o dia 18 de dezembro de 1945. Deixou a diocese, rumo à Diocese de Niterói.*

- *Padre Antônio Dragone nasceu a 30 de novembro de 1917 em Vicoforte, diocese de Mondovi, Itália, filho de Giuseppe Dragone e Ana Barnucero. Fez seus estudos eclesiásticos no Seminário Mondovi Piazza, onde foi ordenado pelo bispo de Mondovi - Mons. Sebastiano Briacca em 24 de abril de 1943. Vindo à Diocese de Sorocaba, foi provisionado como vigário cooperador em 05 de novembro de 1949 do Pe. Francisco Lyrio de Almeida em Porto Feliz. Foi transferido em 1950 para Tatuí como vigário cooperador do Pe. Silvestre Murari. Nesta época, a paróquia de Cesário Lange estava anexada a Tatuí e Pe. Antônio passou a atender a paróquia de Cesário Lange, substituindo Pe. Jorge Mouzizzano. Em 24 de dezembro de 1952 tornou-se pároco de Cesário Lange e em 1956 também da paróquia de Porangaba. Padre Antônio, desde que chegou a Cesário Lange, se empenhou profundamente para a construção da nova matriz, mas só em 1955 pode começar a obra. Extremamente modesto, dedicou-se inteiramente e trabalhou com suas próprias mãos para erguer a nova igreja. No dia 16 de agosto de 1959, durante a festa de São Roque, um lamentável incidente envolveu o sacerdote, quando foi desacatado publicamente e agredido. Em 1961, um novo incidente, quando um vereador, provavelmene embriagado, entrou na igreja e interrompeu as funções litturgicas, humilhando o padre. Diante das ocrrências, o bispo o transferiu para Porangaba, de onde era também pároco. Um ano e meio depois, em dia 25 de dezembro de 1962, tornou-se o primeiro pároco da nova paróquia de Guapiara, onde permaneceu por 27 anos, até 1990, quando idoso, aposentou-se, voltando à Itália, onde faleceu. Pe. Antônio deixou uma profunda impressão junto ao povo de Guapiara por sua humildade e dedicação ao seu ministério. Em 03 de maio de 1972, a Câmara Municipal de Cesário Lange conferiu-lhe o título de Cidadão Honorário, numa reparação justa, ainda que tardia.*

- *Padre José Fernando Mietto nasceu em Porto Feliz, filho de Reinaldo Mietto e de Júlia Argelini, em 20 de julho de 1940. Estudou no Grupo Escolar Cel. Esmédio de Porto Feliz. Entrou no seminário em fevereiro de 1971. Estudou no Seminário da Penha, Filosofia, FAI (SP). Fez teologia no Seminário da Assunção, em São Paulo. Foi ordenado sacerdote em Porto Feliz no dia 28 de março de 1981 por D. José Melhado Campos. Foi pároco da Igreja Santa Cruz, em Tatuí e depois da Paróquia de Santo Antônio, em Porangaba.*

- *Padre Hilário Henn - Nasceu em Videira, SC, no dia 20 de junho de 1934, filho de Guilherme Henn e Josefina Grígolo Henn, numa família de 13 irmãos (sendo um deles, o Pe. Aquiles Henn que trabalha em Fortaleza, CE). Ingressou na Ordem dos Salvatorianos (congregação fundada em 1881 por Pe. Franz Jordan). Estudou em Jundiaí, SP, cursou Filosofia e Teologia na Faculdade Nossa Senhora da Assunção em São Paulo entre 1954 a 1961. Foi ordenado sacerdote no Rio de Janeiro no dia 02 de julho de 1961 por Dom Honorato Piazera, bispo auxiliar do cardeal Dom Jaime de Barros Câmara. Como sacerdote salvatoriano trabalhou em Diadema, Conchas (onde foi diretor e superior do seminário), Iperó, Guarapuava (onde foi o diretor das Faculdades de Ciência e Letras) e, depois, em 1972 mudou-se para a Diocese de Sorocaba. Exerceu o ministério em Boituva (12 anos), Porto Feliz (2 anos), Cerquilho, Tatuí, quando veio para Cesário Lange como vigário ecônomo. Em 16 de junho de 1985 foi nomeado vigário da Paróquia de Santa Cruz de Cesário Lange. Entre outras coisas, construiu a capela de São Roque e Nossa Senhora Aparecida na Vila Brasil. A seu pedido foi criada a Confraria de Beatíssima Maria Virgem do Monte do Carmo em Roma por frei Afonso Brenan, O. Carm. em 10 de abril de 1988, com sede na Capela de Nossa Senhora do Carmo. Em 10 de fevereiro de 1990 foi transferido para a Paróquia de Porangaba. Voltou em 1993 para Cesário Lange, como pároco, por pouco tempo. Aposentado, vive em Aquidauana, MS.*

- *Padre Paulo César Ferreira - Nasceu em Campanha, MG, no dia 05 de abril de 1947, filho de Onofre Arantes Ferreira e Ana Bernardes Ferreira. Mudou-se, ainda menino para Fartura, onde ingressou no seminário dos padres teatinos no dia 15 de março de 1963. Completou seus estudos em São Paulo, onde cursou filosofia no Mosteiro de São Bento e teologia no Instituto Teológico dos carlistas no Ipiranga. Foi ordenado diácono por Dom José Lambert no dia 23 de abril de 1977 e sacerdote em 06 de agosto de 1977 por Dom Emílio Pignolli, bispo de Mogi das Cruzes. Exerceu o ministério sacerdotal como religioso teatino em Itaí por dois anos; depois permaneceu em São Paulo por um ano. Em 1982 veio para a Diocese de Sorocaba, onde se tornou pároco da paróquia de São Miguel Arcanjo por seis anos; depois, foi pároco de Porangaba por dois anos e enfim em Cesário Lange por quatro anos e meio, de 10 de*

fevereiro de 1990 a 06 de agosto de 1993 (por um ano em 1990, foi também pároco de Nossa Senhora das Graças em Tatuí). Depois, foi transferido como pároco para a Paróquia de Santa Cruz de Tatuí.

- *Padre Altair Alves de Lima - Nasceu em Nova Campina, SP, no dia 08 de maio de 1959, filho de Mariano Alves de Lima e Maria de Lourdes Lima. Ingressou no Seminário Diocesano São José de Ponta Grossa, onde fez o propedêutico, em seguida estudou filosofia na Faculdade Mater Ecclesiae na mesma cidade, indo a seguir a São Paulo, onde estudou Teologia junto aos padres carlistas do Instituto Teológico de São Paulo, no bairro do Ipiranga. Recebeu a ordenação sacerdotal em Sorocaba pela imposição das mãos de Dom José Lambert Filho, bispo da diocese de Sorocaba, em 09 de dezembro de 1990. Iniciou seu ministério em Sarapuí, onde permaneceu por dois anos, simultaneamente, trabalhava também na Paróquia Nossa Senhora dos Prazeres em Itapetininga. Tornou-se pároco de Cesário Lange em 31 de janeiro de 1994, onde permaneceu até 06 de fevereiro de 1999, quando foi transferido para Porangaba. Iniciou a Conferência Vicentina em Cesário Lange, pois os objetivos de seu ministério sempre foram de dar uma atenção principal aos pobres, às crianças e aos doentes. Atualmente, é o responsável pela paróquia Santana e Santa Rita em Itapetininga.*

Visitador Diocesano

Esteve visitando a Paróquia da Bela Vista de Tatuí, em 25/07/ 1907, Dom José Marcondes Homem de Mello, Arcebispo Titular de Ptolomaide, que antes fora eleito o primeiro Arcebispo de Belém do Pará. Figura proeminente da Igreja, foi nomeado em 1908 Arcebispo-bispo de São Carloe e ali governou por 36 anos. Em 1906, ao retornar de Roma, viajava no navio Sírio que naufragou nas costas da Espanha, quando faleceu o seu companheiro de viagem D Jose de Camargo Barros, bispo de São Paulo. Faleceu em São Paulo em 15/10/1937, com 77 anos de idade

Indústria

Incipiente no final do século passado (19) e início do atual(20), resumia-se em algumas máquinas de beneficiar café e algodão, serrarias, olarias, moinhos, moendas, ferrarias, sapatarias, fabricação de carros e carroças. O grande problema para o desenvolvimento industrial foi a falta de energia elétrica. Alguns empreendimentos que podem ser comprovados por documentos: a) o registro feito pelo padre Gorga no Livro do Tombo, quando cita o tenente-coronel Francisco Vieira de Camargo (Chico Vieira de Tatuí), como proprietário de máquinas de beneficiar café e algodão; b) o Livro de Notas nº 20, páginas 89v a 91v, do Cartório de Registro Civil onde foi lavrada em 30/07/1917 a escritura de compra de um terreno e das maquinas de beneficiar algodão e do moinho de fubá pela firma Pereira Ignácio & Cia, que passou a atuar na Bela Vista de Tatuí; c) as atividades agro-industriais na Fazenda São Martinho, com a utilização de máquinas a vapor no beneficiamento do café e algodão, serraria, etc.

Agricultura

A respeito do amanho e cultivo das terras da Bela Vista de Tatuí, o Almanaque Tatuiense de 1899 trazia: "segue os exemplos deixados pelos séculos passados; devastar florestas e abandonar as terras duas vezes cultivadas ou depois do segundo fogo, reduzindo-as a capinsaes nativos. Sem capital adequado, deveria-se achar em máo estado, porém a prodigalidade da naturesa tudo suppre, mesmo a escacez de honestidade dos empregados jornaleiros, no trabalho. Pelo modo que expusemos são os lavradores obrigados a procurar mattas virgens, em logares mais distanciados, donde a dificuldade de transporte encarece os productos. Ha o beneficio incalculavel da pequena lavoura generalisada e mixta e o inconveniente extraordinário das grandes propriedades incultas".

No início do século passado (20) existia a previsão de uma colheita promissora, tanto de algodão como de café, com mais de 1 milhão de pés de café e 70 a 80 mil arrobas de algodão, anda com tendência de crescimento. Eram consideráveis, também, os plantios de feijão, milho e arroz. A fazenda São Martinho viria a se destacar, mais uma vez, no setor agrícola, com a utilização de mão obra italiana na lavoura de café.

- Outros cafeicultores da época que se destacaram: *Antônio do Amaral Camargo, Domingos Carneiro da Silva Braga, Geraldo do Amaral Camargo, João do Amaral Camargo, José Bráulio de Campos Mello, Rodolfo Carneiro da Silva Braga.*

Produtores de café da Bela Vista – em arrobas
Ano de 1906
Fonte Jornal "Cidade de Tatuí"

Antônio do Amaral Camargo (900); Antônio do Amaral Camargo Sobrinho (700); Antônio Florentino (500); Antônio Lopes (100); Antônio Gonçalves da Silva (100); Antônio Batista Rossi (1200); Alexandre Ribeiro (200); Clementino

Soares (800); Elídio do Amaral Camargo (1000); Francisco do Amaral Camargo (700); Francisco Amélio de Medeiros (300); Francisco da Silva Cardoso (1000); D. Felisbina Correa (400); Geraldo do Amaral Camargo (2800); D.Isaura do Amaral Camargo (700); João do Amaral Camargo (4000); Julião José de Oliveira (300); João Celestino Filho (250); João Antônio dos Reis (1000); Joaquim Luzia (200); Joaquim Feliciano Leite (100); José do Amaral Camargo (4000); José do Amaral Camargo Sobrinho (4200); José Bráulio de Campos Mello (1500); José de Oliveira Campos (200); José Joaquim Ribeiro (100); José Correa da Silva (100); José Pitão Filho (100); Luiz Antônio de Oliveira (300); Manoel Guedes Pinto de Mello (6000); Manoel Cândido Silvestre (200); Manoel da Silva Cardoso (100); Pedro Alacrino da Silva (200); Rafael do Amaral Camargo (600); Salvador do Amaral Camargo Primo (3400); Silvino Carneiro (800); Zeferino Messias de Oliveira (500).

Produtores e comerciantes de café: 1928 – 1930
Fonte: Livro nº 1 – da Prefeitura Municipal de Porangaba

Rafael da Silveira Sobrinho, Pedro de Campos Mello, Luiz Rodrigues dos Reis, Durvalina Silvestre Domingues, Francisco Rodrigues Silva, José Correa Manoel, João Dias de Camargo, José Francisco Moraes, Avelino Manoel Siqueira, Antonio Epifânio de Oliveira, João Manoel da Silva, Alfredo Amaral Camargo, Manoel Francisco Proença, Manoel Francisco de Oliveira, Avelino Manoel da Silva, Deolindo Roberto Vieira, Geraldo do Amaral Camargo, Vicente Colaço Leite, Abílio Epifânio Vieira, Agenor Antunes Amaral, Salvador Leite Cardoso, Adalberto Pedroso Silva, José Lopes Cardoso, Francisco Rodrigues da Silva, Luiz Rodrigues dos Reis, Antonio Florentino Soares, João Domingues Arruda, Francisco Bueno de Miranda, José Bráulio de Campos Mello, Francisco Coelho de Oliveira, Laudelino Colaço, Paulo de Campos Mello, João Francisco Reis Silva, Antonio Pereira dos Reis Filho, Vicente Cardoso Machado, Abimael Amaral, Antonio Cândido Aires, Pedro Dias de Camargo, João do Amaral Camargo, Elídio do Amaral Camargo, Emídia Rachel dos Santos, Manoel Francisco de Oliveira, José Francisco de Moras, Leopoldo Antonio de Campos, José Gonzales, João Rufino da Silva, Ozias do Amaral Camargo, José Colombara, Pedro de Campos Mello,José Amaral Júnior, Hermas Nogueira Amaral, Mariano Capuano, Odalino do Amaral Camargo, Ezequiel Pires de Camargo (máquina de beneficiar café), Antonio Florentino Soares, José Corsino da Silva, Leandro Dias de Camargo, João Manoel da Silva, Ananias Manoel da Silva, Deolindo Roberto Vieira, José Afonso Tricta (máq. de beneficiarcafé), Rafael de Arruda , Adalberto Pedroso da Silva, Luiz Rodrigues dos Reis, Laudelino Colasso, José Martins, Manoel Francisco Proença, Antonio Manoel de Proença, Paulo de Campos Mello, Domingos Martins, Avelino Manoel de Siqueira, Dionísio Parga, Salvado Leite Cardoso, Juventino Amaral Camargo, Domingos Melchiere, Ângelo Biagioni, Priscidina Maria da Conceição, Luiz Antonio de Oliveira. Vilarino A. Martins, Antonio Pereira dos Reis Filho, Daniel Dias de Camargo, Salvador Correa do Amaral, Emílio Francisco de Oliveira, João Domingos de Arruda, José Lopes Cardoso, Onésimo Amaral, Francisco Rodrigues da Silva, Vitorino Ribeiro da Silva, Rosalina Maria da Silva, João Francisco dos Reis da Silva, Manoel Francisco de Oliveira, Maria Rosalina da Silva, Joaquim Henrique Fernandes

Topografia

"Bela Vista de Tatuí acha-se situada em terreno um tanto elevado, tendo de um lado o rio Feio e de outro um pequeno ribeirão (hoje conhecido como São Martinho). Consta de 3 ruas principais, 4 travessas e 2 praças: Matriz e São Roque. O principal edifício é a Igreja Matriz. A cadeia pública acha-se em prédio alugado. As casas, em número de 117, são quase todas de madeira e barro, havendo, porém, diversas feitas de tijolos". (1905)

População

No Anuário Comercial do Estado de São Paulo, de Duprat & Comp, 1904, consta a seguinte população para a Bela Vista de Tatuí: 4725 habitantes, sendo 2400 do sexo masculino e 2325 do sexo feminino.

Comércio

"No início do século (1905), existiam no povoado:
08 lojas de fazendas (tecidos), ferragens e armarinhos;
23 armazéns de secos e molhados, 03 padarias e 01 açougue;
01 restaurante, 02 salões de barbeiro, 03 sapatarias;
01 ferreiro, 03 marceneiros, 12 carpinteiros, 01 fogueteiro
e artistas diversos.

Salubridade

"O clima do município é por excelência o melhor possível, porém as águas são salobras e escassas no tempo de seca. O tenente-coronel Francisco Vieira de Camargo, proprietário de máquinas de beneficiar café e algodão, está trabalhando a fim de ver se é possível, mediante encanamento, trazer na povoação uma água cristalina e muito boa, que se acha daqui a 5 quilômetros mais ou menos". (1905)

*O Jornal "Cidade de Tatuhy", de propriedade de Antônio Pereira de Almeida, de 22/04/1906, publicava: "**Excursão** - No dia 25 do corrente, deve seguir desta cidade para a Freguesia de Bella Vista, uma commissão formada pelo Illustre presidente da Câmara Municipal, coronel Cornélio Vieira de Camargo, e pelo digno intendente municipal, capitão Cândido José de Oliveira, com o objetivo de estudar o modo mais fácil de attender a reclamação daquelle povo, pedindo o abastecimento com água potável. Diante da boa vontade que manifesta o poder legislativo, estamos certos de que haverá um accordo e o problema será resolvido de maneira satisfactória".*

Viação

"As estradas que ligam este município com os outros vizinhos não estão em boas condições. A propósito, a estrada para Rio Bonito (Bofete), passando por Bella Vista (Porangaba) é péssima,

queremos dizer, della só resta um como carreiro, quasi intransitável; porém já se fez o orçamento para sua abertura que se dará, talvez, no anno próximo". *(Almanac Tatuhyense - 1899)*

Com relação ainda às estradas, noticiava o jornal "Cidade de Tatuhy", de 03/06/1900: *" a passagem por aquela cidade do engenheiro Jonas Novaes, por ordem da Secretaria da Agricultura, que vinha vistoriar a estrada que ligava Tatuhy ao Rio Bonito (Bofete), passando pela Bella Vista (Porangaba), que estava sendo construída pelo sr. Carmine Ferrare, e já necessitando de urgentes reparos em decorrência dos estragos produzidos pelas grandes chuvas que caíram na região".*

As dificuldades para a manutenção e conservação das "estradas" eram enormes, como pode ser comprovado na nota de Hernani Donato, em "Achegas para a História de Botucatu":

- "*Francisco de Paula Vieira (1857), inspetor da estrada Tatuí-Botucatu, falando da principal estrada de acesso: esta estrada nunca teve cota no orçamento provincial, ficou abandonada, e os particulares é que têm acudido, até fazendo pontes às suas próprias custas, como as de Aleluia e Guarapó; entretanto é por onde transita o comércio de Santos a esta Vila, servindo também às povoações que rodeiam Tatuí. Atualmente ainda veio o estrago geral das chuvas.".*

Para efeito de localização, segundo Medeiros & Comp., no Anuário Comercial do Estado de São Paulo, 1904,

- "*a estrada Tatuí - Botucatu era cortada pelos ribeirões Bonito,* ***Feio****, Moreira e Gonçalves".*

---

7. Boletim da Secretaria da Agricultura Ano -1932

Informações da Secretaria da Agricultura - Município de Porangaba

Superfície*: 306km2;*

Altitude da sede*: 600m, em outros pontos 650;*

Temperatura: *máxima 36 graus., mínima 4 graus;*

População *da sede 1200, do município 14000;*

Município criado pela Lei nº 2.244, de 26 de dezembro de 1927 e pertencente à comarca de Tatuí;

Autoridades *- 6 juizes de paz, 2 tabelionatos e 2 cartórios de paz (contando o distrito de Torre de Pedra);*

Viação *- Dista de São Paulo, por estrada de rodagem, 197 kms. Dispõe de 143 kms. de estradas municipais em regular estado de conservação, ligando a localidade a Tatuí, Bofete, Conchas e Pereiras. Existe uma linha regular de "auto omnibus" que faz correr diariamente um carro para Tatuí-Bofete;*

Rios - *É banhado pelos rios Feio, Bonito, Peixe, Moquém, da Vargem, Mina, não navegáveis. No rio do Peixe pescam-se, em quantidade regular, dourados, corimbatas, etc.*

Sub-solo *- No sub-solo presume-se a existência de petróleo e arenito betuminoso. Existe organizada a Cia. Brasileira de Petróleo "Cruzeiro do Sul", que faz pesquisas.*

Terras *- As suas terras, vermelhas, roxas, mescladas e brancas de primeira, são vendidas de 300$000 a 800$000 o alqueire. As propriedades agrícolas, na maioria pertencentes a nacionais, são estimadas em 5.450:000$000. O trabalhador rural é pago a 4$000.*

Industrias Rurais *- máquinas de beneficiar café 2; arroz 1.*

Casas comerciais*: secos e molhados 32; fazendas e armarinhos 12; calçados e chapéus 6; ferragens 6; hotéis 2; bar e restaurante 1; padaria 6; açougues 10; farmácias 3; diversas 13.*
Profissionais: *dentista 1; farmacêuticos 5.*

Instrução primária*: 11 escolas rurais; 2 urbanas; grupo escolar. Alunos: 665.*

Entidades recreativas e esportivas: *Clube Recreativo 21 de Abril - Juvenil Foot-bal Club.*

Alimentação pública*: no matadouro é abatida uma média anual de 800 animais. O preço da carne varia de 1$500 a 2$000. O leite custa 400 réis o litro.*

Economia Pública: *orçamento municipal, receita e despesa 44:820$800. Taxa predial 6%. Arrecadação anual 5:300$000. Imposto de cafeeiros 2$000. Arrecadação 680$000. Indústrias e profissões 20:000$000.*

Urbanismo*: não tem abastecimento de água, nem rede de esgotos. As ruas não são calçadas, nem arborizadas.. Tem 245 prédios.*

Religião*: 1 templo católico, 1 templo protestante*

Produção Agrícola - 1931/32	
Espécie	***Quantidade***
Café	*10.606 arrobas*
Arroz	*39.270 sacos*

Feijão	*13.819 sacos*
Milho	*153.210 sacos*
Açúcar	*35.880 arrobas*
Laranja	*20.167 caixas*
Limão	*4.539 caixas*
Batata	*180.040 arrobas*
Algodão	*137.015 arrobas*

Obs. Área em pastos e campos- 4.303 alqueires

Principais Produtores
José Affonso Tricta, Ezequiel Pires de Camargo, Dionísio Parga, João do Amaral Camargo, José do Amaral Júnior, Pedro Dias de Camargo, José Bráulio de C. Mello, Juventino Amaral Camargo, Salvador Correia Amaral, João Pedroso de Oliveira, Leandro Dias de Camargo, Elídio Amaral, João Rufino da Silva, Daniel Dias de Camargo, Adalberto Pedroso Silva, Luiz Rodrigues dos Reis, Antônio Florentino Soares, Antônio Pereira Reis Filho, Paulo Campos Mello, Oscar Amaral Camargo, Francisco X. da Costa Júnior, Joaquim da Costa Machado, Pedro Domingues Nogueira, Uriel Antunes de Moura, Francisco Alves Camargo, Pedro Nogueira da Silva, Manoel Soares da Silva, Francisco Fogaça Leite.

Coligidas pelos funcionários Victorino Seixas Queiroz e Lourenço Arantes Júnior - Diretoria de Publicidade Agrícola

Funcionários Municipais

1928 - Francisco de Paula Vieira de Camargo (Recebedor); Sebastião José da Fonseca (1º. Fiscal); Pedro Afonso de Camargo (2º. Fiscal);

1931 - Francisco Carneiro da Silva (Secretário da Câmara).

8. Correio

Histórico
O correio foi implantado em São Paulo no ano de 1712, mas as primeiras linhas de correio público somente foram criadas em 1791 – para Santos e para o Rio de Janeiro. Em 1800 foram criadas as linhas para Itu, Paranaguá e São Sebastião. Em Tatuí os serviços de correio foram implantados em 1849 e, no ano de 1858, foi criada a agência de Botucatu.

- *Segundo Aureliano Leite, em História da Civilização Paulista, nota 43, pág. 106: "Remonta a 1711 a primeira tentativa para o estabelecimento de um serviço postal em São Paulo, mas só em 1735 foi oficialmente estabelecido um correio em Santos, destinado ao serviço marítimo. O correio terrestre começou a ser organizado em 1798, ano em que se decidiu que o correio marítimo passaria a funcionar de dois em dois meses".*

Para entender a evolução do "correio", desde a implantação, nada melhor que os apontamentos do historiador Hernâni Donato, referentes aos serviços em Botucatu e a relação com o nosso povoado. Como o bairro do Rio Feio ficava na rota postal entre as duas cidades (Tatuí/Botucatu), e era o caminho mais utilizado pelos estafetas, mesmo não existindo aqui agência, passamos a usufruir indiretamente dos serviços. Naquela época, no ano de 1866, as malas postais eram transportadas de dez em dez dias.

- *" a frequência das malas postais São Paulo - Botucatu - São Paulo era dia sim, dia não. Os estafetas ganhavam oitenta mil réis mensais para fazer 10 viagens até Tatuí, cavalgando animais de sua propriedade. De Tatuí, as malas eram recambiadas para Sorocaba e desta para a Capital ".*

Sebastião de Almeida Pinto, escritor botucatuense, na obra "*No Velho Botucatu*", destaca também: "*até a chegada da Sorocabana, o que ocorreu em 20 de abril de 1889, os estafetas conduziam as malas postais, a cavalo, para o ponto mais próximo para embarque. Meu avô, o capitão José Paes de Almeida, pioneiro da terra, foi estafeta durante três anos. Conduzia as malas do correio para Tatuí, de onde eram levadas para Sorocaba e de lá para São Paulo. Dizia meu avô, que a viagem de ida e volta a Tatuí* ***(via Conchas-Porangaba),*** *durava três dias. Como se obrigara em fazer dez viagens mensais, o estafeta nunca podia dormir em casa...".*

Concluímos que existiam dois roteiros de correio de Tatuí a Botucatu, um via Bofete (Samambaia), outro via Conchas, ***ambos passando por Porangaba (Rio Feio).*** No último quarto do século 19 é que o bairro do Rio Feio passou a ter agente e estafetas. *"A Carta Postal da Província de São Paulo, organizada pelo oficial João Baptista d'Alambary Palhares, em 1884, dá conta de que de Bacaetava, ultima estação ferroviária, as malas postais eram levadas a Tatuí, de onde se dividiam por 3 rotas.* ***Umas delas, para Botucatu, passando por Rio Feio (Porangaba) e Rio Bonito (Bofete) ".***

O que sabemos, com certeza, é que em 1885 já existia a agência do correio na freguesia da Bela

Vista, conforme notícia inserida no jornal "Progresso de Tatuhy", ao se referir à linha de Tatuí a Lençois, com 10 viagens mensais, no seguinte roteiro: *Tatuí, Rio Feio, Rio Bonito, Botucatu, São Manuel, Aparecida e Lençois.* Em 1897 a agência foi fechada temporariamente e em 1902 até chegou a ser desativada pela Administração dos Correios, mas, no ano seguinte, já funcionava e o agente era o italiano João Gorga.

Publicações nos jornais de Tatuí, referentes aos serviços postais em Porangaba

"Comarca de Tatuhy", de 31/05/1908
*"Correio diário entre Conchas e Bella Vista? Consta-nos que a linha do correio que desta cidade vai a Bella Vista, com escala em Passa Três, passará a funcionar diariamente entre Conchas e Bella Vista. E Passa Três como fica? Esta freguesia não pode sustentar, por si só, estafeta e agência, pois o "**deficit**" será enorme. Convém que se estude o caso, para evitar prejuízo aos interessados ou aos cofres públicos. Sendo diário..., pois não haverá movimento para tanto. Entretanto, de dois em dois dias, não vemos desvantagens para o serviço público".*

(Aparece na nota o dedo político de Laurindo Minhoto, que ainda não tinha o apoio total dos políticos que dominavam a Bella Vista).

"O Progresso de Tatuhy"- de 27/08/1922
"Noticiava o falecimento de Eugênia Antunes (filha de Joaquim Antunes de Almeida Júnior), a agente do correio do distrito de Bella Vista".

06/12/1925
O anspeçada Celestino da Silva, comandante do destacamento da Força Pública em Porangaba, através de ofício ao Comando do 3º Batalhão alertava sobre o fechamento da agência do correio e dos problemas que adviriam com o atraso na remessa das correspondências, no encaminhamento de relatórios, mapas de prestação de contas, etc..

"Jornal de Tatuhy"
Edição de 17/11/1929
*"**Correio** - O Diário Oficial da União, de 08/11/1929, publicou portaria de 03/10/1929 em que o Administrador dos Correios de São Paulo suspendeu, provisoriamente, o funcionamento da Agência Postal de Porangaba. A medida foi frustrante para a população local e os políticos se movimentaram para o estabelecimento dos serviços e, desta vez, inclusive, reivindicando a extensão dos mesmos até o Distrito de Torre de Pedra".*

Edição de 12/01/1930
*"**Correio** - Noticiou que a política local, na pessoa do capitão Joaquim Francisco de Miranda, havia representado junto aos poderes competentes reclamando sobre o atraso na chegada do malote postal, que estava prejudicando o público em geral, o comércio, as repartições públicas, sendo a correspondência recebida de 3 em 3 dias. Pedia a normalização, que o serviço fosse feito via cidade de Conchas e, se possível, diariamente. Isentava os estafetas de qualquer culpa".*

Edição de 11/05/1930
"Em 29/11/1929, foi nomeada a sra. Adelaide Fernandes da Rosa para agente do correio. Apesar dos pesados encargos e ordenado insignificante, a nova agente enfrentou com grande responsabilidade sérios problemas, a exigência de fiança e, após 4 a 5 meses de trabalho, sem receber pagamento algum, foi surpreendida com uma reprimenda da Administração dos Correios, que indagava o motivo de ter assumido o cargo, já que não havia autorização. Diante do impasse, hoje, maio de 1930, não temos mala direta, não se emite registrado, não existe sequer indício de agência do correio... ".

Considerando as publicações nos jornais de Tatuí, observamos que os serviços postais, mesmo depois da tentativa de alterar o roteiro de entrega dos malotes em 1908, que seria via Conchas, decorrido mais de vinte anos, ainda continuavam precários. A idéia de sair do eixo tatuiense continuava viva entre os políticos locais, embora já estivéssemos em 1930. Funcionou sempre como instrumento de pressão, mas nunca se efetivou. As linhas postais, cobertas pelos estafetas, somente acabaram com a chegada das ferrovias, novas estradas e veículos de transporte mais modernos. No caso de Porangaba, a abertura de "estrada de rodagem" para Tatuí, via Cesário Lange, no início dos anos 40, foi fundamental para a normalização do transporte dos malotes.

- *Os agentes foram: João Gorga (1898), Sebastião Fonseca, Eugênia Antunes (1922), Maria Nina Bertoni (esposa de Vicente Bertoni), Elisa L. de Miranda (Domingos Manoel de Miranda) (1928/1929), Adelaide Fernandes Rosa*

(1930/32), João Bueno de Miranda, Paula de Miranda Bueno, Iridenth de Souza Bueno (1966), Dilceu Ebúrneo (1969/73), Elvira (1973/76), Rita de Cássia da Paz Vieira (1976/78). A partir do ano de 1989, até 2001, o agente foi José Carlos de Oliveira (Pirulito). A agente atual é Rosana do Carmo Domingues Ferrari.

- *Os estafetas foram: José Porfírio de Camargo (Cesário Lange), Joaquim Antunes de Almeida Júnior (Nhô Quim) com auxílio do filho Paulo Antunes do Amaral, Antônio Antunes da Silva, Luiz Carlos Vieira, Lázaro Carlos Vieira (Lazinho Diniz), João Telles, - que transportavam os malotes a cavalo e a viagem durava, às vezes, dois dias, com pernoite no bairro Aleluia, na casa do sr. Chico Fonseca, cunhado do capitão Aureliano (Tatuí) , ali estabelecido com venda e pousada. O Lazinho do Valêncio chegou a trabalhar como estafeta, poucas vezes, em situações emergenciais, na falta dos titulares.*

O trabalho dos estafetas era importante, pois o isolamento dos povoados pela falta de estradas e a ferrovia era, de tempo em tempo, alterado pela passagem do carteiro. A ansiedade e a satisfação que despertavam nos destinatários não diminuíam as árduas condições de trabalho que enfrentavam. Em todo país não eram reconhecidos – tinham somente deveres e obrigações – um esgotante ritmo de trabalho aliado aos baixos salários. Encarregados de levar a correspondência às longínquas povoações do sertão, os estafetas percorriam longas distâncias a cavalo, chegando muitas vezes a trocar de montaria, trazendo a mala recheada de cartas, jornais, valores, encomendas, etc., que entregavam nos diversos postos do percurso. Portanto, pelos caminhos empoeirados do sertão, atravessando rios, morros e cerrados, eram ansiosamente esperados.

Locais onde funcionou a agência do correio:

- *na "rua de baixo", atual coronel Joaquim Miranda da Silva, esquina com a rua Braz Gica da Paz, na casa onde hoje reside o sr. Dirceu Boqueirão;*

- *depois, foi transferida para a "rua do meio", atual rua 4 de Junho, na casa que pertenceu aos herdeiros de Abílio de Jesus São Pedro, no final dos anos 20 e inicio dos 30 (século passado);*

- *mudou, em seguida, na mesma rua, (já nos anos 40), à casa defronte a residência do sr. Antônio Silva;*

- *dali, a agência foi transferida à praça da matriz, em 18/03/1950, na casa que existia onde hoje está o Salão Paroquial "Padre Antônio Dragone";*

- *depois, à casa onde hoje reside a professora Cicília Bueno Miranda Nogueira, à rua 4 de Junho, ao lado do Clube Recreativo 21 de Abril.;*

- *em seguida, para um cômodo da casa da Família Biagioni, na esquina da praça da Matriz com a rua 4 de Junho;*

- *após alguns anos, foi transferida à rua João Rosa de Oliveira, numa sala dos fundos do Salão Paroquial "Padre Antônio Dragone";*

- *voltou, logo em seguida, para a rua 4 de Junho, no ano de 1979, (no imóvel dos herdeiros de Giocondo Biagioni),*

- *dali, mudou para prédio de Fórum Distrital, na esquina das ruas 4 de Junho e Braz Gica da Paz;*

- *atualmente, está instalada à Avenida Cristino Manoel de Miranda, s/nº , na Vila São Luiz, ao lado do Posto de Gasolina Débora. .*

9. Posto Policial e Cadeia Pública

O primeiro posto policial (com a cadeia pública) foi instalado em 1880 na "rua de cima", antiga "rua da Igreja", atual rua professor Antônio Freire de Souza, portanto há mais de cento e vinte anos. Foi criado, então, o distrito policial de Subdelegacia de Polícia, em 14/04/1880, pelo juiz de direito Ventura José de Freitas Albuquerque, chefe de polícia da Província de São Paulo. O

registro feito pelo padre José Gorga no Livro do Tombo, comprova que ficava num prédio alugado, próximo ao Largo de São Roque (atual praça Francisco Pássaro). O imóvel pertencia ao comerciante João Affonso Pereira e, provavelmente, localizava-se ao lado da casa onde viveu por muitos anos a querida e folclórica figura da Tirda.

No ano de 1902, segundo nota no jornal Cidade de Tatuí, o português Manoel da Silva Cardoso, requeria o pagamento dos aluguéis atrasados do prédio da cadeia pública e não temos dados suficientes para saber se tratava do mesmo imóvel, se era o procurador ou o proprietário. Supõe-se que fosse uma casa próxima da Igreja Matriz, na esquina com a atual rua João Machado da Silva.

Em 1915 já funcionava noutra casa [5] (existe até hoje), na mesma rua, entre as residências do sr. Acácio Domingues e do sr Lázaro Nogueira da Silva (Maestro Pingo). O prédio era alugado e pertencia ao comerciante Leopoldo Hermelino Soares. Como curiosidade, além das duas celas que existiam no prédio, no fundo morava o soldado comandante do destacamento. Em 1940, o prédio já pertencia ao sr. Luiz Angelini (Gijo).

Como curiosidade, na frente da casa existia um sino que era tocado ao anoitecer para indicar o horário de fechamento das casas comerciais. No início era badalado pelos próprios policiais e, tempo depois, o sineiro passou a ser um funcionário municipal. Lembramos com saudades do querido Paulino José da Rosa (***Paulo Telles***) [6] que malhava no dias úteis, regularmente, às 8,00 horas da noite, sinalizando para o fechamento das casa comerciais. Em 1950, mais ou menos, a cadeia pública e a delegacia já funcionavam na rua 4 de Junho, no casarão que pertenceu ao sr. João Paes da Silva, (ainda existe; é uma casa comercial), ao lado da residência do sr. Júlio do Amaral Paes. Na gestão do prefeito municipal Mário Antônio Nogueira (após 1957) foi instalada no prédio próprio, amplo e moderno, construído pelo Governo Estadual. Está na mesma rua, na esquina, um pouco adiante da antiga cadeia. Hoje, o quartel do destacamento policial não funciona mais no prédio da delegacia de polícia; fica separado, na Vila São Luiz.

10. A segurança pública na Bela Vista

Na medida que o povoado foi se formando, aumentou muito o fluxo de pessoas de todos os tipos - aventureiros, viajantes, estranhos, forasteiros, etc., de passagem ou com a intenção de se fixar nas imediações da capela. Alguns chegaram até a receber terrenos em doação para construir as suas moradias. A população começou a crescer e surgiram então os primeiros problemas de relacionamento pessoal. Os moradores locais e das imediações se reuniam nas "vendas", onde vinham buscar suprimentos e ter um maior contato para fugir do isolamento, quando, normalmente, excediam na bebida alcoólica e sempre aconteciam pequenas desavenças e brigas, pondo em risco a integridade física dos envolvidos.

Havia, na verdade, muito atraso e ignorância, e por qualquer motivo as pessoas queriam mostrar valentia e que não toleravam desaforos. Os problemas se avolumavam e as autoridades locais passaram a se preocupar com a segurança pública e das próprias famílias. Pleitearam, então, a criação do posto policial para manter a ordem e os bons costumes.

Em 1880 foi criado o distrito policial e nomeados os sub-delegados; vieram, então, os primeiros policiais. O ambiente passou a ser relativamente calmo, mas nos finais de semanas e dias santificados, todos se dirigiam à "praça" (como antigamente era chamado o povoado) e, nos encontros nas vendas e botecos, sempre regados com muita bebida, cantorias, jogos, e, às vezes com a participação das "*raparigas*" que para cá vinham, quando os ânimos chegavam a se exaltar e, então, aconteciam brigas, desordens e até assassinatos. Com o policiamento ostensivo, as coisas mudaram, mas sempre apareciam desordeiros e embriagados para criar problemas.

Notícia publicada no jornal "Comarca de Tatuhy", em 28/07/1908, informava sobre a segurança pública na Bela Vista: "*Aqui não temos garantias, os cidadãos e suas casas estão sujeitos à violência. Pessoas colocadas são postas em pasquins pelas*

[5] *Lembro-me, quando criança, em 1943 mais ou menos, dos soldados: Sebastião e do cearense Juvenal; deste último, com muitas saudades, pois eu morava ao lado do prédio onde funcionava a cadeia e sempre encontrava motivo para ir visitá-lo, uma espécie de padrinho que intimamente escolhi, sendo ali tratado com muita deferência e agrado pelo respeitável militar. Que Deus o tenha na santa paz...*

[6] *A propósito de Paulo Telles, foi pessoa boníssima, atencioso para com as crianças. Costumava brincar, dizendo que "podia carregar dinheiro na garganta" e, para provar, ao bater os dedos no pescoço, imitava o tilintar de moedas, assombrando a molecada que o arrodeava. Quantas saudades...!*

esquinas. Disparam-se tiros em diversos pontos e, alta noite, atiram pedras e dão esbarros até em casas de famílias. E a quem pedir providência? Polícia não temos, um soldado que aqui existia, há mais de três meses foi recolhido. Em vista de tantas misérias..."

Conclui-se que o ambiente era realmente carregado, com muita ignorância e indisciplina e os costumeiros confrontos com as autoridades policiais. Os desordeiros, na maioria das vezes alcoolizados, procuravam sempre enfrentar os soldados, mais como desafio, para firmar a fama de valentões, mas na maioria das vezes se davam mal.

- *No ano de 1907, por exemplo, os jornais de Tatuí, davam destaque ao desordeiro alcunhado de Mulatinho e ao criminoso Juca Luzia, que desafiavam as autoridades policiais da Bela Vista.*

O trabalho do policial era penoso e se entrasse em choque, então, com qualquer cidadão protegido do chefe político, poderia arrumar as malas, pois era prontamente recolhido. Diante de tal quadro, o excesso chegou a acontecer de ambos os lados e a população temia pela conduta de alguns soldados que para manter a ordem e aplicar a lei, não titubeavam em descer o "sabre" (refle, espada) ou mesmo usar arma de fogo, quando eram ameaçados por desordeiros que também não hesitavam em atirar. Aconteceram muitos casos. A fama dos valentões aumentava se batesse ou humilhasse um soldado, o que os encorajava. Daí a resistência de muitos militares em servir na Bela Vista, onde sentiam-se acuados e desprotegidos.

Casos policiais curiosos:

- *O anspeçada José Braz, ao assumir o comando do destacamento em Porangaba em 1926, oficiou ao comando, relatando: "No dia 20/04/1926 veio para esta cidade um médico legista, com o delegado de Tatuí, para fazer a autópsia de um cadáver que havia sido sepultado há mais de dois meses e pediram ao soldado Felipe Ribeiro da Silva para auxiliar nos trabalhos. O soldado em questão, que se encontrava sozinho no quartel, ficou muito impressionado pelo estado putrefato do corpo e bebeu para tomar coragem. Após o término dos serviços, o soldado se dirigiu a venda do sr. Primo, onde foi provocado pelo indivíduo de nome Antônio Francisco Maria, que afirmou na frente de todos os presentes que o citado soldado tinha apanhado a tapa na cidade de Bofete. O soldado evitou o atrito e foi procurar o delegado de polícia local para efetuar a prisão do indivíduo e, como o mesmo não se encontrava, o escrivão de polícia Francisco de Paula Vieira de Camargo (vulgo Chicuta) o atendeu em sua casa. Ao adentrar a casa do escrivão, foi o soldado (que cheirava álcool) agarrado e conduzido preso ao quartel local pelos indivíduos de nomes: João Telles, Samuel Telles, Francisco Lopes, Lázaro Diniz e outras pessoas".*
- *No ano de 1928, o soldado Francelino Francisco Rodrigues se desentendeu com o cidadão Eugênio Proença, na casa da meretriz Doralina, quando, atingido por um tiro de garrucha, revidou com dois tiros de revólver e, mesmo ferido, perseguiu o agressor pelas ruas próximas e o matou por estrangulamento (asfixia).*

Com o passar dos anos, as coisas foram mudando e, a partir de 1950, mais ou menos, o cenário já era totalmente diferente, sendo a polícia militar aceita e respeitada pela população pelo importante papel que desempenha na manutenção da ordem e segurança pública.

10.1 Vigilantes e guardas-noturnos

Nas revoluções de 1924, 1930 e 1932 houve muito medo e apreensão por aqui. É o que contavam os moradores mais velhos. Todos temiam que os revolucionários chegassem até a cidade. Houve movimentação de tropas por Conchas, Pereiras, Tatuí e Itapetininga, municípios próximos, por onde corria a ferrovia, daí o temor. Na verdade, tudo aconteceu por desinformação e pela impossibilidade de um amplo esclarecimento à população. As autoridades locais preocuparam-se em montar de imediato um sistema de vigilância e a medida assustou ainda mais. Escolheram, então, alguns cidadãos como vigilantes que foram colocados nas entradas da cidade, para avisar qualquer anormalidade ou a aproximação de estranhos. Embora os combates tivessem ocorrido muito longe, era possível ouvir, com baixa intensidade, os estampidos de bombas e canhões, principalmente à noite. O barulho causava mal estar, notadamente na zona rural. Temiam ataques, invasões de propriedades, abusos, seqüestros de bens e alimentos, etc. A insegurança cresceu pela vulnerabilidade e a falta de proteção que facilitariam uma possível investida dos rebeldes sem qualquer resistência, quando ficariam a mercê e teriam que se submeter aos caprichos dos invasores. Uma situação totalmente adversa. Os vigilantes, devidamente armados e municiados, passaram muitos dias ou melhor, muitas noites de espera, sem dormir ou cochilar. Sem citar a data precisa e a ordem dos conflitos, alguns nomes são lembrados: Juca Cândido, João Teles, Aureliano Palmeira, Roquinho Mariano e Carlino Mendes – os expertos vigias. Como sói acontecer, felizmente, nada

houve por aqui. No entanto, a mobilização não foi infrutífera, pois preencheu o ego dos políticos locais e o espírito patriótico de alguns cidadãos.

No final dos anos 50 do século passado, existiu um corpo de guardas-noturnos em Porangaba. Foram escolhidos cidadãos com bons antecedentes para fazer a vigilância noturna na cidade, isto é fiscalizar os estabelecimentos comerciais e residências contra roubos e estragos, proibir algazarras nas ruas, conduzir os embriagados e vagabundos às suas casas, identificar os forasteiros que chegassem à cidade, enfim manter o sossego público. Numa ocorrência mais grave poderiam até chamar a polícia. Os tempos eram bem mais tranqüilos e o guarda-noturno passando pela ruas, de tempo em tempo, ao apitar dava à sociedade certa tranqüilidade e todos dormiam em paz. Munidos de apito, unicamente, começavam as rondas quando a pequena cidade já se encontrava praticamente vazia e ninguém mais transitava pelas ruas. Havia sim, latidos de cachorros e poucos boêmios e desocupados na praça principal. Não se pode negar que os guardas chegaram a prestar bons serviços, principalmente, quando ocorriam óbitos e nos casos de doenças e outras emergências. As ocorrências, felizmente, eram poucas. Quanto às serenatas, um dos costumes tradicionais da boemia local, somente com autorização e vigiada, caso contrário que enfiassem "a viola no saco". Ocorreu, então, que a ordem não foi aceita pacificamente pelos jovens seresteiros da época e, contrariados, num ato de rebeldia e gozação, partiram para as provocações. Isso aconteceu muitas vezes, principalmente durante as férias escolares com muita confusão e enfrentamento. Os jovens, em pequenos grupos, se posicionavam na praça principal ou nas ruas vizinhas e começavam as provocações. Gritavam, assobiavam e estouravam rojões para atrair os guardas. Quando estes se aproximavam, saíam em debandada para pontos diferentes e faziam novas provocações. O truque evitava a identificação e permitia zombar da persistência dos vigilantes que estavam sempre correndo atrás. A confusão durava algumas escaladas, quando os "baderneiros" se escondiam em suas casas e não mais saiam. Para os arruaceiros, que não eram muitos, mas jovens inconseqüentes, seresteiros e alguns estudantes em férias, era uma festa...

Hoje, passando tanto tempo, lembramos das brincadeiras e só nos resta penitenciar e pedir desculpas aos saudosos e pacientes guardas-noturnos: Braz Candido, Zezinho Paes, Carminho Brasile, Braz Barros e outros.

11. Comandantes do Posto Policial em Porangaba (1899-1959)

Anos	*Nomes*
1899	*Anspeçada Manoel Pedro da Silva*
1900	*Anspeçada Affonso Pereira do Valle*
1904	*Anspeçada José Lucidoro de Oliveira*
1907	*Anspeçada José Pedro Lorena*
1919/1920	*Cabo Donato da Silva Macedo*
1920	*Anspeçada Procópio Franco de Moraes*
1920/1923	*Anspeçada Francisco Alves da Silva*
1924	*Cabo Serafim Correa de Alvarenga*
1924	*Anspeçada José do Carmo*
1925	*Anspeçada Pedro José Vieira*
1925	*Anspeçada Celestino Silva*
1925/1926	*Anspeçada José Braz*
1926	*Anspeçada Antônio Soares da Silva Rosa*
1926	*Anspeçada João de Oliveira Santos*
1926	*Anspeçada Thomaz de Oliveira Dória*
1926/1927	*Anspeçada Rafael de Arruda*
1927	*Anspeçada José Nunes de Paula*
1927	*Cabo Benvindo Monteiro de Oliveira*
1927	*Anspeçada Eduardo de Oliveira*
1927/1928	*Anspeçada Celestino Silva*
1928	*Anspeçada Álvaro Pereira da Silva*
1928	*Anspeçada Francisco Leite de Paula*
1929	*Anspeçada Olímpio da Silva*
1929	*Anspeçada Rafael de Arruda*
1929	*Tenente J.S.Vianna*
1929/1930	*Anspeçada Celestino Silva*
1930	*Cabo Francisco Ferreira Lorena Sobrinho*
1931	*Anspeçada Celestino Silva*
1931	*Anspeçada Francisco Larroy*
1931	*Cabo Egídio Rubens*
1931/1932	*Cabo Manoel Lacerda*
1932	*Cabo Joaquim Barnabé da Rocha*
1932	*Cabo Juvenal de Freitas Mello*
1932/1933	*Sargento Joaquim Dias de Araújo*
1933	*Sargento Olímpio dos Santos Andrade*
1933	*Anspeçada Benedito Vasconcellos*
1933	*Cabo Cesário Pires de Andrade*
1933/1934	*Cabo Orlando de Souza Oliveira*
1934/1935	*Cabo Francisco Dias Duarte*
1942	*Cabo Benvindo Camargo Costa*
1943	*Soldado Sebastião Rodrigues*
1943	*Soldado Laurindo de Almeida Monteiro*
1943	*Soldado Francisco Tavares*
1943/1944	*Cabo José Antunes do Prado*
1944	*Soldado Benedito Ferreira Nogueira*
1944/1945	*Soldado Antônio Signorine*
1945/1950	*Cabo José Antunes do Prado*
1953	*Cabo Caetano Simonassi*
1953	*Soldado Lourenço Ribeiro Bueno*
1954	*Cabo Caetano Simonassi*
1954	*Cabo Dalzírio Francisco de Oliveira*
1954/1955	*Cabo Durvalino Rodrigues*
1955	*Cabo Arnaldo Sebastião Mendes*
1955/1956	*Cabo Roberto Batista Lourenço*
1956/1957	*Cabo Durvalino Rodrigues*
1957/1959	*Cabo José Emílio*

12. Fazenda São Martinho

Coronel João Guedes Pinto de Mello

Nasceu em Tatuí, filho de Martinho Guedes Pinto de Mello. Foi pessoa de destaque naquela comunidade. Oficial da Guarda Nacional, fazendeiro, comerciante, político, republicano convicto e escravocrata. Intelectual, fez parte da Sociedade Recreio Dramático (1871), que construiu o Teatro São João, e do Clube Republicano. Participou de projetos importantes como a construção do "teatrão", do hospital e de outros empreendimentos sócio-culturais. Irmão do industrial Manoel Guedes Pinto de Mello (Manduca Guedes).

Sítio da Serrinha

O sítio da Serrinha, que viria ser o núcleo principal da Fazenda São Martinho, pertenceu antes ao fazendeiro Manoel Antônio da Silva, escravocrata, que viveu em Tatuí. O formador da fazenda, a partir de 1879, foi o coronel João Guedes, genro do proprietário, que após o falecimento do mesmo, adquiriu as glebas vizinhas e incorporou ao sítio.

Histórico

A fazenda São Martinho formou-se a partir de 1879, quando João Guedes foi adquirindo as partes dos sucessores e herdeiros de Manoel Antônio da Silva e, depois, da vizinhança. Antes, o local era conhecido como sítio da Serrinha ou, ainda, bairro da Cachoeira, e englobou as terras do sítio conhecido, então, como *Partes da Serrinha.* Através das escrituras de compra e venda, lavradas nos anos de 1879/ 80, 81 e 93, no Tabelião Paula Gomes de Tatuí, foram adquiridas as partes de: *Ana Francisca; José Cardoso da Silva e sua mulher Francisca Maria; Antônio Suptil de Oliveira e sua mulher Benedita Maria Lazéa; Francisco Correa Pires e sua mulher Felisbina Maria Clara; Maria, Samuel e Marcílio, representados pelo pai José Gregório da Mota; José Antônio da Silva e sua mulher Ana Gertrudes de Paula; José Pedro da Silva e sua mulher Deolinda Gomes Ferreira; Vicente Correa Machado e sua mulher Maria Gertrudes do Espírito Santo; Francisco Xavier de Miranda e sua mulher Gertrudes Maria da Conceição; Fermino Vieira de Miranda e sua mulher Gertrudes Maria; Bento Alves Barreto e sua mulher Antônia Maria de Jesus; João Cubas do Amaral e sua mulher Ana Joaquina; Pedro Leite Fogaça e sua mulher Ana F. Leite; João Silvestre da Silva e sua mulher Rita Maria da Conceição; João da Purificação Leite e sua mulher Izabel Zeferino Trindade; Eleodoro José Leme e sua mulher Delfina Maria; e Joaquim Antônio.*

No início do século passado, a fazenda passou a pertencer a seu irmão Manoel Guedes Pinto de Mello (Manduca Guedes) e, com a morte do mesmo, em 1927, passou para os herdeiros: dr. José Affonso Tricta (genro) e Risoleta Augusta Guedes Tricta (filha).

No "Álbum de Tatuí", de João Netto Caldeira, 1934, pág.155, consta: *"A fazenda, com imensa área de terra roxa, apresentava muitos milhares de pés de café, além das plantações, em escala, de feijão, milho e arroz. Cultivavam, ainda, mandioca, canavial para forragem e belíssimo fumal. Com grandes invernadas, revestidas de capins catingueiro, roxo e jaraguá, que alimentavam imenso rebanho de gado holandês, além de cavalos e burros. Além da criação de porcos, aproveitavam a grande provisão de leite, produzindo queijo para o consumo na propriedade. A colonização é representada por 92 famílias de colonos, habitando 48 casas excelentes, cobertas de telhas francesas, além de ranchos e outros acessórios".*

Como curiosidade, identificamos no Cartório de Registro Civil de Porangaba (livro de notas), um grupo de imigrantes portugueses que chegou em 1905 para trabalhar na fazenda, cujos membros mudaram-se depois para centros maiores: Gonçalo Dias da Silva e Ana da Cunha Ramalho; Paulino Valente; Miguel Valente; Manoel Euzébio e Maria Francisca; Adolfo Vicente e Agostinha de Jesus; José Lutero e Josefa Joaquina; Manoel Antônio Coutinho; Bernardino Monteiro e Patrocínia Adelaide; Agostinho de Assumpção Moreno e Maria do Rosário Moreno; Alfredo de Amorim e Águida Maria Meirelles.

A área da fazenda foi aumentada com a aquisição das glebas de João Pedro de Arruda e sua mulher Germina da Conceição em 1929, e de Balbina de Jesus, viúva, em 1940, totalizando 452 alqueires e 50 centésimos, ou seja 1.095,05 ha. Passou a pertencer, em 1973, a Margarida Maria de Aquino Guedes Carneiro e seu marido Olair Barbosa Carneiro - ***herdeiros do Espólio de José Affonso Tricta.***

Dentre os imigrantes que vieram trabalhar na Fazenda São Martinho poucos permaneceram ou se fixaram na região, pois logo aderiram aos costumes locais (praticados pelos estrangeiros) , marcados pela intensa mobilidade da população e, após as colheitas, ou tendo cumprido o contrato de trabalho, punham-se em trânsito, procurando outras fazendas ou dirigindo-se às cidades na busca de melhores condições de vida.

Administradores da fazenda

Alguns administradores identificados: Francisco Xavier de Almeida (1891), Juvenal Augusto de Oliveira (1893), Antônio Maria Tricta (1901), Antônio Adão, Giulio Meucci, Odorico Martins, Durval de Andrade, José Mendes Castanho, Luiz Corsi e Benedito de Oliveira (Ditinho)

A água da fazenda.

Existem fontes de água magnesiana comparável à água medicinal de Vichy (França), com comprovada eficiência no tratamento de doenças do aparelho digestivo

Curiosidades:

Estafeta da Fazenda
Em 1910 era estafeta da fazenda o italiano Carlo Biagioni, irmão de Santino Biagioni; retornou para a Itália algum tempo depois e, posteriormente, imigrou para a Austrália e nunca mais deu notícias à família.

Dr. Emílio Marcondes Ribas
Médico sanitarista, renomado cientista brasileiro, natural de Pindamonhangaba, morou em Tatuí no final do século 19, onde, além de clinicar, era médico da Fábrica São Martinho. Visitou a Fazenda São Martinho na Bela Vista de Tatuí (Porangaba), trazido pelo proprietário Manoel Guedes, e se encantou com as belezas e riquezas naturais da região. A comprovação está registrada nos Anais da Câmara Municipal de Tatuí:

- *"em 18/ 03/1895, o dr. Emílio Ribas enviou um ofício à edilidade tatuiense solicitando a construção de uma linha férrea entre Tatuí e Bela Vista".*

A reivindicação, que partiu de tão importante personalidade, embora ficasse somente no papel, já mostrava que os recursos naturais da região (e hoje, ainda mais!) poderiam ser explorados com excelentes resultados. Infelizmente, nada foi feito e são passados mais de 100 anos...!

13. Tropas e Tropeiros

A tropa de carga era o único meio de transporte para a chegada de mercadorias àquele "fim de mundo". Uma viagem para Tatuí, o centro de abastecimento mais próximo, durava 2 dias. Era uma jornada cansativa e imprevisível, pois, se chovesse, as condições poderiam se complicar. As enchentes dos riachos, os alagamentos, etc., prejudicavam a passagem. As tropas eram, então, ansiosamente esperadas, pois, além de encomendas e notícias que traziam da cidade grande, serviam para escoar a "produção" local.

Quando adentravam o povoado, os tropeiros eram arrodeados pelas pessoas e os comerciantes se mostravam aliviados, pois o suprimento estava garantido. Existiam poucas "vendas", ou seja, eram entrepostos que vendiam de tudo: secos e molhados, armarinhos, fazendas, miudezas, gêneros da própria terra, mantendo até uma "banca de toucinho", mangueirão de porcos e paiol de milho - eram os centros de abastecimento.

O serviço era feito de porta a porta. Passavam por aqui tropas que iam para outras cidades, parando para descanso e pouso. À época, a partir de 1860, embora não tivéssemos estradas, mas trilhas, pequenos caminhos mal conservados, intransitáveis na ocasião das chuvas, [7] mas o movimento era grande.

- *Podemos deduzir que muitos antes do povoado se formar, quando o lugar conhecido por Rio Feio era somente ponto de pouso, os tropeiros já passavam por esses caminhos. Não seria nenhum absurdo tal afirmativa, pois, com certeza, poderia ter ligação com a Feira de Animais de Sorocaba, cujo auge foi no último quartel do século 18.*

A situação persistiu, praticamente, até 1930, quando começaram a aparecer os primeiros caminhões e as estradas foram melhoradas. Ao mesmo tempo, eram utilizados ainda os carros de boi e carroças com tração animal. Mesmo assim, continuou sendo o meio de transporte da zona rural mais afastada, desprovida de caminhos, até o final da década de 40 do século passado, anos em que ainda eram vistos por aqui algumas tropas pela cidade.

Quanto aos serviços da tropa, no dizer *de João Cristino dos Santos (Janguito)*, tropeiro de Apiaí, (no livro Nossa Tropa):

- *"aí é que o tropeiro assumia importante papel... profissão dura e árdua que dependia do esforço físico, bastante paciência e muita coragem..., pois a circulação da riqueza teria mesmo que depender da tração animal, inicialmente transportando cargas nas costas, sobre cangalhas, por montes e vales, vencendo enormes distâncias sob sol causticante, frio intenso ou chuvas intermitentes e, mais tarde, puxando carroças e carroções. O dia a dia do tropeiro, os movimentos de carga e descarga, alceamento de fardos, cestos e bruacas, alimentação da tropa, reparo dos aperos, etc. O "ligá", feito de couro cru, servia como encerado para as bruacas. Traçando o paralelo de ontem e hoje, o dono da tropa seria o dono da transportadora; os muares seriam os caminhões; os coureiros e cangalheiros as casas de auto-peças; os ferreiros seriam os borracheiros; os potreiros, as garagens e estacionamentos; o milho e o pasto, os combustíveis; e o tropeiro - o motorista. Os tropeiros condutores utilizavam cavalos fortes, altos, rápidos e de andadura bem mais macia que a do muar. Normalmente, os*

[7] *Para se ter idéia das dificuldades existentes na área de transportes na Provincia de São Paulo, no ano de 1860, a Capital não possuía ainda nenhuma ligação por estrada de ferro com o porto de Santos e, muito menos, com as cidades do interior, a nova hinterlândia do café, a oeste. A primeira linha férrea, ligando a cidade de Santos a Jundiái, passando pela Capital, foi em 16/02/1867, num trecho de 139 quilometros.*

tropeiros, dependendo do número de cargueiros, eram em número de dois ou três; dependendo do caminho, dois na retaguarda e um adiante, comboiando".

Existiam os tropeiros tocadores de tropas e os que faziam a comercialização de muares.[8] Estes últimos traziam do Sul grande quantidade de burros e mulas, animais xucros, para vender. Formavam a chamada "tropa solta", que levavam, diretamente, ao oeste paulista, já em lotes, com um número menor de cabeças, para "picar", isto é, vendê-las a retalho. Muitas caravanas passaram certamente pelas terras porangabenses.

14. Tropeiros de Porangaba

Os tropeiros riofeienses contribuíram para o crescimento do povoado. Nos deslocamentos para Tatuí, usavam dois caminhos; um ia pelo bairro das Partes e outro pelos Cleto, ambos estreitos e tortuosos. Para Conchas, o acesso mais curto à ferrovia, o caminho era pelo bairro dos Nunes. Era muito comum, também, as jornadas para o Rio Bonito (Bofete), Torre de Pedra, Guareí, Quadra, Pereiras, Passa Três (Cesário Lange), até Bacaetava e, muitas vezes, Sorocaba, Itu e Campinas. Na ida para os centros maiores carregavam café, algodão, cereais, etc, e na volta traziam sal, açúcar, óleo, azeite, farinha de trigo, bebidas, tecidos e outros materiais. Contam os mais antigos que, além do transporte no lombo de burro, costumavam, também, conduzir, "***tocar a pé",*** porcos e aves para os mercados de Sorocaba, Itu e Campinas. Os costumeiros contadores de causos, procurando valorizar suas histórias, afirmavam que os tropeiros do Rio Feio chegaram até o porto de Santos com carregamentos de café da Fazenda São Martinho, destinados ao mercado europeu. Não temos comprovação

O progresso foi chegando com o prolongamento da ferrovia para o oeste paulista e, então, alguns tropeiros daqui se deslocaram para trabalhar em regiões mais afastadas, como Garça e Bauru, onde transportavam café das fazendas produtoras até as estações ferroviárias. À época: 1920/30. Um caso conhecido, contando pelo Lazinho, foi do tropeiro Valêncio da Silva, seu pai, que levou a tropa para a região de Bauru, onde trabalhou por algum tempo.

A tropa era formada por 13, 15 ou 20 animais muares (burros ou mulas), com cargueiros, sendo sempre acompanhada de uma "égua madrinha" que carregava o cincerro (campainha ou sineta, presa ao arreamento do animal de carga), na altura do pescoço. Cada animal chegava a transportar 120/150kg de carga. Compunha, também, um animal dianteiro - um burro com um peitoral de 24 guizos, sempre caminhando na frente.

Alguns tropeiros: *João Machado da Silva, Joaquim do Amaral Camargo, Pedro José, Manoel Isidoro Brenhas, Salvador José da Silva, Paulino Alves Barreto, Simão José de Oliveira, Francisco Manoel de Oliveira, Policarpo José Gomes, Cândido Silvestre Domingues (Cândido Velho), Antônio Paulino Telles, Rafael do Amaral Camargo, João do Amaral Camargo, Francisco do Amaral Camargo, José do Amaral Camargo Sobrinho, João Pereira, Chico Pires, Ignácio Fogaça Leite, Benedito Fogaça Leite, Valêncio da Silva, Nhô Belo, João Mico, Calintro Velho, Salvador Pinto, Lourenço Alves, Nhô Jango Mendes, Nhô Lino, Mingo Leme, Custódio, Isaias Vaz, Elias Vaz, Pedro Domingues Nogueira, Francisco Cesário, Bento Ribeiro, Salvador Soares da Silva, Francisco Soares da Silva, Antônio Soares da Silva, Dito Leme, João Leme, João Neto, Tonico Neto, Silvério de Oliveira e Silva, Jaime de Oliveira, Benedito Bueno (seleiro), Silvério Manoel de Miranda, Antônio Manoel Miranda, Domingos Manoel de Miranda, Joaquim Vicente de Miranda, Joaquim Paes de Camargo, Leôncio Lopes de Moura, Joaquim Serafim, Zé Poli, Chico Poli, José Piragibu, Jaconias do Julião (negro), Messias e Joaquim Preto (tropeiros de Nhô Jango Mendes), Saulino Jacob (Torre de Pedra), José Nunes Gomes (ou João Nunes Gomes), Sartiro Garcia, Baptista Mariano, João Músico e Zé Araúna (de Guareí, que trabalhavam Porangaba), Ventura Preto, Tibúrcio, Mané Reginardo (Manoel Bento Paulino), Manuel Bento de Miranda, Ângelo Biagioni, Lazinho do Valêncio, Oscar do Valêncio, Toninho do Valêncio, Carlino Mendes e outros.*

[8] *No comércio de muares em Porangaba, merece destaque o comerciante e tropeiro Isaias de Oliveira Vaz, patriarca de tradicional família. Deslocava-se, freqüentemente, para o Rio Grande e na direção oeste, para ao sertão paulista, de onde trazia e conduzia animais para comercializar. Vendia, ainda, outros apetrechos ligados à montaria, como arreios, cabrestos, pelegos, produtos de couro em geral, etc, que tinham grande aceitação na época. Era comum vê-lo em lugares públicos, vestido como autêntico "gaúcho", a comentar as peripécias das viagens que fazia, provocando sempre muita admiração e curiosidade. " Deixou muitas saudades!*

A "Mangueira"do Nhô Jango

Os mais velhos ainda se lembram, com saudades, da mangueira [9] que existiu ao lado da casa Nhô Jango Mendes, na antiga rua do Comércio, atual 4 de Junho, onde reside dona. Lina De Bonis Mendes. Ficava no lado direito, olhando de frente à casa, no terreno onde hoje existe um imóvel residencial. Antes, foi ponto de atração referencial da cidade, pois ali eram realizados os grandes leilões de gado nas festas religiosas e beneficentes. Ali, mais ao lado, realizavam-se as famosas e concorridas touradas, eventos todos abrilhantados pela banda de música. A "mangueira"do Nhô Jango foi o último símbolo do tropeirismo que sobreviveu por aqui, vencendo muitos anos e sobrepujando os próprios participantes da epopéia. Foi, antes, o mercado de "muares" daqui, onde os tropeiros e viajantes traziam seus animais para negociar. Até, mais ou menos, 1970, ali eram ordenhadas vacas e era comum ver crianças, logo de manhã, munidas de copos, esperar a vez para beber leite tirado na hora. Com o crescimento da cidade e pelas exigências sanitárias, a "mangueira" foi desativada em 1978.

O Burrico do Nhô Jango

"Qual porangabense não se lembra dos apelativos berros do famoso muar do Nhô Jango, que ecoava pelos vales do rio Feio e seus pequenos afluentes, próximos ao mangueirão do velho morador de Porangaba. Era o chamado do vigoroso jegue, às solitárias, carentes e apaixonadas éguinhas da redondeza, que estivessem precisando dos seus préstimos. Nhô Jango, dono do burrico e do motel, como empresário sexual do muar, atendia prontamente os proprietários dessas éguinhas para o tão desejado momento de amor, mediante o pagamento de uma ***zoiúda cor de abóbora de vinte mil réis****.."*.

(Colaboração do dr. Gentil de Oliveira, advogado porangabense)

15. Influência Gaúcha

O intercâmbio que existiu entre os tropeiros e, principalmente, o fato do bairro do Rio Feio ser ponto alternativo de passagem e de pouso de tropas que rumavam para o oeste paulista, vice-versa, possibilitou que muitos usos e costumes, e também a forma de falar dos viajantes, com destaque especial aos gaúchos, fossem aos poucos se incorporando aos hábitos e linguajar dos moradores daqui [10] .

Os contatos frequentes facilitaram a assimilação. Alguns "belavistenses", que negociavam com muares, chegavam a se deslocar para o sul, em viagens que duravam meses, recebendo, assim, diretamente, a influência da cultura sulista. Não chegamos ao exagero de adotar o "chimarrão", mas somamos ao nosso linguajar inúmeras expressões e palavras usadas pelos guapos gaúchos, que, até há pouco tempo, ainda eram ouvidas por aqui, principalmente na zona rural: ***entanguido, trelento, escarrapachar, barbaridade, guri, arreganhado,ceata, cancha, bruaca, reiúno, no mais, que esperança!, como mutuca no lombo de mula!, estralando, chimango, ché*** *(variação da Interjeição chê),* ***pingo, ansiado, tá loco, bulha (buia), etc.***

No costume de se vestir, foram adotadas facilmente a "capa poncho" e a "bombacha", peças características do vestuário campeiro.

- *Lembramos com saudades do fazendeiro e tropeiro Silvério de Oliveira, com sua impecável bombacha, chapéu, botas, esporas gaúchas e o lenço encarnado.*
- *Além de famílias sulistas que aqui se fixaram, outro fato interessante, ligado aos riograndenses do sul, é que tivemos dois gaúchos ocupando a Prefeitura Municipal de Porangaba:* ***Dassás Vieira de Camargo****, de Santana do Livramento, e* ***Honorato da Cruz Falkenbac****k (o Guri), de Passo Fundo.*

16. Carros e Carreiros

Segundo os cronistas do "tropeirismo", pelos estreitos e mal conservados caminhos antigos já tinham passado primeiro as tropas de burro e, depois vieram os carros de boi. Este foi, sem dúvida, o primeiro veículo que sulcou a terra virgem deste país, sendo utilizado tanto na paz como na guerra. Desde muito tempo veio cortando as estradas, apesar do grande progresso alcançado pelos veículos de transportes. Hoje, nas regiões mais distantes do interior, ainda é possível ouvir,

---

[9] *Mangueira, s.f. (bras. do sul) - Grande curral, geralmente de pedra, ou cercado por madeira, onde se encerra o gado.* ***(Dicionário Aurélio)***

[10] *Mesmo com o encerramento da Feira de Muares de Sorocaba, no final do século 19, os gaúchos que eram os grandes tocadores de animais para comercialização naquela cidade, continuaram a trazer animais para a Provincia de São Paulo. Vendiam em lotes, que já eram negociados nas próprias cidades, povoados e vilas, sertão adentro, e dentre os caminhos alternativos, estava a antiga estrada Sorocaba/Botucatu, passando pela Bela Vista de Tatuí.*

ao mesmo tempo, os gemidos dos carros de boi e o ronco dos motores dos caminhões.

"Gemidos que trazem saudades do carro de boi, a condução das estradas de antigamente".

(Onozor Pinto da Silva)

Os carros eram construídos inteiramente de madeira, inclusive as rodas, e os seus eixos "cantavam" (pela fricção do eixo no mancal) quando passavam pelas estradas. Os condutores eram os ***carreiros***, homens fortes que enfrentavam os perigos e as intempéries, cuidando pacientemente das cargas pesadas e dos animais. Muitos sitiantes e proprietários rurais também possuíam os seu carros, utilizados quase que exclusivamente para atender as suas necessidades.

Os carros de boi eram os "caminhões" de antigamente. Transportavam de tudo e uma viagem para Tatuí chegava a durar, contando a ida e volta, três ou quatro dias. Por exemplo, lavavam algodão e traziam mercadorias para as vendas.

Porangaba também teve os seus carreiros, aqueles que "passaram nos passos lentos dos bois...". [11]

Eis alguns nomes: *João Mathias de Oliveira (João Carreiro*); *Guilherme; Luiz, Manoel e Martinho Liberto; o velho preto Guambi; Dito Gica; Zé Napo; Zeca Lagarto; Felix (Felício) Soares, Clemêncio Pinto e o filho Oraci; João Liberto e Dorival; Antônio Miranda e os filhos Lázaro e Chico; Chico Juvêncio; Zé e Amador Tereza; Cipriano; Zé Venâncio; Luiz Moura; Elias Moura; Bino, Lau, Nézio, Zeca e João Lenheiro - os Canhambora; João Garcia; Manoel Lemes; Rodolfo Vicente; Doro Lemes; Antônio Indalécio; Emídio Lemes; Lazinho Nunes; Luiz Boqueirão e o filho Nicolau; Carmelo, Tico Alfredo; Leopoldo; Ramiro; João Valeiro; Nor Brando; Zé Neco; Miguel de Campos; Nego da Galarda (na fazenda do Camilo de Moraes); Zé Quinzote (na fazenda do Chico Costa); Joãozinho Vaz da Mina; Chico e Nicanor do Valêncio e outros.*

Hoje, praticamente, não mais existem por aqui; são poucos. Ouvimos dois ex-carroceiros, os primos: *Lázaro Miranda* e *Nicanor do Valêncio.* Falam com saudades das passagens que viveram com seus pais; citam fatos pitorescos e curiosos, os nomes dos bois (com muito carinho), até dos artesãos que fabricavam os carros, não esquecendo os Albuquerque (alcunhados de Carro) e, também, do último artífice que foi o Lazinho Nunes.

- *O Lázaro é mais emotivo e sonha, ainda, em colocar o carro de boi todo enfeitado pelas ruas da cidade, nos eventos festivos, acompanhado da banda de música, mostrando à população de hoje o veículo que transitava pelas antigas estradas. Começou muito cedo com o seu pai, aprendendo a domar animais e, com 14 anos de idade, já tinha o seu "carrinho de boi", que, na realidade era puxado por "bodes". Foi a grande sensação, quando, anos atrás, na tradicional festa de Santo Antônio, desfilou pela cidade com uma "caprichada" carga de lenha doada ao santo padroeiro. Contou, orgulhosamente, que trabalhou como carroceiro na construção do prédio do ginásio, na gestão do prefeito Mário Nogueira, transportando água para a obra; trazia do rio Feio em barris, numa jornada que cobria todo o dia. Não existia a água encanada. Foi um enorme desafio, mas compensado ao ver a escola funcionar tempo depois e de ter uma de suas filhas formando-se professora na primeira turma. No dia da formatura preparou uma surpresa, pois quando o cortejo que trazia as novas professoras entrou na rua principal, na direção da igreja, quebrou o protocolo e colocou o* ***carro de boi*** *à frente para guiá-las, numa singela homenagem que os pioneiros – tropeiros, carreiros e carroceiros – certamente fariam em regozijo pelo desenvolvimento educacional e cultural de Porangaba. Descreveu os serviços que faziam: o transporte de toras de madeira, café em coco, cereais, algodão e cargas diversas, dos locais mais longínquos do município para a vila e até, mesmo para Conchas e Tatuí.*

Carreiros e proprietários de carros-de-boi cadatrados na Prefeitura Municipal de Porangaba em 1930

Simão Antônio de Oliveira, Cesário Bueno de Campos (ou Camargo), João Luiz de Paula, Faustino Nunes da Silva, Lázaro Nunes da Silva, Antônio Alves de Oliveira, Manoel Rodrigues Proença, Benedito Fogaça Leite, Vicente Pires Paulino, Luiz Antônio de Oliveira, Elias Lopes de Moura, Laurindo Antunes Rodrigues, Joaquim Paes de Camargo, Francisco Soares Bueno, João Antônio Luiz, Francisco Ribeiro da Silva, Teodoro de Oliveira Bueno, José Vicente Silva,

[11] *Na obra "Sarapuí - Sua História e Seus Antepassados", página 41, Hélio Holtz cita a fala de Pedro Rafael da Silva, carreiro sarapuiense: " ... os bois se acostumavam com o trabalho e até a cantiga do carro parece que os confortava. Ao clarear o dia eram atrelados às cangas sem nehuma dificuldade; à tarde, quando soltos, permaneciam acomodados ao lado do carro, afadigados. Os bois emparelhados ao timão eram apontados como bois de coice e eram estes os que sustinham o peso frontal do carro; as outras juntas atuavam como tração, sendo que a da frente era chamada junta-guia. O meu pai seguia a pé, falando e instigando os bois, principalmente na subida e, quando entrava num declive, ele ía à frente da junta guia, andando para trás, tolhendo e retardando as passadas dos animais, pois o carro-de-boi é diferente dos outros veículos de tração animal, como as carroças: o carro não possui breque".*

Francisco Xavier da Costa Júnior, Honório Lopes Cardoso, Antônio Gabriel de Almeida, João Lemes da Silva, Francisco Gabriel de Almeida, Teodoro Manoel de Proença. Dorival Manoel Rodrigues, José Fabiano de Almeida, Claudiano Alves Barreto, Joaquim Rodrigues Lima, Paulino Mariano Leite, Joaquim Vicente de Miranda, João Francisco Silva, Clemêncio Pinto da Silva, João Antônio Soares, Vitorino Manoel Pereira, Marcolino José Vaz, José Marciano de Almeida, João Rufino da Silva, Joaquim Cubas de Miranda, Luiz Manoel Proença, Artur Pires, Hygino Antônio Rodrigues, Antônio Justino da Silveira, Francisco Glycceris de Arruda, José Mariano Correa, Antonio Manoel de Miranda, João Nuchera (Carmelo).

17. Carroças e Carroceiros

Antônio Soares da Silva (Antônio Inácio), do bairro dos Miranda, com sua carroça

A carroça foi aos poucos tomando o lugar do carro de boi. Definida como "carro grosseiro, de tração animal, para o transporte de cargas", era o veículo mais rápido da época e que melhor se adaptava aos precários caminhos. Era muito utilizada nos sítios e fazendas, sendo de grande utilidade para os serviços agrícolas. Quase todo proprietário rural possuía a sua carroça.

Permitia, ainda, o transporte de cargas mais leves, em maior quantidade, de porta a porta, substituindo os serviços dos tropeiros. Os primeiros carroceiros (já como profissionias e transportadores de mercadorias) foram os descendentes de portugueses, caboclos e mamelucos, e depois tivemos os europeus, principalmente os italianos e espanhóis. Tiravam do trabalho, o sustento da família.

Transportavam de tudo, as cargas mais variadas, e era comum encontrá-los descendo ou subindo escarpas sob o sol abrasador; outras vezes molhados pela chuva e sujos de lama e, mesmo, à noite, nas constantes idas e vindas, na roça e na cidade, vencendo longas distâncias e enfrentando perigos imprevisíveis.

Alguns nomes: *Antônio Leme*, *Manoel Pereira, João Martins, Francisco Novaes Sobrinho (Nhocada), Nazareno Italiano*, *Zelindro do Nazareno (Zelindo Tavante), José Maria (genro do Benedito Leme), João Nuchera (Carmelo), Teodoro, Heliodoro Camargo, João Rosa, José Felizardo (Zé Dinheiro), João Diniz, Silvério Diniz, João Lemes, Lourenço Lemes, Tonico Neto, João Neto, Lazinho do Valêncio, José Tomé, Amadeu Cassetari, Diogo Tomé, Isaias do Amaral, Amâncio e Delfino Pinto, Carlino Mendes, Elias Leme, Pedro Leme, Elias de Almeida, Tó Cláudio, Antônio Inácio, Francisco Mathias, Paschoal Atanázio, Nenê Teles, Silvério Nunes, Olívio Juliani, Antônio Jaco, Armando Cândido, Tico Bráulio, Sinardo, Mingo Machado, Dalico, Zezinho Pais, Lázaro Miranda e outros.*

Fato curioso

- *Com a chegada do caminhão, alguns carroceiros tornaram-se "caminhoneiros". Um fato curioso ocorreu com Heliodoro Camargo (casado com Deolinda de Oliveira Pinto), que comprou um caminhão usado e se deparou com grave problema - a falta de peças de reposição. Teve muita dificuldade e, praticamente, não chegou a usar o veículo, perdendo tudo. Voltou ao trabalho antigo, como empregado do fazendeiro João Príncipe de Moraes, no bairro da Areia Branca, Guareí, e, por uma ironia do destino, faleceu num acidente ao tombar a carroça.*

Carroceiros e proprietários de carroças em 1928-30, cadastrados na Prefeitura Municipal de Porangaba : *Laurentino Luiz Fernandes, Lourenço Alves Rodrigues, João Paes da Silva, Benedito Celestino de Oliveira, Hygino Antônio Rodrigues, João Batista Mendes, Avelino José de Oliveira, Antônio Faustino Soares,. José Xavier de Freitas, José Francisco Moraes, Jocundino Ferreira, Joaquim da Costa Machado, Joaquim Oliveira Cubas, Francelino Alves de Camargo, Benedito Alves de Camargo, Deolindo José Claudino, Joaquim Correa Machado, João Nuchera(Carmelo), Felisbino Manoel de Mello, Benedito de Almeida Machado, Antônio Antunes Rosa, João Diniz Vaz Filho, José Amaral Júnior, José Florentino Soares Sobrinho, Silvério Nunes da Silva, Luiz Orsi Amaral, João Nunes Diniz, Dionísio José da Rosa, Antônio Fogaça Leite, Antônio Esteves, Firmino Antunes Rodrigues, Feliciano Nunes da Silva, Antônio Manoel de Proença, Quirino Nunes da Silva, Francisco Subtil de Oliveira, Manoel Cândido Silvestre, José*

Rodrigues Ferreira, Nicanor de Paula Barreto, Felemon Soares, Antônio Victor Soares, Miguel Vieira de Campos, Domingos Silvestre Domingues, José Nunes Gomes, Antônio Nunes Vieira, João Luiz Machado, Domingos Saturnino Jacob, José Tomé, Pedro Dias de Camargo, Ângelo Afonso Camargo, Pedro Ribeiro Correa, Benedito Teodoro de Oliveira, Felix Nolé Oliveira, José Afonso Tricta, João Antonio Martins, Mariano Capuano,Dorival Manoel Rodrigues, Benedito Silva Pinto, Silvério Antônio Motta, Antônio Soares Silva, Antônio Bueno Fernandes, Eugênio Ribeiro Bueno, Esmereles Antônio Martins, Antônio Justino Silva, Joaquim Cubas de Miranda, Antônio Lopes de Almeida, Lázaro Soares Machado, Benedito Manoel Pereira, Benedito de Paula Leite, Luiz Bernardo de Moura, Francisco Alves de Camargo, Benedito Alves de Oliveira, Rafael Pássaro, Jaime de Oliveira, José Martins Ferreira, João Luiz de Paula, José Bráulio de Campos Mello, Eduardo Marques, Alfredo Florentino Soares, Orestes Ribeiro do Prado, Dassás Vieira de Camargo, Avelino José de Oliveira, Lourenço Paulino de Oliveira, Belmiro Modesto Camargo, Antonio Pereira dos Reis Filho, Antônio Alves Ferreira, Maurício Diniz Vaz, Silvino Barbosa Carneiro, Antônio Celestino de Oliveira

A rudeza dos serviços aliada às condições de trabalho, a rotina, no dia a dia, sob sol e chuva, o desconforto dos pousos e caminhos, o afastamento temporário da família, etc., levavam muitos desses homens a buscar um derivativo, daí alguns se enveredarem para a bebida. [12]

- *Nos anos 40 do século passado, o carroceiro símbolo em Porangaba foi, sem dúvida, o Olívio Juliani – **Olívio Carroceiro**. Homem simples, impressionava pela resistência e dedicação ao trabalho em jornadas que pareciam intermináveis. Era visto em toda parte, desde o amanhecer até ao anoitecer, conduzindo sua carroça, entregando e carregando as mais variadas cargas. Formou uma família exemplar, voltada ao trabalho, e seus descendentes mostram hoje que assimilaram os exemplos e métodos do pai, constituindo um grupo de jovens empresários que operam no ramo de materiais de construção, colaborando para o crescimento do comércio em Porangaba.*

[12] Quase todos, tropeiros e carroceiros, gostavam de *"matar o bicho"* e alguns chegaram a desafiar e medicina. Beberam a vida toda e tiveram longa existência, coração forte e pressão arterial normal, desconhecendo a palavra depressão. Dois exemplos : *o Dalico e o Lazinho do Valêncio*; o primeiro, com mais de 80 anos, ainda vivo, e o segundo, falecido há pouco tempo, mesmo idosos, sempre trabalharam. Faziam pequenos serviços e não abriam mão da "pinguinha", reclamando unicamente da qualidade da cachaça, afirmando que "naquele tempo, sim, a pinga ***era pura e não subia...!!!*** ".

18. Estradas e Caminhos

Os caminhos antigos ainda podem ser identificados e até usados. Uns, desativados, outros, em ruínas, mas muitos até em bom estado, misturados com as novas estradas. Todos eram, sem exceção, estreitos, tortuosos e mal conservados, agredidos pelas intempéries, pela vegetação, mas, mesmo assim, sobreviveram por muito tempo.

Na nossa infância, sempre ouvíamos comentários críticos sobre o estado de conservação das estradas para as cidades vizinhas e também paras os bairros. Esses caminhos ficavam praticamente intransitáveis na época das chuvas. Para Tatuí, até a abertura da estrada de rodagem, dois eram os caminhos utilizados e foram usados regularmente até o início dos anos 40 do século passado.

Caminho 1 - pelo bairro das Partes

- *Rio Feio (Porangaba), Partes, Fogaça, Marica Quadra, Nhô Leopoldo Soares, Aleluia, Vininho Carneiro, Chico de Almeida, Zé Vicente, Cruz de Cedro, Nhô Nico Pires, Paes, Portugueses, Turvinho, Lagoa, Martelo, Antônio Ieu, Tatuí*

Hoje, infelizmente, o Caminho das Partes, que antes era a principal saída para Tatuí e por onde houve, no passado, o grande trânsito de cargas e pessoas que vinham para o Rio Feio, acha-se interrompindo já na sua parte inicial. Com a queda da ponte sobre o Córrego dos Ribeiros, há algum tempo, a Prefeitura Municipal nada fez e a passagem ficou obstruída. Foi a solução mais cômoda e o trecho que sobrou virou estrada particular.

Caminho 2 - pela Fazenda São Martinho

- *Rio Feio (Porangaba), Carros, Cleto, Jeca do Amaral, Fazenda São Martinho, Ferreira, ... Aleluia, ... Cruz de Cedro ... Tatuí.*

Estrada Nova ou Estrada de Rodagem **-** foram os nomes dados à nova estrada para Tatuí, via Cesário Lange, então inaugurada e que concretizava um antigo sonho da população local para acabar com o isolamento que vivia. Iria permitir o escoamento rápido da produção agrícola, encurtar distâncias, agilizar a locomoção para os centros maiores, etc. Seria, segundo os mais entusiasmados, a redenção. A euforia tomou conta de todos e passou despercebido o acerto político que, inexplicavelmente, alterou o traçado da estrada para passar no portão da Fazenda São Martinho e dentro da cidade de Cesário Lange, com curvas inacabáveis e perigosas. O correto seria seguir o traçado da estrada antiga dos tropeiros, passando pela Cruz de Cedro, Aleluia,

Fogaça, Partes, com um custo bem menor. Não se pode negar que a rodovia foi importante para o desenvolvimento do município; era uma estrada moderna (à época), inteiramente apedregulhada, com algumas técnicas de proteção e arrimo, com pontes, etc., e que permitia a passagem de veículos mesmo na ocasião das chuvas. Inaugurada no início dos anos 40 (século passado), teve, ainda, como marca desabonadora a não extensão até Bofete e o exagerado número de curvas. Hoje, mesmo com o novo traçado melhorado, que permite evitar as perigosas curvas da Serrinha e a passagem pela fazenda, a estrada está superada, embora tenha uma grande parte pavimentada. Foi utilizada por quase trinta anos, até a construção da moderna rodovia Castelo Branco, a Rodovia do Oeste, que passa a poucos quilômetros da cidade.

Atualmente, Porangaba é privilegiada pela rede viária de transportes, com as vias intermunicipais vizinhas todas pavimentadas, fato que parecia impossível há alguns anos atrás.

- *Os porangabenses mais idosos dizem que a estrada foi construída entre 1937/1940 pela empreiteira Americano & Lico, de São Paulo, e o engenheiro responsável foi Norman Bernardes, ex-prefeito de Tatuí. Os irmãos Ferreira, Antônio, José e Nenê, empresários da construção de estradas ficaram responsáveis por um dos trechos. O traçado inicial, no nosso município, já foi bastante alterado.*

19. Pontes sobre o rio Feio

O rio Feio corta a cidade em dois pontos, onde hoje existem pontes para a passagem:

1. *na altura do campo de futebol, na saída para Tatuí, o rio corta a av. Cristino Manoel de Miranda;*
2. *na chácara dos herdeiros de Valêncio Augusto da Silva, na Vila Piragibu, o rio corta a antiga estrada para Bofete;*

Curiosamente, até 1924, existia somente uma ponte, na saída da estrada velha para Bofete, um pouco acima da passagem atual. Desconhecemos o motivo de somente existir ali, mas é sabido que nas imediações, mais para cima, ladeando o rio, funcionou no passado uma máquina de beneficiar algodão e, depois, uma serraria que, inclusive, fazia a manutenção da passagem, pois era por ali que transitavam os pesados carros carregados de madeira. Construída toda em madeira, reforçada, para aguentar os carros de boi carregados com "toras" pesadas, vigotas e toda espécie de madeiramento. Recebia manutenção com certa frequência para suportar as volumosas e pesadas cargas. [13]

Na saída para Tatuí, a passagem era pelo próprio leito do rio, por onde atravessavam cargas, tropas, carroças, animais. As pessoas utilizavam uma pinguela, ou seja um tronco de madeira atravessado sobre o rio. Nesse local, somente em 1924, foi construída a ponte, sendo todo madeiramento tratado com piche, o que chamava a atenção, pois todo conjunto ficou negro. O carpinteiro responsável foi Euclides de Oliveira Pinto, o Clídio, como era conhecido. Com o passar dos anos, a ponte tornou-se o ponto de acesso mais importante à cidade. Utilizada por mais de quarenta anos, foi desativada logo após a abertura da Rodovia Castelo Branco, quando se deu a construção de uma outra, mais para cima, toda em concreto e bastante ampla, obedecendo o traçado da nova estrada.

20. Córregos

Alguns córregos, *afluentes do rio Feio*, passam nas imediações da cidade e merecem especial atenção, pois num curto prazo de tempo serão, com certeza, envolvidos e assoreados pela urbanização. Estão ali desde que o povoado nasceu e quais seriam os seus nomes originais? É difícil resgatar a nomenclatura inicial e, para não cair nos erros comuns das "estórias", quando muitos se precipitam em nomear por conta própria, procuramos ouvir os moradores mais antigos a respeito e a surpresa foi bastante agradável.

o riacho, que contorna a cidade, desemboca no rio Feio na altura da estação de tratamento da SABESP, passando ao lado do terreno onde ficava o "poço do Boava", chegou a ser chamado de riacho da Serrinha ou do "Tele" (referência ao tenente Antônio Paulino Telles) e hoje é conhecido como córrego São Martinho, cuja nascente é pelos lados da fazenda do mesmo nome. Corta a estrada para o bairro dos Nunes e a av. prefeito Luiz Manoel Domingues, na saída para Conchas, locais onde existem pontes;

---

[13] *Ocorreram muitos acidentes no local e, lamentavelmente, num deles, o carreiro Clemêncio Pinto, de saudosa memória, ao salvar um dos bois puxadores, que se prendeu numa fresta aberta no piso, que ameaçava despencar o carro, bois e carga para o leito do rio, feriu-se gravemente na perna, marca que carregou pelo resto da vida.*

o segundo, ja cruzando a estrada de Conchas, na altura do atual matadouro, é conhecido como Córrego do Calintro, assim chamado em homenagem ao tropeiro Calintro Alves de Oliveira, que era o proprietário das terras, onde, inclusive, chegou a existir uma olaria. Foi chamado, também, de riacho dos Nunes;

existe outro, que desemboca no rio Feio na altura da chácara que pertenceu ao falecido Elias Cubas e é conhecido como córrego dos Ribeiros, cuja nascente é no bairro dos Poli; .

na Serra do Amaral nasce o ribeirão da Serra, que desemboca no rio Feio na altura da propriedade do Nicanor do Valêncio. Muitos falam no "ribeirão do Nicanor".

Vale como registro.

21. O primeiro automóvel

O automóvel, a revolucionária invenção de 1893, mudou o comportamento da sociedade quando os veículos autopropelidos tornaram-se acessíveis à população. Os primeiros carros transitaram por aqui após 1915, nas precárias estradas que existiam, assustando muita gente. [14]

- *Logo que surgiu, tornou-se símbolo de poder e foi sendo introduzido pelo interior do nosso imenso país, mesmo sem estradas, sem qualquer estrutura, regras de trânsito, etc. Os primeiros que chegaram eram produtos importados de alto luxo e logo se tornaram objetos de ostentação e prestígio, mesmo sendo barulhentos, com manivela, magneto, câmbio de pedal, buzina estridente, etc. e ainda rodavam com o escapamento aberto soltando fumaça negra e espessa.*

O primeiro cidadão que aqui chegou motorizado foi José (Zeca) Sommerhauzer, que morava em Tatuí. Com certeza, o primeiro automóvel de um morador de Porangaba foi do cidadão Domingos Pereira da Silva (Domingos Fogueteiro), sogro do Euclides de Oliveira Pinto (Clídio), que adquiriu do próprio Sommerhauzer.

Persistem dúvidas quanto à data correta; uns dizem que foi em 1919, outros garantem que foi após 1920 - tratava-se de um automóvel Ford, modelo "Bigode". Depois vieram outros carros adquiridos pelos animados porangabenses: o próprio José Sommerhauzer (que chegou a morar na Bela Vista) teve um Chevrolet (Cabeça de Cavalo); um outro do espanhol Dionísio Parga, do João Pedroso de Oliveira, do João Fogaça Leite, etc. Até hoje, entre os mais velhos, surgem conversas sobre a chegada do primeiro carro, pois foi enorme a curiosidade popular e maior a confusão. A "máquina", como o carro era chamado, foi recebida com rojões e a população saiu às ruas para conhecer a novidade. O entusiasmo foi tão grande que o proprietário se viu obrigado a liberar o veículo para pequenos passeios, em percursos curtos, a todos que pagassem uma pequena quantia em dinheiro. Virou atração, com as pessoas formando fila na ânsia de "dar uma volta". Quando o carro se deslocava pelo povoado, passando nos sítios, a situação então era mais cômica, com os sitiantes completamente assustados com aquela "*coisa*". "Andar" de carro pelas empoeiradas ruas e esburacados caminhos, "na alucinante velocidade de 30 quilômetros por hora", era algo incrível.

(Na foto o Ford Bigode)

O cenário seria, mais ou menos, assim: a criançada correndo atrás, enquanto os espantados moradores saíam às portas e janelas para ver de perto o invento que tinha alterado a rotina da vila.

Não foi privilégio daqui, aconteceu em toda parte, em todo mundo, na medida que o automóvel foi chegando, não tendo o homem, então, a mínima idéia do que viria acontecer pela frente.

A frota de veículos (caminhões e carros de passeio) no município de Porangaba, três anos após a sua emancipação política, em 1930, era representada pelos seguintes proprietários:

Antônio Candido Ares (Ford), Agostinho Angelini(Chevrolet), Luiz Manoel Domingues (Chevrolet), Cesário Maurício (Ford), Dionísio Parga (Chevrolet), Luiz Carlos Vieira (Ford), Octávio Hermelino Soares, João Manoel de Miranda (Chevrolet), Deolindo Ribeiro

[14] *O saudoso Luiz Miranda contava, por ter ouvido de seu pai, que antes do automóvel, a grande sensação na Bela Vista de Tatuí foi o "trole" - (carruagem rústica, puxada por cavalos, usada nas fazendas e cidadezinhas do interior do Brasil), cujo dono era o português Manoel Ignácio São Pedro, seu avô, que alugava aos interessados para passeios e pequenas viagens.*

Leite, Juvenal Nunes Pereira, José Afonso Tricta (Dodge e Chevrolet), Luiz Sola Ares (Chevrolet), Luiz Angelini (c aminhão), Francisco Pássaro (automóvel), Ezequiel Pires de Camargo (caminhão), Joaquim Pereira da Silva Júnior, Benedito Flores de Azevedo, Simão de Oliveira Vaz, José Teixeira Barbosa, Antônio Nunes Diniz e Augusto Diniz.

Obs. A partir dos anos 30, mais ou menos, já começavam a surgir carros também nos sítios e fazendas e um nome merece destaque especial – Antônio Nunes Diniz, Totó Osório, com seu pequeno caminhão. Falam também em Zé Bahia, com seu caminhão, no bairro dos Lopes/Capuava.

Carta de Habilitação Feminina

- *A primeira carta de habilitação feminina para dirigir autos, expedida pela Delegacia de Polícia de Porangaba, foi em 08/09/1952 para a professora porangabense Noêmia do Amaral Camargo Barsanti, filha de João Paes da Silva e Noêmia Amaral Paes, conforme anotação no Livro de Registros de Motoristas – Delegacia de Polícia de Porangaba – Z.1 – 1948)*

Curiosidade - Bicicleta

- *Além dos veículos motorizados, já constava no Cadastro da Prefeitura, em 1929, uma bicicleta – de propriedade do farmacêutico Chiquinho Nogueira Seguramente, uma das primeiras a chegar em Porangaba, pois até meados do século passado eram poucos veículos desse tipo a circular na cidade.*

22. Linha de Ônibus

Luiz Manoel Domingues
(Proprietário)

A primeira linha de auto-ônibus, ligando Porangaba a Tatuí, pertenceu ao cidadão alcunhado de ***Zé Jardineira,*** conforme o testemunho de moradores mais antigos. Ninguém se lembra do nome completo, somente do apelido.

A ***jardineira*** era um ônibus antigo, aberto lateralmente. Aconteceu, mais ou menos, em 1920. A estrada era uma trilha ou um simples caminho, pois, até então, por ali transitavam muares, tropas, carros de boi e carroças. O corajoso Zé enfrentou o desafio, embora a viagem durasse quase o dia todo, com diversas paradas, torcendo sempre para que não chovesse, pois, então, a estrada tornava-se intransitável e o carro não passaria.

No ano de 1924, a exploração da linha já era feita por outras pessoas, o que pode ser comprovado através do anúncio publicado no jornal "O Progresso de Tatuhy", em 25/05/1924:

- *"Linha de Ônibus Auto-bond para Porangaba - Joaquim Nunes da Silva e Antônio Ribeiro Machado comunicam que se acham à disposição dos interessados, do público, para viagens de Tatuí a Porangaba, às segundas e terças, saindo do Largo da Matriz, em frente à Casa Fonseca, sendo que nos citados dias correrá para Porangaba às 11,00 horas e retornará às 3,00 da tarde. Preços: ida (só) 7$000; ida e volta 12$000. Pontos de parada: bairros do Turvo, Nico Pires, Cruz de Cedro e Marica Quadra".*

Não se tem notícias sobre a duração da linha, mas em 1930, o jornal "Cidade de Tatuí" noticiava que João Pereira Carraco, residente em Assis, mostrava interesse em implantar o serviço de jardineira entre Porangaba e Tatuí. Na mesma época, a linha de ônibus para Tatuí chegou a ser explorada pelo Samuel Telles, que veio de Cesário Lange; esse mesmo cidadão teve um carro de aluguel, sendo, possivelmente, o primeiro a explorar aqui o serviço de táxi.

Após 1930, chegou a existir duas linhas de ônibus para Tatuí, numa concorrência absurda e que chegou até a propiciar viagens gratuitas a muitos passageiros. A primeira foi explorada pelo português Manoel Gabriel Silva (*Silva da Jardineira*) e a outra pelos irmãos Luiz e Horácio Domingues (os Candido). A disputa durou pouco tempo e os Cândido, que chegaram a ter dois carros, venderam a "linha" ao sr. Ismael Galvão, de Cesário Lange. Este, logo em seguida, fez sociedade com o português Silva, que no final dos anos 30 já era o único proprietário. Manteve os serviços por algum tempo e, com a abertura da nova estrada de rodagem para Tatuí, já na década de 1940, vendeu a concessão a empresários de Tatuí, quando a firma passou a se chamar Empresa de Auto Ônibus São Jorge S.A., nome mantido até hoje, embora já tenha passado por diversos proprietários. Hoje, a empresa em

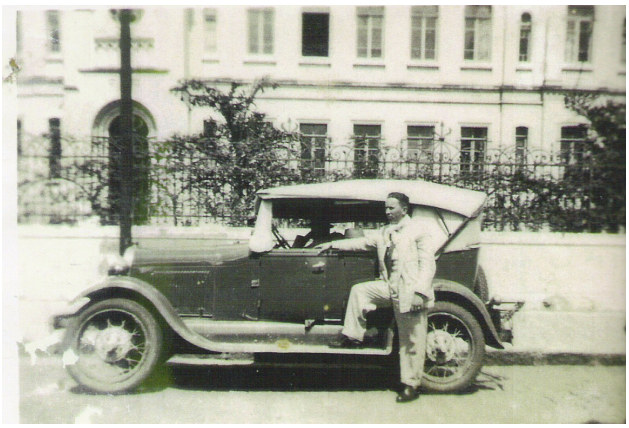
questão é uma das maiores da região sul paulista e somente para Porangaba, existem mais de 10 horários diários.

22. 1 Motoristas antigos

Lembramos com saudades dos motoristas que faziam a linha Porangaba/Tatuí. Todos, sem exceção, destacavam-se pela camaradagem e paciência com que atendiam os passageiros e pelos serviços que prestavam à comunidade. Eram sempre requisitados para compras (principalmente remédios), recados, encomendas e até transações bancárias que faziam em Tatuí. A jornada era cansativa, a estrada não ajudava com as exageradas e perigosas curvas, mas, mesmo assim, sempre se mostravam joviais e prontos para atender os diversos pedidos da população. A viagem chegava a durar quase duas horas e eles sabiam lidar muito bem com os sitiantes nos embarques e desembarques, nas paradas demoradas nos pontos, pois carregavam muitas malas de compras, instrumentos agrícolas como plantadeiras e bicos de arado, etc. e parece que não tinham pressa. Foi uma época bastante diferente e havia muito mais respeito e consideração às pessoas. No período de 1942 a 1965, aproximadamente, lembramos de alguns nomes: Gabriel Silva (motorista e proprietário, o Português), João Louco, Bioco, Romão Diciano, Cornélio Leme, José Vieira de Campos (Zé Vieira), Noel Nunes, Domingos Hessel, Aparecido, Angelino Nunes, Orlandinho, Acácio Rodrigues José Duarte, Alexandre Duarte, Lazinho Duarte, Gabriel, Zequinha, Luiz Camilo, Vicente, Guarú, Álvaro Leme, Eder Nunes (Ede), Antônio Leme (Tonho do Cornélio) e outros.

- *José Vieira de Campos, conhecido por Zé Vieira, natural de Cesário Lange, foi motorista da Empresa São Jorge e, por exigência do trabalho, mudou-se para Porangaba. Aqui, casou-se com porangabense Lourdes Biagioni e sempre foi muito atuante na sociedade local. Como empresário, explorou a linha de ônibus que ligava Porangaba a Torre de Pedra (1960-1968) e foi também comerciante, vereador, provedor da Santa Casa, presidente do Clube Recreativo 21 de Abril e presidente do Esporte Clube Porangabense. Atualmente, aposentando, ainda mantém uma pequena oficina de marcenaria, onde produz móveis diversos. Pessoa de fino trato, muito querido e respeitado por todos.*

23. Carros de Aluguel



Acácio Domingues e o Ford 29

O serviço de táxi ou *carro de aluguel,* como antes era chamado, existiu em Porangaba desde o final dos anos 20 do século passado e, possivelmente, o pioneiro foi Samuel Telles, que veio de Cesário Lange (Passa Três). Outros dois motoristas antigos foram: Luiz Carlos Vieira (Luiz Diniz) e João Manoel de Miranda. Dentre outros nomes, já em datas posteriores, destacaram-se: Pedro de Andrade Fogaça (Pedro do Bar), Lino de Andrade Fogaça, Antônio Bertin e Acácio Domingues (Acácio Cândido). Este último foi o que mais tempo permaneceu trabalhando como "taxista ", mais de 30 anos; inicialmente com um Ford Bigode, ano 29 e depois com uma perua "kombi" Volkswagen, fazendo, lotação para Tatuí. Ainda tivemos, o Armando Thomaz (tatuiense), conhecido como Armando Peixeiro; o Mizinha (homem franzino, de fala fina, que tinha também sapataria e cujo destino desconhecemos). Existiram outros, mas, sem dúvida, os citados foram os mais destacados e que por mais tempo trabalharam. Atualmente, a cidade não conta mais com o serviço de táxi, embora existissem, até há pouco tempo, "taxistas" cadastrados, representados por pessoas que se beneficiavam das facilidades oferecidas pela legislação, com consentimento das autoridades, para comprar veículos novos com preços especiais, financiados para tal fim e que, inexplicavelmente, desviavam para uso próprio, pessoal, sem se preocupar com a população. Era, então, prática comum.

24. Luz Elétrica e Telefone

Porangaba foi o último município da região tatuiense a receber luz elétrica e telefone, melhoramentos que, pela demora, já pareciam utópicos. Enquanto foi distrito de Tatuí, algumas

tentativas infrutíferas foram feitas, mas eram enganosas e logo foram esquecidas [15] . À época, então, o desinteresse sempre foi creditado às autoridades de Tatuí, mas, mesmo emancipada politicamente desde 1927, demorou ainda quase vinte anos para a implantação das melhorias. Tivemos, nesse período, outros projetos, mas os políticos locais se mostravam desmotivados pela falta de recursos. Na realidade, sempre faltou vontade política, somada ao pouco prestígio que nossos governantes tinham junto às autoridades estaduais.

Em 1945, com o fim conflito mundial, a queda do Estado Novo e a saída do presidente Vargas, houve intervenção nos municípios brasileiros. Porangaba não fugiu à regra e foi nomeado interventor, em 1946, Luiz Manoel Domingues ***(Luiz Cândido),*** comerciante empreendedor, ligado à oposição local. Então, à frente de um grupo de dedicados companheiros, propôs solucionar os mais graves problemas da comunidade a curtíssimo prazo, mesmo sem os recursos do erário municipal, e foram definidas como prioridades absolutas – a instalação do ***telefone*** e da ***luz elétrica.***

A água encanada, o maior problema, teve a solução protelada, mais uma vez, por se tratar de empreendimento complexo, um investimento bem mais caro. Para a ***instalação do telefone***, o primeiro passo foi buscar o dinheiro necessário com particulares, junto a alguns membros da comunidade, sob a forma de cotas de participação, em ações, com o compromisso de reembolso a curto prazo, parcelado, logo que o serviço fosse implantado, o que realmente aconteceu. [16] É preciso destacar dois colaboradores, os maiores cotistas, sem os quais os projetos não seriam bem sucedidos. *José Santos de Campos (Juca da Farmácia) e Abimael do Amaral (Nêgo da Coletoria), que entraram com grande parte dos recursos financeiros.*

Quanto à ***instalação da luz elétrica***, foi firmado contrato entre a Prefeitura Municipal e o alemão Stefan Maier *(Seu Estevão, o Alemão do Moinho),* que alugou os motores a diesel da sua indústria para tocar os geradores.

Para a efetivação dos serviços, as dificuldades a vencer foram enormes, provocadas pela ignorância e ciúmes dos adversários políticos. A começar, pela sabotagem feita no sistema de geradores elétricos, no dia da inauguração, quando pessoas não identificadas, na véspera, tentaram danificar os motores para impedir o funcionamento. No pequeno descuido do encarregado pelos equipamentos, sr. Benedito Rosa, foi adicionado uma substância estranha ao óleo diesel que chegou a parar as máquinas e provocou o "black-out", logo na primeira noite. A luz "acendeu" e "apagou"; enquanto uns lamentavam, outros vibravam... O problema foi identificado, exigiu reparações, e a luz foi restabelecida. Houve muita polêmica, acusações, envolvendo até o encarregado, mas nada foi provado, e o que realmente sucedeu nunca foi explicado. O mesmo aconteceu com o "telefone", que, frequentemente, tinha os fios cortados de forma inexplicável em pontos diversos, ao longo da linha. Aos poucos tudo se acertou e todos, sem exceção, acostumaram com o progresso.

- *A respeito das inaugurações em 1946, o padre Ambrósio Marks registrou no Livro do Tombo da Paróquia: "Depois de um lauto almoço oferecido (às autoridades e visitantes) na casa paroquial, pela cidade, todos se dirigiram ao centro de telefone, onde foi inaugurado o telefone, pela primeira vez na história da cidade. Às seis horas da tarde, o vigário da paróquia benzeu o maquinário e as instalações da luz elétrica, ligando em seguida a chave para iluminar pela primeira vez a cidade".*

---

[15] O jornal "O Progresso de Tatuí", na edição do dia 25/04/1926, publicou: *Linha Telefônica de Porangaba – "Em virtude das dificuldades opostas pela Brasilian Thelefone Cia. e da grande necessidade que tem Porangaba de se comunicar com mais facilidade com Tatuí, a Câmara Municipal resolveu mandar construir a linha telefônica entre Cesário Lange e aquela vila, achando-se já iniciado o transporte dos postes. Este melhoramento vem preencher uma grande falta, pois muitos prejuízos tem sofrido a população porangabense pelas dificuldades de se comunicar rapidamente com Tatuí. Porangaba merece os nosso parabéns e louvores merece a Câmara Municipal por esse ato".*

[16] *Horácio Cândido (meu saudoso pai) dirigiu os serviços de transportes para atender os dois projetos. Começou, então, um trabalho diuturno para que fossem adiantados. A extensão da linha telefônica foi feita até o município de Cesário Lange, sendo os postes de madeira adquiridos em Bofete; os materiais restantes foram comprados em São Paulo. Para a linha elétrica, os materiais foram adquiridos da mesma forma, os postes de madeira em Conchas, e o restante em São Paulo, inclusive os geradores. Na parte de telefonia, os serviços foram acompanhados pelo funcionário Osório, da Companhia Telefônica do Estado de São Paulo, do Posto de Tatuí. Já na instalação elétrica os serviços foram orientados pelo eletricista Antunes, da cidade de Bofete. No prazo de um ano, em 1946, as benfeitorias foram entregues. Porangaba conseguiu sair do isolamento de quase um século após sua fundação, precisamente 85 anos depois. Infelizmente, o prefeito Luiz Candido permaneceu no governo por pouco tempo; o seu mandato foi de outubro/45 a março/47.*

No início, por motivos políticos, a adesão aos novos serviços foi muito pequena. A gestão do prefeito Luiz Cândido durou pouco tempo e após sua saída, em 1947, foram bastante difíceis as negociações à municipalização definitiva dos serviços. Felizmente, foi encontrada a solução para a transferência e regularização dos pagamentos.

- *É importante ligar aos acontecimentos que a liderança política de Dassás Vieira de Camargo, chefe nascido dentro do coronelismo, estava ameaçada pela nomeação de um opositor como interventor, daí ter usado todo o prestígio para anular o ato em questão. Somente em 1947 conseguiu seu intento ao nomear o prefeito Eurico Fogaça, seu sobrinho.*

Na transição, foi fundamental o papel moderador do sr. Benedito de Oliveira Vaz, que, eleito prefeito, assumiria no ano seguinte. Convenceu os companheiros mais radicais, (que não queriam a municipalização dos serviços), para que recebessem as benfeitorias e pagassem os investidores. Com sua intervenção, venceu o bom senso e tudo foi resolvido satisfatoriamente. Porangaba tinha conseguido solucionar dois gravíssimos problemas.

O sistema de "luz a motor" funcionou até que chegasse a energia elétrica de Pereiras, quando, então, a cidade passou a ter atendimento integral. Antes, tínhamos energia das 18,00 às 24,00h e algumas horas a mais em ocasiões excepcionais, inclusive, nos finais de semanas. Foi um grande feito do novo prefeito. A água encanada somente foi implantada, uma década depois, na gestão do prefeito Mário Antônio Nogueira.

25. Centro Telefônico

O primeiro centro telefônico foi instalado numa casa, hoje não mais existente, na rua Braz Gica da Paz, no local onde atualmente é a residência da viúva do maestro Cezarino Antunes Correa. A primeira telefonista foi Rute Alvarenga Cassetari. O equipamento (mesa) era bastante simples, manual, com poucas linhas (no máximo 30 usuários), e uma centena de pares de fios com as conexões nas extremidades, que constituíam um verdadeiro desafio aos técnicos e a operadora. Dali, foi transferido para outra casa, também não mais existente, ao lado do Clube Recreativo 21 de Abril, na rua 4 de Junho, onde hoje é a moradia do sr. Plínio de Oliveira Vaz. Trabalharam ali as telefonistas: Ada de Oliveira Vaz, Francisca Nogueira Vieira e Maria Gláucia Vaz. Funcionou por alguns anos, mudando-se, depois, para um cômodo no prédio antigo da Prefeitura, à rua professor Antônio Freire de Souza, onde funcionou depois o Serviço de Alistamento Militar. Quando os serviços de telefonia passaram para a Companhia Telefônica do Estado de São Paulo, através da COTESP - Cia. Telefônica de São Paulo, ali ainda trabalhavam: Lenita Almeida, Maria Aparecida Vaz, Fátima Serafim, Sônia Novack e Helena Ribeiro. Permaneceram até a instalação do sistema automatizado DDD, totalmente moderno, que dispensou os serviços de operadores.

26. Linhas telefônicas particulares

Como referência histórica, antes de 1946, chegaram a existir duas linhas telefônicas particulares no município. Ligadas ao posto telefônico de Cesário Lange, a primeira foi construída por Pedro Nogueira (comerciante em Porangaba) e a segunda por João Sebastião Vieira (comerciante no bairro dos Miranda), mas ambas tiveram pouca duração por problemas diversos e políticos. Foram construídas em épocas diferentes, a partir dos anos 30 do século passado. No final dos anos 50, mesmo com a linha telefônica municipal funcionando, o comerciante Adélio Antunes da Rosa, do bairro dos Ferreira, teve sério desentendimento com o prefeito Mário Nogueira quanto à utilização da rede para ligar o seu aparelho. Em decorrência, como não houve acordo, mandou fazer, por conta própria, uma rede particular ligando sua propriedade à cidade de Cesário Lange. O confronto provocou o agravamento da pendência, com o prefeito mandando interromper o funcionamento (cortar a linha), fato que gerou inimizades, prejuízos e a desativação provisória. O assunto foi parar na justiça e, tempo depois, o comerciante teve ganho de causa, sendo autorizado a utilizar a linha direta.

27. Indústria

O que poderemos chamar de "indústria" em Porangaba, em todos os tempos? Pequenos e tímidos empreendimentos e que, curiosamente, ainda persistem. Até o ano de 1946 não tínhamos energia elétrica e telefone. A água encanada veio muito tempo depois. Existia somente a estrada de rodagem para Tatuí, via Cesário Lange, mas, mesmo assim, de terra, apedregulhada e ficava intransitável por ocasião das chuvas. Os caminhos

para outros municípios vizinhos também eram precários. Nunca existiu a infra-estrutura suficiente, mínima, para o crescimento industrial.

Os investimentos eram feitos, exclusivamente, para atender as necessidades primárias da agro-indústria. Nas primeiras décadas do século passado já existiam máquinas de beneficiar café e algodão na cidade, na fazenda São Martinho, no bairro da Serrinha e, também, na fazenda da Serra do Amaral. O que sabemos concretamente é que na chácara (atual) do sr. Júlio de Oliveira Vaz, que antes pertenceu às famílias Miranda e Valêncio, no lugar - (mais tarde, na parte do rio que ficou conhecida como poço da máquina, onde as crianças iam nadar) - no lado direito do rio Feio, no sentido descendente, chegou a existir em épocas diferentes, máquinas de beneficiar algodão, café, um moinho de fubá e até uma serraria. Primeiramente, foi proprietário o coronel Francisco Vieira de Camargo (Chico Vieira), de Tatuí. Depois, passou para o sr. Domingos Manoel de Miranda que em 1917 vendeu para a firma Pereira Ignácio e Cia., de São Paulo. Em seguida, passou a pertencer ao dr. Alfredo Leal, de Tatuí. Ali funcionou então a serraria que mais tarde foi comprada pelos árabes, irmãos Jorge e Abrão Abud (1922), da viúva Maria Seabra Leal. Foi desativada na década de 30 do século passado, quando os proprietários venderam os equipamentos para um comerciante de Bofete e mudaram-se para a cidade de Birigui. Na mesma época, na atual rua Dassás Vieira de Camargo, na altura do Posto de Saúde, também existiu outra máquina de beneficiar café ou algodão que pertenceu, segundo alguns moradores mais antigos, à Família São Pedro.

A primeira olaria de Porangaba, então Freguesia da Bella Vista de Tatuhy, de acordo com os registros no Livro do Tombo, foi instalada, provavelmente, no final do século 19 e pertenceu a João Afonso Pereira, comerciante forte no povoado. Depois vieram outras: *de Chico Teeiro, Calintro, Camilo Rosa, João Paes da Silva, Salvador do Amaral Camargo, Manoel Ignácio São Pedro, Domingos Manoel de Miranda, João Nucera (Carmelo), Antônio Alves Antunes, Francisco Janetti, Joaquim Celestino de Oliveira, Joaquim Firmino Correia, Lázaro Franco do Prado, Luiz Gabriel Pereira, Pedro Bertoncini, João Nunes Diniz, Simão Diniz, Família Lima, João Geraldo, João Valário (do Carmelo), Elias Rihbani, etc.*

Existiu também, antes, o alambique de aguardente de propriedade de Camilo de Monte Carmelo, avô do Nenê Telles, instalado na atual rua 4 de Junho, na altura da residência da Família Vagner, perto da Casa da Lavoura.

Na chácara que foi do sr. Elias Silva, e que antes, lá pelos idos de 1910/20, pertenceu ao português Manoel Ignácio São Pedro, na saída para Bofete, além da olaria, existiu nos anos 1941/45 a leiteria, o *lacticínio*, do empresário paulista Ardino Barto, sendo administrado pelo sr. Cassiano Fogaça. O leite era desnatado e enviado em latões à Usina Santa Rita, em Tatuí. Porangaba teve, também, mais ou menos no final da década de 30 do século passado, uma "fábrica" de sabão do comerciante Antônio Machado da Silva, instalada na casa situada na esquina da atual rua 4 de Junho com a rua Segismunda Machado, que hoje pertence ao comerciante Benedito Leme.

Funcionaram, também, na cidade, por muito tempo, os moinhos (engenhos ou máquinas de moer ou de triturar grãos), especialmente, para o milho e produção de seus derivados: fubá, quirera, canjica e farinha de milho, e, também, as máquinas de beneficiar arroz. Dentre todos, merecem destaque especial: Stefan Maier, o "***Alemão"*** e Ângelo Bechelli, o "***Té Amanhã*** ". Um dos últimos moinhos a funcionar na cidade foi dos irmãos Nunes (Noel, Angelino e Minguinho).

- *É importante registrar que até meados do século passado, muitos sitiantes ainda possuíam as suas engenhocas próprias e outros equipamentos para pilar o milho, descascar café, fazer farinha de milho e de mandioca, descascar o arroz, fazer o acúcar, etc. Tinham, além do pilão, os monjolinhos de pé, os monjolos de madeira conhecidos como bugio (que era tocado por animais – burros ou uma junta de bois) e até os movidos a água.*

Nos anos 40 do século passado, existiu o moinho e torrefação de café de propriedade do comerciante Aldo Angelini, que comercializava o "Café Angelini". Funcionou numa casa da rua professor Antônio Freire de Souza (antes XV de Novembro), defronte à Prefeitura Municipal. Lembramos que ali trabalhavam, entre outros, *Melico de Conchas, Paulo Moraes e Silva Ovídio Mendes, Geninho e Menzico,* que faziam a torrefação e o empacotamento do café.

Em 1950, tínhamos somente 15 indústrias taxadas no Imposto de Indústrias e Profissões, empregando 60 operários.

Fonte: Livro dos Municípios do Estado de São Paulo – 1951.

Atualmente, as atividades industriais em Porangaba continuam bastante tímidas e a falta de um "plano industrial" inibe a vinda de empresários. As condições à implantação de um pólo industrial são desencorajadoras, pois além

de não possuir uma política atrativa, falta a infra-estrutura necessária; inexistem incentivos, planejamento e zoneamento. Hoje, a nossa indústria é representada por um número reduzido de micro e mini-empresas, que operam com madeira (móveis, serrarias), olarias, extração de calcário, produção de adubos, produtos químicos, etc. O crescimento é insignificante, sem perspectiva de expansão e a geração de novos empregos, embora exista sempe a esperança de que, com o deslocamento do eixo industrial da Capital para o oeste paulista, Porangaba possa receber a curto prazo algumas empresas paulistanas.

28. Comércio

A história do comércio em Porangaba é idêntica a de outras pequenas cidades. Antigamente, os sitiantes faziam quase tudo e só iam à "praça" para comprar o que não produziam. Eram poucos os negócios; consumiam o que plantavam e fabricavam e, nos anos de abundância, quando sobravam produtos, os mesmos "não alcançavam bons preços". As sobras não eram perdidas; eram dadas às criações. Era até comum usar o leite que sobrava para engordar porcos.

Os utensílios eram, na maior parte, feitos em casa. O povoado mais próximo (Tatuí) distava seis léguas, para onde se locomoviam em situações especiais na busca principalmente de sal, quando formavam cargueiros de galinhas para vender, já que o lucro compensava.

Quando virou ponto de pouso, a primeira "venda" foi certamente um entreposto e tinha de tudo; passou a atrair o povo que vivia espalhado na região e que já não mais precisava ir a Tatuí. Além de abastecer, o vendeiro passou a alugar pastos para o pernoite de tropas de muares e de cargas e oferecer, também, pousada aos tropeiros e viajantes, que se acomodavam nos ranchos. Com a criação do distrito, surgiu, então, um novo comércio com armazéns de secos e molhados, lojas de fazendas (tecidos) e armarinhos, ferragens, bares, pensões, etc. As relações comerciais passaram a ter características bem próprias, como, por exemplo, o fornecimento para pagamento a prazo, na colheita, ou na base de troca (uma espécie de escambo), etc. No começo do século passado, principalmente, o comércio já era bastante movimentado e as "vendas" abasteciam os moradores do povoado e dos sítios, além dos tropeiros e viajantes que aqui passavam.[17]

Anúncio no Almanach Tatuhyense para o Anno de 1900, organizado por Affonso Guimarães Porto
Tatuhy – São Paulo – Brazil

Armazém de Seccos e Molhados
de
ARCHANJO GORGA

Completo sortimento de bebidas nacionaes e estrangeiras, farinha de trigo, bacalhau, doces em latas, arroz, feijão, conservas, assucar, kerozene e muito mais artigos.
Preços baratíssimos

BELLA VISTA

Merecem citação especial os representantes comerciais, conhecidos por *viajantes*, que para cá vinham, diretamente ou de passagem, e que prestavam serviços inestimáveis ao comércio local. Faziam a ligação entre os negociantes daqui com as casas atacadistas e os fornecedores dos grandes centros. Visitavam as praças do interior, vendendo, recebendo e cobrando, etc. Bela Vista foi, certamente, um dos locais de pouso obrigatório àqueles que seguiam para o sertão, na rota dos tropeiros. Conhecidos como "*cometas*", chegavam a dormir e comer nas pousadas existentes ao longo do caminho. Além de Botucatu era tudo sertão bruto, território de bugres, mas, mesmo assim, se faziam presentes nos entrepostos que iam nascendo nos novos núcleos que se formavam. Pessoas afáveis e com certa cultura, sempre estavam a par das novidades, dos acontecimentos recentes, da moda que imperava e eram muito bem recebidos. Por outro lado, como não existiam bancos comerciais, como homens de confiança, transportaam muito dinheiro dos fregueses para transações e depósitos, sendo, muitas vezes, assaltados e até assassinados. Apesar dos perigos, muitos deles se enriqueceram e tornaram-se donos de firmas importantes.

Atualmente, as atividades comerciais são estáveis, próprias dos municípios pequenos, com pouca

---

[17] *Mas nem tudo corria tão bem assim, pois já existia uma população pobre, sem renda suficiente e trabalho fixo, que sofria com a carência e não tinha muita opção para compras em funçãos dos preços praticados pelos comerciantes locais; os pobres estavam sempre "pendurados" com os vendeiros. A propósito, consta nos Anais da Câmara Municipal de Tatuí, em ata de 1891, uma petição dos moradores de Bela Vista, encabeçada pelo capitão Francisco da Silva Cardoso, pedindo a criação de um "mercado" no povoado, o que possibilitaria combater os altos preços cobrados pelo comércio.*

expansão e crescimento limitado. Ficam restritas aos pequenos estabelecimentos comerciais varejistas, micro-empresas, empórios no ramo de secos e molhados, bazares, pequenas lojas de tecidos, de materiais elétricos e de construção, de peças e acessórios de veículos, prestadoras de serviços, postos de abastecimento de combustíveis, pontos de distribuição de gás engarrafado, mini-mercados, bares, pensões, restaurantes, lanchonetes, farmácias, açougues, padarias, locadora de vídeo, casa lotérica, barbearias e cabeleireiros, etc. O *artesanato* não tem grande peso no comércio local e, embora esteja presente, restringe-se às atividades manuais como bordado, crochê, tricô, selaria, peças de bambu, pintura em tecido, peças e móveis de madeira, etc.

Procurando homenagear os negociantes e comerciantes porangabenses, desde os pioneiros, na antiga Freguesia da Bella Vista, até os mais recentes, já nos anos 60 do século passado, relacionamos nomes, o maior número possível, em ordem alfabética, sem qualquer rigor cronológico. Fica explícito, desde já, que muitos nomes, certamente, estarão faltando por falta de informações e registros..

Sempre existiu a curiosidade de saber quem foi o primeiro que chegou e acreditou no "comércio" do bairro do Rio Feio. A dificuldade é enorme pela falta de documentos e os informes orais, hoje, já não são confiáveis.

Assim mesmo, aguça-nos a curiosidade e, quase com certeza, foi um desses nomes: ***Pedro José*** ou ***João Machado da Silva.*** O primeiro, parece-nos que já havia falecido antes de 1870 e até pode ser o pioneiro. Ele já estava por aqui desde 1840, o que pode ser comprovado através de certidões de registro de posse terras, devolutas ou compradas, expedidas pelo Arquivo Público do Estado de São Paulo – Setor de Paleografia. O segundo casou-se no ano de 1859, em Tatuí, e deve ter vindo em seguida, após 1860 ou um pouco depois, já que consta como o único comerciante cadastrado pelo 3º. Distrito do "Termo de Tatuhy", em 1873, no bairro do Rio Feio, com armazém de secos e molhados. (Almanak da Província de São Paulo, de José B. De Luné e Paulo Delfino). São hipóteses e dependem de comprovação.

Comerciantes de Porangaba - a partir de 1873 ....

Nomes	Atividades
Abílio de Jesus São Pedro	(loja de tecidos, armarinhos, etc)
Abílio Soares Palmeira	(bar, jogos)
Abílio São Pedro	(loja de tecidos)
Abimael do Amaral	(açougue)
Acácio Bino	(venda)
Acácio Lopes de Moura	(comerciante)
Adalberto Pedroso Silva	(produtor agrícola)
Adélio Antunes da Rosa	(venda, comerciante, agricultor)
Adolfo Cassetari	(comerciante)
Adolfo Rosa	(fogueteiro)
Adolfo Signorine	(açougue)
Adonias do Amaral Camargo	(padaria)
Afonso Avallone Júnior	(farmácia)
Agenor Antunes	(sapataria, açougue)
Agenor João de Ávila	(negociante)
Agostinho Angelini	(cinema, comerciante, etc)
Agostinho Cassetari	(botequim)
Agostinho Soares Leite	(comerciante)
Albertino dos Reis	(sapataria)
Alberto Stape	(cinema)
Aldo Angelini	(armazém, loja, torr.café, com. de algodão, etc.)
Aleixo Mariano	(bar, sorveteria)
Alfredinho Galvão	(alfaiataria)
Alfredinho Turco	(loja)
Amadorzinho	(venda)
Amadeu Ribeiro	(açougue)
Amâncio de Oliveira Pinto	(armazém)
Amândio Luiz Fernandes	(armazém, loja, etc)
Amaral & Cia.	(comercialização de algodão)
Amauri dos Reis	(açougue, padaria)
Ana Hipólita de Oliveira	(pensão)
Ângelo Bechelli	(bar, armazém, padaria, etc)
Ângelo Cassetari	(comerciante)
Ângelo Fogaça de Almeida	(Ângelo Neco) (barbearia)
Ângelo Vangioni	(comerciante, algodão,etc)
Anísio Xavier da Costa	(comerciante)
Antônio Alves Antunes	(negociante,olaria, bar,sorveteria,etc)
Antônio Alves de Camargo	(negociante)
Antônio Alves Ferreira	(armazém)
Antônio do Amaral Neto	(comerciante)
Antônio Antunes de Miranda	(armazém).Rib.Conchas-1885
Antônio Brizaco	(funileiro)
Antônio Cândido Aires	(padaria, armazém, etc)
Antônio de Campos Pires	(negociante)
Antônio Dionísio Soares	(pensão) Pensão São Vicente
Antônio de Pádua Fiuza	(picador de gado)
Antônio Florentino Soares	(fazendeiro, produtor agrícola)
Antônio Fogaça Leite	(armazém, com. algodão, etc)
Antônio Machado da Silva	(armazém, padaria)
Antônio Manoel da Silva (Poli)	(venda)

Antônio Maria Tricta (administrador de fazenda, comerciante)
Antônio Nunes da Silva (armazém, açougue, loja, com. algodão, etc.)
Antônio Paulino Pereira (armazém)
Antônio Paulino Telles (negociante, armazém)
Antônio Pereira dos Reis Filho (padaria, agricultor)
Antônio Ribeiro Machado (negociante)
Antônio Rochiciolli (negociante)
Antônio Rodrigues Coração (negociante, com. de algodão, etc.)
Antônio Sebastião Vieira (bar)
Antônio Soares de Camargo (negociante)
Antônio Teodoro Martins (armazém) - Partes
Aparecida Gomes de Almeida (comerciante)
Archajo Gorga (armazém)
Ataíde Pereira Domingues (açougue, venda, bar)
Ataliba da Costa Ávila (farmácia)
Augustinho Lunardi (comerciante)
Augusto Pereira Diniz (padaria)
Avito Alves Correa (negociante)
Benedito Custódio Barreto (loja)
Benedito de Barros (alfaiataria)
Benedito de Oliveira Vaz (comerciante)
Benedito Domingues Alves (Dito Estudante) (armazém)
Benedito Florentino (Dito do Amador) (açougue)
Benedito Fogaça Leite (produtor agrícola, fazendeiro)
Benedito Gianotti (farmácia, negociante,etc)
Benedito José Soares (Nhô Tico) (armazém, pensão)
Benedito Leite Cassimiro (venda)
Benedito Paes Camargo (comerciante)
Benedito Prestes Vieira (Dito Ruivo) (padaria, bar, etc)
Bento Antônio Rodrigues (armazém, padaria)
Bento Gabriel (armazém, padaria)
Bento Manoel Domingues (armazém, açougue, produtor agrícola,com. algodão,etc.)
Bina Ribeiro (venda) – Partes
Bonini Rochicioli (Rochixol) (venda, fazendas) 1885
Bráulio de Campos Mello (carpintaria)
Braz Gica da Paz (bar, restaurante, pensão, etc)
Calintro Alves de Oliveira (olaria, etc.)
Camargo Soares de Almeida (bar)
Camillo de Monte Carmello (negociante)
Camilo Príncipe de Moraes (fazendeiro, produtor agrícola, etc.)
Camilo Rosa (armazém, olaria)
Cândido Correa Machado (Candu) (bar e pensão)
Carlos Cassetari (negociante)
Carlos de Almeida Barros (bar, restaurante, loteria,etc)
Carlos Frederico dos Santos (farmácia)
Carmelo Catel (cinema)
Carmem Sinti Barreto (loja)
Carmo Alpaio (comerciante)
Carmo Sícari (padaria)
Cesário Fogaça de Almeida (Cesário Neco) (comerciante)
Cesário Luiz Vieira (comerciante)
Cesário Maurício (loja, armazém, açougue, com. algodão ,etc)
Cesário Ribeiro Bueno (armazém)
Cezarino Antunes Correia (sapataria)

Chico Teiro (olaria)
Constantino Cassetari (comerciante)
Cornélio Amaral (negociante)
Crispim Antônio Rodrigues (negociante)
Crispim Francisco Paulino (negociante, cinema)
Cristino dos Santos (venda) - Partes
Daniel Dias de Camargo (produtor agrícola)
Darci (venda) - Saltinho
Dassás Vieira de Camargo (com. de algodão, negociante, produtor, etc)
Décimo Alves de Camargo (açougue)
Demétrio Rafael de Campos (Demétrio Tertuliano) (negociante, picador de gado)
Deolindo (Mata Fome) (quitanda)
Diniz de Tatuí (bar)
Diomar Gianotti (negociante, com. de gado)
Dionísio Parga (fazendeiro, comerciante,produtor agrícola, café, com. algodão,etc)
Dirceu de Mello (alfaiataria)
Ditinho Açougueiro (açougue)
Ditinho Leite (bar)
Domingos Antão Machado (bar, restaurante, pensão, etc)
Domingos Camerlingo (armazém)
Domingos Cândido Domingues (venda – Saltinho)
Domingos Ignácio São Pedro (comerciante) (quitanda)
Domingos Manoel de Miranda (armazém, olaria, cinema, com. algodão, etc.
Domingos Martins (armazém, sapataria, etc)
Domingos Nogueira (açougue)
Domingos Nunes da Silva (açougue, sorveteria, etc.)
Domingos Silvestre Domingues (negociante)
Eduardo Bassoi (armazém, loja, com. de algodão, etc)
Eduardo Miranda da Silva (comerciante)
Efísio Magnani (Efrísio Italiano) (armazém)
Eládio Pereira dos Reis (padaria)
Elias Calil (negociante)
Elias Fadel Fadel (loja de tecidos, sapatos, chapéu e perfumaria), etc.
Elias Nunes da Silva (armazém)
Elídio do Amaral (produtor agrícola)
Emílio Hadad (pensão, sorveteria, etc)
Enéas Avallone (marceneiro)
Erasmo Pedroso de Oliveira (armazém, comerc. de algodão, etc.)
Estevão Ianoski (alfaiataria)
Euclides de Oliveira Pinto (marcenaria)
Eufrásio do Amaral (negociante)
Eugênio Geraldini (relojoeiro)
Eurico Fogaça (açougue)
Evaristo da Matilde (bar)
Ezequias João de Ávila (sapataria)
Ezequiel Pires de Camargo (fazendeiro, produtor agrícola)
Faria de Tatuí (pensão)
Felício Izzar (loja)
Felipe Colaço (sapataria)
Felisbino Mariano (açougue) Bino Mariano
Felix Radice (com. de algodão)
Felix Zacca (farmácia)
Fernando José Perpétuo (negociante)

Fernado Machado (loteria)
Firmino de Mello (alfaiataria)
Firmino O.de Mello Palmeira (armazém)
Florinda Bueno Vaz (armazém, bomba de gasolina)
Florival Moreira da Silva (farmácia)
Francisca Pinheiro de Moura (botequim)
Francisco Alves de Camargo (produtor agrícola)
Francisco Alves do Reis (padaria)
Francisco Angelini (Chicão) (comerciante, açougue)
Francisco Antônio Rodrigues (comerciante)
Francisco Antunes Sobrinho (venda, algodão, etc.) - Ferreira
Francisco Aurélio de Medeiros (jogos, víspora)
Francisco Brasili (venda, com. de algodão)
Francisco Carneiro da Silva (farmácia)
Francisco da Silva Cardoso (comerciante, agricultor)
Francisco de Oliveira Pinto (Chiquito) (sapataria)
Francisco Diniz Vaz (ourives)
Francisco do Amaral Camargo (negociante, armazém, algodão, etc 1880)
Francisco Domingues Ferreira (negociante, com. algodão, etc)
Francisco Florentino (comerciante)
Francisco Fogaça Leite (produtor agrícola)
Francisco Janetti (olaria)
Francisco Lopes da Silva (loteria)
Francisco Manoel de Miranda (armazém, com algod.)Aleluia. Francisco Martins Ferreira
Francisco Miranda Nogueira (farmácia)
Francisco Nunes de Oliveira (alfaiataria
Francisco Novaes (negociante)
Francisco Paes da Silva (armazém)
Francisco Patrocínio S. Pedro (loja, negociante, cinema, etc)
Francisco Pinto da Silveira (bar)
Francisco Pires de Campos (armazém) – Aleluia (1873)
Francisco Ribeiro Bueno (comerciante) - Lopes
Francisco Rodrigues Dutra (farmácia)
Francisco São Pedro Martins (ourives, relojoeiro,negociante)
Francisco Scaglione (farmácia)
Francisco Stefanoski (alfaiataria)
Francisco Xavier da C. Júnior (fazendeiro, negociante, produtor agrícola)
Frank Sá (armazém, comercialização de leite))
Franklin (padaria)
Franklin da Palma (barbearia)
Geraldino De Simone (negociante)
Giocomo Ballarini (negociante)
Giocondo Biagioni (açougue)
Giocondo Rossi (armazém, loja, padaria, etc.)
Giuliano Bassoi (comerciante)
Guilherme Wagner (armazém, com. de algod., etc)
Gustavo de Almeida Barbosa (bar)
Henrique Harnich (cinema)
Henrique Pedro Rossi (armazém, comerc. de algodão,etc.)
Henrique Pinto da Silva (açougue)
Hermenegildo Soares Ramos (bar, sorveteria, armazém, etc)
Higino Nordi (sapataria)
Honorato da Cruz Falkenbach (comerciante, produtor, pecuarista, etc.)
Honório Lopes Cardoso (negociante, com. de algodão, etc.)
Horácio Francisco da Silva (armazém)
Horácio Manoel Domingues (armazém, produtor agrícola, com. de algodão, etc)
Ica Amaral (padaria)
Ignácio Fogaça Leite (armazém) - Ribeirão das Conchas - 1873
Iracema Isabel Biagioni (bar)
Isaias Diniz Vaz (negociante, pensão, etc.)
Isidoro Manoel Pereira (carpintaria)

Januário Festa (negociante)
Jaures Soares Ramos (padaria)
João Affonso Pereira (negociante, armazém, taberna, olaria,etc) 1885
João Antônio dos Reis (armazém) (Bairro dos Marianos)
João Augusto Cassimiro (negociante)
João Avallone (farmácia)
João Bassoi (armazém, loja, açougue, comerc. algodão, etc.)
João Batista (pai do Zé Batista) (armazém)
João Baptista de Camargo Barros (negociante)
João Bimbati (padaria, pensão)
João Colombara (negociante)
João Correia da Silva (açougue)
João de Paula Neto (comerciante) (Tangará)
João do Amaral Camargo (fazendeiro, agricultor, etc.)
João Firmino Correa (bar)
João Fogaça de Almeida (armazém)
João Géca de Moraes (venda) - Serrinha
João Gerotto (comerciante)
João Gorga (comerciante)
João Gribeler (Moreira) (João Seleiro) (selaria)
João José de Oliveira João do Deolindinho (bar)
João Machado da Silva (armazém, pousada,etc) (1873)
João Marinoni Machado (bar)
João Nucera (Carmelo), olaria
João Nunes Diniz (olaria)
João Offa (admin.de fazenda, negociante)
João Paes da Silva (olaria)
João Pedroso de Oliveira (negociante, produtor agrícola, com algodão,etc.)
João Pescatori (comerciante)
João Pinto da Silveira (comerciante)
João Rodrigues Coração (armazém) Pedroso
João Rosa de Oliveira (negociante, com. algodão, etc)
João Ribeiro de Campos (negociante)
João Rufino da Silva (produtor agrícola)
João Sebastião de Miranda (armazém)
João Sebastião Vieira (armazém, com. de algod. etc) João Serafim de Abreu (Tonhã)(açougue)
Joaquim do Amaral Camargo (negociante) 1881
Joaquim Cardoso (venda) - Serra do Amaral
Joaquim Celestino de Oliveira (olaria)
Joaquim da Costa Machado (negociante, produtor agrícola)
Joaquim Farah (negociante)
Joaquim Firmino Correa (olaria)

Joaquim João Arab (Joaquim Turco) (armazém, loja)
Joaquim Leite Ribeiro (comerciante)
Joaquim Nunes da Silva (comerciante)
Joaquim Moraes (negociante)
Joaquim Paes de Camargo (negociante, com. de algodão, etc)
Joaquim Pires de Camargo (armazém)
Joaquim Roque (armazém) - Ferreira
Joaquim Simão de Miranda (comerciante)
Joaquim Vicente de Miranda (comerciante, armazém, produtor, com. de algodão, etc.)
Joel Almeida Miranda (negociante, etc)
Jonas Correa (armazém) - Saltinho
Jorge Apolinário da C. Neves (farmácia)
Jorge Rachid (loja)
José Afonso Tricta (fazendeiro, produtor agrícola, etc.)
José Aidano de Sá (barbearia)
José do Amaral C.Sobrinho (taberna)1885
José Alves Antunes (loja de tecidos)
José do Amaral Camargo (padaria)
José Anselmo (alfaiataria)
José Antônio de Medeiros (Zé Colaço) (açougue)
José Bertin (comerciante)
José Bráulio de Campos Mello (fazendeiro, produtor agrícola, etc.)
José Capuano de Camargo (comerciante)
José Carlos Loureiro (Maneco) (padaria)
José Celestino de Oliveira (negociante)
José Colombara (administrador de fazenda, negociante)
José da Rosa Netto (comerciante)
José de Souza Filho (comerciante)
José do Amaral Camargo (negociante 1880)
José do Amaral Júnior (fazendeiro, produtor agrícola, etc.)
José do Amaral Neto (Zé Pirata) (açougue)
José Ferraz de Arruda Campos (negociante)
José Florentino Paulino (negociante)
José Fogaça de Almeida (açougue, negociante)
José Jordão (relojoeiro)
José Leite de Siqueira (comerciante)
José Lemes de Souza (comerciante)
José Leôncio de Sá (bilhar)
José Mariano Francisco (comerciante)
José Martins (armazém)
José Mendes Castanho (comerciante)
José Nunes da Silva (empório, padaria)
José Nunes de Miranda (armazém) Neno
José Nunes Gomes (negociante)
José Reducino Fragoso (sorveteria)
José Sanches Poso (comerciante)
José Santos de Campos Juca da Farmácia (farmácia)
José Tomé (Pepino) (padaria)
José Victorino Dias/Dona Bela (comerciante, bar, etc)
Jucundino(Geocondino)Bertoni (taberna)1885
Julieta de Moura Machado (hotel)
Júlio Domingues (sapataria)
Justiniano Vieira Pinto (fogueteiro)
Juvenal de Oliveira e Silva (Daí) (armazém, loja)
Juvenal Nunes Pereira (pensão)
Juvenal Ribeiro Bueno (açougue)
Juventino do Amaral Camargo (fazendeiro, produtor agrícola, etc.)
Laurinda Mairacini Fadel (loja de tecidos, perfumaria)
Lauro Prestes de Camargo (farmácia)
Lázaro Cubas do Amaral (armazém)

Lázaro Fogaça (comerciante)
Lázaro Francisco do Prado (olaria)
Lázaro Nogueira da Silva (Pingo)(botequim)
Lázaro Pinto da Silveira (armazém, algodão, etc.)
Lázaro Selvo de Oliveira (barbearia)
Lazinho Soares de Almeida (cinema)
Leandro Dias de Camargo (produtor agrícola)
Leôncio Lopes de Moura (armazém)
Leôncio Manoel de Oliveira (pensão, bar e bilhar)
Leopoldo Hermelino Soares (armazém, com. algodão, etc)
Liberalina de Paula Colombara (armazém)
Licério de Oliveira Pinto (carpinteiro)
Ludwing Wagner (Luiz) (comerciante, bar)
Luiz Angelini (alfaiataria, armazém, loja, com. de algodão, etc)
Luiz Biagioni (padaria, hotel, bar, sorveteria,etc)
Luiz Camerlingo (armazém)
Luiz Gabriel Pereira (olaria)
Luiz Manoel Domingues (armazém, com. de algodão, etc.)
Luiz Rodrigues dos Reis (produtor agrícola)
Luiz Sola Ares (armazém, negociante,com de algodão, etc .)

Lulú Carneiro (armazém)
Mamede Cassimiro (comerciante)
Manoel Alemão (funileiro) lateiro
Manoel Alfaiate (alfaiataria)
Manoel Alves Antunes (armazém, loja, etc)
Manoel Bento Paulino (negociante)
Manoel C. Adolfo Signorine (açougue)
Manoel Emílio São Pedro (padaria)
Manoel Felizardo (padaria)
Manoel Gabriel Silva (pensão, linha de ônibus)
Manoel Guedes P.de Mello (fazendeiro, produtor agrícola, com.de algodão,etc.)
Manoel Ignácio São Pedro (olaria, pensão, comerciante, etc.)
Manoel Luiz Fernandes (armazém, açougue, com. algodão, etc)
Manoel Martins (comerciante)
Manoel de Mello (armazém, etc.)
Manoel Nunes do Prado (comerciante)
Manoel da Silva Cardoso (comerciante)
Manoel Soares da Silva (fazendeiro, agricultor, etc)
Manoel Soares Ramos (comerciante, padaria)
Manoel Vieira (bar)
Marcílio do Amaral Camargo (armazém)
Marcílio José de Oliveira (bar, restaurante, pensão, venda, etc)
Marcolina do Pedro Euzébio (pensão)
Maria Catani (comerciante)
Maria Francisca da Conceição (taberna)1885
Maria Fudoli (comerciante)
Maria Ignácia de Campos (quitanda, doces)
Maria Marcolina (pensão)
Mariano Capuano (armazém)
Marica Quadra (padaria) Lopes
Mário Amaral (alfaiate, relojoeiro)
Mário Dias Toledo (negociante)
Mariquinha (bar)
Martinho Pires (armazém)
Martinho Proença (Liberto) (açougue)
Martinho Ribeiro (venda)
Mateus Ribeiro (padaria, açougue)

venda- Pinto
Miltinho Spínola (Baiano) (açougue)
Miltinho Teixeira (açougue)
Milton Carneiro (açougue)
Mizael de Campos Silva (armazém)
Mizael José Ribeiro (cerealista, comer. de algodão, etc.)
Mizinha (sapataria)
Moacir José de Oliveira (comerciante)
Nazareno Tavante (Nazareno Italiano) (armazém)
Nelson Ribeiro de Arruda (negociante)
Nicanor de Paula (armazém) - Ferreira
Nico Ribeiro (venda) - Partes
Odilon Amaral Camargo (padaria)
Odir Soares Ramos (bar)
Olímpia da Silva Oliveira (pensão)
Olímpio Lopes (comerciante)
Olímpio Saldanha (comerciante)
Onozor Pinto da Silva (marcenaria, comerc. rádios)
Oraci Diniz Vaz (bar)
Orelino Antônio Martins (comerciante)
Oscar (bar) 39
Oscar Amaral Camago (produtor agrícola)
Oscar Carlos Avallone (farmácia)
Oscar de Paula Ribeiro (açougue)
Osias do Amaral Camargo (sapataria)
Osias Pitão (oficina, bicicletaria)
Osvaldo de Paula Ribeiro (bar)
Osvaldo Fogaça Leite (fazendeiro, produtor agrícola, etc.)

Otávio Gomes de Almeida (bar),
Otávio Hermelino Soares (armazém, algodão, etc. - Aleluia)
Otávio Rodrigues dos Reis (sapataria)
Otoniel dos Reis (sapataria)
Ovídio Mendes (comerciante)
Paulo Antunes do Amaral (armazém)
Paulo Cassetari (armazém)
Paulo de Campos Mello (produtor agrícola)
Paulo Moraes e Silva (sorveteria)
Pedro Alacrino da Silva (sitiante, agricultor, etc)
Pedro Antônio de Arruda (açougue)
Pedro Bernardino da Silva (botequim)
Pedro Bertoncini (olaria)
Pedro Cinemeiro (cinema)
Pedro Dias de Camargo (produtor agrícola)
Pedro Domingues Nogueira (negociante, produtor agrícola,com. algodão,etc)
Pedro Fogaça e Sizenando (bar, sorveteria)
Pedro José (venda, pousada, etc.)
Pedro Moreira da Silva (negociante, com. algodão, etc) (Pedroso)
Pedro Panichi (comerciante)
Pedro Pereira (alfaiataria) – de Pereiras
Pedro Theodoro (botequim)
Pereira Ignácio & Cia. (comerc. de algodão)
Pinotti Santos & Cia (comercialização de algodão)
Plínio de Oliveira Vaz (armazém)
Policarpo José Gomes (taberna 1880)
Pompeo Reale (cinema)
Primo Colombara (bar)
Rachid Sallum (negociante)
Rafael Camerlingo (armazém)
Rafael Cassetari (alfaiataria)
Rafael do Amaral Camargo (fazendeiro, produtor agrícola, algodão,etc.)-1880
Rafael Pássaro (armazém, padaria, loja e açougue, com. de algodão,etc)
Reducino José Fragoso (negociante 1880)
Renato Nogueira (comerc. de algodão)
Ricieri Grazioli (bar)
Rodolfo Palmeira (sapataria)
Roque Soares de Almeida (padaria)
Rosa Telles (botequim)
Rosária Maria da Conceição (Rosa do Candú) (pensão)
Rute Fiuza (comerciante)
Salatiel Fogaça (comerciante)
Salvador do Amaral Camargo (fazendeiro, comerciante, olaria, etc.)
Salvador Correia do Amaral (fazendeiro, produtor agrícola, etc.)
Salvador de Góis Pompeo (negociante 1880)
Salvador Leme de Souza (negociante)
Salvador Machado Alves (armazém, bar,etc)
Salvador Matias de Oliveira (negociante)
Salvador Miranda (comerciante)
Santino Biagioni (armazém, sapataria)
Saulinho dos Reis (sapataria)
Saulo Moraes e Silva (sapataria)
Sebastião Pérsio (comerciante)
Silvéria do Prado (padaria)
Silverinho Nunes (sapataria)
Silvério Bertoni (comerciante)
Silvério Martins (pensão)
Simão Diniz (olaria)
Simão José de Oliveira (negociante 1880)
Simeão de Siqueira Cleto (negociante)
Sinaldo Gomes de Almeida (bar)
Sisenando de A. Moraes (negociante 1880)
Sizefredo Evangelista Pires (comerciante)
Sindinha (botequim)
Tacito Carneiro (armazém) - Aleluia

Tatuzinho (venda) - Moquém
Teodoro de Oliveira Bueno (com. de algodão, etc)
Terezinha Rezende da Costa (pensão)
Tertuliano Florindo de Campos (açougue)
Tico Ribeiro - Partes (venda)
Trieste Biagioni (bar)
Uriel Antunes de Moura (produtor agrícola)
Veríssimo da Costa Machado (bar, armazém, sorveteria, etc)
Vicente Bertoni (comerciante)
Vicente Cardoso Machado (armazém)
Vicente Xavier (comerciante)
Virgílio Alves de Campos Lima (cerealista)
Virgílio P. de Oliveira (comerciante)
Virgilio Trindade de Ávila (farmácia)
Vitorino Alegre Ferreira (produtor, negociante, com. de algodão, etc).
Vitorino de Arruda (sapataria)
Wilson Falkenbach (armazém)
Xavier Alves Antunes (loja de tecidos)
Zacarias Abrão (botequim)
Zelindo Tavanti (comerciante)
Zezico de Barros (alfaiataria)
Zico (João) Cassimiro (padaria, pensão, etc.)
Zico de Oliveira (comerciante)
Zico Moraes (negociante)
Zico Serafim (venda)
Zoroastro Colombara (bar)

29. Curiosidades

Padaria [18]

- *A primeira padaria (antes, a produção era caseira) foi instalada em 1901 pelo italiano Luiz Biagioni - o Luiz Padeiro, como era carinhosamente chamado. Pessoa afável, bondosa e que até hoje é lembrada. Depois, além de bar e sorveteria, armazém de secos e molhados e até açougue, manteve durante muitos anos o Hotel Biagioni, o ponto de encontro de viajantes e famílias, que primava pela excelência de tratamento. Foi um estabelecimento tradicional pela qualidade e, sobretudo, hospitalidade da Família Biagioni, onde se reuniam os membros da comunidade para comemorar os grandes eventos sociais na cidade.*

- À respeito do ilustre personagem, o jornal "O Progresso de Tatuí", na edição de 13/12/942, publicou: *"**Falecimento** - Faleceu aos 67 anos de idade, dia 7 do corrente, o sr. Luiz Biagioni. O extinto nasceu na Itália a 18 de novembro de 1875 e veio ao Brasil aos 30 de agosto de 1901; aqui chegando montou a 1ª. padaria nesta cidade, sendo desde então vulgarizado por **Padeiro,** e aqui criou seu lar e patrimônio. Depois de exercer outros ramos, voltou à sua antiga padaria, onde veio falecer como o nosso Luiz Padeiro. Granjeara o extinto infinita amizade, mercê de seus elevados dotes de coração. Deixou viúva dona Maria Biagioni e os filhos Ângelo, viúvo; Bruna, casada como sr. Lindolfo Batista de Souza; Iracema, solteira; Trieste, casado com dona Leontina André, e Ítalo, solteiro".*

- *No ano de 1905 existia um único açougue na "Bella Vista de Tatuhy", já que era costume da época, na maioria das casas, cada família de posse abater de tempo em tempo uma "rês" ou um "capado" para o consumo próprio. Com o transcorrer do tempo, essa atividade de comercializar carnes de bois e suínos foi se desenvolvendo e a população aderiu ao hábito de comprar mais amiúde e em menor quantidade.*

- *As lojas de tecidos sempre existiram na cidade e eram conhecidas como "lojas de fazendas". Tivemos grandes lojas, mas cabe um registro especial à casa comercial do saudoso **Elias Turco** - **Elias Fadel Fadel**, libanês, que aqui chegou em 1941, adotou e amou Porangaba, onde formou sua família. Com a esposa Laurinda montou a "Casa Brasileira", que comandou por mais de 50 anos e que foi, por muitas décadas, a casa de comércio mais importante do município. Forneceu aos fregueses, indistintamente, produtos da melhor qualidade, vendendo a prazo e, principalmente, aos sitiantes para pagamento nas colheitas. Figura ímpar, no seu falar característico de árabe, às vezes temperamental, outras vezes dócil e até ingênuo, participou da vida social da comunidade com bastante destaque. Foi um líder natural das pessoas da zona rural, que lhe confiavam a guarda de valores (que permaneciam no seu cofre), à orientação de negócios, conselhos, mediação, etc. Era bastante comum a chegada de cartas daqueles que haviam*

[18] *Na Colônia e no Império predominavam nas refeições o feijão, a farinha de mandioca e o milho. Comiam-se também carnes. Até o final do século 18, o arroz era pouco consumido, compensado pela mandioca, pela canjica fina de milho; com os hábitos introduzidos pela corte portuguesa, passou a ser servido com mais frequência nas mesas oitocentistas. No interior, o pão era ainda raro e principalmente nas zonas paulistas e sulistas, povoadas por italianos, era substituído pela polenta e broa de milho. Mas, em muitas cidades e na corte, o pão começa a se impor. Por exemplo, na cidade do Rio de Janeiro em 1860 já existiam 157 padarias. Pães de diversos tipos e sabores e outros produtos estavam à venda: "pão Napoleão, provençal, crioulo, o pão solaio, sovado, biscoito da rainha, bolachinha americana, de araruta, de erva doce, rosca da Califórina".Os vetores principais dessa mudança de hábitos alimentares foram os imigrantes portugueses, consumidores e fabricantes de pães*

(História da Vida Privada no Brasil, V.2 – p. 304)

migrado, principalmente, para o norte do Paraná nos anos 40, aos seus familiares que aqui viviam nos sítios e fazendas, sempre endereçadas aos cuidados do ***Elias Turco****, que fazia a entrega. Uma deferência enorme. Pode se dizer que com sua morte, em 09/05/1992, foi virada uma página da história das relações sociais e do comércio varejista de Porangaba.*

- *Os bares foram também casas comerciais que sempre existiram, uns eram pontos de encontro, outros locais de jogos, todos bastante populares. Onde hoje é a residência da Família do Adilson Pacheco (na frente funciona a farmácia), era o bar do Abílio Palmeira, na verdade, mais uma casa de jogos. Ali jogavam cartas e havia, também, víspora. O gerente da casa era "um tipo estranho, peculiar, um homem baixinho, apelidado de "Tatuzinho", que usava um chapéu preto na cabeça, com toda aba virada para baixo. Chegava a assustar as crianças...!*
  (Relato de Onozor Pinto da Silva)

- *No final dos anos 60 do século passado, quando da inauguração da Rodovia Castelo Branco, no bairro dos Florentino, km. 165,2, existia ao lado do Posto e Restaurante La Paloma, o alambique de aguardente de cana, cuja cachaça era conhecida como* ***Porangaba.*** *Era poduzida e encarrafada pela firma Grando & Fidelis Ltda. De toda produção, existem hoje, no máximo, algumas garrafas, possivelmente menos de uma dezena, com colecionadores ou guardadas como lembrança. A foto de uma delas é aqui estampada como curiosidade. (2005)*

- ***Dionísio Parga*** - Espanhol, pessoa respeitável e empreendedora. Homem culto, de recursos, fazendeiro, produtor de café e algodão. Como veio parar em Porangaba, melhor na Bela Vista de Tatuí? Jamais saberemos. Por motivos óbvios, chegou até simplificar o nome. O saudoso advogado porangabense Urbano de Miranda escreveu sobre o ilustre personagem*:*

"Chegou à aldeia do Rio Feio por volta de 1900 e, em seu túmulo, em Porangaba, consta a data de seu falecimento – 1935. Casado com Romana, que retornou à sua terra natal, bem velhinha, onde veio a falecer. Procedentes da bela cidade de Barcelona, nordeste da Espanha, uma das mais lindas cidades da Europa. De Barcelona para o povoado do Rio Feio. As indagações. Por que? Os motivos? Dá para entender? "Sabeime" lá. Penúria? Essa, garanto que não. O único estrangeiro rico a apear na aldeia. Trocou as pesetas, ainda em Santos, por muitos mil réis. Doou o altar-mór à Igreja, em mármore de "carrara"; comprou muitas terras perto da Mina. Plantou café. Lembro-me de seu Ford 1929, cor café com leite. Nos dias frios um martírio; motor ligado à manivela. Só funcionava no tranco (como muitas cabeças de hoje). Generosos, casal sem filho, batizou dezenas de crianças, inclusive minha irmã Maria Amália. Todos em casa os chamavam de padrinho e madrinha. Eu, ainda menino, vivia enfiado em sua casa. Ali aprendi a gostar de frutas secas, goles de bons vinhos, especiarias européias e, pasmem, distinguir um quadro de pintura de uma gravura. Enfim, recebi dos meus "padrinhos" um bom verniz no meu

caboclismo. Padrinho gostava e lia sempre "El Madrileno" e "O Estado de São Paulo", inclusive revistas diversas recebidas da Europa. Um curiosidade. Seu nome completo: Dionísio Parga Bossetta, Já na aldeia, retirou o sobrenome Bossetta. Não soava bem. Claro que não! Da Espanha para o Rio Feio, também os irmãos José e Domingos Martins, Antônio Aires (o Salgado), nomes retirados dos escaninhos da memória.Na minha última visita ao cemitério de nossa Porangaba coloquei flores sobre seu túmulo. Padrinho Dionsio, lá no céu, envie sua bênção".

29.1 A culinária

A culinária brasileira é muito rica e existe vasta literatura, desde os tempos coloniais, que destaca a variedade de pratos, principalmente as comidas caseiras tradicionias, além de doces e quitutes. Entre as famílias mais ricas era costume a preparação de doces e quitutes para consumo próprio e, principalmente, para servir aos visitantes, hábito que significava poder, riqueza e fartura. Um dos costumes elitistas da época.

Até, há pouco tempo, muitas dessas iguarias ainda eram preparadas nas pequenas cidades, sítios e fazendas. Lembramos que, antigamente, fazer doce e cozinhar eram atributos domésticos e toda moça de família, certamente, conhecia receitas exclusivas passadas pela **"vovó".** Existiam também as cozinheiras e quituteiras, descendentes de escravos, caboclos e mestiços, que por força do trabalho doméstico como agregadas ou empregadas, etc., aprenderam os segredos da cozinha. Essas mulheres foram, sem dúvida, as grandes cozinheiras e quituteiras deste país. Tivemos, ainda, a influência dos imigrantes europeus (notadamente os italianos do norte) que trouxeram outros temperos e ensinaram novos cortes de carne, como no caso da "bisteca" e que ainda é muito apreciada em Porangaba.
Aqui, os doces e quitutes eram caseiros, feitos para o consumo próprio, contando a comunidade com grandes doceiras e quituteiras, conhecidas pela excelência de seus produtos. Fomos até certo ponto privilegiados e, hoje, lembramos que tudo era muito bem feito. Dificilmente, as visitas deixavam de experimentar as guloseimas preparadas. Ofereciam, além de doces e salgados, o saboroso cafezinho. Fazia parte da etiqueta. A variedade já dependia da época das colheitas e das estações do ano. Na lista, os assados (frango, cabrito e leitoa); os doces: goiabada, marmeladas, de figo, de cidra, de abóbora, de mandioca e de batata doce; os bolinhos doces e salgados: de carne, frango e bacalhau, mandioca, queijo; bolos diversos e outras iguarias. As mulheres porangabenses sempre foram criativas e aproveitavam tudo. Os imigrantes, por outro lado, incorporaram seus suculentos e variados pratos à cozinha cabocla e então surgiram as macarronadas e bacalhoadas aos domingos. Como até o início dos anos 40 do século passado não existia energia elétrica e nem geladeira, as dificuldades sempre foram imensas. Preparavam tudo na medida certa e as sobras eram sempre aproveitadas. Existia, portanto, muita economia e evitava-se o desperdício. Como comentavam as donas de casa, o feijão que sobrava do almoço virava a sopa da tarde e eram pratos saborosos.

29.2 Os pirulitos de minha avó

Gostava muito de ouvir o sr. Antônio Miranda, velho tropeiro, filho do capitão Miranda. Eram papos interessantes. Sentado na praça, com sua voz macia e fumando o seu inseparável "cigarro de palha", dissipou muitas dúvidas que pairavam na minha cabeça sobre a história do Rio Feio. Foram conversas proveitosas e importantes. Sempre quis saber de tudo e lhe fazia perguntas e mais perguntas sobre os costumes, como era o povoado, os caminhos e até indagava sobre as pessoas da época. Pacientemente, ele me atendia. Numa dessas ocasiões, disse-me: " – *quando minha irmã Arminda recebia amigas para brincar lá na nossa chácara, sempre aparecia uma menina robusta, corada, muito alegre e expansiva que se destacava das demais nas brincadeiras. Era uma italianinha, que alguns anos depois seria a sua avó, a esposa do Bento".*

Minha avó paterna chamava-se Clementina, veio de Nápoles, no sul da Itália e chegou ainda jovem, lá pelos idos de 1901, com 13 anos de idade. Seu pai Luiz, que era mestre-de-obras, veio construir o novo prédio da Igreja Matriz. Ela conheceu, então, meu avô Bento e, como os imigrantes italianos impediam casamentos com estrangeiros, contaram com a ajuda do padre Gorga à autorização. Casaram-se e formaram tradicional família. Mulher decidida, sempre preocupada com a segurança e bem estar da família, dedicou-se inteiramente ao trabalho. Dava sustentação ao esposo em todas as tarefas, apoiando-o nos negócios. Meu avô, homem esclarecido, comerciante, sempre apoiou as decisões da mulher. Esta, não perdia a oportunidade de ajuntar um pouquinho mais de dinheiro, como mais tarde

contaria aos netos: "- *era muito difícil de ganhar*". A rigor, não precisava do ganho extra pela situação financeira do marido, mas *"não fazia nenhum mal"*. Trabalhou muito, na casa, no armazém, no açougue, no sítio e, para completar, gostava de preparar doces e salgados, quitutes, para vender na época das festas religiosas (São Roque, Santo Antônio e de Bom Jesus, nas Partes), e também nas raias (corrida de cavalos), onde montava a sua concorrida barraquinha. Nunca teve preguiça. Os doces e salgados eram muito procurados. Contava sempre com a ajuda da negra Maria Cotó, uma espécie de agregada e uma cozinheira de "mão cheia". Mas, o que ela gostava mesmo era de fazer e vender ***pirulitos caseiros***, em forma de cone, embrulhados em papel "manteiga" e colocados num tabuleiro. O negócio durou muitos anos. Nos finais de semana e nos dias de festa sempre aparecia um vendedor de pirulito. Eram meninos, os próprios netos ou outros rapazes da rua de "cima ", onde morava, aos quais pagava comissão. Todos saiam alegres com os tabuleiros cheios e logo voltavam para novo lote. Ela, à frente, controlava tudo. Ficava radiante e seus olhos azuis brilhavam de alegria. Vendia rapidamente e quando havia encalhe, o que raramente ocorria, distribuía para os netos. O lucro talvez nem compensasse, mas era sua marca registrada, um produto saboroso e barato. Tudo o que produzia, vendia, principalmente nas ruas e no campo de futebol. Conversando, hoje, com alguns sisudos senhores porangabenses, na faixa dos setenta anos (eram os "meninos da rua de cima" e já são poucos), quase todos contam que foram vendedores de pirulito da dona Clementina e falam com saudades daquele tempo.

A propósito, existe um fato curioso e que faz parte da historia da família: meu saudoso primo Clóvis era um dos melhores vendedores e o mais requisitado. Certa ocasião, houve importante jogo de futebol na cidade, e ela aproveitou a oportunidade. Chamou o neto e ordenou que vendesse pirulitos no campo de futebol e, para sua surpresa, em questão de pouco tempo, o menino voltou com o tabuleiro vazio. Havia vendido tudo no caminho. Ficou intrigada e disse: ***- por que você me desobedeceu? ; era prá vender lá no campo !..*** Como castigo, preparou novo tabuleiro. Sem nada entender, lá se foi o Clóvis, novamente, na direção do campo, sem discutir, atendendo a ordem. Não conseguiu ver o jogo, mas a missão foi cumprida. Vale como registro.

A história dos pirulitos sempre causou muita curiosidade na família. Mais tarde, os netos já adultos lhe indagavam. Queriam saber como nasceu a idéia de vender pirulitos; se era uma receita antiga, segredo de família, alguém aprendeu?. Não temos a resposta. Somente os poetas e as crianças são sábias o bastante para compreender a importância dos pirulitos e das avós em nossas vidas. Nunca soube de ninguém da minha família que fizesse igual daqueles pirulitos...

Pirulito

½ kg de açúcar, ½ garrafa de água, caldo de 1 limão. Ponha numa panela, leve ao fogo e dê o ponto de bala. Faça canudinhos de papel, ponha numa tábua redonda toda furada e enfie os canudinhos, despejando dentro deles a calda bem grossa. No final, colocar o palito e esperar a calda endurecer

30. Sorveterias

A "*máquina de fazer sorvete*" mais antiga, que se tem notícia em Porangaba, pertenceu a dona Benedita, mulher do Domingos Fogueteiro. A fabricação era manual e o sorvete de massa.[19] A venda era feita nas ruas pelo João Rosa, negro, pessoa popular e muito estimada. Depois, vieram outros vendedores, ambulantes, que conseguiam trazer "barras de gelo" de Conchas, como o carroceiro Francisco Novaes Sobrinho (Nhocada). Faziam as deliciosas e refrescantes "raspadinhas de gelo". Segundo os mais antigos, quem introduziu o pícolé em Porangaba foi o árabe Emilio Hadad (Emílio Turco), sogro do Juca da Farmácia, que chegou a ter bar e pensão. As sorveterias já instaladas (estabelecimentos que faziam e vendiam sorvetes), surgiram no período de 1930/40 e, dentre os proprietários, destacamos: *Domingos Nunes da Silva, Luiz Biagioni, Joaquim de Tal, Emílio Turco, Zé Português, Antônio Português, Pedro de Andrade Fogaça (Pedro Fogaça) e seu sócio Sizenando, Hermenegildo Soares Ramos, Aleixo Mariano e, finalmente, Paulo Moraes,* que esteve em atividade até 1998. A primeira sorveteria movida a motor foi de Pedro Fogaça.

Paulo Moraes e Silva

Todos o conheciam como ***Paulo da Sorveteria***, um corintiano apaixonado. Pelo menos três gerações de porangabenses saborearam os sorvetes de limão, creme, chocolate, abacaxi, coco

---

[19] *Sorvete é a designação comum a várias iguarias doces, feitas de suco de frutas ou de leite (com ovos, chocolate, etc.) e congeladas até adquirirem consistência semelhantes à da neve. (Dicionário Aurélio)*

queimado e até de milho verde!. De ***massa*** ou de ***pauzinho***, como era chamado por aqui. O famoso picolé. Antes, a variedade era bem maior e a produção não parava nem mesmo no inverno... Pois bem, o Paulo trabalhou 54 anos - só na sorveteria - , sem contar o tempo na lavoura e na torrefação de café. Por que parou? Parou por que? Tudo tem sua época; no início contou sempre com a ajuda da esposa Leontina, que, infelizmente, faleceu antes e a vida precisava continuar. Com idade avançada, passou a enfrentar a concorrência dos sorvetes industrializados vendidos nos bares e lanchonetes da cidade e, então, resolveu parar, fechar a sorveteria. Aposentou-se... Talvez seja um fato inédito no comércio da região tatuiense, tanto tempo num único ramo, vendendo um produto sazonal, numa pequena cidade, com a maioria de consumidores de baixa renda, e obter o sustento suficiente para criar, honesta e dedicadamente, uma exemplar família.

- *Interpelado a respeito do sucesso, que curiosamente atropela alguns conceitos básicos da teoria econômica, modestamente disse que no passado não existia a geladeira e que sua grande clientela era formada por moradores dos sítios, que vindo à "praça" para compras e outras necessidades, aproveitava sempre a oportunidade para saborear o sorvete. Os consumidores aumentavam nos finais de semana e nos dias festivos.*[20] *Filho do Inocêncio Moraes da Silva e Placídia Nunes de Souza, nasceu no bairro do Saltinho em 1908, onde seu pai trabalhava na lavoura de café de Geraldo do Amaral Camargo. Estudou em Porangaba, nas Escolas Reunidas, sendo seu primeiro mestre o professor Laudelino de Campos. Foi aluno também de Antônio Freire de Souza, Eduardo Soares, dona. Laudelina e dona Maria. Começou a trabalhar cedo, na abertura da estrada de rodagem de Porangaba/Tatuí (1938/39); dedicou-se à lavoura até 1941, no bairro da Estância. Mudou-se, em seguida, para Porangaba, onde foi comprador de aves e ovos e, depois, passou a trabalhar na torrefação de café mantida pelo sr. Aldo Angelini. No ano de 1944 é que entrou no ramo de sorveteria, ao comprar as instalações e máquinas do sr. Aleixo Mariano. Funcionou inicialmente na Praça da Matriz, na esquina com a rua 4 de Junho, no prédio da Família Biagioni. Mudou-se depois para o endereço atual, na mesma rua.*

Pessoa franca, primou sempre pela simplicidade. Inteligente, seguro, mostrava certo autodidatismo nas conversações, na abordagem de temas diversos, que iam o desde o esporte, principalmente o futebol, às teorias dogmáticas (era presbiteriano), passando pela história da cidade e da gente porangabense, com muita tranquilidade, com a mesma calma que preparava o seu inseparável cigarro de palha, que era sua marca registrada. Faleceu no dia 11 de outubro de 2000.

[20] *A jornalista Rose Nogueira, após visitar Porangaba, escreveu na sua coluna no jornal Folha da Tarde, em 10/04/93: "... E os doces, meu Deus! Uma padaria e uma doceria,* ***além da sorveteria onde se acha o velho picolé de groselha, num balcão de mármore antigo****, fizeram a minha alegria... "*

O comércio em Porangaba em 1950 pode ser assim resumido:

Número de firmas taxadas no Imposto de Indústrias e Profissões*: 86*

Relação das consideradas grandes firmas:

Ferragens*: Francisco Patrocínio São Pedro.*

Padaria e Confeitaria*: Jaures Soares Ramos.*

Fazendas e Armarinhos*: Casa Brasileira (Elias Fadel Fadel); Casa Novo Mundo (Abílio São Pedro); Casa Coimbra (Manoel Alves Antunes); Casa Angelini (Luiz Angelini).*

Artigos de Couro: *Selaria Aurora.*

Rádios: *Onozor Pinto da Silva.*

Calçados*: Elias Fadel Fadel.*

Secos e Molhados*: Luis Sola Ares, Erasmo Pedroso de Oliveira, Casa Nova, Armazém Angelini.*

Material Elétrico*: Florinda de Miranda Vaz.*

Alfaiataria*: Alfaiataria Galvão.*

Fonte: Livro dos Municípios do Estado de São Paulo/1951

31. Outras atividades comerciais

Alguns comerciantes antigos exerciam, além do comércio próprio, outras atividades paralelas. Observamos, por exemplo, que o comprador de cereais também comprava algodão, café, etc.; o negociante de gado, também trabalhava com porcos e carneiros; o comprador de aves e ovos vendia produtos de armarinho, pães e doces, etc., que neste caso, funcionavam como moeda. Os negociantes mais fortes, além da casa comercial, quase sempre tinham algum tipo de representação, funcionando como agentes de grandes empresas. Era a melhor forma que encontravam para novas oportunidades de negócio e ter ganho financeiro melhor. Essa situação persistiu até, mais ou menos, a metade do século passado e, hoje, ao contrário do cenário anterior, as atividades comerciais são bastante específicas. Não existe mais a figura do pequeno comprador e atravessador. Tudo mudou...

32. Compradores de algodão e cereais

Desde a criação do povoado, a região foi essencialmente agrícola.. No início bastante rudimentar, unicamente de subsistência e até chegar o arado, a terra bruta era preparada com ***a limpa e queima*** e simplesmente picada com enxadão. Posteriormente, passou a ser uma atividade comercial lucrativa e até diversificada. Por exemplo, o plantio de algodão transformou-se, por muitos anos, na atividade mais importante e, presente desde o último quarto do século 19, durou até os anos 50 do século passado. A plantação de café, com um ciclo menos extenso, também não foi desprezível. Existiu, ainda, grande produção de cereais, principalmente o milho, e não foram pequenas as colheitas de feijão. A produção de arroz sempre foi em menor escala. No início, toda produção agrícola local escoava por Tatuí, através de tropas de burro, pois ali já existiam fábricas de tecelagem e moinhos, com o suporte da estrada de ferro. Conchas era outra alternativa para alcançar a ferrovia. Nas primeiras décadas do século passado, a agrícultua continuava a crescer e já existiam por aqui as máquinas para o beneficiamento de café, algodão, moinhos, etc.[1], na cidade e nas maiores fazendas (Serrinha e Serra do Amaral).

Após a crise cafeeira de 1930, o algodão, que era tradicional nos estados do nordeste, teve maior impulso na região sul do país, principalmente em São Paulo, e aqui tornou-se o produto cultivado em maior escala. Como lavoura alternativa, concorrente ao café (cujo mercado encontrava-se em queda), o plantio aumentou bastante no município. A plantação, que antes já existia em pequena escala, foi marcada, nessa nova fase, por safras abundantes e alcançou, praticamente, a metade do século 20. Passou a ter os maiores investimentos e se tornou um negócio rendoso. Os comerciantes locais compravam muito algodão, o produto bruto, que era ensacado e armazenado em galpões, em locais abertos e, depois, transportado através de caminhões às industrias de tecidos de Tatuí, Tietê, Sorocaba e Campinas. Os compradores daqui, em grande número, funcionavam mais como agentes, representantes das grandes indústrias algodoeiras e, quase todos, negociavam também com milho e feijão.

[1] *A firma Pereira Ignácio & Cia. de São Paulo, do industrial Antônio Pereira Ignácio, avô do empresário Antônio Ermírio de Moraes, da Votorantim, comprou muito algodão na Bela Vista, onde desencaroçava (preparava as sementes) e fazia a separação das fibras. Para tanto, adquiriu o terreno e o maquinário necessário, além do moinho de fubá, em 20/07/1917, do sr. Domingos Manoel de Miranda, conforme escritura de compra e venda lavrada no Cartório de Registro Civil do Distrito da Bela Vista de Tatuí. O procurador era o sr. Josino Moraes de Almeida, de Conchas. (Fonte: Livro de Notas nº 20, fls. 89v a 91v).*

- A plantação de cereais se desenvolveu também, paralelamente, com grandes colheitas (principalmente de milho), cujo apogeu foi no período de 1950/60. Os comerciantes locais já negociavam, então, no mercado cerealista de São Paulo, vendendo diretamente para os grandes atacadistas da zona do Mercado Central, das ruas Paula Souza e Santa Rosa.

Algodão e Cereais

As férias começavam com a safra do algodão. A meninada, em sua grande maioria filhos de agricultores, ia para a roça ajudar e apanhar algodão. O movimento na roça e na cidade se intensificava. ... Ia apanhar algodão nas lavouras mais próximas. Almoçava, logo ao deixar a escola, e lá pelas 13 horas já estava arrastando a sacola improvisada pelas leiras do algodoal do sítio do nhô Chico Cândido. Rendia de quatro a seis quilos de ouro branco numa tarde.

... Os carregamentos de algodão iam chegando aos poucos e paulatinamente aumentando, conforme iam se organizando no sítio; sacaria, transporte e pessoal. Chegavam nas primeiras horas do dia e, com o sol posto, ainda havia gente no meio da plantação carregando carros e carroças. O movimento chegava a tal monta que a rua do Comércio, a rua de Cima e as travessas ficavam de ponta a ponta e de ambos os lados repletas de carros de boi, carroças e cargueiros sob o lombo de burros, lotados de algodão a espera da descarga. A força das mercadorias era o algodão, entretanto o milho, o arroz e o feijão não eram desprezíveis. Dos depósitos do compradores saíam diariamente trinta a quarenta caminhões, ... de algodão, feijão e milho, fora outros carregamentos.

(Porangaba e Meus Parceiros, Roque Miranda, pág.156)

Horácio Cândido com o caminhão carregado de algodão em Tatuí – final dos anos 30

Compradores:

- *Manoel Guedes Pinto de Mello e João Guedes Pinto de Mello (firma Freitas & Guedes), Amaral & Cia; Pinotti Santos & Cia. Ltda; Camilo Vanni (Tatuí), Francisco do Amaral Camargo, Raphael do Amaral Camargo, Ângelo Vangioni (Ângelo Italiano), Pedro Domingues Nogueira, Dionísio Parga, Antônio Fogaça Leite, Leopoldo Hermelino Soares, Manoel Luiz Fernandes, Luiz Angelin (Gijo), Anselmo Bertoncini, Rafael Pássaro, Antônio Nunes da Silva, Bento Manoel Domingues, Domingos Manoel de Miranda, Pereira Ignácio & Cia, João Sebastião Vieira, João Bassoi, Eduardo Bassoi, Felício Izzar, Teodoro de Oliveira Bueno, Giocondo Rossi, Cesário Maurício, João Pedroso de Oliveira, Otávio Hermelino Soares, Dassás Vieira de Camargo, Benedito de Oliveira Vaz, João Rosa de Oliveira, João Sebastião Vieira, Joaquim Vicente de Miranda, Joaquim Paes de Camargo, Felix Radice, Antônio Rodrigues Coração, Vitorino Alegre Ferreira, Francisco Brasile (Chico Carmo), Chico Domingues, Chico Antunes, Pedro Moreira da Silva, Francisco Manoel de Miranda, Luiz Cândido, Horácio Cândido, Luiz Sola Ares, Agostinho Angelini, Aldo Angelini, Henrique Pedro Rossi, Renato Nogueira, Erasmo Pedroso de Oliveira, Mizael Ribeiro, Lazinho Pinto, Gulherme Wagner, etc.*

33. Criadores e negociantes de gado

Atividade comercial antiga, ligada à pecuária [22], a criação de gado leiteiro ou de corte teve grande impulso aqui a partir da segunda metade do século passado, logo após o término da 2ª Guerra Mundial. O crescimento ocorreu justamente pelo abandono da lavoura, pelo êxodo rural dos pequenos produtores rurais que emigraram para o norte do Paraná em busca de terras férteis para o plantio e, de uma hora para a outra, as terras lavradias daqui viraram pastagens e, então, nasceu esse novo tipo de comércio. Os novos pecuaristas eram, na realidade, os antigos sitiantes e fazendeiros que, simplesmente, deixaram de plantar para criar gado. As grandes áreas de produção agrícola tornaram-se sítios de criação e pastagens. Foi, sem dúvida, o ramo de negócio que mais cresceu.

Antes, apelando à história, voltando no tempo, o gado chegou a ter importância maior em outras regiões, principalmente em Minas Gerais, do que em São Paulo; os paulistas estavam mais preocupados com o açúcar; o trigo, o marmelo e outros produtos. Depois, veio o ouro, mas, o que mais interessou, mesmo, aos bandeirantes, foi desbravar terras, conquistar o "sertão", aprisionar índios. Somente no século 19 é que a situação começou a se alterar, pois em Sorocaba já existiam currais de gado – vacas, novilhas, bezerros e um só touro, no limite de uma légua em quadra, o que mostra o aspecto extensivo, inicial, da criação bovina paulista, que foi, sem dúvida, o ponto de partida do imenso gado que faz, hoje, a riqueza da região noroeste do nosso estado e dos Mato Grosso do Norte e do Sul.

Na evolução da pecuária paulista consta que já existia gado em São Paulo nos três primeiros séculos de sua história, sem atribuir importância. Os bois viviam livremente; o homem ausente, despreocupado de criá-los ou de dar aspecto econômico à sua criação, embora alguns historiadores defendessem que a criação de gado era considerável, concorrendo para o abastecimento das cidades de Itu, Sorocaba, São Paulo e Santos. Conclui-se que a pecuária paulista, iniciada despretensiosamente no século 16, prosseguiu até por volta de 1930, já como pecuária extensiva, sem grande influência econômica direta; de 1930 a 1950 procurou os seus rumos, mais a receber do que criar e, finalmente, na fase atual, quando sob a influência da técnica, passou a ser intensiva, com base econômica e tão importante quanto à agricultura.

- ***Negociantes***:

Antônio Tricta Júnior (Fazenda São Martinho), Camilo Príncipe de Moraes, João Batista Mendes, Chico Costa, Marco Costa (Areias), Benedito Fogaça Leite, Miguel de Campos, Mário Dias, Antônio Dias, Antônio Menck, João Rosa de Oliveira, José Fogaça de Almeida, Donato Poli, João Poli, Honorato da Cruz Falkenbach, Benedito da Silva Pinto, Heliodoro Leite ,Osvaldo

[22] *Leitura*

A pecuária é a indústria de criação de rebanhos; o gado leiteiro e de corte, ovinos e suínos são criados para o consumo de carne, leite e lã. Os ovinos, bovinos e caprinos – os chamados ruminantes – são importantes por sua capacidade de converter o pasto (matéria vegetal usada como alimento e fontes protéicas de nitrogênio como a uréia) em carne, leite e lã. Hoje, com exceção da fazenda orgânica, as práticas modernas de criaçào de animais em fazendas são altamente intensivas. A criação é controlada para selecionar animais destinados a uma determinada tarefa. Suínos são frequentemente criados em fazendas industriais, onde a alimentação, a temperatura, a luz e demais condições são projetadas para maximizar a produção. Uma compreensão mais científica das exigências nutricionais dos animais tornou possível o desenvolvimento de rações que fornecem uma dieta equilibrada e palatável durante todo o ano. Em geral, estes métodos modernos conduzem a um aumento da produção e, em alguns casos, à geração de grandes quantidades de excedentes.

(Nova Enciclopédia Ilustrada – Folha-1998)

Fogaça Leite, Dico Florentino, João Lemes da Silva, Joaquim Vicente de Miranda,Tonico Florentino, Durvalino de Almeida, Vitorino Alegre, Palmiro Gomes, Januário Festa, Zico Moraes, Zé Olegário, Tico Alfredo, Antônio Silva, Quinzinho Moraes, Oswaldo Miranda da Silva, Bazinho Spinola, Capelari (Bofete), Diomar Gianotti, Hélio Menck, Antônio Leite, Ezequiel Florentino, e outros..

Obs. Além dos criadores tradicionais, existiram outros negociantes de gado, que na realidade eram comerciantes com outras atividades fixas, mas que aproveitavam a disponibilidade financeira para comprar e vender bois com lucro certo. Por exemplo; Luiz Angelini (loja), Benedito Gianotti (farmácia), José dos Santos Fonseca (Juca da Farmácia), Elias Turco (loja), Horácio Cândido, Luiz Cândido, Mário Mendes (comerciantes). Vale com registro.

34. Comercialização de suínos

A criação e comercialização (compra e venda) de porcos foram atividades importantes ; pode-se até dizer que criar porco era um costume herdado. Antigamente, em muitas casas existiam os chiqueiros para a engordar "capados" para suprir as necessidades das famílias. Havia o dia da ***matança***, que se transformava num encontro festivo, quando os fazendeiros e sitiantes reuniam os seus familiares, agregados e amigos para "o abate", com muita comida e bebida. Eram então separadas e preparadas as carnes e derivados como a banha (então, produto essencial), a linguiça, o chouriço (doce e salgado), etc.. No início, em sítios e fazendas, os porcos eram tratados em áreas abertas e se destinavam ao consumo próprio. Com o tempo, como se tornou atividade lucrativa, passaram a ser criados e engordados de forma confinada, em chiqueirões. Atualmente, a suinocultura está intimamente ligada ao processo produtivo de grandes frigoríficos, observando técnicas modernas e orientações de veterinários, visando melhorar a raça e, principalmente, a eliminação de doenças, etc. A demanda por carne de porco passou a ser muito grande nos maiores centros, nas cidades, como produto alternativo para substituir a carne bovina.

Os antigos contavam que, no começo do século passado, os porcos do Rio Feio eram tocados a pé para as cidades de Tatui, Sorocaba, Itu, onde alcançavam melhores preços. Aproveitando a caravana agregavam aves e ovinos. O saudoso Luiz Miranda costumava contar que tinha ouvido de seu pai Sílvério, tropeiro, que o negociante Chico Cubas, avô do Frei Timóteo, levava a porcada para vender em Itu, tocada a pé, numa viagem que chegava a durar dias, com muito desgaste e cansaço, mas, mesmo assim, o negócio era rentável..

Criadores e Comerciantes-1920/50

Francisco Cubas de Miranda, Domingos Nunes da Silva, Heliodoro Leite (Doro Leite), Francisco Fogaça Leite, Abimael do Amaral, Antônio Soares de Paula, Antônio Nunes da Silva, Simeão Siqueira Cleto, Camilo Príncipe de Moraes, José Afonso Tricta (Fazenda São Martinho), Francisco Quadra, Pedro Quadra (Tatuí), Joaquim Vicente de Miranda, Otávio Hermelino Soares, Dassás Vieira de Camargo, João Batista Mendes, João Florentino Soares, João Mariano, Vitorino Alegre Ferreira, Benedito da Silva Pinto, Laurindo Generoso, Antônio Silva (Moquém), Francisco de Almeida, Benedito Gomes, João Lemes da Silva, Peixotinho, Rafael Serra, Antônio Justino Silveira, Miguel de Campos, Quinzote Machado, Izaias de Oliveira Vaz, João Sebastião Vieira, Pedro Vieira de Camargo (Pedrão da Torre), Osvaldo Fogaça Leite, Profeta Gomes, Saulino Jacob, Erasmo Pedroso de Oliveira, Horácio Cândido, Eurico Fogaça, etc.

35. Comercialização de combustíveis

Até quase a metade do século passado, o suprimento de combustível (querosene, óleo e gasolina) à praça de Porangaba era feito através de Tatuí. Os fornecedores eram conhecidos comerciantes daquela localidade, dentre os quais se destacava o italiano Domingos Loretti, que já tinha, inclusive, bomba de abastecimento instalada naquela cidade. Aqui, o consumo era pequeno, pois existia uma frota de carros diminuta e o uso industrial era quase que inexistente. Somente com o tempo, começou a comercialização direta de combustível na cidade, quando alguns comerciantes locais passaram a vender também a gasolina e outros derivados do petróleo.

À esquerda, bomba da Shell, do comerciante Erasmo Pedroso; à direita, bomba da Esso, do comerciante Plínio Vaz

No início, o produto vinha acondicionado em tambores, pois não existiam tanques e bombas e o volume de vendas não compensava um investimento maior. Essa situação persistiu por alguns anos, até a instalação do primeiro

reservatório com bomba. Os comerciantes pioneiros foram:

> ***com tambores***: *João Sebastião Vieira, Giocondo Rossi e Manoel Alves Antunes.*
>
> ***com tanque de combustível e bomba****: Luiz Sola Ares (Atlantic), que sem dúvida foi o mais destacado; Benedito de Oliveira Vaz e Florinda Miranda Vaz (Esso) (sob a direção do filho Plínio de Oliveira Vaz) e Erasmo Pedroso de Oliveira (Shell).*

As bombas desapareceram no final dos anos 50 e início da década de 60, quando foi instalado o primeiro posto de fornecimento de combustíveis e serviços (gasolina, óleo diesel, querosene, troca de óleo, borracharia, lavagem, etc.) pelo comerciante Cristino Manoel de Miranda. Hoje funcionam dois postos de abastecimento na cidade.

36. Compradores de aves e ovos

Prática comercial antiga, na maioria da vezes baseada no ***escambo*** (onde a própria mercadoria de troca funciona como moeda), foi um comércio que existiu até, mais ou menos, meados do século anterior. Os compradores se deslocavam a cavalo para os sítios, aos diversos bairros, para comprar aves e ovos, indo de porta em porta. Era costume adaptar dois cestos no arreamento do animal, um de cada lado, onde transportavam as mercadorias para troca e, também, os produtos que iam adquirindo. Levavam, além de dinheiro, pães, balas, guloseimas e alguns produtos de armarinho (linhas, agulhas, botões, etc.), que eram a "moeda" de troca preferida. Esses negociantes costumavam prestar outros serviços aos sitiantes, o que aumentava a sociabilidade, como a compra de medicamentos, a postagem de cartas, o transporte de dinheiro, encomendas diversas, etc.

Alguns "compradores de ovos": *Jango Mendes, Rafael Pássaro, Eduardo Italiano, Vicente Larocca (Conchas), Antônio Miranda, Marcos & Miranda, (Marques & Miranda) , Alberto Tonelli, Salvador Xavier de Miranda, Geraldino de Simone, Rafael Serra, Joaquim Vicente de Miranda, João Rosa de Oliveira, Ciro Alonso, Viano, Gregório Marcos, Jorge Megid, Emílio Venturelli, João Alves, José Mendes da Silva, Paulo Moraes da Silva, Pedro Bernardino, Mizael de Campos Silva, Pedro Cavalheiro, Cassiano Fogaça, Nhô Pim, Toninho Santa Casa, Mizael José Ribeiro, Joel Almeida Miranda, José Silveira de Campos (Juca), Mauro Martins Alegre, Vadozinho, Ditinho da Cota, Joel Siqueira (Joelzinho), Mauro de Oliveira, Dario de Oliveira e outros..*

---

37. Bancos Comerciais

A primeira instituição financeira que operou em Porangaba e que, inclusive, instalou agência, foi a CEESP - Caixa Econômica do Estado de São Paulo (hoje ***Nossa Caixa Nosso Banco***) *como entidade autárquica,* anexa à Coletoria Estadual.

- *Instalada em 14/01/1938, funcionou primeiro no prédio da coletoria. Ali, os depositantes eram atendidos pelos funcionários da Fazenda Estadual: Abimael Amaral, Renato Nogueira e Benedito de Oliveira Vaz. No final dos anos 50 do século passado foi desanexada da coletoria, sendo criada a agência, subordinada a Delegacia Regional de Sorocaba. O primeiro gerente foi Alaor Fazzio. Passou a funcionar no cômodo anexo à casa da Família Oliveira Vaz, na mesma rua 4 de Junho. Dali mudou-se, alguns anos depois, para outro prédio na mesma rua, onde hoje funciona a Casa Agropecuária Barros. Por determinação do Governo Estadual, no ano de 1989, a* ***Nossa Caixa - Nosso Banco*** *encerrou suas atividades em Porangaba. O seu último gerente foi Gabriel Donizetti de Arruda.*

Em outubro de 1964, quando era construída a Rodovia Castelo Branco, foi instalado o primeiro banco comercial para atender as empreiteiras e principalmente para facilitar o pagamento dos empregados. Foi o *Banco Mercantil e Industrial do Paraná, S.A.,* com sede em Curitiba, Paraná, que depois tornou-se o ***Bamerindus (hoje o HSBC)***.

- *Funcionou também à rua 4 de Junho, no prédio da Família Alves Antunes, na esquina com a rua Segismunda Machado. Permaneceu ali por pouco tempo. O seu primeiro gerente foi Cláudio dos Santos Pacheco. A instituição construiu um prédio moderno à esquina da rua 4 de Junho com a rua João do Amaral Camargo, onde operou durante alguns anos. Ao deixar Porangaba, vendeu o imóvel ao* ***Banespa (hoje Santander)****, onde permanece até hoje. Foi inaugurado em abril de 1978 e o seu primeiro gerente foi o funcionário João Cunha.*

A partir de 1980, também operou na cidade o Banco do Brasil S.A., com agência à rua 4 de Junho, no prédio da Família Vaz, onde antes funcionou a Nossa Caixa Nosso Banco. Não permaneceu por muito tempo; era um posto avançado da Agência de Tatuí.

- *Obs. Existem almanaques que registram a presença de casas bancária em Porangabas, antes de 1938, ano em que foi instalada a Caixa Econômica Estadual; seriam os representnates de bancos que operavam em Tatuí, como o Comercial do Estado de São Paulo e o Agrícola de Tatuí.*

38. O Petróleo em Porangaba

No Cartório de Registro Civil de Porangaba existem as escrituras de contratos de exploração de minas de petróleo e seus derivados no município e que, infelizmente, foram tentativas frustradas. No Livro de Notas nº 38, ref. ao ano de 1925, acham-se diversos assentamentos nos quais constam como interessado (outorgado) o dr. Aristides Spínola, advogado, residente em São Paulo, representado pelo procurador Alfredo Graziano, de Tatuí e como outorgantes os proprietários de terras locais:

1. *João Pedroso de Oliveira e sua mulher Adélia Benedita da Rosa, em 19/09/1925, no sítio de 40 alqueires e, em mais diversas partes, de duas invernadas, no bairro da Boa Vista;*
2. *Manoel Luiz Fernandes e sua mulher Maria do Céu, e o filho Amândio Luiz Fernandes, em 23/09/1925, no sítio de 8 alqueires, no bairro do Rio Bonito;*
3. *José Martins e sua mulher Linda Rosália Martins, em 28/09/1925, no sítio de 8 alqueires, no bairro da Serra do Amaral;*
4. *Luiz Antônio de Oliveira e sua mulher, em 30/09/1925, no sítio de 33 ½ alqueires, no bairro do Rio Bonito;*
5. *José Colombara e sua mulher Maria Pazinatto, em 30/09/1925, no sítio de 30 alqueires, no bairro da Boa Vista;*
6. *Bonifácio José Garcia e sua mulher Virgilina Maria da Conceição, em 05/10/1925, no sítio de 6 alqueires no bairro da Boa Vista;*
7. *Bento Cardoso da Silva e sua mulher Edwirges Maria da Conceição, em 05/10/1925, no sítio de 15 alqueires, no bairro da Boa Vista;*
8. *Vicente Lourenço Pinto, viúvo, em 05/10/1925, no sítio de 10 alqueires, no bairro da Boa Vista;*
9. *Tibúrcio Pedroso da Silva e sua mulher Palmira Maria da Conceição, em 14/10/1925, no sítio de 30 alqueires, no bairro da Boa Vista;*
10. *João Leopoldino, solteiro, em 19/10/1925, no sítio de 4 alqueires, no bairro do Estreito;*
11. *Josino Pedroso Trindade e sua mulher Gertrudes Maria da Conceição, em 19/10/1925, no sítio de 23 alqueires, no bairro do Estreito;*
12. *José Pedro da Silva e sua mulher Benedita Maria de Jesus; José Soares e sua mulher Maria Luiza de Jesus, em 27/10/1925, no sítio de 10 alqueires, no bairro da Boa Vista;*
13. *Dermino Amaro Granjeiro e sua mulher Germina Maria da Conceição, em 27/10/1925, no sítio de 15 alqueires, no bairro da Boa Vista;*
14. *Benedito Pinto da Silva e sua mulher Antônia Maria de Oliveira, em 27/10/1925, no sítio de 15 alqueires, no bairro da Boa Vista;*
15. *Joaquim José Ribeiro, em 27/10/1925, no sítio de 25 alqueires, no bairro da Boa Vista;*
16. *Primo Antônio Colombara e sua mulher Liberalina de Paula, em 09/11/1925, no sítio de 15 alqueires, no bairro da Boa Vista;*
17. *Francisco Coelho de Oliveira, viúvo, em 13/11/1925, no sítio de 10 alqueires, no bairro da Boa Vista;*
18. *Antônio Coelho de Oliveira e sua mulher Avelina Maria da Conceição, em 13/11/1925, no sítio de 6 alqueires, no bairro da Boa Vista;*
19. *João Marques de Oliveira e sua mulher Maria Cândida; Odorico Estevam Portela e sua mulher Maria Rosa; Nicanor Silveira Castro e sua mulher Clementina Maria Cândida, em 13/11/1925, no sítio de 30 alqueires, no bairro da Boa Vista;*
20. *Salvador Domingues da Silva e sua mulher Benedita da Silva, em 16/11/1925, no sítio de 9 alqueires, no bairro da Boa Vista;*
21. *Francisco Pedroso da Silva e sua mulher Maria Portela; Juvenal Marques de Oliveira e sua mulher Amélia da Silveira Garcia; Agenor Pedroso, no sítio de 15 alqueires, no bairro da Boa Vista;*

No mesmo livro, já referentes ao de 1926, foram localizadas as escrituras firmadas com o engenheiro Constantino Badesco Dutza, (outorgado), mineralogista e geólogo romeno, com residência em Tatuí, que contratavam a exploração de minas petrolíferas com outros proprietários porangabenses (outorgantes):

1. *Benedito Fogaça Leite e outros, em 11/10/1926, no sítio de 360 alqueires, no bairros dos Fogaça. (Benedito Fogaça Leite e sua mulher Luiza Diniz Vaz; Antônio Fogaça Leite e sua mulher Isaura Maria de Almeida; Antônio Victor Soares e sua mulher Rita Soares Fogaça; Nicanor Fogaça Leite e sua mulher Leopoldina Maria da Almeida; Miguel Vieira de Campos e sua mulher Ignes Fogaça de Campos; Antônio Nunes Diniz e sua mulher Lázara Fogaça Leite; Dassás Vieira de Camargo e sua mulher Olímpia Fogaça de Camargo; Durvalino Lopes de*

Almeida e sua mulher Lázara Fogaça de Almeida);

2. *Domingos Manoel de Miranda e sua mulher Elisa de Jesus Miranda, em 15/10/1926, no sítio de 50 alqueires, no bairro do Rio Bonito;*
3. *Maria Engrácia Soares Fogaça e filhos, em 16/10/1926, no sítio de 66 alqueires, no bairro dos Lopes;*
4. *Joaquim Francisco de Miranda e sua mulher Hermínia Vieira de Miranda, em 18/10/1926, no sítio de 100 alqueires, no bairro da Boa Vista;*
5. *Afonso Pereira de Camargo, solteiro, em 19/10/1926, em terreno de 7 alqueires, no subúrbio da vila; outro num sítio de 4 alqueires, no bairro do Rio Bonito e em um terreno de ½ alqueire na rua XV de Novembro;*
6. *Francisco Xavier da Costa Júnior, em 19/10/1926, na Fazenda Bela Vista, de 100 alqueires, no bairro dos Lopes; na Fazenda Rio Feio, de 150 alqueires, no caminho de Bofete e num terreno de 70 alqueires no caminho dos Correa;*
7. *Rafael Pássaro e sua mulher Custódia Pástina Passaro, em 16/10/1926, no sítio de 22 alqueires, no subúrbio da vila;*
8. *José Bráulio de Campos Mello e sua mulher Maria do Amaral Camargo, em 26/10/1926, no sítio de 45 alqueires, no bairro da Capuava;*
9. *Zeferino Francisco Paulino e sua mulher Leopoldina Maria de Jesus, em 26/10/1926, no sítio de 8 alqueires, no bairro da Serra do Amaral;*
10. *Manoel Ignácio São Pedro, viúvo, em 27/10/1926, no sítio de 6 alqueires, no bairro do Rio Bonito:*
11. *Manoel Francisco de Oliveira e sua mulher Joana Maria da Conceição, em 28/10/1926, no sítio de 28 alqueires, no bairro do Rio Bonito;*
12. *Dinarte Leite Cassimiro e sua mulher Ana Diniz de Proença, em 28/10/1926, no sítio de 13 ½ alqueires, no bairro do Varzeão;*
13. *Salvador Soares da Silva e sua mulher Maria Rosa, em 28/10/1926, no sítio de 2 ½ alqueires, no bairro da Serra do Amaral;*
14. *Valêncio Augusto da Silva e sua mulher Arminda de Almeida Miranda, em 31/10/1926, no terreno de 21 alqueires, no subúrbio da vila;*
15. *Firmino Olindino de Mello Palmeira e sua mulher Ana de Jesus Soares, em 03/11/1926, no terreno de 4 ½ alqueires, no subúrbio da vila;*
16. *Abimael do Amaral e sua mulher Leontina Helena do Amaral, em 03/11/1926, no sítio de 23 alqueires, no bairro da Serra do Amaral; e outro de 1 ½ alqueire no mesmo bairro; em um outro com 7 alqueires, no subúrbio da vila e no sítio de 8 alqueires, no bairro da Boa Vista;*
17. *Emídia Raquel dos Santos, viúva, em 04/11/1926, no sítio de 2 alqueires, no bairro da Serra do Amaral;*
18. *Agenor Antunes do Amaral e sua mulher Ester Amaral Camargo, em 05/11/1926, no sítio de 2 alqueires, no bairro da Serra do Amaral*

39. Petróleo da Mina

A segunda tentativa para localizar e explorar petróleo na área conhecida como "mina", no atual município de Bofete e que antes pertenceu a Porangaba, aconteceu a partir de 1927, mas foi frustrante. O empreendimento, apesar de ser no município vizinho, teve influência maior na nossa comunidade, pois grande parte da movimentação de máquinas, equipamentos e pessoal foi por aqui, além da expectativa econômica, com a subscrição de ações por parte de porangabenses que torciam para o sucesso do projeto a fim de ganhar dinheiro. O *"poço petrolífero"* ficava nas proximidades do bairro dos Pedroso, quase na divisa com o nosso município, na fazenda que pertenceu à Família Spínola Dias.

- *Contavam e ainda contam os moradores mais antigos do bairro dos Pedroso (hoje já são poucos!) que as caldeiras vieram de Tatuí, transportadas por carretas puxadas por juntas de bois. Eram equipamentos enormes e pesados. Depois de instaladas, consumiam muita lenha, que era cortada a machado, no próprio bairro, e trabalhavam muitas pessoas. O empreendimento durou de 10 a 12 anos, até a desativação e haviam boatos de que o engenheiro americano e o administrador boicotaram a exploração em troca de dinheiro. O projeto fracassou e houve muito prejuízo para os cotistas. Por ironia do destino, talvez para compensar a grande dificuldade enfrentada no passado, pela falta de estradas e pelo demorado trabalho de transporte, hoje, os vestígios do primeiro poço perfurado estão a, mais ou menos, 150 metros da moderna Rodovia Castelo Branco. No local da perfuração, existia até há pouco tempo um cano, adaptado como chuveiro de "água sulforosa" e também um pequena piscina. O local continua inexplorado até hoje.*

O jornal "O Comércio", de Tatuí, de 05/06/1927, noticiou a festa inaugural da mina:

"*A festa inaugural da mina pertencente à Companhia Brasileira de Petróleo Cruzeiro do Sul foi realizada no dia 30/05/1927, contando com a presença de autoridades vindas de Bofete, Torre de Pedra, Porangaba, Guareí, Itapetininga, Tatuí, Sorocaba, São Paulo, etc. Foi abrilhantada pelas bandas São Vicente de Tatuí e a banda Santo Antônio de Porangaba. Foi servido um churrasco aos presentes. O pe. Ângelo Lemarchand, vigário de Porangaba, procedeu a bênção dos equipamentos e instalações. Autoridades presentes: dr. Saul Botelho, da Secretaria da Agricultura; Mário Bresane da Secretaria da Agricultura; dr. Octávio Salgado Romeiro, da Secretaria da Justiça; engenheiro dr. Alois Fabian, da Revista da Semana do Rio de Janeiro; engenheiro dr. Desidério Strauss, de Petrópolis; dr. João Pinto Cavalcanti, juiz da Comarca de Sorocaba; dr. Laurindo Dias Minhoto, senador estadual; João Jacinto de Almeida, agente da Companhia de Petróleo de Jaú; Azevedo Ribeiro e Anibal Domingues da Silva, redator e fotógrafo da Folha da Manhã e Folha de Noite; Alberto dos Santos, agente do jornal "O Estado de São Paulo"; professor Lino de Barros, agente do jornal "Correio Paulistano"; José Ortiz de Camargo, do jornal "O Progresso de Tatuí"; Manoel Vieira de Camargo, agente do jornal "A Noite", do Rio de Janeiro; Avelino de Oliveira Machado, do "Jornal do Comércio"; Nicolau Sinisgali, prefeito de Tatuí.*

- *Foi um empreendimento particular com a formação de companhia societária por ações, quando houve a participação de muitas pessoas que perderam dinheiro, pois o negócio fracassou. A perfuração era chefiada pelo engenheiro romeno dr Constantino Badesko Dutza e o assistente era o sr. Alfredo Graziano, de Tatuí.*

A respeito do assunto, o Jornal de Tatuhy, na edição do dia 27/07/1930, publicou:

"Petróleo em Bofete - Perfuração pela Companhia Brasileira de Petróleo "Cruzeiro do Sul" - Acham-se completamente paralisados os trabalhos de perfuração e sondagem daqueles terrenos petrolíferos. Contudo, não queremos crer que seja uma atitude definitiva. A Companhia em organização, no ano passado, no intuito de estabelecer as bases seguras de seu capital subscrito em ações, trocou os primitivos recibos chamados provisórios pelos certificados, que deverão ser oportunamente substituídos por ações ao portador. Isto foi, mais ou menos, em agosto ou setembro do ano passado. Já vai, portanto, para um ano. Após esse fato, parece que a Companhia não deu mais sinal de vida. É uma ocorrência de se lamentar, porquanto os acionistas, os financiadores dos primeiros trabalhos da mesma, têm, além da mais viva e natural curiosidade, um duplo interesse: um econômico-financeiro e outro - patriótico. Um seria o bem estar próprio, isto é a prosperidade de sua riqueza particular. O outro seria a prosperidade coletiva ou do País. Ora, nós, os habitantes de Tatuí e das localidades vizinhas à Mina, que fomos os primeiros a concorrer para o "substractum" financeiro da Companhia, em questão, temos o direito de pedir informações e pormenores dos seus incorporadores, residentes todos na Capital do Estado, sobre o andamento e fins da mesma. Não poderemos estar às escuras. Nem tampouco ser ingenuamente ludibriados. Sob quaisquer circunstâncias que se achasse, era muito razoável comunicar alguma coisa aos acionistas".

No ano de 1931, o sr. Alfredo Graziano, que dirigiu os trabalhos de sondagens, informava que as perfurações estavam paralisadas desde 03/01/1929 pela quebra das brocas. Assegurava que os serviços iriam continuar; que a companhia estava em reorganização e continuava com os seus incorporadores: dr. Henrique de Souza Queiroz, Paulo A. de Assumpção e José de Almeida Prado Júnior. Confirmou que o engenheiro Dutza tinha se desligado da companhia, mas esta possuía pessoal habilitado e abundante material, dependendo, unicamente, da visita dos incorporadores para examinar o estado da mina a fim de começar novas sondagens. Que os trabalhos em Bofete seriam reiniciados assim que as estradas permitissem o trânsito. Confiava na existência de petróleo e também que os acionistas teriam os seus direitos garantidos. Em 16/04/1931 a Cia. Brasileira de Petróleo "Cruzeiro do Sul" foi legalmente constituída, assumindo a presidência o dr. Henrique de Souza Queiroz e a vice-presidência o sr. Cecílio José Caram. Infelizmente, nada de positivo aconteceu e fracassou a segunda tentativa de extrair petróleo naquela área. Os prejuízos foram enormes.

40. Benzedeiros e curandeiros.

Os primeiros moradores do Rio Feio eram católicos, mas, em se tratando de saúde, não se furtavam às práticas condenadas pela Igreja Romana como as benzeduras, daí já existir naquela época os ***"curandeiros"*** e ***"benzedeiros"*** espalhados pela região.

- *Benzia-se "erisipela" com a aliança, fazendo-se círculos por 3 vezes ao redor do local atingido.*

Para benzer "sapinho", jogava-se água no cocho dos porcos, depois pegavam-se 3 paninhos cortados em quadrados, que eram molhados nessa água e passados na boca do doente pela manhã, durantes 3 dias seguidos. Contra os vermes, colocava-se um copo d`água com chumbinhos de espingarda sobre a cabeça do doente (normalmente crianças) e, quando a água começava a criar bolhas (segundo eles, a ferver), os vermes desciam. As benzeduras se tornavam mais complexas quanto mais graves eram os males que se pretendiam curar.(História da Vida Privada no Brasil, vol. 2)

Remédios caseiros usados nos sítios: indicados pelo Roquinho Mariano morador do bairro dos Mariano, um líder comunitário de saudosa memória.

1. *Para câimbra: dissolver um punhado de sal de gado em água morna e tomar banho, ou beber meio copo da mistura antes de dormir;*

2. *Para bronquite: comprar um coco da Bahia, tirar a água, encher de mel e enterrar durante 15 dias; desenterrar e tomar um cálice, três vezes ao dia;*
3. *Para dor de barriga: Chá de quina com marcelinha; chá de folha de pitanga;*

4. *Para reumatismo: misturar raízes de guaimbê, mentrus e espirradeira branca num litro de álcool e passar no lugar que dói; misturar flor de cravo amarelo em um litro de álcool, curtir por alguns dias e passar na parte dolorida;*

5. *Para impigem: Cipó de sete quinas, cozinhar e passar a água na impigem;*

6. *Para feridas na cabeça de criança: cozinhar um punhado de flor de cambará do campo e com a água lavar a cabeça da criança;*

7. *Para hemorróidas: usar 3 pimentas combari (ou comari) para engolir em jejum, uma vez ao dia.*

Vivendo isolado, distante dos maiores centros como as cidades e até do povoado, os sitiantes, sem qualquer tipo de assistência médica, quando ficavam doentes, apelavam para as benzeduras, curandeiros e orações – as únicas coisas a que podiam se apegar.

Também era comum a existência de estátuas de santos da devoção ou, ainda, de um pequeno oratório doméstico em quase todas as casas, com velas e flores, independente da condição econômica dos moradores, onde se faziam as orações e pediam proteção. As orações eram para os mais variados fins: orações para conter as tempestades, para partos laboriosos, para arranjar marido, evitar pragas nas plantações, contra cobreiro, bicheira, mau-olhado, feridas, mordeduras de cobra, etc.

Existia a crença de que se feitas com fervor, as orações produziam efeitos surpreendentes, protegendo os homens dos perigos da vida e os animais e plantações das mazelas da natureza. Hoje, muitos se lembram ainda da oração a São Bento pedindo proteção contra as "cobras e os bichos peçonhentos"

Ficou famosa, também, a trilogia dos remédios usados pelo povo, nas pequenas cidades, sítios e fazendas – óleo de fígado de bacalhau para fortificar, sal amargo para o estômago e óleo de rícino como purgante, prática muito comum até a metade do século anterior. Fora disso, usavam muita medicina vegetal, além de curandeiros. O imigrantes que vieram para trabalhar nas fazendas de café, principalmente os italianos, também aderiram a esse tipo de tratamento, pois passaram pelas mesmas dificuldades e não dispunham de recursos para procurar médicos. Era praticamente impossível, já que eram poucos esses profissionais.

No ano de 1906, vinte anos após o ingresso maciço de imigrantes no território paulista, tínhamos, por exemplo, 10 médicos para uma população de 52 mil habitantes na região de Ribeirão Preto, 6 para 55 mil habitantes na região de São Carlos do Pinhal e assim por diante. Como agravante, o preço da consulta era então tão abusivo e equivalia ao que se ganhava em um ano com a colheita. Imaginem o que acontecia na região tatuiense...! Diante disso, as populações rurais enfrentavam a adversidade das doenças com receitas caseiras, com folhas e raízes encontradas nas matas, com excretos de animais, misturados e, ainda, com simpatias e orações. Havia ainda muita ignorância.

O ***"mal de 7 dias",*** *por exemplo, era uma infecção umbelical (tétano) comum na época e que provocava o maior número de mortes entre os recem nascidos por falta de antissépticos e higiene. Era um flagelo; pois no lugar infectado colocavam "teia de aranha" ou "pó de café". Felizmente, hoje, não existe mais.*

As ervas utilizadas para o tratamento das doenças, conhecidas por meio das receitas da medicina popular, espalhadas pela mata, tinham qualidades terapêuticas que vinham de ensinamentos antigos. As plantas medicinais todo mundo tinha em volta da casa: marcelinha, losna, carqueja, etc. O tratamento era muitas vezes na base de chá, e com vinho ou pinga eram preparadas as garrafadas e mezinhas de folhas, raízes e caules dessas plantas.

Também era costume dizer que a plena eficácia das ervas e raízes dependia das fases da lua.

Curandeiros, Benzedeiros e Homeopatas.

Os curandeiros, raízeiros e benzedeiros sempre foram pessoas de sabedoria ancestral, figuras requisitadas nos lugares em que viviam.[23] Não possuíam títulos e nem conhecimentos médicos, mas sabiam as propriedades de ervas e raízes e tinham um vasto repertório de orações.

- Eis alguns nomes de destaque: *Firmino Palmeira, Virgílio Trindade, Chicuta, Nnandica, Quilo Italiano (Achiles Chierici), João do Reis, Serafim Alvarenga, Mantino (Serrinha),* ***(homeopatia),***
- *Antônio Zobé (bairros dos Miranda), Gertrudes Domingues, Maria de Arruda, Marica Carmo, Marianina, Virgínia, Porcina, Zé Luiz, Antônio Luiz, Tirda, Nhô Francelino, Dita Cubas, Dona Zulmira, Luiz Moura, Chico Luzia, Melico Luzia, Carlino Fidelis, Avelininho, Toninho Curador, Tiburcinho, Roquinho Mariano, Felix, Juca Paes, João Faria e outros.*

41. Farmacêuticos

Farmacêutico ou boticário - aquele que exerce a farmácia, arte que ensina a conhecer e conservar as drogas e a preparar os medicamentos. É uma das profissões mais antigas, que no início, na tentativa de aliviar sintomas e combater doenças por meio de medicamentos, firmava-se na superstição, na magia e na própria religião. O farmacêutico antecedeu ao médico, principalmente, nos pequenos povoados, não somente por se tratar de um costume cultural, mas principalmente pela falta desses profissionais.

No povoado do Rio Feio não foi diferente. Quando os poderes curativos dos "curandeiros" e "benzedeiros" já não funcionavam, buscavam-se os farmacêuticos e outros remédios. Quem teria sido o primeiro farmacêutico a se fixar aqui? É difícil resgatar o nome, mas pela pesquisa foi possível chegar a dois nomes que, com certeza, estão entre os primeiros. Os mais antigos na Bela Vista seriam: Virgílio Trindade de Ávila e Jorge Apolinário da Costa Neves. Faltam informações. Não existia, propriamente, a farmácia instalada como nos dias de hoje.

A leitura da ata da reunião da Câmara Municipal de Tatuí. de 14/12/1899, permite saber que, até aquela data, não existia farmácia na Bela Vista e nem farmacêutico formado. A conclusão é que Carlos Frederico dos Santos foi o primeiro a montar farmácia por aqui. A respeito de sua vinda para nossa cidade, o jornal "Cidade de Tahuhy", de 07/10/1900, publicou:

- *"Seguiu há dias para Bella Vista, onde vai fixar residência, o nosso amigo capitão Carlos Frederico dos Santos. O mesmo pretende montar uma boa pharmácia naquelle local. Pela óptima aquisição que acaba de fazer a população daquella freguezia, damos os nossos parabéns".*

Farmacêuticos: até, aproximadamente, 1960: *Virgílio Trindade de Ávila, Carlos Frederico dos Santos, Jorge Apolinário da Costa Neves. Correinha, Trajano Italiano, Afonso Avallone Júnior, João Avallone, Francisco Carneiro da Silva (Chiquinho Carneiro), Francisco Rodrigues Dutra, Oscar Carlos Avallone, Francisco Miranda Nogueira (Chiquinho Nogueira), Felix Zacca, José Santos de Campos (Juca da Farmácia), Lauro Prestes de Camargo, Benedito Gianotti, Francisco Scaglione, Florival Moreira da Silva, Ataliba da Costa Ávila e outros.*

42. Médicos

Não tivemos um médico sequer, fixo, por aqui, durante muito tempo. Demorou bastante para que chegasse o primeiro profissional, mas o fato não chegava a ser alarmante, pois, até meados do século passado, foram poucos os que se fixaram nas pequenas cidades, já que optavam sempre por centros maiores. O atendimento à população era feito primeiramente pelos farmacêuticos locais, que prestavam os primeiros socorros, solucionavam a maioria dos problemas e chegavam até a atestar óbitos. Existia, também, entre os moradores o costume de procurar curandeiros e benzedeiros, além de parteiras. Os "doutores" vinham até o povoado quando a situação sanitária já era crítica, como ocorreu em 1917/19 na epidemia de bexiga, que precisou até de "isolamento".

- Segundo o tropeiro porangabense Antônio Manoel de Miranda, "*muitos morreram e outros ficaram marcados pela "bexiga", com os rostos cheios de furinhos. Citava, especialmente, o tropeiro Mingo Lemes e o folclórico João Telles, sendo que o último,*

[23] *Alguns contadores de "causos" comentavam, por terem ouvido dizer, que por 1860/1870 ainda viviam índios por aqui. Um deles, de nome Baltazar, morava numa choça, atrás da capela. Era o curandeiro com suas hervas, cobras, amuletos e poções mágicas. Vale como registro, já que não existe nenhuma prova documental.*

num ato de desapego, apresentou-se voluntariamente para trabalhar como enfermeiro e, ao cuidar dos doentes, contraiu a doença".

Em 1924 tivemos um surto de varíola que exigiu a atenção imediata do Serviço Sanitário do Estado de São Paulo, feito de forma eficaz, conforme noticiou o jornal "O Progresso de Tatuí", na edição 108, de 23/11/1924:

"*Notícia de Porangaba a respeito do estado sanitário, destaca o trabalho carinhoso e dedicado do médico dr. Pedro Gelas Filho, que se interessou pelo tratamento dos doentes e do seu isolamento, impedindo o progresso da varíola. Foi bastante elogiada a escolha do médico pelo Serviço Sanitário do Estado de São Paulo e ficou evidente o seu alto espírito profissional, paciência e zelo. Os doentes passam bem, não surgiram novos casos e a doença esta praticamente debelada".*

Foi muito importante, também, o suporte médico dado na oportunidade pelo dr. Daniel Martins.

Médicos de Tatuí que faziam atendimentos temporários e emergenciais: *Alves Guimarães (1915), Vicente Sinisgali (1932), João Vieira de Camargo, Gualter Nunes, Almiro dos Reis (1930), Lorena Guaraciaba, Jenner Faria, Medardo da Costa Neves, José Celso Nogueira – o primeiro médico do Posto de Saúde - (1946). Como residente, tivemos o médico italiano, dr. Colângelo, (possivelmente nos anos 30 do século passado), depois, em 1940, o dr Aniz Boneder que aqui clinicou por muito tempo e depois mudou-se para Tatuí.*

Em seguida, ainda como residente, tivemos o dr. Renato Felix Ribeiro (1944/49). Como já funcionava o Posto de Saúde, vieram outros profissionais como o dr. Emílio Sallum, dr. Jorge Assef Amad (residente), dr. Ivo Pástina (residente). Finalmente, em 1974 foi criada a Santa Casa de Misericórdia e o seu 1º diretor-médico foi o dr. Abrão Marcovici.

Curiosamente, Porangaba teve, até hoje, poucos médicos dentre seus filhos, um fato até certo ponto frustrante, pois é conhecido o denodo e a dedicação dos porangabenses aos estudos. São poucos os nomes conhecidos. Orlando Bassoi, Fernando Freire de Souza e José Francisco Nogueira, todos em São Paulo. Com certeza, é provável que haja a omissão de nomes, mas, não temos informações. Ouvimos, recentemente, referências elogiosas ao dr. José Custódio de Moura, outro médico porangabense, nascido no bairro da Serrinha, que também trabalha na capital paulista.

43. Dentistas

Antigamente, os dentistas eram, na maioria, leigos ou práticos. Os ambulantes, e que não eram poucos, já costumavam passar pelos povoados, sítios e fazendas; os chamados ***"tiradentes"***. O dente cariado era arrancado na *"marra"*, sem anestesia, na base da coragem e força. Curiosamente, na Bela Vista de Tatuí, já morava, desde o início do século passado, um prático, o tenente Firmino Olindino de Mello Palmeira, pernambucano, pessoa muito estimada. Além de *"dentista"*, exerceu importantes cargos na comunidade (foi professor de primeiras letras, juiz de paz, presidente da Câmara Municipal e sub-prefeito, etc.). Os conterrâneos mais idosos ainda falam carinhosamente do *"Velho Palmeira"* e do "alívio" que tiveram quando atendidos nas emergências. São poucos hoje e orgulhoamente falam das extrações a que se submeteram, pois *"o tempo abrandou as dores sofridas e permite hoje cantar de galo: - nem chorei e agüentei firme na cadeira, foi a frio mesmo"!*

Depois, vieram outros: Alírio José Honório Perpétuo, José Nogueira (formado), José Teixeira Barbosa (Zé Pastéis), José Mana, tenente Durval Tricta e Oswaldo Weiss. Chegaram também a trabalhar por pouco tempo, entre 1925 a 1926, José Luiz Gorga (prático) e Arcângelo Gorga (formado), sobrinhos do padre Gorga. A partir de 1927 já estavam por aqui outros dentistas formados, como Anísio Amaral e Emmanuel Marques. Os dentistas de Tatuí, vinham periodicamente para atender a população local, como o José Negrão. Ainda, tivemos outros práticos, como o Germano (Guareí), Mário Algodoal Filho, Raul Dentista, Edward Kruger (Didi) e Eugênio Grazioli, estes dois últimos acompanhados das respectivas esposas Marieta Nogueira e Elisa Schanz Grazioli, que eram dentistas formadas. Em 1956 aqui trabalhou o Romeu (filho do Zeca Lagarto), que foi provavelmente o último dentista prático a atender em nossa cidade. Durante muitos anos ainda, até mais ou menos, 1960, a maior parte da população sempre se utilizou dos serviços dos profissionais de Tatuí. O primeiro cirurgião dentista porangabense, que aqui montou seu "gabinete", foi o dr. Francisco Rosa de Oliveira ***(Chicoélo)***, formado pela renomada Faculdade de Odontologia de Araraquara. Outro nome de destaque na área odontológica, filho da terra, foi o dr. José do

Espírito Santo São Pedro (o nosso estimado Zé do Patrocínio), de saudosa memória, que, mesmo não tendo trabalhado aqui, foi um profissional altamente qualificado e respeitado em São Paulo, tendo sido, inclusive, membro do Conselho Regional de Odontologia do Estado de São Paulo.

44. Parteiras

No Brasil Colônia, até o primeiro reinado, as parteiras eram conhecidas como "aparadeiras". Depois foram as "assistentes", sem que se alterasse seu precário ofício, exercido no início por pretas velhas e "curiosas". Num país desprovido de tradição camponesa, com uma imigração inicial - européia e africana - majoritariamente masculina – não existia a cultura tradicional das parturientes, transmitida noutras partes, ao longo de gerações, das avós, das tias e das mães para as filhas. Havia o pavor do parto, pois os perigos que o rodeavam eram imensos, especialmente pelas precárias condições de higiene, com consequências funestas para as mães e recém nascidos, os quais, em grande parte, eram frequentemente vitimados pelo tétano umbilical – o mal de sete dias. Qualquer complicação redundava sempre em luto, ou morria o bebê ou morria a mãe...! Os cultos religiosos ligados à proteção do parto revelam o temor ao risco da morte no momento do nascimento. Como a religião católica exercia uma influência dominante, existia a obrigatoriedade da confissão compulsória das parturientes. Supõe-se, ao estudar a evolução da família brasileira, que o pânico das mulheres, com a perspectiva da própria morte durante o parto, tenha levado muitas senhoras a ser mais tolerantes na aceitação dos filhos adulterinos de seus maridos. No final do século 19, mesmo com condições sanitárias ainda deficientes, a expectativa de sobrevivência dos nascituros cresceu, principalmente nos grandes centros, enquanto que nas pequenas comunidades e na zona rural melhorou muito a assistência às parturientes pela chegada das parteiras estrangeiras, principalmente as italianas, bastante experientes e pela atuação da geração de mulheres brasileiras caboclas, que já havia se formado e se deslocava para o "sertão desconhecido", que conhecia o ofício por tradição grupal e familiar.

(História da Vida Privada no Brasil 2 – pg.71)

Santa Casa de Misericórdia de Porangaba

Mulher formada ou não, que assiste partos.[24] No passado, mulheres conhecedoras do ofício por tradição familiar ou necessidade, desempenharam importantíssimo papel na comunidade. Não tinham nenhuma formação e, como por aqui não existiam médicos e nem hospitais, foram durante muitas décadas as assistentes das parturientes. Umas eram nativas, outras imigrantes, sempre senhoras respeitosas, corajosas e que também curavam outros males através de benzimentos. Chamadas de "vó" ou "madrinha", eram frequentemente saudadas e louvadas pelos jovens que ajudaram nascer. Em muitas cidades eram chamadas de "cegonhas" e "comadres".

Parteiras em Porangaba:

Nhá Lina (mãe do Bento Gabriel), Maria Gerônima, Nhá Edwiges, Madalena do Nazareno, Chica Isídia, Nhá Laudelina (mãe do Otávio Sapateiro), Nhá Rita de Arruda, mulher do Porfírio de Arruda (Arruda); Nhandica (Monjolão), ***Bernarda Maria da Conceição (Nhá Bernarda),*** *Maria de Arruda, Guilhermina de Oliveira Vaz, Rosa Tuvica, Dona Júlia, Alexandrina Maria Delfina (Nunes), Eduvirges de Oliveira Campos (Rio Bonito), Nhá Ângela, Marica Diniz, Justina Vieira (Serrinha), Nhana Serafim (Serrinha), Nhá Barbina (Serrinha), Tirda, Ana de Oliveira Vaz (Cotinha - Mariano), Dita Cubas, Vitú, Tuca (bairo dos Pedroso), Rosa do Ventura, Libertina, etc.*

45. Santa Casa de Misericórdia

Os problemas de saúde no antigo bairro do Rio Feio e adjacências sempre foram mitigados pelos curandeiros locais e, no inicio do século passado, a população passou a ser atendida pelos primeiros farmacêuticos práticos que chegaram. Médico residente nem pensar, o que somente veio a

[24] *Nhá Bernarda – Velha e analfabeta, que durante um largo período praticou a obstetrícia cabocla na região. Aparou grande parte dos meninos porangabenses da época, que às vezes resolviam vir ao mundo de madrugada e com chuva grossa. Eu fui um deles. Certamente, pela oportunidade da chegada, levei uns tapas na bunda à guisa de boas vindas. Por sua arte e sua dedicação, Deus deve tê-la junto Dele, em lugar privilegiado. Assim seja!*

(Dr. Gentil de Oliveira, porangabense ilustre)

Nhá Bernarda – Século 19 – Um símbolo. Profissão: parteira, ou melhor sacerdotisa .Pelas suas milagrosa mãos nasceram por quase 50 anos, todos, todos porangabenses, quer pobres, remediados ou ricos. Seus ouvidos ouviram os nossos primeiros berros, que anunciavam a chegada e que aqui já estávamos. Eu também! Não tenho palavras, não encontro adjetivação capaz de definir a grandeza daquela mulher santa. Santa, santa, mil vezes santa!!

(Dr. Urbano de Miranda, porangabense ilustre)

ocorrer pelos idos de 1940. O atendimento para os mais ricos era feito na Santa Casa de Misericórdia de Tatuí ou pelos médicos daquela cidade, nos caos de emergência e quando requisitados. O resto do povo padecia, os problemas sanitários se agravavam e as perspectivas de melhora eram mínimas. Com o primeiro médico que se fixou por aqui e também com a criação do Posto de Saúde, em 1946, houve uma melhora razoável, mas ainda insuficiente. Existia, por outro lado, a expectativa, por parte de alguns abnegados, de instalar o próprio hospital, porém as dificuldades eram enormes.

Despontou, então, o dedicado ***Francisco Pássaro***, o querido e inesquecível ***Chichilo***, filho de italianos, professor e advogado, o grande responsável pela criação da Santa Casa de Misericórdia de Porangaba, com ajuda financeira e material. Um fato inédito de benemerência ocorreu aqui, pois antes da Santa Casa ser criada, ainda na fase de projeto, já possuia apreciável patrimônio doado pelo benemérito, que, lamentavelmente, faleceu antes da instalação do hospital.

Outro batalhador incansável foi ***Frei Timóteo Maria de Porangaba,*** porangabense ilustre, que, até há pouco tempo, ainda estava à frente de campanhas angariando recursos para a manutenção do hospital. Fundada em 1957, somente foi instalada em 1974 graças ao esforço conjunto do Sindicato Rural de Porangaba, do Bispo Diocesano de Sorocaba, do Vigário da Igreja Católica local e da sociedade em geral, para dar o atendimento médico mínimo à população. Após inúmeros acertos e providências cartoriais, foi instalada no dia 06/02/1974, ***quase 17 anos após a fundação***, inicialmente na antiga casa paroquial, à rua Papa João 23, nº. 68 e, depois transferida para o prédio próprio à rua professor Antônio Freire de Souza, construído justamente no terreno doado pelo professor Pássaro. A diretoria: *Provedor: João Batista de Barros; Presidente: Cristino Manoel de Miranda; 1º Secretário: Acácio Domingues; Tesoureiro: Rubens Xavier Rosa; Médico: Abrão Marcovici.*

Histórico

A Santa Casa de Misericórdia de Porangaba foi fundada no dia 12/03/1957, em reunião realizada no prédio da Prefeitura Municipal, onde funcionava também a Câmara Municipal, sendo eleita então a diretoria provisória assim constituída: pe. Antônio Dragone (presidente); Dassás Vieira de Camargo (vice-presidente); Renato Angelini (1º Secretário); Otoniel dos Reis (2º Secretário); Benedito de Oliveira Vaz (1º tesoureiro); Francisco Patrocínio São Pedro (2º tesoureiro). Na ocasião, formou-se a Comissão para elaborar os estatutos com os seguintes membros: srs. Aldo Angelini, Abílio São Pedro, Acácio Domingues, Domingos Antão Machado e Alaor Fazzio, e foi marcada a data de 15/05 para discussão dos estatutos e eleição da diretoria definitiva.

Através da Assembléia Geral Extraordinária, realizada no dia 15/05/1957, foi eleita por aclamação a primeira diretoria, assim formada: pe. Antônio Dragone (presidente); Dassás Vieira de Camargo (vice-presidente); Renato Angelini (1º Secretário); Benedito de Oliveira Vaz (Tesoureiro); Luis Sola Ares, Acácio Domingues e Renato Nogueira (Conselho Fiscal); Mário Antônio Nogueira, Otoniel dos Reis e Abílio São Pedro (Mordomos).

Ata de Fundação da Santa Casa de Misericórdia de Porangaba

Aos 12 (doze) dias do mês de março de 1957 (hum mil novecentos e cinquenta e sete), nesta cidade de Porangaba, em o prédio da Prefeitura Municipal, onde funciona a Câmara Municipal, sito à rua professor Antônio Freire de Souza, às 20 (vinte) horas, reuniram-se os infra-assinados, sob a presidência do vereador Aldo Angelini, especialmente convidado, com o fim de fundarem nesta cidade uma Santa Casa, similar às existentes nas cidades vizinhas. Pediu, então, a palavra o vereador Alaor Fázzio e por êle foi amplamente explicado o que seria tal instituição de caridade, os seus fins, quais os seus encargos e responsabilidades, e como deveria ser constituída. Dada a palavra às pessoas presentes, por todas foi manifestado estarem de acordo com a fundação de uma Santa Casa, que resolveu-se denominar Santa Casa de Misericórdia de Porangaba. Assim, foi proclamada por unanimidade a fundação da Santa Casa de Misericórdia de Porangaba e, a seguir, foi sugerido que se elegesse uma Comissão encarregada e elaborar os respectivos estatutos e os apresentasse para discussão dentro do prazo de 120 (cento e vinte) dias, contados de hoje. Aprovada a sugestão, ficou constituída a Comissão elaboradora dos estatutos, os srs. Aldo Angelini, Abílio São Pedro, Acácio Domingues, Domingos Antão Machado e Alaor Fázzio. Por aclamação foi instituída ***uma diretoria provisória****, composta dos srs.: revmo. padre Antônio Dragone (presidente); Dassás Vieira de Camargo (vice-presidente); Renato Angelini (1º secretário); Otoniel Rodrigues dos Reis (2º secretário); Benedito de Oliveira Vaz (1º tesoureiro); Francisco Patrocínio São Pedro (2º tesoureiro), todos residentes nesta cidade, os quais tomaram posse de seus cargos. A seguir, designou-se para nova reunião, a fim de discutir os estatutos e proceder-se a eleição da diretoria definitiva, o dia 15 de maio de 1957, considerando-se a reunião de hoje como a da fundação da "Santa Casa de Misericórdia de Porangaba". Nada mais havendo, o sr. Presidente encerrou a reunião e mandou que se lavrasse esta ata, a qual lida e achada conforme, vai devidamente assinada por todos os presentes. Eu, Renato Angelini, secretário "ad-hoc", que escrevi. (seguem as assinaturas) - pe. Antônio Dragone, Dassás Vieira de Camargo, Renato Angelini, Otoniel dos Reis, Benedito de Oliveira Vaz, Francisco Patrocínio São Pedro, Aldo Angelini, Alaor Fázzio, Acácio Domingues, João Sebastião Vieira, Domingos Antão Machado, Mário Antônio Nogueira, Dr. Ivo Pástina, Horácio Manoel Domingues, Wilson Monteiro, Thomaz Armando, Lineu Vieira de Moraes, Ílegível, Paula*

Hilda de Miranda Angelini, Maria Apparecida de Lima Fázzio, Hermenegildo Soares Ramos, Luis Sola Ares, Murilo Alves Seraphim, João Leme da Silva, Manoel Soares Ramos, João Nunes Diniz, Paulo Moraes da Silva, Jaures Soares Ramos, Antônio de Jesus Angelini, Luiz Choupot, Onozor Pinto da Silva, Antônio Pinto da Silva, Erasmo Pedroso de Oliveira, João Batista Mendes, Ivo Figueiredo Cruz, Pedro de Paula Leite, Agostinho Angelini, Ivo de Oliveira Vaz, Dalci do Amaral, João de Paula Neto, João Luiz Machado, João Palmeira, Ataliba da Costa Ávila, Cornélio Manoel Rodrigues, Olair Barbosa Carneiro, Paula M. Miranda, João Bueno de Miranda, Salatiel Fogaça, Angelino Nunes da Silva, José Domingos Fogaça, Irineu Oliveira Pinto, Renato Nogueira, Maria Ignes de Miranda, José Fogaça de Almeida, Antônio de Oliveira Pinto, Maria Amália Miranda Angelini, João Paulino da Silva, Florival Moreira da Silva, Alfredo Ares, Joaquim Morais, Francisco Rosa de Oliveira, Rivadávia Soares Spínola, Oscar Carlos Avallone e Abílio São Pedro.

Registro nº 53.673

No Livro de Transcrição das Transmissões nº 3-AV, do Cartório do Registro de Imóveis de Tatuí, encontra-se o registro nº 53.673, feito em 05 de abril de 1968, pelo qual se verifica que a Santa Casa de Misericórdia de Porangaba, entidade assistencial e hospitalar, sediada em Porangaba, adquiriu por doação que lhe fez a Igreja Matriz de Santo Antônio, da cidade de Porangaba, autorizada pela Mitra Diocesana de Sorocaba e conforme escritura pública de 25 de março de 1968, lavrada no Cartório de Porangaba, o seguinte: um terreno com treze mil, quinhentos e trinta e oito (13.538) metros quadrados, com frente à rua professor Antônio Freire de Souza, esquina do Largo de São Roque, da cidade de Porangaba, fechado por muros e cercas e que, atualmente, tem as seguintes divisas e medidas: pela frente com a rua referida, em 31 metros e 20 centímetros; faz canto e segue com o largo de São Roque em 46 metros e 10 centímetros; faz canto e segue com o mesmo largo em 9 metros e 40 centímetros; faz canto e desce com Cornélio Manoel Rodrigues em 14 metros; faz canto e segue com o mesmo Cornélio em 32 metros e 30 centímetros; faz canto e desce com herdeiros de Maria Antônia de Jesus, em 58 metros até o rio Feio; faz canto e desce por esse rio, água por divisa, com José Wagner, em 165 metros; faz canto e deixando o dito rio, sobe com terreno da Prefeitura Municipal até sair no início da rua Palmeira, em 77 metros; faz canto e segue com Francisca Pereira e a Prefeitura referida, em 51 metros e 40 centímetros; faz canto e segue com a mesma Prefeitura em 46 metros e 10 centímetros, até o ponto de partida.

Sócios em 1957

Pe. Antônio Dragone, Dassás Vieira de Camargo, Renato Angelini, Benedito de Oliveira Vaz, Luis Sola Ares, Acácio Domingues, Renato Nogueira, Mário Antônio Nogueira, Otoniel dos Reis, Abílio de Jesus São Pedro, Dionísio Colombara, Elias Fadel Fadel, Carlos de Almeida Barros, José Barbosa Carneiro, Hermenegildo Soares Ramos, Francisco Patrocínio São Pedro, Antônio Pinto da Silva, Luiz Miranda, Irineu de Oliveira Pinto, Abílio São Pedro, Henrique Pinto da Silva, Veríssimo da Costa Machado, Domingos Diniz Vaz, Maria Felicidade São Pedro, Dr. Ivo Pástina, João Nunes de Paula, Amândio Fernandes, Horácio Manoel Domingues, João Palmeira, Murilo Alves Serafim, Maria Helena Fogaça Rosa, Maria do Carmo Fogaça Nogueira, Oscar Carlos Avallone, Jaures Soares Ramos, Alcina Soares Ramos, Cornélio Manoel Rodrigues, Ataliba da Costa Ávila, Frank Barbosa Carneiro, Paula Hilda de Miranda Angelini, Jorge Rachid, Florival Moreira da Silva, Maria Amália Miranda Angelini, Antônio Leme da Silva, João Paulino da Silva, João Sebastião Vieira, Angelino Nunes da Silva, Ivo Figueiredo Cruz, Domingos Antão Machado, João Bueno de Miranda, Joaquim Morais

46. Ofícios Diversos

Antigamente, existiam as profissões chamadas de ***"ofícios medievais"*** e formavam as atividades especializadas de trabalho das corporações de ofício, cujos membros estavam sempre sujeitos a uma disciplina coletiva para o exercício da função. A rigidez de comando do mestre-artesão, a constante cobrança ao oficial e o cuidadoso ensinamento ao aprendiz eram características da organização à formação profissional. Com o tempo foram ocorrendo mudanças substanciais e, mesmo com a grande evolução do comércio, inúmeras profissões sobreviveram como atividade artesanal. Destacamos, dentre outras, o sapateiro, o marceneiro, o carpinteiro e o ferreiro. No passado, era bastante comum ouvir dos jovens a expressão "aprender o ofício", relacionada a aprender uma profissão. Na Porangaba Antiga, tivemos:

47. Alfaiates

Histórico

"A profissão de alfaiate é uma das mais antigas do mundo. A alfaiataria remonta à Antiguidade Clássica, no Império Grego, mas começou a se desenvolver apenas no século 16, acompanhando o luxo e a personalização do vestuário na Europa renascentista. Já no século 17 veio a época de ouro da alfaiataria. No Brasil, até o século XIX, os alfaiates portugueses eram trazidos para atender aos gostos da elite real. Com a imigração, o País recebeu muitos profissionais vindos da Itália, que estabeleceram suas lojas e transmitiram seus conhecimentos. Por essa razão, o Brasil herdou o estilo italiano de cortar a roupa, feito mais ao molde do corpo. Já o estilo inglês, seguido pelos portugueses, prefere uma vestimenta mais larga. De qualquer forma, os brasileiros provaram ser excelentes alunos, pois são considerados no mundo tão bons alfaiates quanto italianos e ingleses. O alfaiate se considera acima de tudo um artesão. E não é exagero. Em média 80% de uma peça é trabalhada manualmente. E dependendo da sensibilidade do fio utilizado, a roupa pode ser inteiramente feita à mão". (www.rochelle.com.br)

Porangaba teve também os seus alfaiates. A partir de 1.890, mais ou menos, apareceram os primeiros artesãos por aqui; eram ambulantes e ficavam por pouco tempo. Depois, com a imigração italiana, principalmente, passaram a se fixar. Infelizmente, faltam documentos para o resgate dos nomes. Trabalharam até meados do século passado e depois praticamente desapareceram. Na foram muitos. No início, sendo a moda muito diferente e como a grande maioria da população usava roupas simples feitas de panos mais grosseiros como o brim ("aço", "pele do diabo", etc.), poucos utilizavam os serviços do alfaiate. O outro empecilho era o preço; a roupa sob medida custava mais caro. Àquelas, usadas na roça, mais rústicas e resistentes, eram preparadas pelas próprias costureiras, as chamadas calceiras e camiseiras. ***(Quem não se lembra da saudosa Nhá Maria, esposa do Silvério Candido, e da Carmela Novais!)*** Somente os homens mais abastados e de posição é que tinham os seus "aparelhos" de roupas feitos sob encomenda. Utilizavam também um tipo de brim, de melhor qualidade, tipo Rockfeller. Essas roupas já eram então em tecidos mais "finos", principalmente de casimira (tecido de lã) inglesa. Os alfaiates daqui serviam uma clientela mais simples, os sitiantes, menos exigentes e, por outro lado, os de Tatuí (onde predominavam os italianos Lino Del Fiol, Arato, Nastri, Bertanha, Beltrami, etc) atendiam os mais ricos. O que sabemos com segurança é que em 1912/13 chegou o italiano Luiz Angelini, o Gijo. Exercera a profissão nos Estados Unidos da América, onde vivera algum tempo. Em Porangaba, veio com a esposa Rosa, que antes já havia morado por aqui. Contam (os próprios familiares) que fazia roupa por encomenda, simples, e a entregava no mesmo dia. Atendia os viajantes e as necessidades do pessoal da roça. Adaptou-se aos costumes locais. Não exerceu a profissão por muito tempo, mudou de ramo e tornou-se um dos comerciantes mais importantes de Porangaba. Vieram outros: *Francisco Stefanoski, Zezinho Alfaiate, Francisco Nunes de Oliveira, Mário Amaral, Alfredinho Galvão, Benedito de Barros (o saudoso Dito Alfaiate), com seus irmãos Zezico e Mozart, José Galvão, Pedro Couve (Tatuí), Zé Anselmo, Manoel Alfaiate, Pedro Pereira, Firmino de Mello, Dirceu de Mello (Pereiras), Estevão Ianoski, etc*. O saudoso Estevão foi o último; descendente de poloneses, veio do Paraná e aqui trabalhou muito tempo, aproximadamente, até os anos 70 do século passado. Hoje, a profissão de alfaiate está em extinção e não mais existe nenhum por aqui. Tudo se modificou, as roupas estão padronizadas, com numerações e tamanhos diversos, e são encontradas nas lojas e magazines locais para pronta entrega. São quase que descartáveis.

48. Fogueteiros

No passado, os fogueteiros eram requisitados para os eventos festivos ligados à vida sócio-cultural da comunidade. Desenvolviam um trabalho artesanal que exigia muita criatividade na fabricação de aparelhos, rojões, morteiros, etc., com efeitos sonoros grandiosos, combinados com a beleza pictórica dos fogos de artifício. Era comum, à época de festas religiosas, o esperado foguetório que destacasse o poderio do festeiro; o santo poderia ser esquecido, mas o patrocinador, não! Bombas, morteiros, rojões e baterias não poderiam faltar, pois o que contava era o barulho. E os fogos de artifício!; uma festa para os olhos pela beleza das cores.

Outros eventos também exigiam fogos, como as festas de aniversários, as campanhas políticas, os jogos e as comemorações. A primeira referência que encontramos sobre essa profissão na Bela Vista foi no ano de 1909 e se relaciona ao cidadão Antônio Dias Pereira. Posteriormente, tivemos Domingos Pereira da Silva (Domingos Fogueteiro), Justiniano Vieira Pinto, Adolfo Rosa e Manoel Tronqueira. Foram os nomes encontrados.

- *Em 18/11/1918 faltava fogueteiro na cidade e, consequentemente, rojões para as festas. É o que se pode deduzir ao ler o bilhete enviado pelo sr. .Josino Moraes Almeida a um parente que residia em Conchas. É um fato curioso, pois o cidadão em questão, que era comprador de algodão, por aqui, para a firma Pereira Ignácio, pedia a compra de 4 duzias de rojões de 3 tiros e 2 dúzias de estouros, para as festas da bandeira e da vitória dos aliados (final da 1ª. Guerra Mundial), que seriam comemoradas. Termina laconicamente o pedido, lamentando:* ***pois neste lugar nem rojão não há, imagine que terra! ...***
- *No final do ano de 1923 ocorreu gravíssimo acidente na oficina de fogos onde trabalhavam Adolfo Rosa e Justiniano Vieira Pinto, quando um incêndio, seguido de violenta explosão, destruiu o galpão. Sofreu queimaduras generalizadas o artesão Adolfo, irmão de João Rosa, filho da Rosa Preta, que foi removido para a Santa Casa de Misericórdia de Tatuí, onde faleceu no início de 1924. Foi uma perda lamentável, pois tratava-se de pessoa trabalhadora, prestativa e atuante.*

49. Sapateiros

O artesão que fabrica, conserta ou vende sapatos é o sapateiro. A sapataria lembra oficina, mestre, aprendiz, oficial, cortador, montador, ferramentas, couro, vaqueta, prego, sovela, sola, cola, molde, etc. Existia o sapateiro oficial e o dono da sapataria, que, muitas vezes, nem profissional era. Antes, foi uma atividade mais artesanal; hoje, praticamente, com exceção dos grandes centros, existem sapateiros somente para pequenos consertos, pois a produção de calçados, a nível nacional, está totalmente industrializada. Atualmente, o calçado artesanal, costurado, feito a mão é muito caro e direcionado a uma clientela mais conservadora; tende a desaparecer do mercado pela diminuição dos artesãos qualificados.

Sapateiros de Porangaba:
Segundo (Italiano), Higino Norde, Marcos, Pitiço (Italiano), Otávio Rodrigues dos Reis, Otoniel dos Reis, Albertino dos Reis, Agenor Antunes, Osias do Amaral Camargo, Cezarino A. Correa, Saulo Moraes, Jarbas Nogueira, Deoclécio Fonseca, Silverinho Nunes, Chiquito Pinto, Saulinho dos Reis, Abel Amaral, Mário Correa (Marinho), Eugênio S. Almeida (Geninho), Jemini de Campos Pires, Paulo Pires, Carlos Felipe Santiago, Alcino Crispim, Renato Nogueira da Silva, Vitorino de Arruda, Ataide dos Reis, Zé do Tino, Ezequias de Ávila, Zequinha Sapateiro, Pingo, Rubinho Fonseca, Irineu de A. Machado, João (Bola) de Arruda, etc.

Dentre os nomes citados, quase todos tiveram a sua própria oficina, (grande ou pequena), com destaque para: *Higino Norde, Otávio dos Reis, Otoniel dos Reis, Albertino dos Reis, Cezarino, Saulo Moraes, Agenor Antunes, Silverinho, Chiquito Pinto, Saulinho, Vitorino, Ezequias, etc.*
Donos de sapatarias : *Domingos Martins (foi a maior de todas e tinha muitos oficiais), Mizinha, Júlio Domingues, etc.*

Não sei o motivo!, mas, na minha infância, eu vivia arrodeando as sapatarias e me lembro claramente do Otoniel, do Otávio, do Cezarino, do Silverinho, do Saulo e do Chiquito Pinto, quase todos no mesmo lugar(?), mas em datas diferentes. Homens simples, trabalhadores, artistas e que certamente influíram na minha formação com alguns conselhos e reprimendas. No trabalho, conversavam pouco, mas muitas vezes contavam alguns "causos". Circunpectos, manuseavam couros e vaquetas, moldavam, cortavam e costuravam. Eu, admirado, atentamente observava tudo; achava maravilhoso o mundo da sapataria e o inesquecível barulho da máquina de costura e do cheiro de couro. Uns cantarolavam e outros assobiavavam. Hoje, passado tanto tempo, sinto muitas saudades de vocês.

---

50. Ferreiros

Eram os artífices que trabalhavam o ferro na forja, no fogo, na bigorna. Bastante procurados, no início davam a assistência necessária aos tropeiros e viajantes como ferrador, na preparação e troca de ferraduras e, depois, passaram a atender os agricultores na preparação e manutenção de ferramentas agrícolas, como arados (batimentos de facões, bicos e tombadores), foices, enxadas, facas, facões, ajustes de rodas de carroças e carros de boi, etc. A par dessas tarefas, produziam, ainda, peças artísticas, artesanais, de variadas utilidades. Trabalhavam também com latas, zinco e soldas. As tendas ou oficinas de ferreiros foram, sem dúvida, os núcleos iniciais das indústrias de hoje.

- ***Alguns ferreiros de Porangaba:*** *Chico Ferro, Benedito de Almeida Machado, Pedro Demétrio de Campos, Joaquim Cavalheiro, Antônio Brizzaco (Antônio Jaco), Pedro de Campos, João Almeida Machado, José Alves, Antônio Alves Antunes, Eduardo Português, Ângelo Bechelli, Carlos de Almeida Machado (Carlino Ferreiro) – o mais destacado de todos, Nestor Machado, Eurico Molitor & Irmão (Pereiras).*

- *Uma referência especial merece o artesão Benedito de Almeida Machado, tido como um competente profissional que aqui trabalhou. Pai dos ferreiros João, Carlino e Nestor, veio de Tatuí. Começou o aprendizado ainda criança, precocemente, com o artesão italiano Grázzia, naquela cidade, que, surpreso com sua aptidão e facilidade em aprender, deu o apoio necessário e lhe passou grande parte dos conhecimentos. Seu desenvolvimento foi enorme e, muito jovem pleiteou o cargo de técnico de manutenção das máquinas a vapor da Fazenda São Martinho, na Bela Vista, sendo aceito. Trabalhou com os Guedes durante algum tempo e depois mudou-se para a Bela Vista, onde, com a ajuda do alferes Firmino Palmeira, montou a sua própria oficina. Casou-se com a italiana Giúlia Antulini, que conhecera na fazenda. Formou tradicional família porangabense.*

---

51. Marceneiros e Carpinteiros

São artífices qualificados que trabalham a madeira produzindo artefatos. Diz-se que o marceneiro trabalha com mais arte que o carpinteiro, com

peças de sambladura [25], produzindo janelas, caixilhos, portas, móveis, etc. É um trabalho artesanal. Por outo lado, o termo carpinteiro deriva do latim – *carpentarius* – que signifca construtor de carros e, alem dos serviços de marcenaria, trabalham também com estruturas e vigas de madeira.

Na construção de casas, móveis e utensílios, carros e carroças, peças artesanais como engenhos de madeira, etc., destacaram-se alguns nomes: *Família Albuquerque (os Carros no bairro dos Cleto), Antônio Antunes Correa, José Antunes Correa, Elias Carpinteiro (bairro dos Pinto), Joaquim Cezar (bairro dos Ferreira), Euclides de Oliveira Pinto, Bráulio de Campos Mello, Joaquim Cavalheiro, Aparício de Oliveira Pinto, Eneas Avallone, Américo Biagioni, Licério de Oliveira Pinto, Angelo Bechelli, Isidoro Manoel Pereira, Lázaro Nunes da Silva, Carlos de Almeida Machado, Onozor Pinto da Silva, Abimael da Luz Cardoso*

52. Serradores de madeira

Na antiga Bela Vista de Tatuí existiu muita madeira, é o que contavam os mais velhos. A mata era densa, fechada e dificultava a passagem que era pelas trilhas e picadas que formavam os caminhos. O clima característico da região, subtropical úmido, era equilibrado pela variada e extensa vegetação. As chamadas "madeiras de lei", próprias da "mata atlântica", existiam em abundância. Eram lenhos duros e rijos, próprios para construções e resistentes às intempéries. Peroba, cabriúva, cedro, ipê, guarantã, jacarandá, canela,.etc, eram, então, cortadas e usadas a vontade.

Na época, o uso de madeira era indiscriminado, embora o grande consumo se tornasse pequeno em função da reserva. Não havia nenhuma preocupação com a possível escassez futura. Não se pensava em reflorestamento. Usava-se para tudo: lenha, carvão, construção de casas, engenhos, mangueiras, estábulos, paiol, cercas, paliçadas, etc. O corte seguido aumentava cada vez mais. Havendo necessidade, as frondosas árvores de madeira nobre eram, simplesmente, escolhidas e derrubadas. No início eram preparadas e serradas no próprio local e, mais tarde, passaram a ser levadas à serraria puxadas por burros, juntas de bois, carros e carretas. A primeira serraria na Bela Vista pertenceu ao coronel Chico Vieira (Tatuí), lá pelos idos de 1897, mais ou menos. Ficava à margem do rio Feio, na saída para Bofete nas terras que pertenciam à dona Silvéria Angélica da Fonseca Bueno, sogra do capitão Miranda, a antiga chácara do Valêncio. O caminho era péssimo e foi até preciso construir uma ponte para a travessia, por onde passavam os carros de boi e carretas, carregadas de toras. A serraria durou até meados os anos 20, passando, antes, por diversos donos, como a Família Leal (Tatuí) e os Irmão Abud (árabes). Depois, com o crescimento do comércio de madeira no município, houve a mudança do meio de transporte e, então, já se viam caminhões com cargas pesadas. Parte da madeira cortada era consumida por aqui, mas a maioria seguia para Tatuí, principalmente, e outras cidades vizinhas onde existiam grandes serrarias. A ***"serração"*** sempre foi manual até a instalação da primeira serraria, mas o costume antigo nunca foi abandonado na zona rural. Com a desativação das máquinas, o método primitivo cresceu ainda mais e, então, apareceram os serradores de madeira, trabalhadores autônomos, que executavam o corte, lavramento e a "serra" de acordo com o que era contratado. Era um trabalho pesado, desgastante e perigoso. Exigia muita força e os instrumentos, as chamadas serras de dupla mão, eram sempre manuseadas por dois operadores. A tora era colocada numa plataforma, que na realidade eram dois cavaletes, fixos com escoras. Era feita, então, a marcação para serrar e, com muita habilidade e precisão, tiravam todos os tipos de madeira: pranchas, vigotas, caibros, ripas, etc.

No começo, as ferramentas eram precárias. Para o corte, utilizavam o machado e a trançadeira. Logo, em seguida, a tora era preparada para ser serrada ou lavrada nas 4 faces, por meio de machado. Depois era levantada na plataforma e marcada por meio de barbantes anilados para a serração. Antes, usavam o serrotão, que com o tempo foi substituído pela "serra portuguesa", a ferramenta "moderna" que revolucionou esse tipo de trabalho. Com certeza foi trazida por algum imigrante português e muitos comentavam que se tratava do saudoso ***Manoel Alves Antunes, o Manélito,*** homem íntegro e que se tornou destacando comerciante na comunidade..

O corte, o transporte, a preparação e a serração da madeira sempre foram atividades de risco e inúmeros acidentes ocorreram envolvendo os trabalhadores. Podemos imaginar o que pode ter

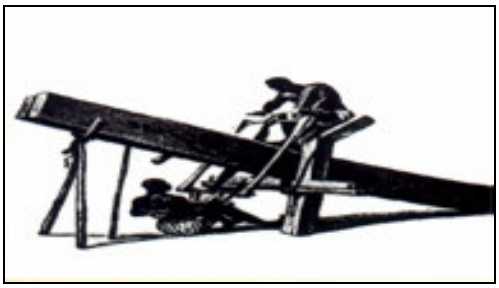
[25] *Ação ou modo de específico de reunir diferentes peças previamente ajustadas ou entalhadas, principalmente no que se refere à madeira, para que formem um conjunto rígido. (Enciclopédia Larousse Cultural)*

acontecido em termos de mutilações, fraturas, deformações, etc., ocorrências violentas que, com o tempo, foram simplesmente esquecidas. Dois casos merecem citação que comprovam a precariedade da segurança.

- *O carreiro Clemêncio Pinto da Silva, nos anos 20, sofreu um grave acidente, quando trazia toras de madeira para a serraria; aconteceu que em cima da ponte, quando um dos bois se prendeu num dos vãos, ao tentar salvá-lo, ele teve uma das pernas pressionada e grave machucadura com seqüelas que marcaram para o resto da vida. O fato foi contado pelo filho Onozor Pinto da Silva.*

- *Outro caso, relatado pelo saudoso Lazinho do Valencio: o serrador Nhô Gáudio, pai de dona Helena Fogaça, serrava madeira na praça da matriz, numa plataforma erguida defronte à casa (atual) do dentista João Francisco Rosa, quando, de forma despercebida, uma menina de mais ou menos 10 anos de idade subiu no cavalete para brincar, quando a tora se movimentou e a atingiu, matando-a quase que imediatamente. Aconteceu mais ou menos em 1915/20. A consternação foi geral.*

Como esses abnegados trabalhadores fazem parte da rica história de nossa gente, tentamos resgatar os nomes (não a totalidade, que seria impossível, principalmente dos sitiantes) e nos surpreendeu a forma com que foram respeitosamente lembrados. Alguns nomes: *Toninho Correa, Nhô Gáudio, José Correa, Clídio, Manélito, Eduardo Marques, Martinho Pires, Amantino (pai do Toniquinho), João Rosa Preto, Nico Messias, Joaquim Miranda, Nato dos Santos, Mingo dos Santos, Camargo, Horácio do Bino, Lazinho Cristóvão, Rodolfo Luzia, Lindolfo Luzia, Raul Luzia, Juvenal Cardoso, Ortílio, Venturinha Bernardo, Paulino, Antenógenes, Otonielzão, Ezequiel, Vitu, Carlino Ferreiro, etc.*



(Gravura – Fragmento de "Carpinteiros" - de Debret Voyage Pittoresque et Historique au Brésil)

53. Barbeiros

- *Dentre as atividades historicamente desempenhadas no Brasil Colônia por negros livres ou a serviço de seus senhores, a que por seu caráter de atividade liberal mais conferia destaque pessoal era a de* ***barbeiro****. O barbeiro, pela brevidade do serviço - fazer barba ou aparar cabelos era questão de minutos - sempre acumulava outras atividades compatíveis com sua necessidade manual e era representada pela função de arrancar dentes e aplicar bichas (sanguessugas). Essas especialidades, sempre praticadas em público, situavam os barbeiros numa posição toda especial em relação às profissões mecânicas ou demais atividades de caráter puramente artesanal. E como seus serviços em tal atividade liberal lhe permitiam tempo vago entre um freguês e outro, os barbeiros puderam aproveitar esse lazer para o acrescentamento de outra arte não mecânica ao quadro de suas habilidades - a atividade musical.*

História da Vida Pública e Privada no Brasil – vol 2, Cia. de Letras).

Muitos imigrantes exerceram a profissão de barbeiro, principalmente os italianos, buscando não somente melhorar o ganho para o sustento da família, mas pelo fato de ser uma atividade mais amena que o trabalho agrícola para o qual foram inicialmente alocados.

- ***Alguns barbeiros em Porangaba:*** *Luiz Livânia, Luigi Gorga, José Perciani, Juvêncio Firmino Correa (25A) [2], Francisco Bueno de Miranda, Osvaldo Bueno de Miranda, Luiz Solimeni, Franklin Palma, Ângelo Fogaça de Almeida (Neco), João Batista Leite, Francisco Vaz da Fonseca, Cezário Neco, Lázaro Barbeiro, Domingos Diniz Vaz, João Rosa, José de Paula, Elias Lopes de Moura, Isaias Luciano*

25 A Juvêncio Correa, genro do Velho Palmeira, foi o mais famoso barbeiro da cidade. Figura hilariante, o presidente do Clube 7 de Setembro. Urbano de Miranda nos contou o seguinte: "Bom e gozador barbeiro. Assoava estrepitosamente o seu nariz vermelho na porta da barbearia. Tapava uma das narinas com o polegar e soprava forte pela outra. Da minha casa, em frente, escutava a estridência do Juvêncio. Era parte do cotidiano. Brincalhão, extremamente brincalhão: de surpresa, levava ao seu traseiro a mão do menino ou da menina que passava e soltava sonoros "puns". Após a proeza, arrumava os seus óculos e sorria maquiavelicamente. Meninos e meninas passavam ao largo da barbearia. "Morriam"de vergonha quando o fato acontecia, quando consumado. Penso no Juvência no céu, a incomodar os anjos".

(Serrinha), Custódio de Arruda, João Neto (Nunes), Walter Barbeiro e outros.

54. Seleiros e Trançadores

No passado, os seleiros e trançadores eram artesãos muito requisitados pelos tropeiros, viajantes e sitiantes. Trabalhavam o couro cru ou curtido, preparando os tentos, usados na confecção dos aperos necessários para encilhar o animal. É bom lembrar que pelos caminhos antigos, durante muitos anos, somente era possível passar a cavalo ou no lombo de burro; depois vieram as carroças e os carros de boi – os veículos de tração animal. A tropa precisava ser antes preparada para a jornada, tanto para o transporte de cargas ou de pessoas. Aí é que aparecia o importante trabalho artesanal desses homens, que faziam os utensílios necessários: selas, cabrestos, arreios, rédeas, laços, cabeçadas, peitorais, chicotes, barrigueiras, relhos, bruacas, cangalhas, etc.

- Alguns nomes: *José Rodrigues Cavalheiro, Benedito Bueno Diniz (Nhô Bedito), João Manoel Rodrigues (João Lemes), Donato Furtado, João Gribeler (João Seleiro), Durval Gribeler, Luiz Moura, Eugênio Moura, João e Pedro (Moura), etc.*

55. Funileiros

Atividade artesanal comum no passado; os fabricantes ou vendedores de latas e latões eram chamados também de latoeiros ou folheiros e utilizavam folhas-de-flandres (lâmina de ferro estanhado) para a produção de suas manufaturas. Esse trabalho era desempenhado também pelos ferreiros para reaproveitar as sobras de materiais. Fabricavam latas, utensílios domésticos como bacias, bules, xícaras, canecas, etc., que eram usadas pelas pessoas de menor poder aquisitivo e, também, pelo povo da zona rural. Os produtos eram bem mais em conta que os similares em ferro, alumínio, louça ou vidro. Tinham grande durabilidade. Faziam também calhas e máquinas de plantar, modelando em zinco e folha-de-flandres.

- ***Alguns artesãos**: Benedito de Almeida Machado, Antônio Jácomo Brizaco, Valdemar de Tal (era também padeiro e trabalhava com o Luiz Biagioni), Manoel Alemão, Joaquim Cavalheiro, Carlino e João Machado, José Alves, Chico Brizaco e outros.*

56. Fotógrafos

A fotografia constitui o vestígio de alguma coisa que realmente aconteceu e existiu; capta o momento que é figurado na imagem numa situação de futuro anterior.

Quem foi o primeiro fotógrafo que trabalhou em Porangaba? É uma pergunta sem resposta, pois não temos provas, documentos ou retratos. Toda e qualquer referência ouvida, por aqui, relaciona-se no tempo com o final da segunda década do século passado e tem ligação com instalação do primeiro cinema.

Antes, para melhor entender, é preciso considerar:

- *que a primeira fotografia ou daguerreótipo tirada no Brasil foi feita pelo abade Luis Compte em 1840, na cidade do Rio de Janeiro;*
- *que em 1890 o Rio de Janeiro já tinha mais de 30 fotógrafos com endereço fixo;*
- *que no começo, a clientela dos fotógrafos era representada pela classe senhorial agrária e pela população urbana.*

A profissão de fotógrafo não garantia no início uma renda regular e muitos tinham ocupações paralelas. Existiam também os itinerantes, que se deslocavam pelo interior, de povoado em povoado, de fazenda em fazenda, na zona rural, oferecendo seus serviços. É o que deve ter acontecido por aqui.

Os "antigos" contavam que Pedro Cinemeiro, dono do primeiro cinema, também foi fotógrafo, mas nada encontramos de sua produção. Por outro lado, quase que com certeza, os antigos moradores tiravam os seus "retratos" com os fotógrafos de Tatuí, naquela cidade ou quando para cá se deslocavam. Merece citação especial o sr. Menezes, o mais famoso de todos. Era comum, também, a vinda de ambulantes, que não tinham residência fixa e eram errantes, passando por vilas e fazendas, durante as festas locais, fazendo os retratos. Por exemplo, um dos nomes poderia ser o de Otto Dreher, cujo carimbo identificamos em algumas fotos daquela época. Vale como citação, mas não temos certeza.

Outros relatos comprovam que existiam nas próprias casas, espalhadas ou depositadas em gavetas, inúmeras fotografias antigas, guardadas pelos familiares, tiradas não somente em Tatuí, mas em Sorocaba, São Paulo, Rio de Janeiro e, principalmente, em Pirapora de Bom Jesus e Aparecida do Norte, nas viagens e peregrinações que muitos faziam costumeiramente.

- ***Fotógrafos**: Lugi Gorga, Pedro Cinemeiro, Seabra (Tatuí), Domingues*

Arruda, Manoel Emílio (Nelo), Enos Antunes do Amaral.

Outros dois fotógrafos de Tatuí, que até, mais ou menos, 1970, eram bastante procurados pelos porangabenses para fotos de casamentos e batizados foram: o Ari Gordo (que trabalhava com o sr. Menezes) e o Celso Módena..

57. Poceiros

O trabalho do poceiro era muito procurado antigamente, não esquecendo que a água encanada somente chegou em Porangaba no final dos anos 50 do século passado. Eram tarefeiros que cavavam os poços, na busca de água potável, cuja falta sempre foi grande por aqui, talvez o maior problema que afligia a população. A água natural, na maioria dos poços abertos e do rio Feio, é salobra. Todos, indistintamente, serviam-se dos poços abertos no próprios quintais ou dos públicos, selecionando o tipo de água para uso - a boa (potável, para beber) ou a ruim (para higiene, cozinha, lavagem de roupa, etc).

Alguns ***posseiros*** são lembrados: *Joaquim Colaço, Antônio Colaço, Carmo Solimene e seus filhos Luiz, Leonardo e Chico, Amador Florentino, Nhô Pim, Agenor Valeiro, Toniquinho, Ditinho Poceiro, João Rosca, etc..*

Mesmo com a chegada da água encanada, alguns poceiros (hoje são poucos) ainda continuam trabalhando, principalmente na zona rural, mas já utilizam instrumentos e materiais modernos que facilitam as suas atividades.

58. Valeiros

No passado, os terrenos não eram fechados ou separados com cercas para comprovar a posse. As terras devolutas ou sem dono iam sendo ocupadas e as demarcações eram feitas com sinais diversos, acidentes geográficos, pedras, vegetais, etc., como pontos de referência. Até a adoção da cerca de arame, na ocupação do solo paulista, os pioneiros providenciavam a abertura de valetas nas divisas de suas terras para legitimar a posse. Tratava-se de costume herdado dos colonizadores, daí existir o trabalhador para a abertura de valas – o valeiro.

- *Não havia senão fechos naturais. Os valos que precederam de muito o arame farpado e foram contemporâneos da cerca de trincheira (paus deitados) e pau-a-pique, eram para os pequenos sítios e trechos, como currais e roças dentro das grandes sesmarias.*

(Sorocaba 3 Séculos de História – Aluísio de Almeida – pág. 106)

É difícil localizar sinais de valas demarcatórias no município, mas é sabido que no bairro dos Fogaça viveram membros da família Alves de Moraes, conhecidos como "Valeiro". Não se trata de patronímico, mas era comum, no passado, que membros de muitas famílias passassem a ser identificados pela profissão que o patriarca do clã exercia (ou tinha exercido) ou de outros ancestrais que já tivessem trabalhado na função. Era uma espécie de apelido. Os que aqui viveram, com certeza, não exerceram a profissão, mas eram assim chamados. Como curiosidade, os Valeiro*: Benedito Valeiro, o patriarca, veio do bairro dos Pedro, na Quadra. Seus filhos: Benedito, Roldão, João, Lupércio e Antônio.*

59. Pedreiros

As primeiras casas

Houve certa similaridade, em todo território nacional, no que concerne às primeiras casas de moradias. No começo prevaleceu a tecnologia indígena, que os povoadores logo assimilaram; o tejupar de palha foi provavelmente o primeiro abrigo. O rancho com paus vergados, cipós, sapé e folhas de coqueiro.

No geral eram choças construídas de pau-a-pique, de barro a sopapo ou adobe, cobertas de sapé ou de qualquer outra palha existente na região. Por outro lado, as primeiras construções em taipa de mão ou de pilão foram certamente muito simples e rústicas.

A descrição das moradias dos negros, caboclos e sertanejos, repetida com uma certa uniformidade nos relatos dos cronistas e viajantes, é bastante esclarecedora [26]*. Usavam barro para cobrir e*

[26] *Uma série de crenças estava ligada à construção dessas moradias :- os cipós usados nas amarrações deveriam ser tirados na lua minguante;- as estacas na crescente; - o revestimento de barro deveria ser feito de preferência na lua minguante para evitar que se quebrasse em demasia; - chifres de boi eram pendurados na porta de entrada para evitar o mau olhado e impedir a entrada de determinados animais; - eram colocadas cinzas de palmas bentas, dispostas em cruz, na entrada, para resguardar das intempéries; - algumas eram defumadas às sextas-feiras com folhas de guiné. Herdamos, posteriormente, dos portugueses as normas relativas à construção de uma casa de moradia. (História da Vida Privada no Brasil – Volumes 1,2,3 – 1997)*

revestir as paredes, inicialmente lisas e depois "estaladas em milhares de pedaços" sob a ação do sol. No interior das moradias poucos móveis, sendo os leitos simples esteiras postas no chão ou, então, redes. A cozinha se limitava a um fogareiro, um simples fogão de pedra ou barro a lenha e poucos utensílios. As portas eram amarrados de treliças de bambus e cipós.

Em Portugal a arquitetura popular assumiu aspectos bastante variados, com as casas de terra, de taipa de pilão, de adobes, de tijolos cozidos - ao sul; com grandes telhados - nos montes; com chaminés - nas planícies; casas de pedra - ao norte. Como veio gente de toda parte; não houve qualquer critério para a seleção dos colonos portugueses que se fixaram, no início, no litoral e, depois, no sertão. Cada um fazia a moradia que sabia.

O arquiteto e historiador Carlos Lemos, na obra "Casa Paulista" revela a história de uma arquitetura peculiar, praticamente destruída e pouco estudada: aquela que dominou o território de São Paulo nos três séculos que antecederam o ciclo do café. Sistematizou as informações sobre a morada do "caipira" em cinco momentos: moradas do bandeirismo e anos seguintes à descoberta do ouro (séculos 16 a 18); moradas do tempo do açúcar ituano e do tropeirismo; casas de influência mineira; casas de Iguape do tempo do arroz e casas do início do ciclo cafeeiro. O caipira criou uma arquitetura rural de taipa de pilão bandeirista que se repetiu à exaustão por 250 anos. Foi fruto de uma sociedade segregada que só sabia fazer taipa e repetir uma mesma planta. Antes, a colônia pobre e caipira; depois, a província riquíssima, quando a arquitetura bandeirista foi substituída por construções inspiradas no gosto europeu.

Porangaba nasceu sob a influência do tropeirismo, em pleno ciclo do café, mas a sua arquitetura sempre foi pobre, não sofrendo, praticamente, nenhum tipo de influência neoclássica, cujas novidades chegaram a influenciar o cotidiano do povo em outras regiões paulistas. O aspecto urbano somente se alterou com a chegada de pedreiros italianos, pois suas técnicas eram diferentes dos pedreiros portugueses; preferiam, por exemplo, os alicerces de tijolo aos de pedra e utilizavam na carpintaria pregos aos invés de parafusos. Passaram, portanto, a substituir a taipa por tijolos, a revestir os exteriores de estuque, etc. Passou-se a falar em bangalôs, sobrados, casas com fachadas, alpendres (terraços), etc.- tudo isso aconteceu por aqui, mas, mesmo assim, a nossa paisagem urbanística ficou imutável por quase meio século. Não tivemos por aqui grandes casarões, como marca de prestígio, poder ou opulência. [26 A]

Fogão a lenha

(Casa do Quinzinho Moraes - Anos 70)

Não tivemos grandes edificações em fazendas, na área rural, mas pouquíssimos casarões, que, na maioria, já não mais existiam em meados do século passado. Os moradores antigos falavam somente de dois casarões; um na Fazenda São Martinho (que ainda está em pé), construído pelo mestre italiano Luiz Camerlingo e o outro, (já demolido), na fazenda do Chico Costa, levantado pelo pedreiro italiano Ângelo Bechelli. Ambos, foram edificados no século passado, o primeiro na década inicial e o segundo nos anos 30.

Diante do que foi apresentado, fica claro que no início as casas eram de barro, cobertas de sapé; depois vieram as casas de madeira e finalmente as de tijolos.

Os primeiros pedreiros

Um dos primeiros a chegar na Bella Vista de Tatuhy foi Joaquim Amaro de Lima, natural de Campo Bello, Rio de Janeiro. Tivemos depois outros nomes como:

[26 A] *Como curiosidade, um cômodo que sempre se destacou nas moradias mais antigas foi a cozinha, pois até meados do século passado não passava de um apêndice da casa, voltado mais para o quintal do que para o interior da residência, ou muitas vezes um simples puxado coberto de telhas. Era um lugar quente, enfumaçado, cheio de picumã, engordurado pela carne-seca, linguiça e toucinho pendurado no fumeiro. Ali ficavam as gamelas, as peneiras e o pilão. Ali, o trabalho era árduo e cansativo na preparação dos pratos, na limpeza das panelas engorduradas e enegrecidas pela fuligem com sabão de cinzas feito em casa. As panelas eram areadas com areia e batatinha e, para ficar brilhantes, eram postas para secar ao sol. Alem de ser o local onde se fazia a comida e lavava-se a louça, a cozinha era também onde se guardava a bacia para o banho e a vassoura, geralmente atrás da porta. Não existia qualquer preocupação com a divisão e restrição do espaço.*
(História da Vida Privada no Brasil – Volumes 1,2,3 – 1997)

Antônio Antunes Correa (Toninho Correa) e, mais tarde o seu filho José Antunes Correa, os Camerlingo (Rafael, José, Domingos e Carmelo), chefiados por Mestre Luiz; Domingos de Bonis, José Bartoloni, Efísio Magnani, Giocondo Rossi, Benedito Napoleão e Otacílio Napoleão, Ângelo Bechelli, Agostinho Cassetari, Ângelo Colaço, Heitor Cassetari, Braz Vieira de Barros, Carica, os Baldacin, os irmãos Rudi: Bastião e Noel, Antônio Correa Neto, Cornélio Correa, (mantendo a tradição da Família Correa), Chiquinho Mariano, Durvalino Cardoso, Murilo Seraphim, Luiz Sartori (Gijo), Chiquinho Ribeiro (Pedreiro), João da Alice, Pedrinho Cassetari, Lázaro Correa, Mingo Correa, etc.

Pintores

No passado, até mais ou menos a metade do século passado, as paredes das casas eram simplesmente caiadas, i.é recebiam água de cal para embranquecer. Os pintores chegavam também a usar, às vezes, a cal com outros corantes buscando tonalidades diferentes ou, então, tintas a óleo. Surgiram então os "barrados a óleo" com moldagens e cores diferentes que embelezavam as paredes das casas residenciais e prédios. Esse trabalho era feito pelos próprios pedreiros e depois alguns artífices passaram a trabalhar somente com pintura. Por aqui são lembrados os irmãos Felix e Dassás Ilha, Brás Barros, Carminho Brasile, Almadã Antunes, Toniquinho Pintor (Tatuí), Antônio de Paula, Durvalino Cardoso, João Fonseca, Gildo de Conchas, Toninho Vaz, etc.

Os moradores mais antigos contam que na década de 20, mais ou menos, apareceu o Joãozinho Pintor, carioca, mulato, que aqui se fixou e se dedicou à pintura, destacando-se dos demais pelo capricho com que pintava os frontais das residências com motivos e cores diferentes. Já conhecia técnicas diferentes que aprendeu no Rio de Janeiro. Faleceu em Porangaba.

60. Casas de barro

Lembro-me, muito bem, lá por 1945, das casas de barro, taipa ou pau-a-pique que existiam em Porangaba, tanto na cidade como nos sítios. A casa do João Rosa, nosso vizinho da "rua de cima"; dos Piragibu, na baixada, na zona ribeirinha, na saída para Bofete; a da Chica Pereira, onde começava a rua do "lixo". Nos sítios, então, eram em número bem maior. Poucas de tijolos. Na chácara que foi do meu bisavô Manoel Cândido, conheci a casa onde morou o Damásio e, noutra propriedade, do meu avô Bento, na encosta da Serra do Amaral, lembro onde morou o Dito Tuvica. Mas, na cidade a que mais marcou foi a ***Casa do Toniquinho****, meu colega de infância, pessoa simples e popular. (jmd)*

Foi, seguramente, dentre todas as moradias de barro na região urbana, a que mais durou, que resistiu a modernidade, pois, aos poucos todas foram sendo substituídas, demolidas. Hoje somente sobram na zona rural. A descrição dessas habitações simples, pequenas e baixas, com poucos cômodos e incômodas, e também caracterizadas pela semelhança em quase todas as regiões do país, pode ser assim entendida:

"*Nas áreas de cultura de sobrevivência, em todo Brasil, e durante um longo período que se estendeu aos inícios do século 20, predominavam condições de vida e visões do mundo relativamente similares. A começar pelas moradias, no geral choças construídas de pau-a-pique, de barro a sopapo, ou de adobe, cobertas de sapé ou de qualquer outra palha existente na região. Construídas com os materiais dispostos à mão, estacas de bambus, troncos das árvores, os tetos recobertos de sapé; o barro com o qual se recobrem as paredes, de início lisas e depois "estaladas em milhares de bocados" sob a ação do sol; poucos ou quase nenhum móvel; os leitos, simples esteiras postas no chão ou então redes; a cozinha que se limita a um fogareiro e pouquíssimos utensílios; as portas amarradas de treliças de bambu e cipó – tais foram elementos comuns às diversas descrições de habitações vindas de diferentes pontos do Brasil". (Da escravidão à liberdade – Dimensões de uma privacidade possível – História da Vida Privada no Brasil – Nicolau Sevcenko/ Maria Cristina C.Wissenbach, 49 – C. de Letras).*

A ***Casa do Toniquinho,*** a última casa de barro na área central da cidade, foi demolida no início de 1997 para a construção de uma outra em alvenaria. O local dista duas quadras da praça principal e fica na rua Dassás Vieira de Camargo, quase na esquina com a rua professor Antônio Freire de Souza. Para efeito de localização, hoje, (2004), estaria ao lado do Centro Cultural "Abílio São Pedro". A casinha de barro resistiu por muito tempo, mais de 50 anos; ali morou dona Geraldina (conhecida por *Nhá Gerarda*), mãe do Nêgo e avó do Toniquinho. As paredes eram de varas de bambu entrecruzadas (taquaras), recobertas de barro,

conhecidas também por pau-a-pique. Para ser idêntica às casas rurais do passado somente faltava a cobertura de sapé.

61. Suprimento de água, locais de abastecimento, carregadeiras e lavadeiras.

Porangaba sempre teve na falta de água potável o seu maior problema e, por ironia do destino, foi o último a ser solucionado quase cem anos após o nascimento do povoado. Seus rios têm água "salobra", de difícil ingestão, a chamada água ruim, usada quase que exclusivamente para lavar roupa. A água para beber, as pessoas pegavam em vertentes e poços de "água boa", como eram chamadas essas fontes. Até a instalação da água encanada, grande parte da população e principalmente as famílias mais ricas dependiam das mulheres que baldeavam a água e entregavam nas próprias residências. O transporte era feito numa lata (18 litros), que levavam na cabeça, protegida com rodilha e a distância a percorrer não era pequena. Cada carregadeira fazia diversas "viagens" por dia, ganhando com sacrifício o seu dinheirinho que muito ajudava nas despesas da casa. Alguns nomes de "***carregadeiras***" ou "***baldeadeiras***" de água, que passaram para a história de Porangaba e merecem o nosso maior respeito:

- *Nhá Chica (mãe da Amásia), Nhá Luiza (mãe do Geninho), Maria Dinarte (mãe do Beraldo), Nhá Geralda, Nhá Silvéria, Benedita Preta, Leontina (do João Rosa), Chica do Vito, Alice Valeiro, Maria Machado (irmã do Carlino Ferreiro), Virgília Leme, Nhá Gonda, Dina da Nhá Gonda, Maria do Beraldo, Maria Rosa, Dôra do Horácio, Isaura do Carminho, Ester do Zé Pequeno, Ermelina (Mela do Jaco)* [27] *etc.*

Lavadeiras de Porangaba

Quanto à higiene pessoal, o banho era tomado na ***bacia*** ou de ***chuveiro*** improvisado (uma lata de querosene com furos na parte inferior, com adaptações e suspensa por uma corda). Poucas famílias usufruíam de tal "luxo". Os homens usavam muito o rio para nadar e se banhar, nos conhecidos e procurados: *"poço da vorta", "poço da máquina", "poção" e "poço pilão"*. Adultos e crianças, misturados, ali se banhavam, num costume indígena que durou até meados do século passado.

Antes da água encanada chegar às casas e da popularização da máquina de lavar roupa, com os novos e *"milagrosos"* produtos de limpeza, as roupas eram lavadas às margens do rio Feio e, também, nas imediações dos poços que abasteciam a população. Os serviços eram feitos por mulheres que cobravam por dúzias de peças lavadas. Era o ganho de muitas delas. O ritual da lavagem consumia horas de trabalho, representando um enorme esforço físico. A famílias de maior posse contratavam os serviços das lavadeiras. Esfregando com as mãos as roupas sujas, lutando contra a falta de água, essas abnegadas mulheres tinham como resultado no final do dia, antes de recolher as roupas secas, dores no corpo e as mãos machucadas pelas cinzas utilizadas na "barrela" e na "lixívia", palavras cujo significado hoje a maioria das pessoas não conhece.

[27] *A carregadeira símbolo foi, sem dúvida, Hermelina Antunes de Oliveira, a* ***Mela,*** *(mãe do Abel (Ber), Maria, Ari e Maria Luiza), mulher do carroceiro Jaco. Estatura média, franzina, com alguma deficiência visual, sempre com o cigarrinho de palha. Na sua luta diária mostrava muita energia, típica das mulheres iniciadas no trabalho desde cedo lá pelos lados das Partes. A tarefa diária não a intimidava, era desempenhada com prazer, aliada à necessidade de reforçar o orçamento familiar. Ao amanhecer, lá estava a "bardear" água, pois tinha grande freguesia, transportando tanto água "boa" como água "ruim". Andava quilômetros por dia, com a lata de 18 litros na cabeça; sendo incontável a quantidade de água que trazia, num vai e vem, com paradas programadas na casa para os afazeres domésticos. Não existia residência que não tivesse sido suprida pela Mela, que às vezes era ajudada pelos dois filhos. Com a chegada da água encanada, os seus serviços foram aos poucos diminuindo. Em 1974, precisamente no dia 4 de junho, aniversário da cidade, faleceu, vitimada por grave enfermidade, deixando muitas saudades. À Mela o nosso respeito e gratidão.*

"Para tirar a sujeira e clarear a roupa era feito a barrela; as roupas (peças) eram colocadas em baciões, sobre as quais era esparramado cinza e derramado água fervente, onde permaneciam de molho até o dia seguinte. A lixívia, por outro lado, consistia em ferver a roupa por duas horas e meia em latas de 18 litros de água ".

(História da Vida Privada no Brasil – pag.409).

Depois de esfregadas e batidas, as roupas brancas eram aniladas (colocadas numa solução de água e anil), postas nos quaradouros, enxaguadas, torcidas, etc.

Os tecidos utilizados para as roupas brancas de cama e mesa eram o linho, o algodão e o morim, bastante pesados, sendo a dificuldade de manuseio muito grande. Braços nus, com as mãos calejadas e a pele queimada pelo sol, passavam a jornada ao ar livre e costumavam dizer que onde houvesse água corrente abundante e ervas, as roupas ali lavadas e estendidas para secar, passariam a ter "frescor, viço e perfume".

Passar e engomar eram outros serviços demorados e exaustivos, pois o ferro aquecido com brasas chegava a pesar de 3 a 5 quilos.

Eis os nomes de algumas lavadeiras (e passadeiras):

- *Toninha Pires, Maria Marciano, Rosa Preta, Ana Emília, Nhá Silvéria (mãe do Antenógenes), Nhá Luiza, Nhá Chica (mãe da Amásia) , Nhá Tomázia, Benedita Preta, Malvina, Nega do Aparício, Mulher do Paulino, Lica do Basto, Juvência, Deolinda (mãe do Erasmo), Celestina do Delfino, Alexandrina do Clemencinho, Palmira São Pedro, Dirce do Pedreiro [28] , Ambrosina do Carmo, Leontina do João Rosa, Maria Rosa, Ordália (do Nhô Pim), Angélica (do Mário Cardoso), Iolanda da Deolinda, Tina, Rosinha da Deolinda, Raquel Nunes, Isabel Cardoso, Jacira Diniz*

[28] *Lavar e passar terno de linho (branco) era tarefa dificílima, pois faltava tudo, nem a água contribuía e, ainda, quando o ferro de passar era aquecido com brasas. Com todas essas dificuldades, o serviço prestado pela Dirce do Pedreiro, ao cuidar dos ternos do médico Aniz Boneder, lá pelos idos de 1940/45, era impecável, elogiado, e mostrava a responsabilidade com que executava o seu trabalho. Onde andará a Dirce? Filha do pedreiro Benedito Napoleão, que também faz parte da história local...!*

62. Poço da Bomba

Chamado "reiúno" [29] pelo povo, foi mandado abrir pela Câmara de Tatuí em 1907. O acontecimento foi muito comentado, polêmico, pois existiam dúvidas quanto à qualidade da água e que chegou, mesmo, a ser considerada imprópria para beber. Foi analisada por laboratório da Capital que atestou sua qualidade regular, não potável, mas prevaleceu a vontade dos políticos tatuienses, sendo aberto o poço para a população. Somente foi desativado e soterrado, quando chegou à cidade a água encanada do rio Bonito. O poço tinha 3m de diâmetro e 5m de profundidade, com uma cobertura de madeira, em forma de pirâmide e uma bomba de ferro em sua base. O bombeamento era feito através de uma alavanca que conduzia a água para a torneira. Era revestido de tijolos e grande parte da população se serviu do poço público por mais de cincoenta anos. Para efeito de localização, ficava no terreno da Prefeitura Municipal, à rua Segismunda Machado, ao lado da residência (atual) do dentista Gelson Bonomo.

63. Poço da Água Boa

Era a melhor água potável daqui. Ficava na chácara do João Pereira (que depois foi do espanhol Ciro Alonso), e como descreveu o poeta e pesquisador porangabense Onozor Pinto da Silva:

"*... havia um outro, com 1,5 m de diâmetro e 2,5 m de profundidade, chamado de "poço da água boa", localizado na chácara do Afonso Pereira. Nesse local, todos os dias lá estavam as lavadeiras de roupas que também se serviam da água do poço. Esse, pelo uso exagerado, chegava a ficar vazio (seco), mas, noutro dia, como que por milagre, estava cheio de novo. Era o poço da água da vida do povo porangabense; quem não bebeu aquela água anil, da cor do céu...! "*

- *Documentos antigos comprovam que as pessoas mais abastadas costumavam comprar água potável. A medida era a lata de 18 litros, transportada pela carregadeiras sobre a cabeça, apoiada numa rodilha. Custavam um tostão (100 réis) cada lata, isso lá pelos idos de 1908...!*

[29] *Considerando a polêmica que envolveu a abertura do poço, o nome, em questão, adotado pelos moradores antigos, poderia ter dupla significação: no dicionário Aurélio, lemos: adjetivo derivado de rei (em latim; coisa), significando: 1. fornecido pelo Estado (coisa pública) ou 2. de baixa condição e qualidade (referindo-se à água).*

64. Poço do Boava

Desativado, ainda podia ser visto até, mais ou menos, 1994, quando foi então soterrado definitivamente. Dentre todos, foi o que mais durou. A cidade cresceu, o poço ficou isolado e esquecido já na área urbana, nos fundos de um terreno, na parte final da atual rua professora Geni Coimbra Domingues, perto do ribeirão São Martinho. Ficava no lado esquerdo do córrego, no sentido descendente, a mais ou menos 300m da confluência com o rio Feio, na área que hoje pertence à viúva do coronel Joaquim Miranda da Silva. Sempre foi conhecido como ***"Poço do Boava"*,** o nome, provável, de um dos primeiros donos do local.

- *O vocábulo **boava** deriva de emboaba, que significa : "o nome que os índios davam aos europeus que protegiam as pernas com largas botas ou perneiras e que depois passou a ser, simplesmente, a alcunha comum de qualquer cidadão português". Recentemente, encontramos um documento que indica, claramente, como antigo proprietário das terras o português João Boava, que as vendeu a outro patrício, o sr. Manoel Ignácio São Pedro.*

65. Pocinho

Outro poço público muito procurado, ficava no final da atual rua João do Amaral Camargo, distante, mais ou menos, 100m do córrego São Martinho. Estava situado entre os terrenos que hoje pertencem ao sr. Rubens Juliani e dona Carmem Sinti Barreto. Na realidade, existiram ali dois poços, um ao lado do outro, sendo o primeiro desativado e soterrado por motivo bastante curioso e diferente, quando, então, foi perfurado o segundo. Na década de 30 do século passado, ocorreu um crime violento na cidade, um latrocínio, e o cadáver da vítima foi lançado dentro do "pocinho". Descoberto o corpo, a repulsa foi geral e o primeiro poço foi então desativado. Passado algum tempo, foi aberto o segundo que, utilizado por muitos anos, hoje não mais existe.

Tivemos outros locais, bastante procurados, onde as pessoas iam buscar água potável; os poços: *da Rosa Preta (na atual chácara da Vera Miranda), do João Diniz, da Chica Leme, do Matadouro Municipal, da chácara do Horácio Cândido, da chácara do Inácio Nunes, etc.*

66. Recreação - divertimentos

Antes, as distrações não eram poucas, embora não tão frequentes como nos dias de hoje e os divertimentos aconteciam ocasionalmente de acordo com o calendário. Vivendo, no início, mais ou menos ilhados, mesmo assim, os pioneiros se divertiam com danças como o fandango, o cateretê, o samba, o cururu e, também, as carreiras (corrida de cavalos), os costumes folclóricos paulistas herdados dos antepassados e tão a gosto dos tropeiros. Erguida a capela, as diversões profanas atrelaram-se, naturalmente, às festas religiosas, quando o local se enchia de "gente", forasteiros, fazendeiros, sitiantes e visitantes. Começou, com certeza, a partir daí, o gosto pela tourada e cavalhada. Na época, quando já se esboçava a formação do povoado, sendo ainda ponto de pouso e de passagem, o bairro passou a receber pequenos grupos circenses, como os circos de cavalinho, que traziam entretenimentos à pequena população. Os primeiros bailes familiares (nas próprias residências) devem ter acontecido bem mais tarde, já no primeiro quartel do século passado.

Mas, nos sítios e fazendas, então, na zona rural, na medida que os bairros foram se formando, os sitiantes procuravam também se divertir, reunindo-se com os familiares e vizinhos na próprias casas, para cantorias e danças, com comes e bebes, principalmente nos finais de semana. Gostavam de cantar e tocar viola, jogar baralho (truco), malha e até jogar bola no campo que formavam quase sempre ao lado da venda do bairro. Não dispensavam uma boa "caninha" nesses encontros Guardavam rigorosamente os feriados e dias santificados, quando usufruíam desses folguedos, exceto na ***quaresma*** onde tudo era proibido e chegavam até a jejuar.

67. Corrida-de-cavalo

A corrida de cavalo ou "***carreira"***, como antes era conhecida, foi com certeza o lazer mais antigo identificado no bairro do Rio Feio. O folclorista Alceu Maynard Araújo, na obra Cultura Popular Brasileira, escreveu:

"O aparecimento desse folguedo perde-se nas brumas do passado. Nas festas dos antigos persas, eram realizadas carreiras de cavalos dedicadas ao deus do Sol - Mitra. A carreira de cavalos passou a ser o esporte predileto dos bretões. Chamava-se raia o local onde os cavalos corriam, geralmente construída num local plano. Capinava-se uma extensão de campos de mais ou menos três "quadras". Uma quadra mede 100 braças, isto é, 220 metros. A extensão comum de uma

raia era de duas quadras e a distância a ser corrida variava. Umas carreiras eram tratadas para quadra e meia, outras, duas e, mui raramente, três. Antigamente a raia era construída com duas trilhas: a esquerda e a direita. O dois corredores, depois de efetuados os movimentos na xiringa ou viradouro, vinham emparelhados até a linha de saída. Parece que no Brasil a carreira foi introduzida pelos portugueses, que a teriam recebido dos mouros. No Estado de São Paulo, pelo menos, não há a forma de carreira de penca ou califórnia, isto é, onde entram mais de dois animais. Esse tipo parece ter sofrido a influência espanhola, o que vem reforçar o nosso ponto de vista: - a carreira, isto é, a corrida de dois animais apenas, parece ter vindo de Portugal".

Aluísio de Almeida, folclorista e historiador de Guareí escreveu na obra "Vida e Morte de Tropeiro":

"*As carreiras. A raia. Numa atmosfera de festa, de jogo e briga, de valentia e esporte "avant la letre" decorriam os lances do hipódromo caboclo. Dois trilhos paralelos no meio do campo, gente dos dois lados, no começo e no final da meta, cavaleiros a valer, multidão de povo, de mulheres e até crianças, bancas de doces, bolinhos de frangos, pastéis, reino (é a pinga, antigamente importada), vestidos de cores berrantes, gente que vai e vem, gritos, discussões, eis aí a raia e as carreiras. Feitos os jogos, casados os dinheiros, partem os dois cavalos parelheiros com seus peões. Dar luz é ceder algumas braças de dianteira ao parceiro. Há sempre uma parelha principal que centraliza todas as atenções da vizinhança, muito tempo antes. O tropeiro é irmão do gaúcho na sua paixão pelo hipismo. É natural. Nessa fase às vezes aconteciam crimes, encontros de velhos inimigos rancorosos*".

Foi o divertimento predileto no começo do povoado, principalmente dos tropeiros que se encontravam nos finais de semanas e dias santificados, quando, por hábito, não viajavam e descansavam nas pousadas. Pedro José, um dos fundadores, teria a sua casa de comércio (venda e rancho) na atual rua 4 de Junho, mais ou menos no lugar onde está o prédio da delegacia de polícia, onde recebia os viajantes e tropeiros. Para entretê-los, mandou abrir a primeira raia, que ficava no caminho de cima, atual rua professor Antônio Freire de Souza. Com o tempo, as raias foram se multiplicando, principalmente nos sítios, e as "carreiras" tornaram-se acontecimentos festivos e esperados, principalmente, por ocasião das festas religiosas. Atraíam muitas pessoas, gente simples e importante, autoridades, forasteiros, e chegavam a durar 2 a 3 dias. Acontecia de tudo: bailes, jogos (*como o buzo, que era a coqueluche da época),* muita música e confusões generalizadas. Apareciam muitos homens tidos como "valentes" e eram comuns as brigas, os acertos e até crimes de morte. Não faltavam as barracas com "comes e bebes", mas a grande a atração, que mexia com os homens, eram as "*raparigas*" que nunca faltavam e vinham de todos os lados, mexendo com os costumes e alterando a rotina do lugar.

As principais raias que tivemos no passado foram: *do **Sapezal**, que ficava na chácara do João Afonso Pereira (hoje Vila São Luiz); do **Chico Lopes**, onde é hoje a chácara do Helio Menck; do **Manoel Cândido**, no bairro dos Ribeiros; no bairro das **Partes**; no terreno do **Valêncio**, próximo à chácara do Carmelo; no bairro dos **Pedroso**; na **Mina** e nos **Canhambora** (já na divisa com Bofete); no bairro dos **Fogaça**, no terreno do Oswaldo Fogaça Leite; no bairro dos **Ferreira**; do **Nhô Jango Mendes**, na cidade, sendo essa a última e mais famosa, que durou até os anos 50.* ***Existiram outras, mas não conseguimos maiores informações.***

Notícias publicadas no jornal " Cidade de Tatuhy" a respeito das corridas de cavalos na" Bella Vista de Tatuhy":

Edição nº 394, de 05/08/1906

- *"No dia 25 do corrente mês haverá nesta freguesia uma animadíssima carreira dos cavalos Pombinho e Sanhaço – sendo aquele da vizinha vila de Pereiras e de propriedade do sr. Leopoldino Ferreira e este, desta, e de propriedade do simpático negociante sr. Salvador Matias de Oliveira. A carreira está atada por 400$000. No dia 1º de setembro próximo também haverá uma outra carreira dos cavalos Cabrito e Saranga, sendo aquele pertencente ao sr. Izaias Vaz e este ao sr. Bento Cândido. Está atada por 200$000. Além das carreiras atadas, espera-se haver outras mais, pois que só de Pereiras devem vir três ou quatro parelheiros, dos quais faz parte o famoso Mandaré".*

Edição nº 401, de 23/09/1906:

- *"Dia 6 do mêz de outubro, irão se realisar em Bella Vista corridas de cavallos. "Mandaré",de propriedade do sr. Liodoro de Oliveira e "Linguiça", pertencente ao sr. Salvador Carreiro, farão a corrida principal. A disputa está atada por 200$000 e foram convidados também alguns parelheiros de Santa Cruz do Rio Pardo".*

Edição de 26/07/1908:

- *"Dia 25 deste mez, às tres horas da tarde, em Bella Vista, haverá animada corrida, realisada pelo srs. Pedro Nogueira e Bento Cândido. O cavallo "Picasso", do sr. Cândido, disputa uma corrida atada em 200$000 contra o cavallo "Dourado", do sr.*

Tenente Nogueira. Além desta prova, teremos outras mais, sempre animadas e concorridas".

As carreiras eram tratadas com antecedência, em público e na palavra. Eram reuniões marcadas pela grande presença de sitiantes e pessoas de outras cidades (Bofete, Maristela, Quadra, Pardinho, Cesário Lange, Tatuí, Conchas, Pereiras, etc.), que tinham os cavalos [30] preparados cuidadosamente e nos quais apostavam grandes quantias em dinheiro. O jogo corria solto, de acordo com a importância dos cavalos competidores e dos corredores – ao par, em dobro, com cola e luz, etc. As importâncias variavam, sendo o dinheiro casado em mãos idôneas, pois bastava a palavra empenhada. Para esclarecer qualquer dúvida sobre o resultado, existia o julgador ou juiz, uma pessoa sempre respeitável, com bastante autoridade, que ficava no final do tiro; era ele que declarava o vencedor, mas, mesmo assim, às vezes surgiam críticas que acabavam em brigas, exigindo a presença da polícia. Na saída dos animais, no viradouro, havia também muita malandragem por parte dos tocadores, que queriam sempre tirar algum tipo de vantagem.

- *Cavalos famosos e seus proprietários*: *Lingüiça e Sanhaço (Salvador Carreiro), Cabrito (Izaias Diniz Vaz); Saranga e Picasso (Bento Silvestre Domingues – Bento Cândido); Mandaré (Liodoro de Oliveira) Dourado (Pedro Nogueira); Xandú (Horácio Candido); Macaco (Dassás Vieira de Camargo); Paraguaio, Pavão e Cambucí (Jango Mendes); Batom e Cascalho (Braz Gica); Sereninho (Carlino Ferreiro), etc.*

- *Carreiristas*: *Pedro José, Cândido Velho, Simão José de Oliveira, João Machado da Silva, João Florentino de Almeida, Benedito Fogaça Leite, Manoel Cândido, Bento Cândido; Salvador Matias de Oliveira (Salvador Carreiro), João Afonso Pereira, capitão Miranda, Antônio Paulino Telles (Telinho), Firmino Palmeira, Francisco de Paula Vieira de Camargo (Chicuta), Liodoro de Oliveira, Pedro Nogueira, João Batista Mendes, Neco Bernardo, Donato Furtado, Nhonhô Leite, Silvério de Oliveira, Quim Feliciano, Silvério Mariano, Lourenço Alves, Manoel Liberto, Chico Costa, os Martins (Polis), os Fogaça, os Soares, os Miranda, os Barreto, os Oliveira (Boqueirão), os Alves, os Colaço, os Leite, os Florentino, João Telles, os Albino (Juvenal e o filho Estevão), Pedro Teles, os Gonzales (Julião, Juca e Custódio), os Canhambora, Isaias Vaz, João Tonhã, Tertuliano Demétrio, Luiz Moura, João Tomé, Nhô Di, Miguel de Campos, Durvalino de Almeida, Dassás Vieira de Camargo, os Carneiro (Juquinha Carneiro e outros), os Pedroso, Honorato da Cruz Falkenback (Guri), Antônio Alves Antunes, os Valeiro, Horácio Cândido, Mário Mendes, Carlinho Bicheiro, Nestor Machado, Braz Gica da Paz, Carlos de Almeida Machado (Carlino Ferreiro), etc.*

- *Jóqueis que se destacaram, em todas as épocas, nas raias de Porangaba:* *Manoel Cândido, Jango Mendes, Juca do Julião, Custódio do Julião, João Valeiro, Chiquinho Pinto, Carlito, Tonico Pinto, Pedro Teles, Quim Feliciano, Mané Vieira (Agape), João Vieira (considerado o melhor de todos), Chico André, Chelo Vieira, Zeca Leopoldo, Nestorzinho, Bino Canhambora, Salatiel Rosa de Oliveira (Téia), Joãozinho Vaz, João Lúcio (João Veio), Mário da Tirda, Simão Vaz, Alípio Vaz, Erasmo Pedroso, Mário Mendes, João Mendes, Ovídio Mendes Quinzinho Miranda, Albertinho Ares (tornou-se jóquei profissional no hipódromo de São Paulo), Orestes Teles, Zezinho Lima, Oscar Pinto, Carminho Brasile, Tal Carneiro, Ramiro, Dito Estevão, Marinho Leme, Bráulio Pinto, Zezinho Paes, Osni (Gaúcho), Chico do Tino (Partes), Ivo Mendes, Zé do Carlinho, Mauri Mendes, etc.*

[30] *A respeito da qualidade dos parelheiros, Sebastião de Almeida Pinto, na obra "No Velho Botucatu", descrevendo o cenário da época: "costumava-se dizer que os animais mais rápidos eram uns cavalos ventanas, guarapuavanos, comprados em Itapetininga ou Sorocaba, onde eram realizadas as grandes feiras de mulas e cavalos".*

68. Tourada

A tourada [31], à semelhança do circo, era um espetáculo apresentado em ambiente fechado. A função era marcada pela coragem, agilidade dos toureiros e a força dos animais. Havia sempre muita gente, a presença de autoridades e a animação da banda musical. A matéria prima necessária era abundante - bois bravos existiam por toda parte e os toureiros, bons ou maus, vinham de todos os lados. Era um espetáculo de arrojo passar a capa, pegar a unha e derrubar o animal. Colocar a estrela na testa do boi era outra ação muito aplaudida. Pegar a unha significava de qualquer modo: de pé, de costas, sentado, deitado, mostrando coragem e habilidade. Outra parte interessante no "show" era a oferta da "sorte", para uma pessoa de destaque, a fim de ganhar um dinheiro extra na façanha que se propunha fazer.

A organização do espetáculo começava pela chegada dos participantes, a montagem do cercado, com xiringa e tudo, e a seleção dos animais. À divulgação do evento os toureiros desfilavam pelas ruas da cidade, em seus trajes coloridos e vistosos, acompanhados da banda e da criançada. Nas antigas touradas havia também as montarias em bois e burros chucros – (***jamais poderiam imaginar o sucesso dos atuais rodeios!***), uma façanha que agradava os assistentes. Em Porangaba o local mais usado para as touradas foi no "mangueirão" do Nhô Jango Mendes, embora existissen outros espaços, como os terrenos atrás da Igreja Matriz e onde foi construído o grupo escolar.

As touradas, aos poucos, foram desaparecendo em todo território nacional e, hoje, praticamente não mais existem.

- Dentre os toureiros famosos que aqui se apresentaram, destacamos os irmãos Mariozi *(um deles, o João Mariozi, casou-se com a porangabense Ana Biagioni) e o sobrinho Victor Mariozi (Foguinho), Vulcão, Samuel dos Santos, Zé Borba, Manolo, Parafuso, Pepe. Dentre outros, menos famosos, tivemos: Nestorzino, Gaúcho, Ladi Preto, Ventura Preto, Carminho Brasile (o palhaço), e os porangabenses Mingo Machado, Humberto Machado, Martinho Liberto, Luiz Miranda, Toninho Cubas, Quinzinho Miranda e outros*.

69. Cavalhada

O ponto forte do carnaval antigo era a "cavalhada", festa e costume popular que alcançou quase a metade do século passado, com desfiles, competições com espadas, argolas e "cabeças", além das escaramuças e palhaçadas. A grande atração era o "jogo dos anéis", que consistia em retirar a argola com a ponta da espada, com o animal em movimento. O cavaleiro, que conseguisse tal proeza, oferecia a uma dama de sua amizade que, ao recebê-la na ponta da lança, agradecia e retribuía com uma flor, sob o aplauso entusiasmado dos assistentes. Era um acontecimento festivo, apresentado na rua principal da cidade com a presença de grande publico. Havia muita música com a "banda tradicional" e muito barulho com a "banda maluca" (ou infernal como preferiam alguns), além dos palhaços. Os cavaleiros se apresentavam vestidos apropriadamente para o torneio, montados nos seus ágeis e adestrados cavalos, enfeitados e equipados com ricas montarias. O diretor era a figura decisiva, o líder dos cavaleiros, o organizador do evento.[32] O saudoso Lazinho do Valêncio contava que a incumbência coube, por muitos anos, ao ***Nhô Bento Cândido*** (Bento Manoel Domingues), tendo como auxiliar direto o Dito Tuvica, uma espécie de imediato.

Sendo a festa mais tradicional, havia sempre a participação de outros cavaleiros importantes, dentre os quais se destacavam:

---

[31] *Certamente, nós a recebemos dos portugueses. Na tourada à moda brasileira não há sangue, não há morte do boi, nem cavalos com as tripas de fora, por imperícia do picador. De quando em vez um toureiro menos prático e mais afoito é espetado nas guampas... mas os demais companheiros o acodem logo... e não passa de um susto... "Caramba, que susto!"... Nosso toureiro é só toureiro e não "espada", como acontece na Espanha, porque o nosso não mata o animal. Aqui o toureiro faz de tudo, toureia, passa a capa, escorneia, prega estrela na testa do animal, pega à unha e ... pode até ser palhaço. (Alceu Maynard de Araújo)*

"A tourada, um divertimento bastante perigoso, um folguedo tipicamente da gente do sul, relacionado com os gaúchos e tropeiros. As arenas eram feitas de madeira branca e cipó, com bancadas, picadeiro, a mangueira, onde ficava o gado bravo a ser toureado e a "chiringa", apertado corredor de passagem onde o boi ficava entalado, assustado com o vozerio, esperando a hora de sair contra os toureiros vestidos à espanhola, de calções coloridos. Tourear com as mantas, farpear e pegar sentado ou de pé eram as sortes com cada touro. O espetáculo era grosseiro e violento". (Aluísio de Almeida)

[32] "*Corriam cavalhadas as pessoas importantes do lugar e não ficavam em pouco dinheiro as vestes de seda, os mantos e arreios, a prataria, desde a cabeçada até o rabicho*".
Aluísio de Almeida, "Vida e Morte de Tropeiro", fls. "97",

- *Zé Ruivo (comandando a Banda Infernal), Luiz Boqueirão, Isaias Vaz, Bino Mariano, Nhô Chico Alves, Francisco Serafim, Lourenço Alves (como palhaço), João Telles (como palhaço), Nhô Gé, Silvério Mariano, Donato Antônio Martins (Poli), Silvério de Oliveira, Ventura Alves, João Lemes, Chico Trindade, Leandro Sebastião Vieira, Adolfo Rosa, Nicanor de Paula, Donato Nunes, Mário da Tirda, João Tonhã, Tertuliano Demétrio, Nestor do Chico Costa, João Miranda, José Fogaça, Eurico Fogaça e outros.*

Após o desfile, a festa continuava e se estendia pela noite adentro na rua principal iluminada por lampiões, com as barracas de comes e bebes e as bancas de jogos. No folguedo noturno, a animação era feita por violeiros e palhaços, com brincadeiras e cantorias que animavam os participantes. Sempre aparecia o boi-de-armação, recoberto por pano, conduzido por um folião, que dançando investia contra a multidão, criando situações pândegas e engraçadas. A "cavalhada" daqui era do tipo teatral, uma herança portuguesa introduzida no Brasil no século XVII e ficava restrita à parte de jogos, semelhante aos torneios e justas. Por aqui não se fala mais em "cavalhada". Tudo acabou, ficaram as saudades, nada mais...!

Roque Miranda, na obra "Porangaba e Meus Parceiros", fez referência à Cavalhada: "Começavam os preparativos 60 dias antes. Um grupo de 40 a 60 pessoas procurava as costureiras da vila para encomendar as fantasias. Não havia gôndolas, nem água, mas parecia o autêntico carnaval veneziano. Dona Olívia, minha mãe, recebia muitas encomendas pois era a melhor costureira do local. Nessa época ganhava um bom dinheiro, apesar de haver outras costureiras, pois era a preferida, dada a sua habilidade com a agulha. Lembra-se de uma fantasia confeccionada por ela a um tal Pedro, do bairro dos Lilis. Caboclo simples, saudável e exigente. Ele imaginou uma roupa de calça curta, justa até o joelho, com um colete do mesmo pano em cor verde, camisa branca de mangas compridas e fofas com punhos de renda. Na barra da calça estreita saíam fitas de cetim de todas as cores, com umas das pontas soltas até o meio da canela. Meias compridas brancas e luvas também brancas, em couro. Chapéu do mesmo tecido, com aba larga, fitas de cetim em cores, presas em um lado da aba. Cinturão preto e botas de meio cano, brancas. O homem tornou-se um verdadeiro rei naquele carnaval. Dona Olívia deveria manter segredo de cada tipo de fantasia, pois o sucesso estava na surpresa que cada cavaleiro conseguia imprimir.

Assim se fantasiavam cavaleiros e cavalos para a Cavalhada Carnavalesca. Consistia em fazer um desfile pela rua central com a banda de música à frente e, na hora marcada, 15 horas, iniciava a competição. Eram organizadas duas ou três listas de obstáculos, escolhidos pela maioria dos participantes. Em pares, um de cada série, os participantes iam eliminando os seus parceiros. A lida era variada: pular com o cavalo em desabalada velocidade 12 obstáculos e, entre eles, fisgar com uma lança os bonecos feitos em papelão, enfeitados com papel em cores, colocados no chão. Partiam em dupla e, antes de soltar ou fisgar as cabeças, eram obrigados, sob pena de desclassificação, a dar 3 giros com a lança e então soltar; outros tantos giros e fisgar; outros giros e soltar. No final do percurso tinham de tirar uma argola de 3 centímetros de diâmetro, pendurada... Dividiam-se em quatro grupos, cada grupo classificava um; dois escolhidos por sorteio escolhiam por seu turno o parceiro a ser eliminado e vinha a grande final.

O vencedor percorria o trajeto trotando com seu cavalo, saudando o público. Os vencidos o acompanhavam a pé com uma manta redonda distendida, recolhendo o dinheiro que o povo atirava. Esse dinheiro era gasto com bebida... Terminada a coleta, os demais litigantes acompanhavam o vencedor, a banda rompia com um dobrado, fogos subiam e o povo acompanhava até o local da cervejada. Ali, eles desmontavam e recebiam os cumprimentos dos amigos e admiradores".

---

70. Dança de São Gonçalo

Foi outro costume folclórico [33] que resistiu até a metade do século passado; dançado principalmente nos bairros do Matão e Florentino. Daí, irradiava e contagiava os moradores dos

---

[33] *O sociólogo Antônio Cândido, na obra "Os Parceiros do Rio Bonito", às fls. 184, refere-se aos costumes da região: "Antes, havia muita dança de São Gonçalo, fandango e samba; a primeira é hoje (1948) pouco frequente, embora se realize em cumprimento de promessas propiciatórias de boa colheita; as segundas quase desapareceram, cedendo lugar ao baile, isto é, às danças de par enlaçado "*

bairros mais próximos (Lopes, Capuava, Pinto, Poli, Marica Quadra), e de outras partes do município e sítios vizinhos, limítrofes, como: Aleluia, Cruz de Cedro, Quadra (Tatuí), Areias (Guareí), etc. Ouvimos algumas pessoas idosas da zona rural que nos afirmaram que ***se dançava o São Gonçalo*** também nos bairros, como: Mariano, Serrinha, Partes, Ferreira, Miranda, etc., mas não se lembravam dos participantes. O sr. Antônio de Arruda, já octogenário, nos contou que, quando menino, assistiu junto com seu pai *a Dança de São Gonçalo* no bairro dos Mariano.

No Matão, com alguns participantes ainda vivos, fica bastante nítida a origem do costume, pelo fato de apoiar-se na formação étnica do maior grupo racial local, pois foi aí que se observou a maior concentração de descendentes de escravos africanos no município, talvez uma espécie de ***quilombo*** e que deve merecer um estudo mais aprofundado. A área toda pertenceu antes a Tatuí, que contava com grande contingente de escravos e foi precisamente ali que iam se juntando os libertos e descendentes, na medida que eram alforriados e, também, após a abolição. A verdade é que os remanescentes mantiveram, até há pouco tempo, as tradições e costumes dos antepassados, as cantigas e danças. O testemunho de Valter Vieira, mais conhecido como "*Valter Barbeiro*", enriquece a matéria, pois acrescenta que seu pai Benedito Vieira de Goes, "*Nhô Nito*", foi um dos líderes do ultimo grupo, embora residisse no bairro dos Florentino/Fogaça. Veio de São Roque, do Saraçará. Descendente de escravos, provavelmente o último "mestre" desse clã, sempre esteve à frente nas apresentações do grupo, acompanhado de Lotério e Castiá. Era carismático, jovial e atencioso; guia e mestre da Dança de São Gonçalo, além de violeiro e cantador. Participava, também, do "samba" e do "fandango". O grupo era formado por negros, mulatos e brancos (portugueses, caboclos e descendentes) e, através de convites, apresentava-se com grande sucesso nos bairros e até em outros municípios. A dança varava a noite, era contagiante e envolvia os assistentes. Começava ao anoitecer, logo após o jantar que era mandado servir pelo anfitrião, com alguns pequenos intervalos para o café e terminava ao clarear do dia. Eis os nomes de alguns participantes: *Nhô Nito, a mulher Otília, os filhos Dirceu, Simeão e Valter; Roque Faustino; Pedro Abílio; o português Manoel Vaz e os filhos Anísio Vaz, Benedita, Ermelina, Maria, Luiza e a neta Terezinha; Benedito Camargo (Areia Branca); Salomão e os filhos Nande, Dito, Mingo, Tidinho, Titica, Titora e Jorja; Elias Lopes e os filhos Anísio, Benedito, Darci, Celso, Cacilda e Fiona; Francisco Lemes (Chico Cuta); Daio, Floriano; João Pedro, Lotério; Castiá; Véio Pinto; Izael; o tropeiro Tibúrcio e a mulher Augustinha e os filhos Carmo e Antônio; Armando Celestino e as filhas Nívea, Nelinda e Dita; Nhô Elídio e Dorva, Dote, Bilu e Nésia, Gumercindo (filho de Nhô Elídio) e Zoraide, Roque Sapo e Maria Lázara (do Matão); descendentes da Família Poli (Cláudio da Cruz, Martins) e outros.*

71. Futebol

Pesquisar e resgatar a história do futebol em Porangaba não é tarefa fácil; faltam informações. A hipótese de que o "jogo de bola", como era chamado, foi ali introduzido pelos imigrantes italianos e seus descendentes, perde-se no tempo por falta de prova. Antigamente, nos pequenos povoados as recreações se restringiam às corridas de cavalo, brigas de galo, danças como o fandango, cateretê e jogos de cartas. Não existia nenhum tipo de prática esportiva, individual ou coletiva.

O que sabemos com segurança é que o futebol foi introduzido no Brasil no final do século 19, no ano de 1894, em São Paulo, através de Charles Miller, filho de ingleses.

Considerando a hipótese de que os imigrantes foram aqui os primeiros praticantes, até que não demorou muito para o "futebol" chegar. Não encontramos nada escrito, mas é provável que a história do "soccer" local teve início, mais ou menos, em 1915/20. João Paulino da Silva, o "Janguinho", nascido em 1897 e que faleceu com quase 100 anos de idade, contava que havia jogado futebol na sua juventude. O mesmo nos confidenciou Toninho Cristovão, aqui nascido em 1900. Foi formado o "quadro de futebol" – provavelmente o primeiro - e os nossos jovens passaram a ouvir nomes e regras diferentes, que, rapidamente, foram assimilando: "goal keeper" (goleiro) que virou ***gortipa***; "center-alf" (centro-médio) que se transformou em ***centerarfo***; "center-forward (centro-avante) que passou a ser ***centerfor***; "off-side" (impedimento) que todos falavam ***fisaide***. No início jogavam descalços ou com botinas comuns, sem uniforme (fardamento) e o material apropriado. Quando chegaram os primeiros uniformes, eram pesados, com camisas de mangas compridas, calções enormes até os joelhos, gorros e caneleiras. As joelheiras e cotoveleiras para os goleiros vieram muito tempo depois. Até 1950, mais ou menos, ainda se viam

por aqui "quadros" com os jogadores sem fardamento, improvisando formações com ou sem camisa. A rede no "gol" (nas traves) foram introduzidas muito mais tarde, sendo providência importante para evitar as confusões generalizadas e brigas que ocorriam, envolvendo jogadores e assistentes, quando se tratava de validar tentos e pairavam dúvidas se a bola tinha ou não passado entre as balizas. Na medida que aumentou o número de praticantes, nasceu uma rivalidade enorme entre os futebolistas da "praça" e dos bairros. Os jogos eram combinados com antecedência e havia, sempre, a exigência de ***fiança***, um valor em dinheiro que o clube visitado adiantava temporariamente ao visitante e que assegurava a realização do segundo jogo, quando era feita a devolução da garantia.

Os primeiros campos de futebol foram improvisados em locais abertos e inadequados, na maioria das vezes, com traves de madeiras completamente tortas, irregulares, e em terrenos (pastos) nem sempre planos. A bola do jogo era a "*pelota*", conhecida também como "*capotão*" com "câmara de ar", que, depois de cheia, era "*costurada*" com "*tentos*" (tiras de couro). Uma curiosidade, nem era rigorosamente redonda e azar àquele que batesse com cabeça na costura.

A prática do futebol no início foi uma verdadeira guerra, com o predomínio da força física, sem qualquer técnica, e a disputa era chamada simplesmente de "***combate.*** O jogo era viril, sendo tudo permitido: caneladas, trombadas, carrinhos, golpes violentos, muitas botinadas, etc., e o juiz, coitado, que se cuidasse, senão apanhava.

72. Campos de futebol

Os conterrâneos mais idosos contavam, por ouvir dizer, que o primeiro campo de futebol foi na "rua de cima", (atual professor Antônio Freire de Souza), perto da raia de corrida de cavalos que ali existiu. Estava, supostamente, no terreno que ia da esquina da Igreja Matriz com a rua João Machado para o lado da rua João Rosa de Oliveira. Pela conformação atual da área, deveria ser bastante inclinado e irregular. Mais para baixo, depois, existiu um outro, que ficava também na altura da rua João Rosa de Oliveira, começando, mais ou menos, atrás do terreno onde está hoje a casa da Família Bechelli (na esquina, defronte ao prédio dos Avallone), estendo-se para o lado de cima, lembrando que ali, na época, não havia nenhum tipo de moradia. O terceiro campo de futebol funcionou no terreno onde, anos depois, foi construído o prédio do Grupo Escolar "Joaquim Francisco de Miranda"; permaneceu ali por muitos anos, até, mais ou menos, o final dos anos 30 do século anterior. Em 1940, mais ou menos, já estava no terreno onde, tempo depois, viria a ser construído o estádio municipal. Antes da construção do estádio, o campo chegou a ser transferido para o terreno da Família Valêncio da Silva, além da ponte do rio Feio, no lado esquerdo da estrada que segue para a Serra do Amaral. Dali, tempo depois, mudou-se para o terreno do Nhô Jango Mendes, já no alto, à direita do cemitério municipal. Funcionou ali por muito tempo. Existiu, ainda, outro campo, atrás do mesmo cemitério, na área hoje pertencente ao sr. Leopoldo Bechelli. Finalmente, mais ou menos em 1950, retornou para o terreno às margens do rio Feio, onde foi construído o ***Estádio Agostinho Angelini.***

- *A partir dos anos 30, a prática de futebol cresceu nos sítios e fazendas, na zona rural, e foram nascendo campos de futebol nos mais diversos bairros. Existiram, então, campos nos bairros: Saltinho, Florentino (Zé Gomes), Partes, Nunes, Carioca, Alves (1), Bernardo, Alves (2), Serra do Amaral (Marcílio), Pinto, Marica Quadra, Lopes, Ferreira, Miranda, Serrinha (Fazenda São Martinho), Pedroso, Mariano, Arruda, Fogaça, Bino, Santana, etc.*

73. Jogadores do passado

Lista parcial de jogadores de futebol do passado, montada com base em fotos, jornais antigos e, principalmente, depoimentos de pessoas idosas, até, aproximadamente 1978.

- *Alguns nomes importantes podem não constar da relação, não lembrados por lapso de memória e também pela falta de documentos*,
- *Por coerência, citaremos primeiramente os nomes de algumas famílias italianas pioneiras, das quais é possível que tenham saído os primeiros praticantes do incipiente futebol "bellavistense": Gorga, Pérsio, Pescatóri, Bassói, Cassetari, Camerlingo, Angelini, Nordi, Rondó, Biagioni, Avallone, Bechelli, Vangioni, Brizaco, Livania, Guaseli, Russi, Foterni, etc.*

Esporte Clube Porangabense

Fundado em 15/11/1949

Adelino Ares, Adelino Baldacin, Adolfo Rosa, Afonso Atanásio (Afonsinho), Afonso Avallone, Afonso Pereira, Afonso Ruivo, Afrânio Amaral da Silva (Afraninho), Agenor Antunes do Amaral, Agostinho Angelini (Gustão), Alaor Fázzio, Albertino Rodrigues dos Reis (Tino), Aldo (goleiro de Conchas), Aldo Angelini, Aldo Lourenço (Tatuí), Alfredo Magalhães, Alício (Torre de Pedra), Alício Ramos Vieira, Alípio de Paula, Alípio Pinto, Amadeu Perez, Amâncio Pinto, Amauri dos Reis, Anélio Bassoi, Ângelo Poli, Antenógenes, Antônio Alves Antunes Sobrinho (Português), Antônio Alves Leme (Leme), Antônio Bueno Porcel (Tatuí), Antônio Carlos Marcelino (Bodinho), Antônio Carlos Moura, Antônio Carlos Vieira (Toninho Diniz), Antônio de Almeida Barros (Toninho Barros), Antônio de Arruda, Antônio Pinto (Amâncio), Antônio de Oliveira Pinto (Toninho Cristóvão), Antônio Ferreira, Antônio Fogaça (goleiro), Antônio Lemes, Antônio Luiz, Antônio Martins Cláudio (Nê do Tó Cláudio), Antônio Neves de Carvalho (Muca), Antônio Rosa, Aristides Perez, Arlindo Alves Antunes (goleiro), Armando Júlio Venezian (Araras), Artulino, Artur Cezar Falcão, Artur Rodrigues da Silva, Ataíde dos Reis, Átila (Torre de Pedra), Aurélio (sapateiro), Aydam (goleiro), Batista, Bem Mariano, Benedito Machado Neto (Dito Machado), Benedito Custódio Barreto Filho (Beninho), Benedito Generoso Filho, Bia, Biro (goleiro), Bota, Brasílio, Braz Vieira de Barros, Bruno Biagioni, Bruno Occhiena, C.B.Paula, Cabo Roberto, Camargo Soares de Almeida, Cândido, Canhambora, Carlino de Campos Mello, Carlos Cláudio da Cruz (Carlo do Tó), Carlos de Almeida Barros (Carlinho Bicheiro), Carminho Brasile, Celeste, Celeste Baldacin, Celso Tuvica, Cezarino Antunes Correa, Chico Bolacha, Chico do Zé Pequeno, Chiquinho Ruiz (Sorocaba), Chiquinho Bueno, Chiquinho Luzia, Cláudio Penido, Ernesto (Churrasco), Cornélio Cardoso (Néinho), Cornélio Antunes Correa (Cornélinho), Cristininho, D. Firmino, Dalico, Darci Soares de Almeida (Darci Filé), Décimo Alves de Camargo (Décio), Delfino Moreira, Delfino Pinto, Deocacir Martins Cláudio, Diogo Luiz Burzachello, Diomar Thomaz (Pelé), Dirceu Soares Ramos, Ditinho Dinarte, Ditinho Mariano, Dito Chato, Dito do Nhô Pim, Dito Lobo, Dito Ruivo, Domício, Domingos de Arruda (Minguinho), Domingos Diniz Vaz (prefeito), Donatinho (goleiro), Edson Geraldo Luiz Lopes, Eward (Bananinha), Ênio José Domingues (goleiro), Enos Amaral, Erasmo Pedroso de Oliveira, Ernesto Pedroso de Oliveira, Estevão Colaço, Estevão Maier Júnior, Eugênio, Eurico Fogaça, Eurico Fogaça Júnior (goleiro – Euriquinho), Eurico Molitor (Pereiras), Eurides (São João), Ezequias João de Ávila (Quia), Faé Leme, Faiçal Mellhem, Fernando José Sola Carneiro (Fernandinho), Fernando Saroba, Firmino Fabiano, Francelino, Francisco A. dos Reis (Chico da Padaria), Francisco de Sales Generoso, Francisco Gribeler (Chachinho), Francisco de Almeida Machado (Badesco-goleiro), Francisco Pássaro (Chichilo - goleiro), Francisco Rosa de Oliveira (Chicoelo), Francisco São Pedro Ares, Geraldo Miravetti, Gilberto de Almeida Carneiro (goleiro), Gildo Ramos, Guaraci Teixeira Campos, Harley de Almeida, Heitor Cassetari, Hélio José Biagioni (Hélio do Bruno), Hélio Manoel Domingues, Henrique Pinto, Henrique Rossi, Horácio Manoel Domingues (Horácio Cândido), Horácio Soares de Almeida Primo (Horácio Filé), Ico Cláudio, Ildefonso Palmeira, Inácio Loiola de Oliveira, Irineu de Almeida Machado (Irineu do André), Israel (goleiro), Ítalo Ado Biagioni, Ivo de Oliveira Vaz (Cepa), J. Paula, Jair Roder, Jair Teodoro, Janquinho, Jarbas, Jaurez Ramos, Jessé Navarro, João Alves, João Amâncio do Amaral, João Batata (Luzia), João Braza, João Coração (Binos), João Correa, João Cubas do Amaral, João Lázaro Diniz (goleiro), João de Oliveira Vaz (Mazzola), João de Paula, João José Ribeiro (Fio), João Paias (Conchas), João Palmeira, João Pedro (Torre de Pedra), João Pinto, João Rosa de Arruda (João Bola), João Rosa de Oliveira, João São Pedro (goleiro), João Vaz da Fonseca (João Bunda – goleiro), Joaquim Fabiano, Jorge Alves, José (Zé) Ferreira, José Almiro Correa, José Antônio Ribeiro, José Ayres Portella, José Benedito do Amparo, José Brígido Ferreira, José Carlos Machado (Massa de Tomate), José Carlos de Almeida Barros (Zé do Carlinho), José Carlos Roder, José Clacir de Oliveira, José Correa, José de Camargo (Zitinho), José Eugênio Grazioli (Zeco – goleiro), José Francisco da Silva (Zé Cabrita), José Francisco de Camargo (Chico do Jorge), José Luiz Biagioni, José Marcos Gomes, José Maria de Oliveira, José Maria de Oliveira e Silva, José Maria Pinto, José Maria Saroba, José Maria Pinto da Silveira, José Martins Cláudio (Claudinho), José Pires Paulino, José Ribamar Pinheiro Silva, José Roberto do Amaral Paes (Beto-goleiro), José Rocha de Campos, Juca Lopes, Júlio Domingues, Julico Baldacin, Juquinha Alves, Juquinha Correa (Chefrinho), Justimiano Amâncio, Juvenal, Lampião, Landulfo Spinola, Lauri Valeiro (Chacheca), Lauro (goleiro-Cesário Lange), Lázaro José Nogueira (Zezito), Lázaro Nogueira da Silva (Pingo), Lazinho de Almeida Sobrinho (Zinho), Lazinho Diniz, Leandro Sebastião Vieira, Leoni Mendes, Levi Mendes, Licerinho, Licinho Bertoncini (Bofete), Lindolfo Mathias, Lourenço, Lúcio do Amaral Paes (goleiro), padre Luiz Bazzo, Luiz Carlos Nogueira, Luiz Celso Domingues, Luiz de Almeida Barros (Luizinho), Luiz de Paula Leite, Luiz do Nascimento, Luiz Miranda, Luiz Renato Angelini, Luiz Domingos Miranda Angelini (Mingão), Luizinho Diniz, Lupércio Valeiro, Magueta (Tatuí), Maninho (Soldado), Manoel Alves, Marçal Ildefonso Vieira, Marcelo Carlos da Silva, Marcílio Ferrari, Marcos (sapateiro), Marquinho Mariano (Saltinho), Mário Michetti, Mário A. Correa (Marinho Sapateiro), Martinho Olímpio da Silva, Maury Silveira Campos, Melem Mamed Tufaile (Pancho), Mélico Gonçalves, Melik Mamed Melhem (Tim), Mingo Simone, Moacir, Nadir (Conchas), Nêgo do Zé Pequeno, Nélio do Zé Pequeno, Nenê Ferreira, Neuri Antônio Cordeiro (goleiro), Nicanor do Zé

Pequeno, Noel (Torre de Pedra), Noel Nunes de Morais, Olivério Amâncio (goleiro), Olívio Mariano (goleiro), Onozor Pinto da Silva, Oraci Pinto da Silva, Orestes Alves Leme (goleiro), Orlando Mesquita Cavalcanti, Oscar Avallone, Oscar Machado, Oscar de Paula Ribeiro, Oscar do Valêncio, Osmar Rossini Bertoncini, Osni Gomes da Silva, Osvaldinho Boqueirão, Osvaldo da Costa Ávila (goleiro), Osvaldo Mariano (goleiro), Osvaldo de Paula Ribeiro, Otávio dos Reis, Otávio Rodrigues dos Reis (Otavinho), Paes, Pancho Cassetari (Bofete), Paschoal Romeu (Televisão), Pastor João Francisco, Paulino Cristóvão, Paulino dos Santos, Paulo Antunes, Paulo Moraes, Paulo Roberto Xavier, Paulo Telles, Paulo Vaz, Paulo Wagner, Pedro de Paula Leite (Pedrão), Pedro Nogueira Sobrinho, Pedro Nunes da Silva (Pedro do Quirino), Pedrinho Cassetari, Peixinho (Sorocaba), Pitiço (Italiano), Plínio de Oliveira Almendro, Preto da Sabesp, Professor Simeão, Quinzinho Correa, Quim (Pic-toc goleiro); Raimundo (Luzia), Raul Pinto, Reinaldo Américo Biagioni, Renato Angelini, Renato Antunes, Renato Nogueira Filho, Ricardo Antônio Tavares, Robertinho Schor, Rodeson Ferreira Bertolli, Roque Soares de Almeida, Rubens Siniscalchi, Rubens de Oliveira Vaz, Rúgero José Biagioni (Zé do Trieste), Rui Amaral, Salvador Bento, Santo do Napoleão, Sebastião (soldado), Sebastião Luzia, Sebastião Alves de Camargo (Bastião – goleiro), Sérgio Ramacciote dos Santos, Sérgio Rodrigues Devito, Sérgio Rossi, Setembrino (Purdininha), Sidny Aristeu de Oliveira, Silverinho Nunes, Silverinho Nunes Primo, Silvestre (goleiro), Simão Alves de Camargo (Oraci Alves), Simão Luiz Machado (Simão Filé), Simão Nunes Diniz Filho, Souzinha (São Paulo), Tambiú (Nunes), Telécio Fonseca, Thales, Toninho dos Binos, Toninho Carijó, Toninho da Ida, Toninho Pinto (Antônio Pinto da Silva) (goleiro), Toninho Santa Casa, Trieste Biagioni, Ulisses Bueno de Miranda, Ulisses Silveira, Valério, Valter Barbeiro, Vardinho do Paulo Teles, Veio Mariano, Vilson Tadeu Rocha Pereira, Walter José Machado, Walter Zanotti, Wandir de Oliveira Gaioso, Wellington Luiz dos Santos (Vovô – goleiro), Zé Anselmo, Zé do Laticínio, Zé do Amaro (Mico-goleiro), Zé Furtado, Zé Pinga, Zé Persiani, Zé Roque (S.João), Zeca Alves, Zezito São Pedro, Zico

Curiosidades do futebol local

*Lauri Valeiro **(Chacheca),** de saudosa memória, foi um jovem alegre e feliz com a vida. Sempre brincalhão, morava no sítio e jogava futebol no time da cidade. Requisitado, às vezes faltava, mas sempre apresentava justificativas. Num jogo importante, chegou atrasado e ao ser admoestado pelo técnico, matreiramente respondeu: - " O senhor está bravo comigo, mas, perdoe-me, pois passei a noite inteira com uma **"chacheca"** danada!. O apelido pegou.*

(Contado pelo Antoninho Pinto)

O jogador que mais se destacou em toda história do futebol porangabense, jogando pelo Esporte Clube Porangabnse, foi o meia Diomar Tomaz (vulgo Pelé), que veio da várzea paulistana onde era conhecido por Nêgo. Jogava no bairro da Vila Esperança. Logo que saiu de Porangaba, profissionalizou-se e foi contratado pela Associação Prudentina de Esportes, na época clube da Primeira Divisão da Federação Paulista de Futebol. Jogador eclético, atuava tanto na defesa como no ataque e era um autêntico goleador. Passou por outros times, mas a sua carreira durou pouco. Consta que faleceu prematuramente na capital paulista

O zagueiro Bia, que foi um dos mais destacados jogadores da região tatuiense e que faleceu em 01/03/2004, na cidade de Tatuí, era porangabese. O jornal "O Progresso de Tatuí", edição 4827, de 07/03/04, noticiou: "Zagueiro "Bia" falece ao 73 anos. Anísio Paulino de Miranda, faleceu nesta segunda- feira, 1º, em Tatuí. Miranda foi jm dos mais importantes atletas da região. Ele foi velado no velório público municipal e enterrado na manhã desta terça-feira, 2, no cemitério Cristo Rei. O zagueiro central Bia foi bicampeão amador do Interior do Estado pela Associação Atlética XI de Agosto nos anos de 57 e 58. Conquistou também importantes títulos pelo São Martinho. Conhecido pela versatilidade, o atleta foi um dos melhores da região e ganhou notoriedade na década de 60. Após encerrar a carreira no futebol, Bia recentemente vendia frutas na feira livre. Era membro da Congregação Cristã do Brasil".

74. Clubes de futebol

Não encontramos nenhum documento a respeito do primeiro time ou "quadro" de futebol fundado em Porangaba, mas é quase certo que foi após 1910, de acordo com os depoimentos prestados por pessoas idosas. Os italianos e seus descendentes podem ter iniciado a prática do esporte, mas, somente, entre 1920 a 1930, é que começaram a aparecer as primeiras notícias em jornais, comprovando que já era jogado tanto na cidade como nos sítios. Em 1927, o time de futebol daqui era o ***Sport Club Independente,*** presidido pelo farmacêutico Afonso Avallone Júnior.

*Em 1932, o jornal "O Progresso de Tatuí", na edição do dia 21/05/32, anunciou o jogo entre o Operário Futebol Clube daquela cidade e o **E.C. Porangabense**, marcado para o dia 29 daquele mês, mas o jogo só foi realizado nos primeiros dias do mês de junho, quando fomos impiedosamente derrotados,*

tanto no primeiro como no segundo "quadro". Os suplentes, como se diz hoje, levaram de 5 X 0 e o titulares de 4 X 0. O time titular foi o seguinte: Donatinho, Lobo e Camargo, Leme, Artulino e Paes, Sebastião, Rosa, Cândido, Mico e Correa.

O futebol foi o único esporte aqui praticado por muito tempo e sempre em lugares improvisados, sem nenhuma estrutura. Um dos maiores incentivadores foi o farmacêutico Afonso Avallone, tatuiense e que aqui residiu por muitos anos.

- *Um dos seus filhos, aqui nascido, Carlos (Carlito) foi um excelente jogador de futebol, destacando-se em Tatuí, onde jogou nas principais agremiações daquela cidade, principalmente na A.A. XI de Agosto.*

Esporte Clube Porangabense - 1958/59

O principal time de futebol, o orgulho da terra, com o nome de ***Porangabense***, veio sempre intercalando fases de entusiasmo e inatividade. A humilhante derrota para o clube São Bento de Sorocaba, em 1939/40, foi um fato desanimador e refletiu negativamene na sua história. Em resumo: perdemos pela contagem de 13 X 1, e o nosso único gol foi feito pelo Roque Soares de Almeida, de saudosa memória.[34]. Com o tempo, pela extraordinária ascensão profissional de Oberdan Catani, então o goleiro *"vazado"* do time sorocabano, o jogo tornou-se o mais importante e signifcativo do time de Porangaba. ***"Conseguimos marcar um gol no Oberdan! – todos falavam"***

Existiram outros times, todos com pouca duração, como os clubes ***4 de Junho, Juvenil Footbal Club e Independente.*** Somente no ano de 1949 é que nasceu o primeiro time de futebol organizado, regularizado juridicamente, e com condições de disputar os torneios regionais - o ***Esporte Clube Porangabense*****,** mantendo o nome anterior. A iniciativa se deve ao saudoso ***Agostinho Angelini***, que construiu, também, o primeiro campo oficial para a prática do futebol em Porangaba. Passamos a ter pela primeira vez, campo de jogo com medidas oficiais, murado, fechado, com instalações adequadas como: vestiários, sanitários, bar, etc. - o nosso próprio estádio, *como costumava, orgulhosamente, dizer.* A partir daí, teve grande impulso e o entusiasmo foi enorme, mas, mesmo assim, tivemos alternância na trajetória do clube. Além dos problemas estruturais, os times de futebol, sem exceção, procuram contabilizar somente as fases vitoriosas para definir a continuidade ou não da agremiação. Com o nosso clube não foi diferente e, sobretudo pelas mudanças que ocorreram no esporte "amador", que se tornou semi-profissional e oneroso, o Porangabense, após o falecimento do benemérito ***Gustão*** (como era carinhosamente chamado), não resistiu e parou.

O maior objetivo desta pesquisa é rememorar a história do futebol até, aproximadamente, 1960, que entendemos seja o primeiro passo para resgatar a memória do esporte bretão por aqui. Recentemente, no ano de 1994, destacou-se uma nova formação - o Palestra Futebol Clube, clube que disputou com brilhantismo o Campeonato Amador do Interior do Estado de São Paulo e obteve o vice-campeonato. A decisão foi com o clube da cidade de Valetim Gentil, que sagrou-se Campeão Amador do Estado de São Paulo. O Esporte Clube Porangabense ficou muito tempo inativo, um acontecimento triste para a comunidade esportiva, mas outras agremiações como o Porangaba Futebol Clube, Botafogo e o time de bairro dos Pinto, o Calcário F.Clube, mantiveram o futebol ainda vivo por aqui. Na atual gestão municipal, o futebol está sendo reorganizado, com destaque para o principal time da cidade.

75. Sport Club Independente

O primeiro Independente foi formado em 1927 e teve como presidente o Afonso Avallone Júnior. Nada mais sabemos a respeito dessa agremiação.

[34] *O São Bento era formado por jogadores renomados como: Bombacha, Pé de Ferro e tinha na meta, nada mais, nada menos, que Oberdan Catani, que algum tempo depois se tornaria um dos maiores goleiros do futebol nacional. Era um dos melhores times do interior paulista. Pelo Porangabense jogaram: Silvestre,J.Pires,Dito Lobo, Camargo, João Coração, Firmino Fabiano, Eurides, Roque, Zé Pinga, Pedrão e Luiz de Paula. Obs. São informações oficiosas e que precisam ser confimradas.*

Não existem registros; as informações são confusas e contraditórias..

76. Clube 4 de Junho

O "Jornal de Tatuhy", na edição de 05/10/1930, noticiou: "*Notícias de Porangaba - Futebol - É o esporte que fez época nesta localidade, tendo caído em certo indiferentismo de um tempo a esta parte. Agora porém, ele surge galhardo e cheio de nova vida por iniciativa de um pugilo de moços esforçados. Assim, constituiu-se um clube nesta cidade sob a denominação gloriosa de* ***4 de Junho****, dia de inauguração da Câmara de Porangaba. Sua diretoria é composta dos seguintes membros: prof. Benedito Flores de Azevedo (presidente); Ernesto Pedroso de Oliveira (secretário); Agenor Antunes do Amaral e Albertino Rodrigues dos Reis (tesoureiros); Braz Viera de Barros (zelador), José Benedito do Amparo (diretor esportivo); Oscar Machado da Silva (1º. capitão) e Martinho Olímpio da Silva (2º. capitão).*

- *Em 1970, mais ou menos, tivemos outro time com o mesmo nome, sem nenhuma ligação com o primeiro, e que também teve vida curta.*

77. Juvenil Foot-bal Club

Em 1933 existiu o ***Juvenil Futebol Clube,*** (conforme consta no boletim estatístico da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo), mas não achamos qualquer outra referência escrita e nada ouvimos sobre o "quadro", mesmo conversando com os moradores mais idosos que simplesmente não se lembram da agremiação.

78. Esporte Clube Independente

O segundo "Independente" foi organizado por um grupo de amigos, na maioria ***congregados marianos***, nos anos 40 do século passado. O nome escolhido não teve nenhuma ligação com a agremiação anterior. Mandavam os jogos no campo que existiu atrás do cemitério municipal, no terreno (atual) do sr. Leopoldo Bechelli. Teve vida curta. Jogadores: *Osvaldo Mariano*, *Bastião Alves, João Vaz (João Bunda), Ulisses Bueno, Zé Anselmo, Lampião, Juca, Luiz Miranda, Rubens Vaz, Ildefonso Palmeira, Sérgio Rossi, Purdininha, Marinho Sapateiro, Oraci Alves, Osvaldinho Boqueirão,Carminho,Olívio Mariano, Ângelo Poli, etc.*

79. Esporte Clube Porangabense

Fundado em 15/11/1949, marcou uma nova fase do futebol porangabense. Filiado à *LITAFU - Liga Tatuiense de Futebol e Federação Paulista de Futebol*, com a situação jurídica regularizada, passou a disputar os torneios oficiais. Além do patrimônio formado, construção do estádio, etc., houve a definição do fardamento, sendo adotadas as cores verde e branca. O primeiro presidente foi Agostinho Angelini, o grande responsável pelo fortalecimento do futebol local. Nos anos de 1958 e 1959, as campanhas foram extraordinárias, com uma equipe muito forte, acima da média dos clubes da região, sendo derrotada somente nas partidas finais pela Associação Atlética XI de Agosto, de Tatuí, que foi a vice-campeã amadora do Estado de São Paulo em 1957/58. Foram jogos duríssimos e alcançamos o vice-campeonanto regional. Curiosamente, por ironia do destino, o grande destaque da equipe agostina era o jogador porangabense *Bia*, zagueiro central, do bairro dos Poli, e que já tinha jogado aqui. Na época, o time local era conhecido como "Expresso Verde" e formado, na maioria, por jogadores do Clube Salete de Futebol de Salão, do bairro de Santana, da capital .

> ***Jogadores:*** *Wellington (Vovô) - goleiro; Zanoti - lateral direito, Faiçal - zagueiro central, Adelino Ares - lateral esquerdo, Pascoal (Televisão) - médio apoiador, Sérgio - centro médio, Zé do Carlinho - ponta direita, Artur - meia direita, Tomaz - meia esquerda, Plínio - centro avantes, Português - ponta esquerda, Darci Filé (atacante), Fernando Sola (atacante), Muca (goleiro), Domício (defesa), Pancho (defesa), Araras (atacante), Chico Rosa (Chicoelo) - ponta esquerda, (que foi titular do XI de Agosto de Tatuí*).

A diretoria do Esporte Clube Porangabense em 1956:

- *Agostinho Angelini* ***(presidente)****; Acácio Domingues* ***(vice-presidente);*** *Irineu de Oliveira Pinto* ***(1º. secretário);*** *Braz Gica da Paz* ***(2º. secretário);*** *Luiz Sola Ares* ***(tesoureiro);*** *Domingos Nogueira* ***(diretor recreativo);*** *Carlos de Almeida Barros* ***(diretor esportivo)****; José Fogaça de Almeida, Lázaro Selvo de Oliveira e Horácio Manoel Domingues* ***(conselho fiscal).***

Jogadores do Porangabense que disputaram o Campeonato Amador da Liga de Tatuí, ainda sob o comando da Federação Paulista de Futebol:

Ano de 1958:

Wellington Luiz dos Santos, Walter Zanotti, Faiçal Melhem, Paschoal Romeu, Sérgio Ramaciotte dos Santos, Adelino Ares, José Carlos de Almeida Barros, Arthur Cezar Falcão, Plínio de Oliveira Almendro, Diomar Thomaz, Antônio Alves Antunes Sobrinho, Francisco Rosa de Oliveira, Fernando José Sola Carneiro, Armando Júlio Venezian, Antônio Carlos Vieira, Melem Mamed Tufaile, Antônio Martins Cláudio, Orlando Mesquita Cavalcante, José Francisco da Silva (Zé Cabrita), Sidny Aristeu de Oliveira, Carlos Cláudio da Cruz, Diogo Ruiz Burzachello, Lázaro José Nogueira, Paulino dos Santos, Pedro Nogeuria Sobrinho, João de Oliveira Vaz, Mário Michetti, José Martins Cláudio.

Ano de 1959:

José Almiro Correa, Alfredo Magalhães, Antônio Bueno Porcel, Geraldo Miraveti, Melek Mamed Melhem, Décio Alves de Camargo, José Aires Portella, Antonio Neves de Carvalho.

Ano de 1961:

José Maria de Oliveira e Silva, Neuri Antônio Cordeiro, Arlindo Alves Antunes, Sérgio Rodrigues Devito, Faiça Melhem, Amadeu Perez, José Martins Cláudio, João Rosa de Arruda, Arthur Rodrigues da Silva, Fernando José Sola Carneiro, Aristides Perez, Décmo Alves de Camargo, Osmar Rossini Bertoncini, Manoel Ildefonso Vieira.

Ano de 1963:

Lazinho de Almeida Sobrinho, José Martins Cláudio, Mauri Silveira Campos, Ezequias João de Ávila, Benedito Generoso Filho, Rubens Siniscalchi, Eurico Fogaça Junior, Darci Soares de Almeida.

Ano de 1964:

José Francisco de Camargo, Leoni Mendes, Marcílio Ferrari, Faiçal Melhem, Ênio José Domingues, Hélio Manoel Domingues, Guaraçi Teixeira Campos, José de Camargo.

Ano de 1965:

Antônio Alves Leme, Harley de Almeida, Lidolfo Matias, Irineu de Almeida Machado.

Ano de 1966:

Edson Geraldo Luiz Lopes, José Francisco Camargo, Hélio José Biagioni, João Cunas do Amaral, Antônio de Almeida Barros, Irineu de Almeida Machado, Osvaldo da Costa Ávila, Levi Mendes, Luiz do Nascimento, Luiz Carlos Nogueira, Antônio Alves Leme, Paulo Roberto Xavier, Vandir de Oliveira Gaioso, Luiz de Almeida Barros.

Anos de 1977/78:

Afrânio Amaral da Silva, Alicio Ramos Vieira, Antônio de Almeida Barros, Antônio Carlos Moura, Bruno Occhiena, Francisco de Sales Generoso, Francisco São Pedro Ares, Inácio Loiola de Oliveira, Jair Teodoro, Jessé Navarro, José Clacir de Oliveira, José Brigido Ferreira, José Carlos Roder, José Maria Pinto, José Maria Saroba, José Marcos Gomes, José Ribamar Pinheiro Silva, José Rocha de Campos, Leoni Mendes, Luiz Renato Angelini, Marcelo Carlos da Silva, Osni Gomes da Silva, Reinaldo Américo Biagioni, Renato Antunes, Ricardo Antônio Tavares, Rodeson Ferreira Bortolli, Valter José Machado e Vilson Tadeu Rocha Pereira.

80. Briga de galo

- *Os romanos consideravam a "briga de galo" uma diversão para crianças. Aqui, esse costume herdado dos portugueses foi muito comum e apreciado. Era distração só para homens, para preencher as horas de folga. Os lusitanos trouxeram do Oriente os primeiros galos brigadores, popularmente chamados de galos índios, que introduzido no Brasil, espalharam-se por toda parte. Hoje, a "briga de galo", pela violência, é proibida em todo território nacional.*

O local próprio para a briga era chamado de "rinha". As brigas eram acertadas de acordo com os pesos das aves e envolviam grandes somas em dinheiro, em prêmios e apostas. Ocorriam, às vezes, algumas decisões inusitadas, como por exemplo até um galo matar ou correr, com as esporas afiadas ou no batoque, etc. As rinhas foram comuns até os anos 50 do século passado e hoje, praticamente, não mais existem; pode ocorrer que um ou outro entusiasta monte clandestinamente na zona rural, mas está infligindo a lei e pode ser punido. Antigamente, as brigas eram feitas nos finais de semanas. Eram muitos os donos de galos e tratadores, que se dedicavam ao malfadado e dispendioso divertimento que consideravam "*esporte*". A ração era cara, pois sendo aves de raça, selecionadas, exigiam cuidados especiais.

Costumava-se dizer que na seleção e alimentação residia boa parte do sucesso dos galos briguentos.

Foi, portanto, um apaixonante lazer das classes mais ricas da sociedade local. Por aqui, muitos galistas mantinham toda a estrutura necessária para a obtenção de bons resultados [35]: tratadores fixos, rinhas próprias, passeadores, alimentação balanceada e medicamentos. Os galos tinham os mais variados e curiosos nomes de guerra; muitos se tornaram famosos em toda região, para alegria, orgulho e lucro de seus donos.

- *Nomes famosos: Meninão, Palhaço, Socó, Alma de Gato, Pepe, Caviúna, Parafuso, Maquinão, Redondo, Almofadinha, Comequeto, Tarzan, Roxão, etc.*
- *Galistas de Porangaba: José Colaço, Dassás Vieira de Camargo, João Sebastião Vieira, Antônio Miranda, Pedro Nogueira, Dinarte Velho, Miguel de Campos, Juvêncio Correa, Eurico Fogaça, Domingos Ignácio São Pedro, Manoel Emílio São Pedro (Nelo), Francisco Ignácio São Pedro, João Tonhã, Tertuliano, Nhô Gáudio, Nhô Chico Alves, Joaquim e Zé Quinzote, Nhô Pedro Telles, Horácio Candido, Zé Dinarte, Antônio Dinarte, Quinzinho Dinarte, Italo Biagioni, Elias Fadel (Turco), João Palmeira, Eugênio Grazioli, Rivadávia Spinola, Carlos de Almeida Barros (Carlinho Bicheiro), Fernando Machado (Fernando Pavão), Erasmo Pedroso de Oliveira, José Honorato (Ferreira), Ernesto Pedroso de Oliveira, Alfredinho Galvão, Alfredo Ares, Luiz Miranda, Zeca Fogaça, Armando Candido, Minguito Nogueira, Renato Nogueira, Narciso Nogueira, Elias Nunes da Silva, Valter Carneiro, Jorge Alves, Zeco Grasioli, Bazinho, Pingo, etc.*

Rinhas que existiram antigamente na cidade:

- nos quintais das casas: *do Zé Colaço, (demolida, ficava na atual rua João Rosa de Oliveira, ao lado da casa de dona Helena Fogaça); do professor Benedito Flores de Azevedo, (na casa ainda existente, à esquina das ruas 4 de Junho e João do Amaral Camargo, onde funcionou a loja do Elias Turco);*
- onde funcionaram bares, todas à rua 4 de Junho*: do Zoro (Zoroastro Colombara), do Gildo; do Pedro do Bar (depois do Candú), do Carlinho Bicheiro (depois do Brás Gica).*

Obs. Nos bairros da zona rural funcionavam, também, de forma bastante simples algumas rinhas. Por exemplo, nas Partes, Pedroso, Ferreira, Fogaça, Saltinho, Carioca, etc.

81. O Cinema

Histórico

O cinema foi aperfeiçoado na França pelos Irmãos Lumière e nascia, então, a sétima arte que revolucionaria os costumes em todo mundo. Chegou ao Brasil em 1896, no Rio de Janeiro, sendo a novidade anunciada com antecedência e muito entusiasmo pela imprensa – "uma maravilha da ciência moderna".[36] *Após a exibição, a reação foi de euforia e o jornais noticiavam: "assistimos ontem a inauguração de um dos mais maravilhoso espetáculos, que excita atualmente a admiração nas principais capitais européias". A primeira grande fase do cinema brasileiro foi de 1908 a 1913, quando nasceu o negócio cinematográfico por aqui. Os filmes eram mudos e de curta metragem, nos gêneros de comédia, romance e drama; os filmes sonoros somente surgiram no final da década de 20 (1920) e os coloridos, na década de 30 (1930). Os anos 30 do século passado, para o mundo como um todo e inclusive no Brasil, marcam o período considerado pelos estudiosos com a era do cinema. Após o término da Primeira Guerra, o cinema europeu entrou em colapso e começou o grande desenvolvimento da indústria cinematográfica nos*

[35] O poeta e pesquisador Onozor Pinto da Silva contava que: *"Em 1930, o diretor das Escolas Reunidas de Porangaba, professor Benedito Flores de Azevedo era apaixonado por briga de galo e possuia uma centena de galos que eram tratados pelo seu pai Clemêncio Pinto da Silva. Para tanto, mantinha a rinha no quintal de sua residência, de formato circular, onde eram realizadas as brigas nos finais de semana. Chegava ajuntar muitas pessoas que ali iam fazer suas apostas. Corria muito dinheiro...". O sr. Clemêncio foi também o tratador de galos de meu pai, lá por 1940, e me lembro da sua dedicação e paciência.*

- *Bertrand Russel num de seus livros salienta que uma das necessidades fundamentais do homem é ser admirado. Jorge Americano emenda: "Quem não pode ser admirado em si, quer sê-lo por via do galo que tem, ou da mentira referente ao galo que diz que teve:. (São Paulo Naquele Tempo)*

[36] *A exibição do filme "A chegada do trem na estação", de Louis Lumière, em Lyon, na França, ocorreu em 1895 e foi uma das primeiras apresentações de imagens em movimento na Europa. O impacto foi muito grande. Antes, quando foi anunciada a primeira sessão durante o Congresso das Sociedades Fotográficas Francesas, o desinteresse foi quase total; havia muito ceticismo e somente 33 pessoas se interessaram em assistir para conferir a engenhoca. Depois de ver o filme, o escritor russo Máximo Górki escreveu: "De repente há um estalo, tudo se apaga e um trem na ferrovia aparece na tela. Ele dispara como uma flecha na sua direção – cuidado! A sensação que se tem é como ele se arremessasse na escuridão até onde você está sentado e fosse reduzí-lo a um saco de pele estropiado ... e destruir esse salão e esse prédio ... tornando tudo em fragmento e pó ... ". Portanto, após a projeção, os espectadores sairam comentando sua experiência e, em breve, o salão de Lumière estava completamente lotado. As pessoas viam e voltavam para rever. (História da Vida Privada no Brasil – Volumes 1,2,3).*

Estados Unidos, que herdou tudo e criou uma situação de monopólio virtual de produção, distribuição e exibição a nível mundial. O cinema de Hollywood tornou-se a grande alavanca promotora de novos hábitos de consumo e estilos de vida – houve a americanização em todo mundo.

(A foto mostra o modelo de câmara usada em 1907).

82. Cinema em Porangaba

O cinema teve aqui uma história interessante, começando com os primeiros projetores de filmes mudos, chegando até o cinema sonoro e colorido. Tudo aconteceu em pouco mais de cincoenta anos, (do cinema mudo ao "cinemascope"), uma duração relativamente pequena e frustrante, quando a última sala fechou engolida pelo milagre da televisão. O primeiro cinema funcionou, mais ou menos, em 1915; era mudo e projetado por detrás da tela que precisava antes ser molhada com uma vara chamda "canudo". Os equipamentos eram manuais, pois não existia energia elétrica, sendo as sessões noturnas iluminadas com lampiões. O proprietário era conhecido como Pedro Cinemeiro, veio de Guareí, casado com Isaltina, mulher muito bonita e de família rica daquela cidade, conforme depoimentos de pessoas mais idosas. Era tido, também, como vaidoso, por se apresentar com o cabelo comprido e bem cuidado. Deveria ser um daqueles empresários ambulantes, itinerantes, que implantaram os primeiros cinemas, a partir da primeira década do século passado, nos pequenos lugarejos e povoados do território brasileiro.

Outras pessoas ouvidas, falaram que seria sócio de João Afonso Pereira, dono do prédio na rua de cima (atual rua professor Antonio Freire de Souza), onde foi instalado [37]. Ficava num salão que mais tarde foi transformado em duas casas residências, numa das quais residiu a folclórica figura da Tirda, de saudosa memória. É provável que nos anos de 1920/21 já tivesse sido desativado. O "cinematógrafo" não durou muito tempo, somente funcionou enquanto foi novidade, pois o dinheiro era curto.

Sempre houve muito interesse em explorar o "negócio" por aqui, mas a praça era considerada fraca para esse ramo de espetáculo, daí entremearem períodos de grande movimentação e outros de total inatividade. Costumava-se dizer que o negócio de cinema nem sempre se revelava rentável, mas era respaldado pelo encanto que a atividade despertava.

Em 1922, o alemão Henrique Harnich, cuja esposa era da *Família Sommerhauzer,* de Tatuí e que tinha parentes por aqui, construiu a primeira sala de espetáculos e que ficou conhecida como "pavilhão" – um prédio em alvenaria, com um amplo salão com palco, antesala, e moradia no fundo, onde o empresário passou a explorar o cinema. Esse imóvel não mais existe e ficava na atual rua 4 de Junho, no terreno onde hoje é a casa de dona Ignes Miranda da Silva, viúva do sr. Antônio Silva. Os filmes ainda eram mudos e os equipamentos já funcionavam movidos por motor a gasolina, que também gerava a energia elétrica suficiente para iluminar as dependências, principalmente a noite, contrastando com a escuridão da cidade. O nosso "cinema" era igualzinho aos dos grandes centros e, como gênero espetáculo, contou também com a banda de música que desfilava pelas ruas tocando marchas e dobrados, antes dos espetáculos, chamando o povo para as sessões. Durante a exibição do filme, os músicos faziam a sonoplastia - intercalavam melodias tristes e alegres conforme as cenas dramáticas ou cômicas, para o delírio dos assistentes. Mais tarde, a música da banda foi substituída pela vitrola.

---

[37] *Para muita gente, talvez a mais cara lembrança da infância seja a primeira sessão de cinema. Conversamos com alguns idosos sobre a história do cinema em Porangaba. Hoje, respeitáveis e sisudos senhore octogenários as crianças de antigamente, nos passaram preciosas informações. Os primeiros entrevistados foram os saudosos: Paulo Moraes, o Paulo da Sorveteria e o Lazinho do Valêncio. Conheceram o cinema da rua de Cima, viram filmes, descreveram o local e falaram da simplicidade das instalações e da grande curiosidade que despertava. Jovens e velhos e muitos dentre os últimos diziam que era "coisa do diabo". O Paulo, nos confidenciou que, quando menino, com mais ou menos 7 anos, foi levado por sua mãe para ver o filme "Guerra do Paraguai", fato que jamais esquece. A indicação foi do carroceiro Nhocada, seu tio, que fazia o transporte da "fita" que vinha via Conchas.*

Os horários das sessões eram divulgados através de tabuletas, conhecidas como cartazes, colocadas nas principais esquinas e, também, nos "programas" impressos que eram distribuídos de porta em porta, indicando filme. Normalmente, o cinema funcionava à quintas-feiras, sábados e domingos, com sessões noturnas. Aconteciam também, as sessões da tarde, nos domingos e feriados – as famosa matinês das crianças. Os freqüentadores enfrentavam um certo desconforto ao se acomodar, pois se sentavam em bancos e cadeiras de madeira, bastante rústicos e incômodos, daí muitos assistentes levarem suas almofadas para o cinema.

O negócio era apaixonante, afirmavam muitos, mas não dava lucro, daí a explicação para as sucessivas trocas de donos do primeiro cinema aqui instalado. O "cinema" foi vendido e arrendado para diversas pessoas nos anos seguintes. No ano de 1924, Henrique Harnich colocou a venda o prédio *para "cinema ou depósito", com motores a gasolina e um projetor "Pathé Frères"*. O comprador foi Domingos Manoel de Miranda, que explorou o negócio por algum tempo. No ano de 1929, o cinema não estava funcionando e havia a expectativa de reabrir a casa, pois alguns empresários de Tatuí mostravam interesse. Em outubro de 1930, A. Machado & Cia, empresários do Cine Teatro São Martinho de Tatuí, passaram a explorar o negócio.

O Jornal de Tatuí, na edição do dia 12/10/1930, noticiou através do seu correspondente:

- ***Cinema em Porangaba*** - *" Com enorme afluência de povo, abriu suas portas no dia 4 do corrente esta casa de diversões da empresa A. Machado & Cia. Foi uma inauguração esplêndida, precursora de duradouro êxito. Apresentaram-se na tela dois importantes filmes:* ***Viagem ao Brasil*** *e* ***Carnaval do Rio de Janeiro.*** *A aplaudida Orquestra Del Fiol Netto abrilhantou a inauguração".*

No ano de 1933 já estava alugado para Lazinho Soares de Almeida e Crispim Francisco Paulino, sócios no negócio. Nessa época, os filmes para exibição vinham de Botucatu, por estrada de ferro, via Conchas e dali, a cavalo, até Porangaba. O cinegrafista era o carioca Valdemar Pereira Passos. Um lamentável acidente mudou o destino da sociedade.

- "*Numa das sessões, o operador ao tentar apagar o fogo que subitamente pegou na fita (que era de celulóide, uma substância sólida, transparente e inflamável), e não conseguindo, assustou-se, deu o alarme e gritou por ajuda. O militar Fernandes, da Força Pública, que estava de serviço, subiu rapidamente até a cabina de projeção (que ficava na entrada do salão, numa parte elevada e fechada), e, na ânsia de apagar as chamas, ao ver uma lata com líquido e supondo que fosse água, arremessou o conteúdo sobre o fogo que se alastrava pelo projetor. Aconteceu o pior, era gasolina e, além de aumentar a combustão, lhe provocou graves queimaduras. O militar teve o seu estado de saúde agravado pela extensão das lesões e mesmo removido para tratamento, a Tatuí e Sorocaba, veio a falecer". (Fato relatado pelo poeta Onozor Pinto da Silva)*

Houve consternação geral. Em decorrência do sinistro, com a perda de equipamentos e, principalmente, o falecimento do militar, o "cinema" foi mais uma vez desativado. Ainda na década de 1930, houve outra tentativa de explorar o negócio por parte do comerciante Francisco Patrocínio São Pedro, em sociedade com Luiz Manoel Domingues (Luiz Cândido), mas o empreendimento não foi para frente

Em 1937 passou a ser explorado pelo comerciante Pompeo Reale, de Tatuí, que, depois de um ano, vendeu para Carmelo Catel,[38] também daquela cidade. Este último reformou o "pavilhão", rebocou as paredes e pintou, dando um novo visual ao prédio. Isso ocorreu, portanto, em 1938 e, até então, os filmes exibidos eram mudos, mas legendados.

- *Havia um cinema, mudo, bem característico da época. Poucos eram afeiçoados ao cinema. O caboclo, acostumado à liberdade do campo, onde o ar e o calor dos sol eram puros, não se ajeitava numa sala escura diante de uma tela que, apesar da boa qualidade da imagem projetada, não podia entender, dada a velocidade da mudança dos textos escritos. Sem considerar que a maioria mal sabia ler soletrando. O tal cinema vivia em constante déficit, em razão do número reduzido de freqüentadores. (Roque Miranda, Porangaba e Meus Parceiros, pág. 164)*

[38] *Carmelo Catel foi pessoa empreendedora, um comerciante bastante avançado para a época, sendo muito conhecido em Tatuí pelos investimentos; montou um bar e sorveteira, nos anos 50, que primava pela modernidade das instalações e qualidade dos produtos, uma verdadeira "coqueluche" na cidade. Todos daquela época, em Tatuí, lembram com saudades do "****bar do Carmelo****".*

Inauguração do cinema falado - 1940

Cópia de um ingresso do Cine Agostinho

Em 1940 o negócio passou a ser explorado pelo sr. Alberto Stape, de Tatuí, que se tornaria, mais tarde, destacado empresário na área de cinemas. Já era sonorizado e no dia 15/08/1940 foi inaugurado o cinema falado em Porangaba com o filme "Capitão Blood". O suporte era dado ainda por motor a gasolina, que gerava a energia necessária para funcionar os equipamentos e à iluminação dass instalações e até da rua. A cidade permanecia ainda às escuras, mas para facilitar a vinda dos assistentes às sessões noturnas, o empresário fez estender uma linha de iluminação pública até a praça principal. O empresário manteve a casa por alguns anos e os cinegrafistas vinham de Tatuí.

Eram as pessoas mais esperadas nos dias de exibições, principalmente pelas crianças. Vinham pelas jardineiras e, também, traziam os filmes acondicionados em latas. Como já havia sonorização, a banda já não mais tocava, sendo substituída pelos auto-falantes. Mais ou menos em 1945/1946, o "cinema" foi mais uma vez desativado e seguiu-se um longo período em que o "pavilhão" foi utilizado para outras finalidades, culminando com a demolição.

O último proprietário do imóvel foi o comerciante português Francisco Patrocínio São Pedro (***Seu Chico Patrocínio).***

No início dos anos 50, o saudoso Agostinho Angelini reativou o cinema em Porangaba e, para tanto, construiu um prédio próprio, amplo, moderno, adequado, equipado e mobiliado - o ***Cine Santo Agostinho,*** na rua principal da cidade. Os filmes passaram a ser fornecidos pela Distribuidora Peduti, de Botucatu. Funcionou, aproximadamente, até 1969. Com o advento da televisão, as salas de cinema foram desaparecendo aos poucos nas pequenas cidades e Porangaba não foi exceção. Hoje, o prédio pertence ao patrimônio municipal e passou por uma série de adaptações para ali funcionar o Fórum da Comarca de Porangaba e o Posto do Banco Nossa Caixa.

Ficaram somente as saudades do cinema do ***"Gustão"***, como era carinhosamente chamado o nosso estimado e saudoso ***Agostinho Angelini***...!

Agostinho Angelini

A chegada do cinema causou um grande impacto por aqui. Nosso povo vivia isolado, as pessoas eram quase todas analfabetas e sequer sabiam o que se passava além de seus limites. A vida chegava a beirar à alheação com uma rotina constante e, então, veio o cinema que divertia e mostrava o mundo lá de fora. Muitos, pela primeira vez, puderam ver na tela de forma virtual (é verdade!) as "grandes cidades", o "trem", o "mar", o "aeroplano", etc., coisas até, então, inimagináveis. Como contou o conterrâneo Cassiano Ruivo, muitos diziam: " - *que coisa esquisita, os carros e as pessoas andam pela parede (tela)...!. Foi o argumento usado por seu*

tio, junto à sua mãe, para trazê-lo do sítio, pela primeira vez, nos anos 40, para ver o "cinema" no pavilhão.

Toniquinho da Nhá Gerarda

As crianças influenciadas pelo maravilhoso invento brincavam de ***"cineminha"*** nos quintais de suas casas. Usando caixas de papelão e armações de madeira, os meninos construiam a tela revestida de pano, onde exibiam os seus filmes montados com gravuras de histórias em quadrinho, recortadas de revistas e jornais. Com criatividade e até sonoplastia, comentavam e estampavam as figuras na tela molhada para o delírio da platéia infantil. Todos se sentavam no chão e o "dono" se postava atrás do "aparelho". A afluência era grande e se cobrava "entrada".

> O *cinema do Toniquinho da Nhá Gerarda, (* ***na foto ao lado*** *) no quintal de sua casa (que ficava ao lado do atual Centro Cultural) , era o mais procurado e o ingresso custava 3 palitos de fósforo. Para lá íamos todos os colegas da rua de cima – o Pingo, o Lázaro do Beraldo, o Mando do Dito Ruivo, o Quico da Leontina Piragibu, o Carlos da Ambrosina, o Lino da Assunta e outros que não me lembro mais os nomes. O Maé do Juvenal Cardoso, também aparecia por lá. Era uma festa.*

No "pavilhão" foi possível ver, além das "fitas", os espetáculos artísticos variados, itinerantes, de grupos de teatro, comédia e outras atrações que por aqui passavam. Alguns conterrâneos mais idosos contavam, também, que "viram" grandes atores por aqui, mas não se lembravam dos nomes e das datas. Rica imaginação que, se verdadeira fosse, mereceria um capítulo especial... Não existe nada registrado. A verdade, é que ali começou a formação dos primeiros grupos teatrais porangabenses, com a participação de jovens da sociedade local, professores, músicos, etc., com os inesquecíveis festivais. Contam, também, que, dentre as variedades, chegou a ser instalado um "rinque" de patinação no salão e que funcionou por pouco tempo, mas com relativo sucesso e muitos "tombos".

As sessões eram marcadas pela presença de famílias inteiras, idosos, jovens, crianças e, principalmente, namorados. Outra curiosidade eram os assíduos frequentadores, os simpatizantes que não perdiam nenhuma sessão. Dentre todos, o mais lembrado é o querido e saudoso ***Totó Osório (Antonio Nunes Diniz),*** *Pela sua simpatia e atenção era muito querido por todos, principalmente, pelas crianças. Morava no sítio e sempre vinha à noite, um pouco antes da sessão iniciar, no seu tradicional caminhãozinho. O barulho do motor do carro que adentrava a cidade escura anunciava a sua chegada. Pela freqüência, todos comentavam: - chegou o Totó para ver o filme! Trazia muitas vezes os filhos Zeca e Acácio e agregados. Estacionava defronte à agencia do correio, noutro lado da rua. Lembramos com muitas saudades.*

Os cinegrafistas ou operadores de máquina do ***"pavilhão"****, os homens que manuseavam, cortavam, emendavam e projetavam as fitas de celulóide foram muitos. Vinham de Tatuí. Na década de 30, um morava aqui e era o carioca Valdemar, agregado à Família Biagioni. O saudoso Cornélio Leme já ajudava nas projeções, mas existiram outros. Faltam os nomes; um era loiro e alto e o outro, mais idoso, mancava de uma das pernas e usava bengala. Foi me contado que o que usava bengala se chamava Alberto de Oliveira (Albertinho) e o loiro parece-me que tinha o apelido de Cabelo.*

Cine Santo Agostinho

O Nino Pavanelli de Tatuí também é lembrado. Como ajudante, não podemos esquecer o saudoso e irrequieto Noelzinho (Noel Soares de Almeida), que preparava as tabuletas, colocava cartazes e distribuía os programas. O Carminho Brasile também ali trabalhava e tinha um modesto barzinho na ante-sala, onde vendia pipoca, doces, amendoim torrado e bebidas – tudo muito simples. Um dos gerentes foi a Martinho Martins de Souza (Bacalhau), casado com dona Júlia – um casal simpático, que se mudou depois para

Laranjal Paulista. Porteiros lembrados: Eduardo Português, o Minguito Ignácio e o Pascoal Atanázio.

Havia também um outro senhor, somente lembrado como o Crispim (o pai da Maria Augusta), que fazia os serviços gerais. Na bilheteria chegaram a trabalhar duas senhoras: Júlia (esposa do Braz Barros) e Joana (filha do José Antônio Seabra).

Os cinegrafistas do ***Cine Santo Agostinho*** *foram: Cornélio Lemes, Chico do Laurentino, Abilinho Brito, Chico do Antônio Jacó, Carlos do Cornélio, João Fonseca. Lembramos dos porteiros Minguito Ignácio, Pascoal Atanázio e o Juvenal Fidelis; na bilheteria ficava o próprio proprietário e, às vezes, os familiares. Existiram outros ajudantes, dentre os quais merece destaque o Alcides, filho do Antônio Ramiro, o Ivo Amaral e o Benão. O Toninho do Ventura nos contou que trabalhou na parte de divulgação, preparação de cartazes e distribuição de programas. Pipoca e outras guloseimas eram vendidas na parte de fora, destacando o carrinho do Chico Diniz. A maioria dos expectadores, a criançada, principalmente, já vinha provida de balas, bombons, chocolates e os doces inesquecíveis da famosa* ***Padaria Central,*** *bem próxima, do saudoso Jaurez Soares Ramos -* ***"Seu Jaime".***

83. O Primeiro Gramofone

- *Os gramofones eram aparelhos bastante simples, mais aperfeiçoados que o fonógrafo inventado por Thomas Edison no final do século 19. Substituiu, gradativamente, o fonógrafo, com a vantagem dos discos serem mais facilmente reproduzidos e durarem muito mais que os antigos cilindros. A reprodução dos sons gravados em disco, sob a forma de sulcos em espiral, era feita através de uma agulha que girava sobre o mesmo, numa mesa rotativa movida por corda de aço, e com um dispositivo acústico ali acoplado.*

(Enciclopédia Barsa)

Os primeiros gramofones chegaram por aqui, mais ou menos, entre 1918/20. Tornaram-se objeto de curiosidade popular. Todos, sem exceção, ficavam maravilhados, queriam conhecer e tocar no aparelho. A máquina começava a substituir o homem e, então, tivemos os primeiros bailes ao som do gramofone ao invés dos tradicionais grupos musicais. Tudo aconteceu muito depressa e logo esses aparelhos foram substituídos pelas vitrolas. O saudoso Lazinho do Valêncio nos falou dos primeiros gramofones que aqui chegaram, quando era menino, e se lembrava claramente. Pertenceram ao italiano Vicente Bertoni e ao comerciante Bento Gabriel. Depois, vieram outros. O capitão Miranda precisou, anos mais tarde, expor a sua vitrola à visitação publica; todos queriam conhecer a "novidade", sendo enorme o afluxo de pessoas de todas as idades. O comerciante João Pedroso de Oliveira foi também um dos adquirentes pioneiros.

- O **gramofone** é uma *invenção* do *alemão Emil Berliner* de *1887*, que servia para reproduzir *som* gravado utilizando um disco plano, em contraste com o cilindro do *fonógrafo* de *Thomas Edison*. É um cilindro giratório coberto com cera (ou cobre) onde são gravadas por uma agulha, as vibrações de um som emitido e afunilado em uma corneta, interligada a uma lâmina (membrana) que sustenta a agulha. Com a emissão do som o ar movimenta-se vibrando a lâmina que faz a agulha riscar em forma de ondas a superfície do cilindro que está girando.(Wikipédia – A Enciclopédia Livre)

84. O Primeiro Aparelho de Rádio

(Foto do receptor Philips que funcionava com bateria de carro, adquirido em Tatuí, no ano de 1944 pelo sr. Horácio Cândido para ouvir as notícias da 2ª. Guerra Mundial. O aparelho original ainda está com os familiares)

O "*engenho revolucionário*" [39] chegou, mais ou menos, em 1935/36. ***Aqui, o primeiro aparelho de rádio foi do comerciante Ricieri Grazioli,*** (irmão do dentista Eugênio Grazioli), proprietário de um bar na atual rua 4 de Junho, na casa onde funcionou a agência do correio, ao lado do Clube Recreativo 21 de Abril. Podemos hoje imaginar o que seria a "maravilha", um enorme aparelho com muitas válvulas, uma grande bateria (acumulador) e a antena externa bem alta. Um móvel de madeira no formato de capelinha. A recepção, apesar da estática e interferência, significava o contato com o mundo. Numa versão afetiva, o rádio tornou-se o centro articulador do cotidiano, dos valores, das conversas, do imaginário e dos rituais familiares e da própria população. Era a novidade e durante as audições juntavam-se muitas pessoas para ouvir as transmissões.

O poeta Onozor Pinto da Silva escreveu a respeito:

"*Foi no ano de 1936 e me lembro do primeiro rádio a bateria, que estava instalado no bar do Ricieri. No início, todos os dias, a partir da 9 horas, reuniam-se jovens, crianças e velhos para ouvir o rádio, canal 4, 1240 quilocíclos, o "Programa da Bandinha", comandado pelo humorista Genésio de Arruda, com suas piadas, dobrados, polcas, maxixes e valsas. Depois, no intervalo de mais ou menos um ano, os bares da Família Biagioni e do Aleixo Mariano, ambos nas esquinas da praça principal com a rua do Comércio, instalaram rádios nos seus estabelecimentos. No bar do Aleixo, assim conhecido, os programas ouvidos eram cururus, modas caipiras, e a estação mais sintonizada era a Rádio Recorde, nos 1000 quilociclos. Já no bar da dona Iracema Biagioni, era comum ouvir a Rádio Tupi do Rio de Janeiro, nos 1400 quilocíclos, com as canções melodiosas do Vicente Celestino, Orlando Silva, Carlos Galhardo, etc. Às 18 horas, nessa mesma emissora, era ouvido o Programa da Ave Maria com Júlio Louzada, ao som da Serenata de Schubert, que incluía, também, muitas canções e músicas clássicas. A Rádio Piracicaba, nos 840 quilociclos, era também muito ouvida, voltada mais à música sertaneja e me lembro, com saudades, do prefixo da estação que era cantado pela dupla Tonico e Tinoco".*

Na mesma época, o Clube Recreativo 21 de Abril, através do presidente Luiz Angelini (Gijo) adquiriu um aparelho de rádio (a bateria), que era ligado em horários programados pelo diretor social Luiz Sola Ares para que os associados pudessem ouvir programas de músicas e notícias. Havia, então, muita curiosidade e muitos ouvintes.

Depois, foram sendo adquiridos outros aparelhos, principalmente a partir de 1940, em plena 2ª.Guerra Mundial, quando todos passaram a se interessar pelas notícias do conflito e, especialmente, pelo fato de termos alguns porangabenses lutando na Itália. Lembramos de "aparelhos" funcionando, naquela época e um pouco depois, na casas de *Giocondo Rossi, Luiz Angelini, Horácio Cândido, Benedito Vaz, Onozor Pinto da Silva, Luiz Cândido, Oscar Avallone, João Bassoi, Eufênio Grasioli, Luiz Sola Ares, Elias Fadel Fadel, Francisco Patrocínio São Pedro, João Pedroso, Estevão Maier e outros.*

- *Em 1946 vimos e ouvimos, pela primeira vez, em Porangaba, o rádio-galena, um modelo simples, a engenhoca precária e de uso limitado, uma curiosidade. O professor*

[39] *A invenção do rádio revolucionou o mundo das comunicações. Começou em 1888 com a descoberta das ondas do rádio, prosseguiu com Marconi (1901) que construiu o primeiro aparelho que as codificava em sinais elétricos e os transmitiu pela primeira vez de forma clara. A radiofusão passou a codificar também as ondas sonoras e, já nos anos 20 (1920), tornou-se conhecida em toda parte. As transmissões de rádio tiveram enorme impacto cultural, social e político em todo mundo, nas primeiras décadas do século passado. Porém o rádio teve um desenvolvimento defasado e mais tardio no Brasil que nos países industrializados, onde as pesquisas se aceleraram em função da primeira guerra mundial. Introduzido no nosso país no anos 20 (1920), os problemas técnicos envolvendo programação, transmissão, difusão, qualidade de sinais, etc., foram tantos que somente nos anos 30 (1930) é que realmente teve um impacto maior na transformação da cultura brasileira.*

História da Vida Privada no Brasil – Volume 3.

Luciano Biondo, diretor do Grupo Escolar (o querido e saudoso tio Lúcio) se divertia ao colocar os fones nos ouvidos das crianças para mostrar aquela extravagância tecnológica, pois todas, sem exceção ficavam maravilhadas e assustadas: "a coisa falava ... !"

O tempo passou, a evolução tecnológica foi crescente nos anos seguintes e o rádio se popularizou. Hoje existem aparelhos dos mais variados modelos, portáteis, elétricos, transistorizados, digitais, etc., bastando dizer que qualquer cidadão, independente da situação econômica, tem, no mínimo, um "radinho de pilha". O que parecia impossível à nossa geração, que se conformava em ouvir as programações musicais dos serviços de altofalantes da Congregação Mariana e do Henrique Rossi (o Pipe), é hoje realidade. Além dos modernos receptores portáteis que nos colocam em contato com o mundo, temos até a nossa própria estação de rádio local, a ***Porangaba FM., 104,9***, o que nos enche de orgulho.

85. O Primeiro Aparelho de TV

A televisão veio mais tarde completar o processo iniciado pelo cinema, entrando e alterando a vida das pessoas dentro do próprio lar. Passou a ditar o ritmo e a organizar as atividades das pessoas, das famílias, que, influenciadas também pela programação e a publicidade comercial, mudaram os hábitos de consumo e o estilo de vida, tanto na cidade como no campo.

O primeiro aparelho de televisão instalado em Porangaba foi em 1957, na residência do dentista Eugênio Grazioli. Um fato inesquecível e todas as noites, por um longo período, a saudosa dona Eliza, sua distinta esposa, com muita paciência e simpatia, recebia indistintamente os curiosos que queriam conhecer a novidade. Recebeu, praticamente, a cidade inteira... Diziam os mais velhos: - ***É coisa do diabo! É o fim de mundo!***

Hoje está totalmente integrada nos lares brasileiros e, dependendo da programação, muda os hábitos do cotidiano e comanda toda a rotina da casa. É inegavelmente uma das maravilhas inventadas pelo homem e não existem mais fronteiras no mundo atual, globalizado. As transmissões são quase que instantâneas.

86. Clubes Recreativos

A larga margem de lazer [40], decorrente da "desnecessidade de trabalhar" funcionava antigamente como fator positivo de equilíbrio bio-social e permitia caçar, pescar e se dedicar á indústria doméstica; e para completar tinham as festas e celebrações que envolviam as relações sociais. Do lazer à recreação foi um passo, marcando o surgimento do baile - reunião festiva com dança (nome genérico para a dança moderna de par enlaçado, já que os bailados antigos eram individuais, separados, sem contato físico), que foi se expandido cada vez mais, embora muitos pais não permitissem a presença das filhas nesses eventos.

No começo, as reuniões festivas eram realizadas nas casas de famílias, não existindo um lugar apropriado, mas devido a larga aceitação, a sociedade procurou se organizar e, então, surgiram os primeiros clubes recreativos que congregavam os membros mais importantes da comunidade. A sociedade exigia uma agremiação capaz de proporcionar diversões às numerosas famílias locais e também aos visitantes.

Em Porangaba não foi diferente e, em 1920, nasceu a primeira sociedade recreativa com a "*finalidade de estimular e estreitar a amizade, união e solidariedade entre os seus associados e respectivas famílias"*. No surgimento do clube foi fundamental a participação dos imigrantes europeus aqui radicados.

87. Clube Recreativo 21 de Abril

Foi o primeiro clube fundado em Porangaba. Antes, todos os eventos festivos e bailes eram realizados nas casas particulares. Até hoje ainda são comentados os bailes nas casas do *capitão Miranda*, do *tenente Antônio Paulino Telles*, dos *comerciantes: Bento Cândido, João Pedroso e Jango Mendes.*

---

[40] *Segundo Antônio Cândido, em "Parceiros do Rio Bonito", " o lazer era parte integrante da cultura caipira; condição sem a qual não se caracterizava, não devendo, portanto, ser julgado no terreno ético, isto é, ser condenado ou desculpado, segundo é costume. Chegava a ser racionalizado graças à observância dos dias de guarda - os dias desastrosos, nos quais se acredita que o trabalho pode causar prejuízo grave, devido ao desrespeito pela norma religiosa. Na área que estudei, ... a suspensão de trabalho nos dias dos Santos Paulo, Roque, Lourenço, Benedito, Bartolomeu, não contando os clássicos Santo Antônio, São João e São Pedro. Guardam ainda as primeiras e segundas-feiras de agosto, o dia 23 de março e o dia 3 de maio, Exaltação da Santa Cruz, outrora santificado".*

Segundo os saudosistas, aqueles sim é que eram os bailes de verdade, marcados pelas valsas, mazurcas, quadrilhas, polkas, "schottischs", com mesuras, reverências e muito respeito. Verdadeiros saraus lítero-musicais, variados, não faltando nos intervalos o chá com bolo e outras guloseimas. As reuniões dançantes, cantadas em prosa e verso, foram famosas e animadas, mas a cidade foi crescendo e precisou de um salão maior e apropriado. Os músicos já existiam, desde a vinda dos imigrantes, e dentre os próprios instrumentistas já se destacavam os aqui nascidos e formados. Foi fundado, então, o ***Clube Recreativo 21 de Abril*** no dia 12/04/1920.

A primeira diretoria estava assim formada:

Presidente*: Dassás Vieira de Camargo;* ***Vice-presidente****: José Martins;* ***1º. Secretário****: Francisco Carneiro da Silva;* ***2º. Secretário:*** *Abimael do Amaral;* ***Diretor literário****: Giocondo Rossi;* ***Tesoureiro****: Tertuliano de Campos;* ***Diretor esportivo****: Cândido Moura.*

Sócios Fundadores:[41] *Dassás Vieira de Camargo, José Martins, Francisco Carneiro da Silva, Giocondo Rossi, Tertuliano de Campos, Cândido Moura, Luiz Carlos Vieira, João Pedroso de Oliveira, Benedito de Oliveira Vaz, João Paes da Silva, João Batista Mendes, Antônio Nunes da Silva, Domingos Manoel de Miranda, Abimael do Amaral, João Moreira, Oscar Carlos Avallone, João Correa da Silva, Luiz Angelini, Antônio Nunes Diniz, Bento Manoel Domingues, Domingos Martins, Francisco Patrocínio São Pedro, Isaias Nogueira do Amaral, Giocondo Biagioni, Salvador Alves Machado, Delfino de Oliveira Pinto, Luiz Sola Ares, José Alves Antunes, Francisco Bueno de Miranda, Antônio Paula de Oliveira, Amâncio de Oliveira Pinto, Antônio Gavião, Aldo Angelini, Agostinho Angelini e Horácio Manoel Domingues.*

A primeira sede foi na casa, à rua 4 de Junho, onde hoje reside o sr. Veríssimo da Costa Machado. Posteriormente, funcionou noutro prédio, na mesma rua, onde hoje é a Padaria Central, defronte à farmácia. Ali, permaneceu por bastante tempo, mudando-se, depois, para o imóvel, onde ainda se encontra, na mesma rua e que pertenceu ao comerciante Francisco Patrocínio São Pedro (Chiquinho Patrocínio). Foi inicialmente alugado e, muitos anos depois, comprado pela diretoria da associação. Até então, as diversas diretorias que se sucediam, planejavam a construção da sede, tendo inclusive comprado o terreno na praça principal e parte do material, mas o projeto não foi adiante. À guisa de curiosidade, o lote passou depois a pertencer ao ex-prefeito Mário Antônio Nogueira, que ali construiu sua residência.

Um dos períodos áureos foi em 1945, portanto, há mais de 50 anos atrás, e a diretoria tinha a seguinte formação: *dr. Renato de Carvalho Ribeiro (presidente); Elias Fadel Fadel (vice-presidente); Acácio Domingues (secretário); Henrique Pedro Rossi (tesoureiro); Luiz Manoel Domingues (diretor) e Lúcio do Amaral Paes (mestre sala).*

Em atividade até há pouco tempo, com mais de 80 anos de existência, o clube alternou períodos de grande intensidade e outros de total apatia, e veio "*vivendo*", como se diz na gíria: "aos trancos e barrancos". A política local sempre interferiu na formação do quadro associativo e diretivo, ocorrendo nos últimos anos sempre a preferência por companheiros para não perder o comando da associação.

- *Quanto à atividade cultural do clube, um fato marcante da diretoria nos anos 30 do século anterior, foi a criação da* ***biblioteca*** *para os associados com a colaboração da população, através de doações e, também, de campanhas voltadas à formação do acervo. Foi destacada a atuação do professor Antônio Freire de Souza nas seleção e escolha das obras. Funcionou muito bem durante muitos anos, mas o acervo (se assim pudermos chamar, pois muitas obras foram simplesmente roubadas no transcorrer do tempo e restou um arremedo de biblioteca) foi transferido em 1957 para o Ginásio Estadual "Aldo Angelini", na instalação, quando, por exigência legal, necessitava de biblioteca para funcionar. Foi uma ação cômoda e encerrava-se, melancolicamente, todo o esforço de uma plêiade de cidadãos que procuraram, no passado, divulgar o hábito da leitura entre os jovens porangabenses.*

Hoje, como clube recreativo associativo não mais existe e, nos últimos trinta anos, houve um total

[41] *Obs. Com referência à relação dos sócios fundadores, divulgada em folheto comemorativo pela diretoria, cabe o seguinte esclarecimento: a) alguns nomes relacionados eram de pessoas bastante jovens por ocasião da fundação e, possivelmente, foram considerados sócios juvenis ou algo parecido (1ª hipótese); b) enquadram-se, nessa distorção, os nomes de Aldo Angelini, Agostinho Angelini e Horácio Manoel Domingues; c) como o clube teve períodos alternados de atividade e inatividade, mesmo na primeira década de vida, a sociedade passou por reorganização e a inclusão como fundadores deve ter sido por engano (2ª hipótese), mas em nada desmerece os nomes citados e não burla a história da sociedade, pois os irmãos Angelini, principalmente, foram destacados presidentes do 21 de Abril, com relevantes serviços prestados.*

descaso na administração da sociedade, pois as diretorias firmadas no compadrio para manter o domínio político, chegaram até a dilapidar o patrimônio, destruir os arquivos e dar sumiço em documentos históricos importantes, que foram para as coleções particulares de ex-diretores.

Seria o caso de perguntar onde foram parar os ***livros de atas,*** os ***documentos históricos,*** o antigo ***relógio de parede*** (parece que fizeram um leilão de portas fechadas !), e o quadro com ***as fotos dos diretores*** que ficava na sala de entrada, pois ali estavam fotografados homens que engrandeceram a sociedade, como: ***Luiz Angelini, José Martins, Luiz Sola Ares, Bento Manoel Domingues, Benedito de Oliveira Vaz, Dassás Vieira de Camargo, Aldo Angelini.***

Atualmente, o salão é usado para encontros e palestras, treinamentos e cursos profissionalizantes subvencionados pelo governo, reuniões sociais de entidades ligadas ao Serviço Social do Município, voltadas à assistência ao idoso, como o Clube da 3ª Idade, etc.

Destruir o patrimônio e a memória foi bem mais fácil...! Lamentavelmente, nada foi feito para o reerguimento da associação e, certamente, o estatuto foi rasgado e jogado no "lixo". É a única explicação.

88. Clube Recreativo e Esportivo 7 de Setembro

Fundado em 30/04/1923, conforme registro no Cartório do Registro Geral do Júri e Anexos de Tatuí, o clube durou, mais ou menos, 20 anos. Nasceu mais por divergências entre os próprios sócios do *21 de Abril,* que por idealismo, e também por discordância no futebol e na política local. Alguns participantes (um número reduzido), que tinham saído da primeira associação, usaram, no início, como jusitificação, a situação sócio-econômica do grupo, colocando-se como **os *pobres***, contra os associados do 21 de Abril que taxavam de ***ricos***, a elite local. O sentido dicotômico tentado não funcionou, pois a sociedade porangabense não era organizada por castas. A separação não deixou marcas mais profundas, pois o *7 de Setembro* teve vida curta, mas independente. Houve muito falatório e nada mais. A sede funcionou à rua 4 de Junho, no prédio onde hoje está a *Padaria Central,* defronte à farmácia, que fora antes, por coincidência, a sede do clube rival. Ali, viveu um período bastante animado, com a exploração do carteado (jogos de baralho), que gerava grande receita, além dos concorridos bailes populares, os famosos "arrasta-pés", com os melhores sanfoneiros da região. Para não fugir à regra, recebia todo povo, os mais pobres, inclusive os poucos negros e seus descendentes que viviam na comunidade. Havia já a predileção de dançar com as "mulatas", as mais requisitadas e que melhor se apresentavam. Eram frequentes, ainda, os bailes conduzidos por conjuntos musicais. Na sua fase final, mudou-se para o prédio onde hoje está o consultório do dentista João Francisco Rosa, na praça da Matriz. Chegou a realizar carnavais, com muita alegria e entusiasmo, marcados pelos ***"Cordões do 7"***, que saiam pelas ruas e empolgavam as pessoas. O primeiro presidente foi o barbeiro Juvêncio Firmino Correa. O clube chegou a viver períodos intercalados de intensa atividade e outros de apatia, passando sempre por dificuldades financeiras. Por exemplo, em 14/01/1939 houve a tentativa de reorganizar a sociedade, estando a frente os sócios que formavam a diretoria provisória*:*

- *João Sebastião Vieira (presidente); Pedro Andrade Fogaça (vice-presidente); Benedito de Oliveira Vaz (1º. secretário); Erasmo Pedroso de Oliveira (2º. secretário); Stefan Maier (tesoureiro); Antônio Freire de Souza (diretor literário); João Rosa de Oliveira (diretor esportivo). Outros nomes que mais tarde viriam participar da direção: João Batista Mendes, Luiz Manoel Domingues, Antônio Alves Antunes, dr. Aniz Boneder, Paulino José da Rosa (Paulo Telles), João Soares Palmeira, Dionísio José da Rosa (Nenê Telles), Mário Mendes, Carlino de Campos Mello (Tico Bráulio) e outros.*

A rivalidade era tanto, que chegou a ter um conjunto de "jazz-band" exclusivo, fundado em 07/09/1937, pelo músico Cezarino Antunes Correa. Outros participantes: *Lino Fogaça, Horácio do Bino, Nenê Telles, Paulo Telles, Tino dos Reis, Moacir Amaral, Dito Rosa, Antônio Português, João do Jango, André Machado,* etc. Funcionou como zelador do clube, durante muitos anos, o sr. Clemêncio Pinto da Silva. Bastou o Clube 7 de Setembro encerrar as atividades, a rivalidade acabou e o 21 de Abril voltou fortalecido como o único clube da cidade.

89. O Carnaval Antigo

Histórico

Alguns historiadores relacionam o começo do Carnaval com os cultos feitos pelos povos antigos para louvar as boas colheitas; outros afirmam que nasceu no Egito com danças e pessoas mascaradas. É difícil precisar a

origem, mas o certo é que a dança, os festejos, os cânticos e a celebração sempre estiveram presentes na vida e na evolução dos homens e da sociedade. A própria etimologia é diversa; para uns, o vocábulo advém do latim "carrum novalis" (carro naval), uma espécie de carro alegórico em forma de barco; para outros, a palavra deriva de "carnem levare", modificado depois para "carne,vale", (adeus carne), palavra originada entre os séculos XI e XII, que designava a quarta-feira de cinzas e anunciava a supressão da carne devido a Quaresma. No Brasil, a origem do carnaval não é menos controversa. Dizem alguns que a festa para receber a Família Real Portuguesa é o marco zero do carnaval, enquanto outros afirmam que os cordões, no início dos anos 20, realmente sinalizam o surgimento do que mais se aproxima do carnaval de hoje. A popularização do carnaval no Brasil aconteceu com o surgimento das marchinhas, com destaque para a primeira composição "Abre Alas", de Chiquinha Gonzaga, feita sob encomenda para o cordão Rosas de Ouro, em 1899. As brincadeiras dos entrudos e mascarados são vitais para se compreender como se tornou popular o carnaval do Rio de Janeiro. O entrudo, conhecido como "guerra de limões" entre as pessoas, era a oportunidade que tinham os setores baixos da sociedade (inclusive os escravos) para divertir. Sendo bastante popular, era praticado por todos os setores da sociedade, incluindo a Família Real. Já na manifestação carnavalesca de rua dos mascarados, era mais clara a crítica às camadas abastadas da sociedade. O carnaval era o momento de subverter as regras do cotidiano.
(Fonte – O Dia na Folia – História do Carnaval – Internet)

Sempre lembrado como grande evento, o carnaval deixou saudades. Brincavam nas ruas e nos clubes, de forma organizada, com bastante respeito, numa alegria contagiante, até altas horas da madrugada. Fantasias, lança perfumes, confetes, serpentinas, dominós e outros adereços que marcavam as inesquecíveis noites de folias nos salões do 7 de Setembro e 21 de Abril, com música de orquestra e muita bebida, a luz de lampiões.

O escritor porangabense Roque Miranda fez referências sobre o carnaval porangabense no seu livro ***"Porangaba e Meus Parceiros"***, que, prazerosamente, publicamos para conhecimento e valorização da pesquisa:

"O carnaval, apesar da dura campanha que o padre Lemarchad desatava sobre seus freqüentadores, era uma das coisas boas do Rio Feio. Original, sadio e de uma alegria contagiante. O povo pulava os quatro dias e as quatro noites, terminando na terça-feira, meia noite em ponto. Mesmo os mais carolas participavam, uns vendendo artigos, outro vendendo bebidas aos fanfarrões. Haviam três classes de folgazões que se formavam, em três carnavais diferentes: uma do povo da cidade, do cidadão adiantado, civilizado; outra dos mais humildes, do Zé Povinho e a terceira, mais organizada, praticada religiosamente por matutos dos sítios, gente humilde e simples; mas era um divertimento que contagiava e envolvia o povo inteiro. No carnaval do cidadão civilizado eram adotadas as práticas mais novas do carnaval dos grandes centros, as últimas modinhas, as novidades em fantasias e os famosos cordões limpa-bancos. Sim, limpa-bancos porque até as sogras e matronas eram arrastadas para o meio do salão. Apareciam pierrôs, colombinas, palhaços. Era animado por conjunto de jazz. Quando estavam no auge e a uma hora do final, eles (os foliões do cordão) saíam às ruas entrando pelas vendas e bares, troçando com o pessoal que queria ficar bebendo e batendo papo. Quando o cordão entrava novamente no salão, a orquestra passava fatalmente para o " pirulito que bate, bate" e terminava com a apoteótica "o carnaval já chegou ...". Os bailes sucediam sem modificação nas quatro noites e uma matinê no domingo, não passava disso.

.....

O carnaval do Zé Povinho era curioso mais pelo arrojo de seus participantes do que apresentavam. Era realmente um carnaval pobre, mas eles se divertiam dia e noite. Reuniam-se em turmas de amigos e se separavam na quarta-feira pela madrugada. Desde as primeiras horas da manhã do sábado, começavam a aparecer os primeiros mascarados. Com um couro de gato ou de cabrito, previamente curtido, eles faziam as suas máscaras e tamborins. Aqueles que não conseguiam o couro, arranjavam-se com folhas de bananeira e com cascas de folhas de palmito para fazer suas máscaras. O instrumento era ora uma lata de banha, ora uma frigideira e, ainda, um par de colheres. Apareciam violas e violões. Algumas fantasias eram confeccionadas rusticamente com sacos. Apareciam índios, fantasmas e as figuras mais estranhas. Batucavam e dançavam isoladamente o dia inteiro, é lógico com algumas paradinhas para sorver uma cachacinha no boteco. Improvisavam flautas e apitos de bambus; cincerros e sinetas de carroça serviam de chocalhos e completavam o ruído instrumental.

.....

Quase não havia excesso, mais certa feita, ***o Jesuíno****, um andante que passava por lá no carnaval, quis participar. Alguns gaiatos de mal*

gosto rasparam a cabeça do homem e o pintaram com piche da careca aos pés. O pobre andarilho, após tomas algumas pingas, começou a sentir-se mal. O homem quase morreu, pois daquele jeito, impermeabilizados os seus poros em meio à escaldante tarde de março, não se podia esperar outra coisa. O delegado de polícia teve que levá-lo às pressas ao boticário Avallone para uma limpeza geral e lhe dar, depois, um suadouro com o objetivo de desentupir-lhe os seus poros. Os malfeitores não foram encontrados e ficou tudo por conta do carnaval. ... A pinga, os conhaques baratos e o vinho rolavam nos balcões das vendas. O curioso é que no carnaval, quando se enchiam de cachaça e farreavam a não mais poder, não havia encrencas; todos se perdoavam. As brigas violentas, as mortes e as lavagens de honra aconteciam justamente nos festejos religiosos.

89.1 O Carnaval Atual

Mocidade Porangabense

*Diziam que o **Clube 21 de Abril** era dos "ricos" e que o **Clube 7 de Setembro** seria a sociedade dos "pobres". Uma grande bobagem e que, felizmente, durou pouco, pois a sociedade local não era formada por "castas". Existiam na época os bailes de salão, os grupos e conjuntos musicais. Os cordões chegavam até a se cruzar pelas ruas do povoado, cantado e dançando sem nenhum tipo de conflito. O auge foi até meados dos anos 40 do século passado, mas, depois, durante muito tempo, a festa não foi comemorada. Havia rígida observância religiosa, proibições exageradas, fanáticas e os poucos foliões se deslocavam até Tatuí. Essa situação persistiu por muitos anos, até a criação da primeira escola de samba – **Escola de Samba Verde & Branco (atual Mocidade Porangabense)** - por um grupo de jovens mais animados, precisamente no ano de 1982, tendo à frente a saudosa Marisa Machado. Daí prá frente o carnaval cresceu muito e, com a criação da segunda escola – **Escola de Samba Unidos da Vila,** envolvendo bastante entusiasmo e, principalmente, rivalidade política, a Festa de Momo, tornou-se o grande festejo popular de Porangaba.*

90. Seresteiros

As serenatas faziam parte da vida sócial da cidade e eram esperadas com certa ansiedade. Frequentes, programadas com antecedência, mas muitas vezes aconteciam de surpresa, sempre provocando suspiros e lágrimas nos jovens enamorados. Os rígidos costumes da época não permitiam muita liberdade entre os jovens, sendo difícil o contato e uma simples conversação dependia da anuência dos pais. A serenata funcionava mais como meio de aproximação. Era comum, então, acordar em plena madrugada, ouvir vozes e instrumentos melodiosos que seresteiros tocavam e entoavam debaixo das janelas das pretendidas. Mas existia também o lado cômico, quando, às vezes, o seresteiro errava a casa ou a janela da amada e acontecia grande confusão, culminando com a rigorosa reprimenda dos pais, xingação e a fuga em debandada carreira. Outras vezes, precisavam fugir dos cães de guarda e também evitar os vexames de boêmios, notívagos e bêbados [42] que insistiam em acompanhar as cantorias. A palavra "capadócio" traduz o preconceito que existiu no passado contra o seresteiro – rotulado de indivíduo fanfarrão, charlatão. Empunhar um violão pelas ruas era caso de polícia, mas hoje é um instrumento nobre e se faz presente em todos os salões.

Tão comum no passado, foi aos poucos saindo da vida romântica do brasileiro a partir do último quarto do século passado. Aqui não foi diferente. Surgiram novas opções, mudaram-se os costumes e, hoje, ninguém mais canta para a amada. É pieguice, está fora de moda, dizem! Acabou a fase maravilhosa do cancioneiro popular. Memoráveis

[42] *Numa dessas serestas, junto com o saudoso Minguinho Nogueira e o Zé Luiz Biagioni (hoje, professor e famoso violonista), fomos surpreendidos com a chegada do popular Tico Carité, totalmente embriagado, justamente na hora em que íamos iniciar a música. Insistiu em pegar a clarineta do Minguinho e acabou por arremessá-la longe, quebrando-a. O barulho foi enorme e a decepção geral, mas, rapidamente, agimos com cautela para segurar o Mingo que queria bater no desastrado Tico, e evitar um vexame maior debaixo da janela da. namorada escolhida...!.*

serenatas marcaram a vida nostálgica e boêmia de Porangaba.

Seresteiros porangabenses:

- *Janguinho, Toninho Cristovão, Aparício, Paulino, Inocêncio Pereira, Lazinho de Pádua, Nho Bêde, Miro Mendes, Rodolfo Palmeira, o dentista José Teixeira Barbosa (Zé Pastéis), Durvalino Telles, Zé Antônio, Nelo e Minguito São Pedro, João Telles, Adolfo Rosa , o negro Peroba (veio de Tatuí e foi criado pela Maria Marciano), Chiquinho Domingues (Cândido), Ramiro Preto, Zé do Amaro, Estevão Colaço, Chichilo, Pedro Rodrigues Cavalheiro, Genésio Palmeira, Cezarino Antunes Correa, Lino Fogaça, Sizenando, Roque Soares de Almeida, Saulinho, André Machado, Dito Rosa, Acácio Domingues, Aldo Angelini - os mais antigos; o saudoso Pedrinho Nogueira, Menzico, Bide, Durvalino Cardoso, Geninho, Valdemar (Folheiro), Oraci Machado, João Machado, Olívio Pinto, Irineu de Oliveira Pinto, Minguinho Nogueira, Júlio Domingues, José Luiz Biagioni, Gilberto Carneiro, Odilon Soares Ramos, Gildinho, Antônio Machado, Odair de Arruda, etc.*

91. Zé Mestre - o "musicão" de Ana Rosa

O assassinato de Ana Rosa foi brutal; o crime ocorreu em Botucatu no ano de 1885, quando a pobre moça foi esquartejada e picada a faca por algozes contratados por seu marido. Matar gente a tiros, facadas e porretadas, naquele tempo, era coisa rotineira nos povoados tidos como "bocas do sertão", mas o fato, marcado pelo requinte de violência jamais visto, assustou todo mundo.

- Moacir Bernardo, na obra "Ana Rosa: Sua Vida, Sua História", destaca:

"A vítima era uma cabocla bonita, faceira, de longa cabeleira negra, com um sorriso mais doce que o mel, capaz de atrair o coração mais insensível. Pessoa de boa índole, nasceu da humildade, debaixo de rústico teto. Casou-se com Chicuta, mas foi infeliz e maltratada pelo ciumento marido e, não suportando tal tratamento, fugiu para Botucatu. Não tendo lugar para ficar, instalou-se no Cabaré da Fortunata...."

- Sebastião de Almeida Pinto, na obra "No Velho Botucatu", enfatiza:

"Ana Rosa era uma cabocla bonita, faceira, casada com Chicuta, que tinha um sítio em Avaré. Um dia, pirou. Veio para Botucatu e assentou praça no regimento do amor rasgado. Era a mulher-dama mais falada e cotada no mulherio da fuzarca..."

São avaliações diferentes e, sem entrar no mérito, a verdade é que Ana Rosa desapareceu e encontraram, dias depois, os restos de seu corpo picado à faca num capinzal adiante do Lavapés. Foi um ato bárbaro, insano, executado com crueldade e a sangue frio por dois bandidos pagos pelo marido, que assim se "***vingou"***. Todos foram presos, "*julgados*" e absolvidos, com base na justiça da honra lavada...! No local, onde foram encontrados os pedaços do corpo da morena, pecadora para alguns e mártir para outros, ergueram a capelinha. O crime foi cantado em prosa e verso por muitos anos; tornou-se assunto apaixonante, comentado e passado oralmente pelo povo através de violeiros e cantadores. Passados mais de cem anos, ainda é lembrado por aqui, principalmente na zona rural. Dentre as modas feitas, a que realmente vingou e tornou-se a mais importante foi o "Musicão de Ana Rosa", cantado por vários cantadores de raiz, com duração de 30 minutos. Foi composta em 1923, mais ou menos, pelo *porangabense* ***Zé Mestre*** (José Fidêncio de Campos), grande compositor, cantor e violeiro porangabense. Sebastião Machado, pecuarista e agricultor de café em Pardinho, violeiro, compositor e cantador de moda de viola, cantava a música. Azor Vieira de Camargo, proprietário e morador do sítio Santa Cruz, no distrito de Cesar Neto, também tocava e cantava o "musicão", que deixou gravado em fita. Vale como registro.

Zé Mestre viveu nos bairros dos Florentino e Rio Bonito; morou, também, em Bofete e São Paulo, onde faleceu. Outros violeiros porangabenses que merecem citação: Nenê Machado (filho do Brasílio Machado), Zezinho Alegre, Lindolfo Florentino, Domingos Firmino e Emílio Bernardo.

92. O Teatro

"A arte de representar"

Os primeiros moradores do bairro do Rio Feio, com o decorrer do tempo, além das brincadeiras, folguedos domésticos e festas religiosas, passaram a se interessar pelo circo de cavalinhos, as companhias ambulantes como o teatro [43]

[43] *O teatro brasileiro iniciou-se com o teatro didático dos jesuítas e tinha por objetivo principal a catequese dos indígenas. O introdutor foi a padre espanhol José de Anchieta que aqui viveu no século 16, sendo o autor de vários autos sobre episódios do cristianismo. Foram as primeiras peças escritas no nosso país e encenadas pelos índios ao ar*

mambembe, que aqui se apresentavam periodicamente. Eram dirigidas, quase sempre, por castelhanos e italianos que percorriam o nosso país. Apresentavam-se nas praças públicas e lugares abertos, em palcos improvisados em cima de plataformas de madeira, carros, etc., e quebravam a rotina dos lugares por onde se apresentavam. Traziam empolgação, alegria. Comprovadamente, passaram pela Bela Vista de Tatuí.

Nos espetáculos, anunciados com muito entusiasmo, o grupo encenava sempre na segunda parte uma *comédia, drama, ou esquete,* com os ***"renomados atores da companhia***". Assim começou o gosto pelo teatro nas vilas e pequenos povoados brasileiros. Aqui não foi diferente.

- *Alguns artistas chegavam a se fixar em pequenas praças, mudando de atividade, como foi o caso aqui do castelhano Felipe Santiago, que chegou num "circo de cavalinhos". Trabalhou depois como ajudante de pedreiro, casou-se, formou família e, infelizmente, morreu assassinado.*

Depois vieram os atores tatuienses e da própria cidade. Como contavam os antigos moradores, a partir de 1918, mais ou menos, começaram as apresentações de pequenas peças na sala do primeiro cinema aqui instalado. Recordavam que a direção e interpretação eram do próprio dono da sala, um tal de Pedro Cinemeiro e a sua mulher; não se lembravam de outros participantes.

Aconteceu, certamente, até 1922, quando foi construído o prédio para o cinema mudo, conhecido como "pavilhão". Com o novo espaço, o teatro amador despertou por aqui. Passamos, a ter os festivais de teatro, lembrados com muita saudades. É inegável que a influência maior veio dos grupos teatrais de Tatuí, centro que mantinha intercâmbio com outras companhias e funcionava, ainda, como oficina de aprendizado, possibilitando a divulgação e o ensino da arte teatral em toda região.

Entre 1940 a 1950, aproximadamente, o Grêmio Dramático Operário de Tatuí fazia apresentações freqüentes em Porangaba. O ator principal era Benedito Eugênio dos Santos (Bitoca) e do grupo ainda faziam parte o professor porangabense Francisco Pássaro (Chichilo) e sua esposa Amélia, que chegaram a se destacar nos palcos de Tatuí. Vieram, ainda, muitas outras "troupes", pequenas companhias teatrais e de variedades, com artistas, ilusionistas, mágicos, músicos, cantores, quilibristas, etc. [44]. O palco era sempre o *pavilhão*.

Concluindo, infelizmente é difícil resgatar a história do teatro local pela falta de informações, registros, etc. Os famosos festivais eram, na realidade, apresentações lítero-musicais, com pequenas peça e esquetes, danças e cantos, interpretados por jovens da sociedade lá pelos idos de 1920/40. Alguns músicos e a própria banda musical davam o suporte necessário. Na verdade, nunca houve sequer uma grande montagem, envolvendo obras de autores clássicos, consagrados, etc. O que se fazia por aqui era por puro modismo. Faltava, na realidade a vocação artística, recursos e conhecimento literário. A arte teatral por aqui ficava restrita a um número reduzido de pessoas tidas como as mais cultas.

Não encontramos notícias em jornais antigos de Tatuí (aqui não existia jornal) sobre o teatro porangabense e o resgate fundamenta-se, basicamente, em informações orais. Portanto, como assíduos e bons ouvintes, registraremos, pelo menos, os nomes de alguns ***"artistas"*** pioneiros. Após a inauguração do *pavilhão,* começaram, então, os primeiros festivais de teatro com a participação efetiva de jovens, professores e

livre em palcos improvisados nas aldeias. Já durante o restante do período colonial, o teatro brasileiro foi uma mera cópia do teatro português. Por outro lado, no século 18 a arte teatral em língua portuguesa no Brasil teve a destacada colaboração de Antônio José da Silva, o Judeu, importante personagem luso-brasileiro que introduziu a prosa na composição dos textos teatrais portugueses, que eram então escritos em versos. Em meados do século 19 aparecem as peças de Martins Pena - consideradas a principal origem do teatro de costumes no Brasil. Outro autor importante da mesma época foi Artur de Azevedo, com mais de 70 peças, sendo ainda tradutor e adaptador de várias peças estrangeiras. Ainda no final desse século, deve ser registrada a obra de Corpo Santo (José Joaquim de Campos Leão), com uma linguagem revolucionária nos seus textos. O teatro se popularizou se espalhou por todo território nacional, com grupos amadores em quase todas as cidades brasileiras. Já tínhamos também as empresas teatrais de atores profissionais, que se apresentavam com grande sucesso nos teatros dos grandes centros.

[44] *Os artistas que aqui se apresentaram eram de todos os tipos e qualidades, englobando bons profissionais, até canastrões e enganadores. Em 1940/45, houve o espetáculo, no palco do pavilhão, de "Edu – o comedor de vidro e gilete!. A criançada ficou impressionada com a apresentação, pois o moço enganava direitinho. Alguns chegaram até a fazer tentativas, mas a desistência era logo no primeiro corte na língua. Ainda bem, porque o estrago poderia ter sido muito maior...! Alguns conterrâneos mais idosos, contadores de causos, para valorizar suas informações, chegavam até a afirmar que grandes nomes da arte cênica, como Procópio Ferreira e sua filha Bibi (a grande dama do teatro nacional), imaginem !, atuaram em Porangaba, no pavilhão. Pura fantasia do imaginário popular; nada encontramos a respeito.*

músicos. Os espetáculos eram bem aceitos pela população.

- *Formou-se, então, o grupo teatral sob a direção da professora Donata Telles Dias e atuavam como atores: Antônio Freire de Souza (que também dirigia), Dolores Telles Dias, Doralina Domingues (Dórica), Ana de Souza, Elvira Bueno, Nêga do Aparício, Inesita Sommerhauzer, Malvina Pedroso, Laurinda Fernandes, Jacira Palmeira, Maria Bertolini, Vitalina Martins, Toninho Cristovão, Aparício Cristovão, João Telles e outros. Chegaram a representar inúmeras peças e o elenco permaneceu em atividade por bastante tempo.*

- *Depois, surgiu o grupo teatral dirigido por Lydia, companheira do Nelo São Pedro. A época, mais ou menos 1930/35. Os participantes eram: Nelo São Pedro, Ditinha (filha do capitão Zeferino), Noêmia (irmã do Janguinho), Anunciata De Bonis Domingues, Maria Paes, Minguito São Pedro, Estevão Colaço, Irma Nunes, Maricota Nunes, Bruna Biagioni, Iracema Biagoni, Maria Augusta, professora Édna, Nina do Pedro Cabo, Jandira Vaz, Nena Zacca, Alaide Cubas de Miranda, Aldo Angelini, Maria Amália, Judite Miranda, Amanda Carneiro, Fernando Vitor Hugo e outros. Um dos grandes sucessos desse grupo foi a peça "A Filha do Saltimbanco", atuando nos principais papéis Anunciata e Estevão. A professora Paula Hilda de Miranda Angelini (dona Paulina), além de atuar, também costumava dirigir grupos teatrais juvenis.*

- *Tivemos outro elenco ensaiado por Amélia Pássaro. Sem precisar exatamente a época, mas ou menos em 1940/45, com os seguintes atores: Francisco Pássaro (Chichilo),* [45] *Olindina, Marina Carneiro, Nadir Carneiro, Marina Ares, Neguinha De Bonis, Leontina do André, Acácio Domingues, Antônio Zacarias, Raquel Nunes, Áurea Nunes, Matilde Martins, Conceição Martins, Zenaide, José Carlos Freire, Maria de Lourdes Freire, Mercedes Pedroso, Carmosina Pedroso, Lúcia Amaral, Plínio de Oliveira Vaz e outros.*

Com o fechamento da sala de cinema, o nosso *"teatro"* desapareceu. Passaram muitos anos e aconteceram somente algumas tentativas isoladas e frustrantes para reerguê-lo, sempre com a participação de estudantes e professores, mas sem continuidade. Não tivemos mais os grupos voltados à arte teatral, como no passado, por total desinteresse da comunidade. O malogro se deve, também, à falta de uma cultura artística no seio do povo e desmotivação. Apesar do desânimo, alguns nomes de abnegados professores, amantes da arte teatral, merecem citação pela tentativa de reativá-la no período de 1950/60: *dona Eliza Shantz Grasioli (professora e dentista), os professores Wilson Monteiro, Tereza São Pedro, João de Oliveira Vaz e o diretor João Prado Margarido*. Na época, os alunos da escola pública, incentivados pelos professores, chegaram a fundar o Grêmio Artístico "Castro Alves", que durou pouco tempo, mas desenvolveu diversas atividades e fez pequenas montagens. Os participantes eram somente os estudantes.

[45] *Dentre os atores ligados ao teatro porangabense, Chichilo e Amélia, foram os grandes destaques, principalmente nas apresentações em Tatui, quando passaram a fazer parte de um grupo teatral daquela cidade. Pode ser comprovado na obra Achegas para a História Tatuiense, do escritor Renato Ferreira de Camargo, às fls 47, na Crítica Teatral do Anos 40, feita pelo jornalista Tácito Mota, ao comentar a atuação do elenco na peça "O Coração Não Envelhece", de Paulo Magalhães: "A parte cômica a cargo do casal Francisco Pássaro e dona Amélia Verreschi esteve ótima. Arrancou boas gargalhadas da platéia. Boa a caracterização".*

Já nos últimos anos, a partir de 1980 (45 A) , os esforços para revitalizar o teatro por aqui devem ser creditados aos professores José Maria Geraldini, Edna Aires Venturini Geraldini e Eugênio José de Camargo Barros, pelo trabalho desenvolvido junto aos estudantes da Escola Aldo Angelini (com temas folclóricos, ligados à cultura popular) e aos jovens da Igreja Católica (com temas religiosos, natalinos e comemorativos). As apresentações vêm se sucedendo com entusiasmo e aplausos, intercaladas por alguns períodos de inatividade.

Em 2003, com a inauguração do Centro Cultural "Abílio São Pedro", surgiu então a expectativa positiva de renascer a atividade teatral em Porangaba. Já no segundo semestre do ano em questão, através de convênio com a Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo, por meio do "Projeto Oficina Cultural", o professor Carlos Ribeiro, do Conservatório Dramático e Musical de Tatuí, ministrou um curso de teatro com duração de três meses. Como resultado imediato, alguns participantes resolveram montar a peça "O céu tem que esperar", de Paul Osborn, com tradução de Paulo Autran, sob a direção e participação do professor Eugênio José de Camargo Barros.

Grupo de Moças Participantes de Festival - 1930/1933
Da esquerda à direita: Maria Augusta, Paulina Miranda, Amanda Carneiro, Irma Nunes, Alaíde Cubas, Bruna Biagioni e Judite Miranda

[45]A Algumas Atividades:

Alunos da Escola Aldo Angelini::

- *em 1980, sob a direção de Geraldini e Edna, junto com a Bandinha do Pingo, foi apresentada a peça infantil Generalzinho de Saia, no Festival de Teatro do Conservatório de Tatuí e obtiveram o 1º lugar;*
- *em 1980, sob a direção da professora Edna, com o apoio do professor José Luiz Biagioni e outros músicos, foi apresentada a peça "Pop Garota Legal" no Festival de Teatro do Conservatório de Tatuí, quando obteve o 1º lugar e receberam 11 troféus, um fato inédito na história dos festivais.*
- *em 1981, durante a Festa de São Roque, houve a apresentação na Igreja Matriz de show musical em homenagem à população sertaneja, sob a direção do professor Eugênio, com a participação de jovens da comunidade;*
- *Em 1983 – Teatro de Fantoches na Escola "Aldo Angelini", sob a direção do professor Geraldini; .*
- *em 1984, sob a direção do professor Eugênio, a peça popular "Na Carreira do Divino", de Carlos Sofredini, no linguajar caipira, foi apresentada em diversos bairros da zona rural, em Conchas, Sorocaba e na Mostra Estadual de Teatro no Conservatório Dramático e Musical de Tatuí;*
- *em 1997, o grupo de Teatro Infantil da Escola, sob a direção do professor Eugênio, apresentou a peça "O Macaco e a velha" no GRES Unidos da Vila para as crianças da pré-escola municipal e para os alunos da Escola Estadual "Joaquim Francisco de Miranda"e "Aldo Angelini";*
- *no mesmo ano, o Grupo de Teatro Infantil apresentou a peça "O boi e o burro a caminho de Belém", sob a direção do professor Eugênio.*
- *Em 2003, o Grupo de Teatro Infantil, sob a direção do professor Eugênio, na noite de Natal se apresentou na Igreja Matriz ., encenando a peça "Os hotéis estavam cheios", de Moacir Scliar.*

93. O Circo

Histórico

É difícil precisar onde nasceu o circo, mas existem registros de que foi na Grécia e, também, no Egito!. Os espetáculos apresentavam cortejos que celebravam as voltas das guerras. Os números circenses que já faziam parte das Olimpíadas e as práticas gregas tomaram impulso no Império Romano. No ano 70, antes de Cristo, em Pompéia já havia um enorme anfiteatro. Depois veio o Circo Máximo de Roma, que, destruído por pavoroso incêndio, somente foi reconstruído muito tempo depois por Júlio César – era o Coliseu, obra que marca o poderio do Império Romano. Ali eram apresentadas excentricidades: homens louros conduzindo animais exóticos, engolidores de fogo, gladiadores, etc. Com o tempo, essas apresentações passaram a ser feitas em feiras populares, barracas, portas de igrejas, onde eram mostradas habilidades incomuns, truques mágicos e malabarismo, nascendo a figura do palhaço com a baixa comédia. No século XVIII, grupos de saltimbancos europeus, com suas exibições de destreza a cavalo, combates simulados, etc., se incorporam ao espetáculo circense. Por outro lado, para complicar ainda mais o assunto, os chineses têm outra versão e defendem que foi na China que tudo

começou. A verdade é que, de ano a ano, os espetáculos foram sendo enriquecidos com novos números: equilíbrio, dança, magia, etc., e que são conservados até hoje. Já o circo, como nós o conhecemos – com picadeiro, lonas, mastros, trapézios, desfiles de animais exóticos, etc., como espetáculo pago, data do último quarto do século XVIII. O responsável foi o sub-oficial inglês Philip Astley, que montou um circo em Paris e juntou saltimbancos, funâmbulos, saltadores, palhaços. No Brasil, o circo já existia desde o último quarto do século XVIII, indo de cidade em cidade, em lombo de burros, fazendo de tudo um pouco em pequenos espetáculos nos dias festivos. Apareceram, então, os ciganos, que expulsos da Península Ibérica, teriam vindo ao Brasil. Eram domadores, exímios cavaleiros e usavam tendas. Na época, a Igreja combateu a presença dos ciganos, responsabilizando-os pelas algazarras e bebedeiras, quando se exibiam artisticamente. Os grande circos estrangeiros vieram para o Brasil de acordo com o ciclo econômico, já no século XIX; vinham de navio. Apresentavam espetáculos grandiosos. Fonte – O Circo no Brasil - Funarte

Circo do Piranha

(Instalado no terreno onde foi construído o prédio da Santa Casa de Porangaba (1968/1970)

O circo, [46] um dos divertimentos populares mais antigos, está hoje praticamente agonizando; poucas companhias circenses ainda lutam bravamente para sobreviver. Empobrecidas, sem nenhum apoio, ainda insistem em turnês através do imenso território brasileiro, colhendo, cada vez mais insucessos pela falta de público. Torna-se uma aventura trabalhosa e onerosa. O circo jamais morrerá, mas perde, cada vez mais, o caráter popular e será mais seletivo, direcionado aos espetáculos fantásticos das redes televisivas. Poderá ser visto da própria casa, mas não será tão emocionante e participativo como antes. No passado, traduzia a alegria que chegava aos povoados e pequenas cidades, quando o povo, carente de tudo, e especialmente de recreação, recebia a "troupe" com euforia e expectativa. A animação era geral, contagiante e todos faziam os seus castelos. Ricos, pobres, mulheres e crianças, gente da roça e da cidade, disputavam as gerais e cadeiras. Além das apresentações cômicas, muitas pessoas viam, nos enredos das peças e dramas encenados, um pouco dos seus sonhos e fantasias. Os homens, criados no recato e na rigidez de costumes do interior, tinham a grande oportunidade de se arrumar para apreciar as "belas artistas" que ilusoriamente enxergavam – mulheres produzidas, pintadas, arrumadas, cheirosas e com respeitáveis decotes. Era um verdadeiro deslumbramento, uma excitação tentadora ver as pernas da moça que cantava e dançava, o busto da trapezista e o corpo modulado da mulher que andava no arame. A mulherada ficava furiosa quando os maridos se babavam com os rebolados das bailarinas, que atiravam beijos paras os assistentes. Alguns pensavam até em seguir a companhia, abandonar tudo pelo amor repentino e quase impossível. [47] Esse ímpeto atingiu sempre os mais jovens, os apaixonados e voluntariosos e, também, muitos "coroas", que cansados da rotina do lugar, viam no circo a grande oportunidade de buscar novas aventuras e centros maiores. Muita gente correu atrás do circo e bateu a cara!

E os palhaços!, os acrobatas!, o homem que engole espada!, os trapezistas! A saída do palhaço às ruas, acompanhado da banda de música e da criançada, para anunciar o espetáculo, tornou-se um fato inesquecível; que vem sempre à nossa mente. O barulho era infernal e a meninada respondia em coro as baboseiras que o artista gritava. Como ponto culminante, no encerramento da passeata, havia a escolha de alguns garotos acompanhantes para ganhar "entradas" de acordo com o entusiasmo que mostravam no cortejo.

E as tentativas para entrar sem pagar, por "baixo do pano", algumas frustrantes, outras com sucesso, mostrando esperteza - alvoroçavam os

[46] *"Anfiteatro em forma circular para a realização de espetáculos, de prestidigitação, acrobacia, equitação e humorismo; em alguns circos brasileiros também são apresentadas peças de teatro; o primeiro circo teria sido construído por Rômulo". 4.296A-Barsa*

[47] *Tivemos exceções, evidentemente, e um caso famoso, aqui ocorrido, culminou com o casamento do professor Francisco Pássaro (Chichilo) com dona Amélia Verreschi, a filha do dono do circo.*

meninos. Tudo era festa, e o ato não se revestia de maldade, pois muitos não tinham os "réis" suficientes para a "entrada".

- *De vez em quando aparecia por lá um circo que fazia forte concorrência, até mesmo com a Igreja, pois trazia algumas novidades em música, mágicos, trapezistas, palhaços ... e o povo gostava. Não havia dificuldade para freqüentá-lo, pois era costume a direção do circo reunir a molecada para fazer coro com o palhaço anunciando as atrações, e essa adesão dava direito à entrada. "O raio, o sol, suspenda o pano, é o bravo palhaço republicano; o raio, o sol, suspenda a lua, é o bravo palhaço que sai na rua. Hoje tem, hoje tem, hoje tem espetáculo!, e o palhaço o que é? É ladrão de mulher". Se não fosse no acompanhamento do palhaço, não seria difícil burlar a vigilância dos soldados e passar para dentro por baixo do pano. (Roque Miranda, Porangaba e Meus Parceiros, pág.138)*

Doces, salgadinhos, pipoca, amendoim torrado, algodão doce, luz de lampião, banda de música, e a cidade ficava acordada até mais tarde. Era o circo que alegrava o povo e trazia novas ilusões. O refrão sempre era o mesmo; as apresentações tinham sido espetaculares, melhores que as anteriores, nunca tinha acontecido nada igual por aqui. Quando o circo partia, ficavam as saudades, as lembranças e os comentários duradouros. Não se falava noutra coisa.

Todos guardavam os nomes dos artistas e estes chegavam a manter relações de amizade com os moradores, pois sendo pessoas da cidade grande, bons papos, conheciam de tudo um pouco e estavam a par do que ocorria no mundo lá de fora. Reuniam-se para contar as novidades da política, da moda, do comércio e, com isso, quebravam a monotonia da cidadezinha

- *Cômicos e palhaços que nunca foram esquecidos: Toni Fedegoso, Piranha, Borboleta, Guinardo, Passafome*
- *Empresários: Circo do Belmiro (1920); José Epaminondas (1930); Sabatino Sanchoni - José Cundari - Natálio Túdolo - jogos e diversões; Lázaro Baptista (Circo Paulistano); Maurício Diniz Vaz (circo de cavalinhos);*
- *Parque de Diversões Arealva, Empresa Irmãos Robatini, Circo Glória (1930), Troupe "Os Vindondos" - números de ventriloquia, faquirismo, cançonetas, etc, destacando-se o boneco Joãozinho (1930), Circo Paulistano (1931), Circo Santa Helena, Circo do Piranha.*

O Jornal de Tatuí, através do seu correspondente em Porangaba, noticiava na edição do dia 12/10/1930, " *a estréia do Circo Glória, composto de modesto elenco, porém seus artistas muito se esforçaram para agradar o público. Da companhia, destacava-se o sr. José Epaminondas, diretor da mesma, o qual arrancou aplausos dos assistentes, encarnado no endiabrado Toni Fedegoso".*

Os circos eram montados em diversos locais improvisados, já que não existia um lugar apropriado. No início, instalavam-se no próprio largo da matriz e, depois atrás da igreja. Lembramos também de terrenos pertencentes à prefeitura, onde atuavam as "*companhias*": onde hoje está o grupo escolar "Joaquim Francisco de Miranda", na rua João Rosa de Oliveira e onde está a unidade central telefônica, na esquina da rua Bráz Gica da Paz. Eram vistos ainda em terrenos particulares, como o da dona Lindora Vieira, viúva de José Colaço (na rua João Rosa de Oliveira), ao lado da casa de dona Helena de Campos Fogaça; ao lado da "*mangueira*" do Nhô Jango Mendes, que não existe mais.

94. Loteria da Habitação

A extração da Loteria Paulista da Habitação em Porangaba, no ano de 1994, foi um acontecimento importante por divulgar o nome da cidade e prestigiar o município. Não tínhamos as mínimas condições exigidas para o patrocínio, ou seja nenhuma casa lotérica e era recente, ainda, a desativação aqui do banco que administra a loteria estadual. Quando surgiu a oportunidade, o prefeito municipal João Batista de Barros, contando com a colaboração significativa de alguns elementos da comunidade, conseguiu a autorização para a vinda do "caminhão da sorte" para a realização do sorteio. Martins de Porangaba, artista plástico de renome internacional, desenvolveu o motivo para o bilhete, enquanto o lotérico tatuiense Oscar Sallum Filho montou a estrutura necessária à venda. Foi feita a extração de nº. 356 no dia 03/06/94, incluída nas festividades do aniversário do município. O caminhão, equipado com palco e aparelhos de som, chegou três dias antes e se instalou na praça principal, onde, todos os dias, promoveu "shows", gincanas, divertimentos e campanhas beneficentes em prol da Santa Casa de Misericórdia. Foram dias festivos e contou com a

participação da população. O evento foi um grande sucesso, com as vendas ultrapassando a expectativa e, principalmente, pelo público presente.

Loteria da Habitação

Departamento de Operações à Municípios e Loterias

356 ª Extração da Loteria do Estado de São Paulo

Ao terceiro dia do mês de junho de hum mil, novecentos e noventa e quatro, às 18h (dezoito), na rua 4 de Junho, no município de Porangaba, de acordo com o Decreto Lei nº 24.423, de 23 de setembro de 1986, estando presentes as seguintes autoridades:

João Zacarias Sobrinho, da Divisão de Controle e Vendas, representando José Spessoto Neto, do Depto. de Operações à Municípios e Loterias; Fiscal do Povo: *João Maria São Pedro;* Fiscal Federal: *João Bonifácio Ormonde.*

Realizou-se a tricentésima quinquagésima sexta extração desta Loteria, tendo sido sorteados os seguintes prêmios constantes do plano de jogo "06/94".

1º	*2º*	*3º*	*4º*	*5º*
25935	*83384*	*50123*	*28640*	*41647*

Por ser verdade, eu, representante da Divisão de Controle e Vendas, lavrei a presente ata, a qual é por mim assinada, pelo Fiscal do Povo, pelo Fiscal Federal e pelo representante do Departamento de Operações a Municípios e Loterias. Seguem as assinaturas das autoridades presentes: João Batista de Barros (prefeito), Maria Ascenção Alves de Barros (1ª. dama), Antônio Miranda (vice-prefeito), Rogério Benedito Paschoal (gerente regional da N.Caixa N.Banco (Sorocaba), Helena de Porangaba Martins, José Carlos Martins de Porangaba (artista plástico), Antônio Martins (gerente da N.Caixa N.Banco de Guareí), José Romildo de Miranda (agência da N.Caixa N.Banco de Cesário Lange), Adilson Pacheco (presidente da Câmara Municipal de Porangaba), Susy Mary Caresia Sallum (lotérica de Tatuí), Oscar Sallum Filho (lotérico de Tatuí), ***Júlio Manoel Domingues (ex-gerente do Departamento de Loterias do Estado de São Paulo),*** *Antônio Carlos Vieira Júnior (coordenador dos festejos), e das estudantes que funcionaram como auxiliares: Nanci de Cássia Adriano, Bárbara Souza Nunes da Silva, Tatiana Martins Miranda, Fernanda Silva Pinheiro e Gislini Caetano dos Santos.*

---

95. Escotismo

O escotismo aqui chegou em 1923, implantado pelos professores Nicanor de Paula Arruda e Antônio Freire de Souza, sendo fundada a Associação dos Escoteiros de Porangaba.

96. A bandeira dos escoteiros

Notícia publicada no jornal "O Progresso de Tatuí", edição de 30/09/1923: *"O sr. Norman Bernardes, prefeito municipal, a pedido do professor Nicanor de Paula Arruda, diretor das Escolas Reunidas de Porangaba, solicitou ao dr. Afonso d'Escragnole Taunay, diretor do Museu Paulista e grande conhecedor de São Paulo no tempos coloniais, a biografia do bandeirante Fernão Munhoz, cujo nome figura na bandeira dos escoteiros*[48] *de Porangaba. O dr. Taunay gentilmente respondeu ao sr. Norman Bernardes, fornecendo-lhe alguns dados sobre a vida desse "grande apresador de índios", que, segundo a carta, foi erradamente indicado para Porangaba. Segundo o historiador, foi bandeirante, um desbravador de relevo médio, não comparável aos "grandes calções de couro" de primeiro plano. Fez entrada no sertão no século 17 e participou da construção da Igreja de São Miguel, perto de Guarulhos. Deve ter morrido em 1672".*

A edição de 27/04/1924, do citado jornal, noticiava o trabalho desenvolvido pelo professor Lino de Barros à frente do núcleo de escoteiros de Porangaba. Em 04/05/1924 publicava o seguinte: "No dia 21/04/1924, partiram para Itapetininga para homenagear o presidente Washington Luiz Pereira de Souza, que foi inaugurar a estrada Itapetininga/São Paulo, 26 escoteiros desta vila, acompanhados pelo professor Eduardo Soares, técnico da Associação. Foram transportados para

---

[48] *Escotismo - Foi fundado por Baden Powell na Inglaterra, no ano de 1908. O objetivo do movimento era incutir na juventude elevados princípios morais e cívicos; despertar nos jovens um sentimento afirmativo de auto-expressão. Não existia nenhuma restrição quanto à religião, sexo e política. Chegou ao Brasil no ano de 1910, introduzido por marinheiros e oficiais da Marinha do Brasil, sendo fundado o primeiro núcleo no Rio de Janeiro. A partir de 1914 espalhou-se por várias cidades brasileiras, das quais um dos mais importantes núcleos foi a Associação dos Escoteiros de São Paulo, fundada por iniciativa do diplomata José Carlos de Macedo Soares.*

Tatuí por um auto cedido pela firma Correa Magaldi & Cia., daquela cidade. De Tatuí a Itapetininga seguiram de trem. Foram acompanhados pelas seguintes autoridades: coronel Francisco de Paula Vieira de Camargo (representando o presidente da Associação); capitão Joaquim Francisco de Miranda (chefe político); capitão João Pedroso de Oliveira (juiz de paz); capitão João Paes da Silva (oficial de registro civil); professor Lino de Barros (diretor das Escolas Reunidas de Porangaba); Dassás Vieira de Camargo; Aureliano Soares da Mota (sub-delegado); Pedro Moreira da Silva (suplente). Regressaram a Porangaba no dia 24, sendo recebidos por grande massa popular e banda música, regida pelo maestro João Seraphim de Abreu".

- *Em 1932, o capitão escoteiro Júlio Correa de Aguiar esteve em nossa cidade para visitar instituições públicas, ocasião que aproveitou para fazer uma palestra aos professores e autoridades locais, mostrando alta erudição e grande conhecimento dos problemas brasileiros.*
- *No ano de 1934, o professor Antônio Freire de Souza, que exercia a função de diretor substituto do Grupo Escolar, foi nomeado Chefe Regional dos Escoteiros. Até, mais ou menos, 1940, o escotismo foi praticado por aqui, acabando com a remoção do professor Freire.*

97. Tiro-de-Guerra

Em 1938 funcionou em Porangaba uma Unidade do Tiro de Guerra nº 137, Núcleo de Tatuí, [49] cujo comandante geral era o sargento Abdon Machado de Castro. As instruções, aqui, eram dadas nos finais de semana, comandadas pelo cabo João Luciano (Janguito). O grupo que concluiu o curso de treinamento militar era formado por 22 soldados:

- *Acácio Domingues, Jarbas Nogueira, Oraci de Oliveira, Joaquim Faria, Henrique Pedro Rossi, Orelino Martins (Liquinho Poli), Antônio Sebastião Vieira, Lico de Arruda, José de Campos (Zeca Fogaça), Sebastião Martins (Bastião Poli), Moacir Amaral, Mário Mendes, João Mendes de Almeida, Antônio Fogaça, Alírio Augusto de Oliveira, Domingos Silvestre Domingues, Eli Dias de Camargo, Oscar Godinho, Erasmo Pedroso de Oliveira, Cesário Pires, Francisco Sebastião Vieira (Chilo) e Ovídio Mendes. O mascote do Tiro de Guerra era o menino Ledo Antônio Rossi.*

Nos anos seguintes, alguns porangabenses que foram convocados para o serviço militar (dizia-se "sorteado" para servir o governo), chegaram a ficar aquartelados em Lorena, Caçapava, Itapetininga e até em Cuiabá (Mato Grosso), mas outros optaram pelo tiro de guerra em Tatuí.

Em 1943, houve a última turma de porangabenses no T.G. nº 135, com sede em Tatuí, sob o comando do sargento Rubens Pimenta. Eram treinados aqui pelo dentista Edward Kruger, vulgo Didi, militar reformado e habilitado para tal fim. O grupo se deslocava a Tatuí para as excursões, treinamentos e exames. Os seis soldados eram: *Heitor Cassetari, Plínio de Oliveira Vaz, Mário Diniz Vaz, Sérgio Rossi, José Fogaça (Caviuna) e José Nunes Diniz (Zeca do Totó).*

98. Histórias que o povo conta

- **A história da Cigana**

O saudoso *Lazinho do Valêncio*, que faleceu quase centenário, costumava contar que, quando era criança, já visitava o túmulo da cigana no cemitério local. Ouviu dizer que ela morreu aqui no final do século 19 e o motivo seria um parto mal sucedido e não espancamento como afirmavam certas pessoas. É, realmente, o mesmo jazigo que lá se encontra até hoje, o ***"Túmulo da Cigana***", da qual se contam histórias. Como era coberto de pedras, que sempre eram remexidas pelos visitantes, dava a impressão que mudavam de lugar, daí a curiosidade e a atração popular. As pessoas passaram a acreditar, com o transcorrer do tempo, no poder da falecida, daí os pedidos, orações, promessas, a queima de velas, etc., além de objetos e até ***"ex-votos"*** colocados sobre o túmulo.

João Mendes de Almeida (João do Jango), de saudosa memória, já tinha outra versão: afirmava que ouvira dizer na sua infância que a sepultura era de uma cigana negra que tinha morrido por maltratos impingidos pela polícia local e outras pessoas da comunidade. Antes de falecer, rogou a

[49] *Tiro-de-guerra, era um centro de instrução militar e formação de reservistas do Exército, destinado aos cidadãos que, por qualquer motivo, não se incorporam às unidades regulares.(Dicionário Aurélio)*

famosa "***praga***" que a cidade não progrediria por cem anos! Parece que a maldição pegou...!

Outros idosos consultados já afirmavam que "ouviram contar" que a mulher estava grávida e foi presa; ou, ainda, que era tia do negro Trajano, do bairro dos Lopes, um tipo popular que viveu na cidade. Havia também uma outra versão de que morrera num surto de "bexiga" aqui ocorrido. Os "causos" confusos se misturavam, ainda mais, com o enfrentamento aqui acontecido em 1920, quando a polícia chefiada pelo delegado Aureliano Palmeira e alguns civis expulsou uma caravana de ciganos que estava acampada nas imediações da cidade. Embora o fato não tenha nenhuma relação com a morte da cigana (ocorrido muitos anos antes), surgiram ilações fantasiosas, ligadas à imaginação popular, que aumentaram a falta de clareza do assunto. O imaginário sobrepunha à realidade.

- *O "túmulo da cigana", assim conhecido, é o mais procurado e visitado no cemitério local, onde as pessoas fazem suas orações e pedidos, acreditando fielmente nas graças recebidas. Porém, o fato mais surpreendente surgiu quando ouvimos o ex-coveiro José Augusto de Oliveira (o Zico), já aposentado, e que ali trabalhou por muitos anos. Perguntado sobre a "história da cigana", confirmou que, embora os comentários fossem os mais diversos, a lápide ali existente foi colocada por um homem de " fora ", de outra cidade, um pedreiro ou empreiteiro que veio montar um túmulo aqui e que se interessou pelo caso. Retornou algum tempo depois com a inscrição numa pedra, onde consta o nome da morta e o ano do óbito: "Ana Silveira - 1895", dizendo que obtivera os dados através dos seus poderes mediúnicos, em uma sessão espírita..!.*

A verdade é que, consultados os livros do cartório local, nenhum assentamento foi encontrado e a dúvida aumentou ainda mais. História ou lenda! Fato verídico ou folclórico? Não existem provas, mas o povo acredita e até já se fala em milagres...! Só nos resta dizer, com alívio, baseado na data dada pelo do "médium": ***"ainda bem que a praga acabou em 1996"*** e que acordem os nossos governantes, pois a maldição sempre foi desculpa e o escudo para justificar a inoperância e a falta de perspectiva para o desenvolvimento de Porangaba". Vale como registro, acredite se quiser..! ***Deixemos a cigana em paz...!***

- **Nhandica**

"Nhandica, mulher corajosa, morava com toda família lá pelos lados do Monjolão, bairro do Estreito, (hoje na divisa Torre de Pedra/Guareí),onde possuía uma grande propriedade.[50] *Tida como mulher rica, plantava e tinha criações. Exercia o matriarcado com rigidez, era até curandeira e parteira. Naquela época, o padre que atendia o povoado vinha de Tatuí, periodicamente, para atender os fiéis para casamentos, batizados, etc. Numa dessa ocasiões, previamente marcada, Nhandica à frente de uma comitiva de parentes, moradores do bairro e amigos, veio para a vila trazendo uma filha para casar. Ficou tudo acertado que, após a cerimônia, retornariam para a tradicional festa do casamento. Logo que chegou, a decepção foi enorme, pois o padre não viera pelo fato de estar chovendo copiosamente, há mais de uma semana, pelos lados de Tatuí. Que fazer! Mulher de iniciativa, após breve descanso, numa decisão impetuosa ordenou o retorno imediato da comitiva, levando também o noivo. Já na estrada, ainda perto do povoado, mandou parar o cortejo, chamou os noivos e resolveu, ela mesmo, celebrar o casamento, dizendo: - "Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Quem ama com fé, casado é" Declarou os noivos casados, sacou o revólver e deu três tiros para o alto. Seguiram para a festa. O casal teve filhos, foi muito feliz e viveu muitos anos...".*

- **Avião - queda**

"Num dia de festa, que não soube precisar qual foi, um avião monomotor pousou na cidade,[51] *no*

[50] *(Caso contado pelo saudoso Luiz Miranda, ouvido de seu pai Silvério, acontecido com certeza antes da vinda do primeiro padre residente para a Bela Vista de Tatuí)*

[51] *(Caso contado pelo sr. Ordolino Mariano de Arruda (Dalico), ocorrido no ano de 1942 e por ele testemunhado. Comprovadamente, trata-se do primeiro avião que aterrisou em Porangaba, no dia 11/11/1942. Era de propriedade do sr. Nico Gonçalves)*

.....

Eu tinha 7 anos e me lembro bem que, depois de muito insistir, minha mãe autorizou o vôo junto com a Maria,, filha do João Rosa, que trabalhava na minha casa. Foi um passeio inesquecível, que me encheu de orgulho por sobrevoar Porangaba e imediações, e ainda hoje, passado tanto tempo, sou capaz de descrever detalhadamente o roteiro. Onde andará a Maria, a minha protetora na emocionante aventura...! (jmd)

terreno do Nhô Jango Mendes, perto do cemitério. O piloto era Nico Gonçalves e o motivo da vinda foi para atender as pessoas que quisessem voar alguns minutos mediante o pagamento de uma quantia em dinheiro. A procura foi grande e muitas pessoas mataram a vontade num vôo rápido, panorâmico, sobrevoando a cidade, os sítios e fazendas. Dalico, junto com o amigo Carlinhos Fidelis, seu vizinho no sítio, já tinham "voado", tomado umas e outras, e estavam cheios de coragem. Retornaram ao campo para incentivar alguns conhecidos que pretendiam "andar de avião". Lá estavam na fila de espera o Lazinho Diniz, o Silvério Miranda e outros, quando, subitamente, chegou o valente Juvenal Carro que, também, encorajado pela pinga, pediu licença para passar na frente, pois queria ver de cima o bairro onde morava. Diante da insistência foi autorizado e se instalou no avião. O piloto Nico iniciou a subida e todos ficaram olhando; o avião atingiu grande velocidade, mas não subiu o suficiente e, ao ganhar pequena altura, caiu de repente e bateu numa cerca. Houve uma pequena explosão e surgiu fumaça preta em quantidade. Todos correram para o local e viram que o piloto e o passageiro nada tinham sofrido, mas estavam assustados. Os danos foram somente materiais, com a quebra da hélice, pequenas avarias na asa e na fuselagem. O medo foi enorme e o passageiro Juvenal, já curado do"pileque" pelo susto, queria de volta o dinheiro, alegando que não tinha ainda "andado de avião". Diante da recusa, deixou o local aborrecido ao se lembrar que o prejuízo fora muito maior, pois o dinheiro estava reservada para comprar um par de botinas".

- O jornal Progresso de Tatuí, de 13/12/1942, noticiou: *"Em pleno pasto, aterrou no dia 11/11/42, o avião de propriedade do sr. Nico Gonçalves. Dia 14 voltou novamente e realizou aqui muitíssimos vôos com os interessados. O campo foi ligeiramente preparado pela Prefeitura".*

- **Avião - pouso emergencial**

A população local ficou assustada e alvoroçada num certo dia à tarde, lá por 1948, quando um pequeno avião monomotor, modelo Paulistinha, voava muito baixo, em investidas rasantes sobre a cidade e era possível ouvir os desesperados gritos do piloto pedindo a indicação de um local para pouso. Era uma emergência e as pessoas, diante do fato inusitado, saíam às ruas e acompanhavam as evoluções da aeronave. Os moradores, surpresos, ficaram sem ação, mas o srs. Lazinho Diniz e João Mendes tomaram a iniciativa de montar em seus cavalos e em debandada carreira, sinalizando com lenços coloridos, rumaram para o alto do cemitério, para o lado do "pasto" do Nhô Jango Mendes, cujo local por ser plano, gramado e extenso foi indicado para a descida. Em pouco tempo, o piloto conseguiu ali chegar e efetuou o pouso sem qualquer acidente. O avião, praticamente, plantou-se no chão, o que provocou pequenas avarias. Imediatamente, chegaram muitas pessoas ao local e, próximas da aeronave, ouviram o piloto muito tenso explicar que não possuía mais combustível. Contou que era piloto do Aeroclube de Bauru; retornava de Poços de Caldas e que enfrentou forte tempestade, daí o desvio da rota. Seu nome: Nelson Zanirato, de tradicional família de Agudos, SP. Recebeu a ajuda possível dos porangabenses, do prefeito municipal, consertou o avião e, depois de dois dias prosseguiu viagem. A satisfação foi geral...".

- *Estudava em Agudos naquela época e, surpreso, recebi a visita do piloto Zanirato no Internato Masculino. A pedido de meu pai, foi me contar o ocorrido e falou de sua gratidão aos porangabenses pela atenção recebida. Fiquei muito orgulhoso pela hospitalidade dos meus conterrâneos. Jmd.*

- **Apicultura**

Existiam aqui, lá por 1920, alguns criadores de abelhas que vendiam mel e a produção era razoável. Bonifácio Quebra e Joaquim Colaço se destacavam. Este último, irmão do açougueiro José Colaço, fazia a criação em sua pequena chácara nas proximidades da cidade. Mantinha mais de 300 caixas espalhadas pelo pomar, local com muitas árvores frutíferas e, também, bastante flores. Pessoa de fala mansa e cantada, atencioso para com as crianças, tinha no seu linguajar lusitano característico, sem qualquer tipo de malícia, o costume de tropeçar nas palavras quando falava, cometendo sonoras cacofonias que deliciavam os seus interlocutores. O seu Joaquim, na sua pureza d'alma, não percebia a maldade das pessoas. Como nos afirmou o saudoso poeta Onozor Pinto da Silva, frequentador da chácara e amigo de seus filhos: "a *inconsequência de nossa infância chegou a criar situações de constrangimento ao seu Joaquim e, decorrido tantos anos, lembramos com arrependimento do que fazíamos para amolar os nossos próprios*

amigos. Coisas de criança. Perdoe-nos estimado e respeitoso lusitano, de tão querida lembrança...".

- **As Prostitutas**

Os homens sempre procuram enaltecer as suas proezas masculinas e, no passado, não foi diferente. Imaginem numa cidade pequena os comentários que surgiam sobre as "prostitutas" que para lá se dirigiam nos dias festivos. Era um alvoroço total. Alteravam os costumes. Mudava totalmente a rotina do lugar. A sociedade em si era rígida nos costumes e os jovens (e muitos homens casados !) viam na chegada das "raparigas" a válvula de escape para satisfazer os seus sonhos e fantasias. Quanta mulher bonita, meu Deus !, era o que mais se ouvia dizer. Tudo ocorria como em qualquer comunidade pequena, em qualquer parte do mundo. Porangaba não fugia à regra. Homens, mulheres alegres, jogos e muita bebida, desavenças, crimes, etc., montavam o cenário apropriado. Baseado num falso moralismo, seria ingênuo dizer que não tivemos "meretrizes". É certo que apareciam por ocasião das festas populares, nos agrupamentos que se formavam nas "raias" de corridas de cavalo, mas muitas chegaram até a se fixar por aqui, onde viveram, mais ou menos, isoladas e marginalizadas, praticando o seu comércio e virando a cabeça de muitos "machões". Estiveram por aqui até meados do século passado e, depois, sumiram. Muitas chegaram a mudar de vida e se integrar totalmente no meio social, casando, formando famílias respeitáveis.

Transcrevemos a feliz narração do saudoso conterrâneo Urbano de Miranda, em seu trabalho: ***"Eu e os tempos antigos de Porangaba",*** sobre o assunto em questão:

A narrativa, supostamnte irreverente, não deverá provocar melindres. Ferir susceptibilidades. Vou me referir à mundana da cidade. Olhava para ela como se estivesse a cometer um delito, num relance. Exercia a profissão mais antiga do mundo. Somente à noite. Sem trejeitos exagerados, decotes avançados. Vestimenta discreta. Pouca ou quase nenhuma pintura. Reservada e calada perambulava pela cidade, nas horas de menor movimento fazia suas compras na padaria, no açougue, nas lojas. Não cumprimentava, nem recebia cumprimentos. Sem complicações com a polícia, não admitia concorrentes. As que chegavam, eram logo despachadas de volta. Conseguiu o impossível, neutralizar normalmente as línguas das beatas e puritanas. O padre jamais se referiu a ela em termos candentes, nem reprováveis. Como Maria Magdalena foi, certamente, perdoada. Está no céu. Retiro, com muito amor, a adjetivação pecaminosa. Ela não merece".

A respeito da mesma personagem, registramos prazerosamente o que dela escreveu o advogado porangabense Gentil de Oliveira:

- *"Remanescente, na minha época (anos 1935-1945) na prática da mais antiga profissão do mundo. Exercia com muita proficiência seu mister na Vila Piragibu, para onde iam os adolescentes para a iniciação ao mundo do sexo. Eu também fui iniciado por ela, mediante a paga de alguns mil réis e confesso que nada tenho a reclamar de seus trabalho. Fê-lo com muita técnica, inobstante a minha inibição e natural constrangimento de garoto caipira. Não era bonita. Era miudinha e apresentava no rosto de maracujá de gaveta sinais de cruéis sevícias deixadas pela idade. Estava ela, naquela quadra da vida, em que deixa de ser* ***sexy-appeal****, para ser sexagenária, mas desempenhava muito bem o trabalho que se propunha fazer. Também ela, ninguém ficou sabendo de onde veio e para onde foi...!"*

A casa de prostituição, lá pelos anos de 1938/39, aproximadamente, funcionava quase no centro da cidade. Ficava numa casa à rua Braz Gica da Paz, quase na esquina com a rua coronel Joaquim de Miranda, e que hoje não mais existe. A zona era comandada pela Cindinha, a mais famosa, e as outras mulheres eram: Curuta, Maricota e Marina. Depois, após 1940, funcionou numa casinha de barro, na saída para Bofete, no Piragibu, e dois nomes são lembrados: Leopoldina (Purdina) e Glorinha. Bastante discretas, eram também aceitas pela comunidade. Não durou muito tempo.

99. Tipos Populares

Hoje,(2004) temos o Adão e já lembramos com saudades do Zequinha, mas a figura do momento é, sem dúvida, o Ângelo. Cativante, ingênuo, pacífico,infantil, inteligente, dependendo do interlocutor, da gozação ou de um pedido não atendido, mostra agressividade

Nas vilas, povoados, bairros, pequenas e grandes cidades, em toda parte enfim, sempre encontramos os tipos populares que, independente do nível cultural e sócio-econômico, são pessoas rotuladas como curiosas, grotescas, inconsequentes, até maníacas e que chegam a ser agressivas, mas, muitas vezes são ingênuas e pacíficas. [52] Na maioria, inofensivos, mas, via de regra, são sempre alvos de chacotas e caçoadas da criançada e de muitos adultos. Quando provocados, têm as mais variadas reações, do grotesco ao hilariante, do cômico à agressão, uma xingação danada. Passada a tormenta, na calmaria, todos têm a sua historia para contar e, então, alguns mostram um certo grau de cultura, polidez e educação. Alguns nomes que fazem parte do folclore de Porangaba: *Norinho, Salvador Vaca, Maria Vermelha, Zé Lima, Bento Mimi, Pedro Cavalheiro, Joaquim Baiano, Maria Cotó, Joaquim da Costa (do bairro dos Mariano), Trajano, Jesuino, Maria Gato (morava com a nhá Tomázia, era lavadeira e a torradeira de café mais requisitada),Surdinho, Chico Peludo, Amador Florentino, Larico, Avelino Albino, Nhá Eulália, Francelino da Barra (solteiro, andarilho pelos bairros do município, tinha uma perna atrofiada e vivia de ajutórios), Chica Pereira, Quim Pic Toc, Lazinho Matarazzo, Zé Tamanduá, Tico Carrité, Cassião das Partes, Mandioca, Zequinha*, *Adão da Serrinha, Ângelo e outros.*

[52] Sebastião de Almeida Pinto, no livro "No Velho Botucatu", abordando o tema, escreveu: *"Em todas as cidades sempre existiram os tipos populares. Quando se observa a alma das ruas, a nossa lembrança aponta logo os tipos que mais impressionaram nossa infância. E surgem os bêbados, os semi-loucos, os vagabundos, os malandros (às vezes indivíduos normais) comportando-se como marginais e divertindo o povo com suas maluquices e excentricidades".*

<u>Pedro Cavalheiro</u> - Figura notável à sua época. Depois de fazer a ronda dos bares, onde se embebia de muita boa idéia, ia para um dos bancos do jardim da praça, pondo-se a dizer poesias românticas e clássicas; quase sempre de Fagundes Varela, assistidas por nós os jovens sonhadores, iniciados por ele, no romantismo caboclo. Terminada a sua declamação, vociferava, entre gestos e perdigotos: "Vocês não sabem o que é ter sentimentos". Nunca fiquei sabendo, de onde veio? Família de quem? Como vivia? Merece uma pesquisa mais profunda a respeito. (Colaboração do conterrâneo dr. Gentil de Oliveira)

- Pedro Cavalheiro era daqui mesmo e sempre viveu de pequenos serviços; foi ajudante em armazéns, comprador de aves e ovos, lavrador. Participou de revoluções e, antes de tudo, foi um boêmio e romântico. Seresteiro, conhecia o cancioneiro brasileiro como ninguém, cantando com desenvoltura as composições de Paraguaçu, Catulo da Paixão Cearense e J.Pernambuco. Na Revolução de 1924, foi promovido a cabo por ato de bravura. Faleceu em Porangaba em 1948.

<u>Chica Pereira</u> – Conheci-a perambulando pelas ruas da cidade, com seu andar desengonçado, em virtude de deficiência física, de nascimento talvez. Com suas mãos e dedos esquálidos e sujos, se apoiando nas paredes para se locomover, enquanto proferia vitupérios. Era conhecida de todo mundo, mas eu nunca fiquei sabendo nada de sua origem, como vivia e que foi feito dela, depois que parti de Porangaba. Creio, que ela deve ser objeto de pesquisa. Afinal era uma figura marcante do inocente folclore porangabense. (Colaboração do conterrâneo dr. Gentil de Oliveira).

- A Chica Pereira também era porangabense. Morava numa casinha de barro, na esquina da atual rua Brás Gica da Paz com a rua Bernarda Maria da Conceição, no terreno onde está a SABESP, perto do antigo "lixo" (local onde, antigamente, era despejado o lixo recolhido na cidade). Quando a conheci, já vivia sozinha, com a ajuda de algumas pessoas; a mãe já havia morrido. Teve uma irmã, a Leontina que faleceu bastante jovem. Gostava de bater papo e, logo que deixei Porangaba, fiquei sabendo que se tornara mãe solteira, cuja criança fora entregue à uma família de Tatui. A Chica passou seus últimos dias naquela cidade e faleceu no Asilo São Vicente de Paulo.

Jesuíno – Precursor do uso de saia para homem. Era assim que ele se vestia; puxando uma miniatura de carro de boi, sobre o qual trazia sua mudança. Suas aparições em Porangaba eram cíclicas. Vinha, se ia, sem que a gente percebesse. Era um mulato, baixinho e gordo, muito caricato, sempre brigando com a molecada que o apupava, atirando-lhes pedras e xingamentos. Pedia comida aos moradores, ficava alguns dias na cidade e depois partia com seu carrinho para onde? Nunca fiquei sabendo. (Colaboração do conterrâneo dr. Gentil de Oliveira)

- Depois de 1947, quando saí de Porangaba, nunca mais ouvi falar do Jesuíno, cujo nome, na minha infância, me assustava. Muita vezes, com meus amigos de infância, chegávamos a importuná-lo nos quintais e casas abandonadas em que se instalava, mas éramos sempre expulsos com certa rudeza e debaixo de pelotadas, pois era imbatível no uso do estilingue e que jamais abandonava. Existiam momentos de trégua, quando nos aproximávamos e mantínhamos, inclusive, conversa. Era uma figura estranha, entroncado, forte, que perambulava pelas cidades da região. Ouvi dizer que era de Conchas.

Larico Babão - Anos 30/40. Babava constantemente, ininterruptamente. Miúdo, magro, feio e dentuço. Excitado, mostrava seus grandes dentes salientes e no rosto indefinido se era de alegria ou tristeza. Perambulava pelas ruas e, quando parado, ficava sempre de cócoras observando tudo atentamente. Dormia onde lhe davam pouso, no paiol, na casinha do fundo ou em alguma fresta da casa. Gostava e muito de ficar de cócoras à porta das Igrejas de Santo Antônio e São Roque. Ali dormia acocorado fizesse frio ou chovesse. Certa feita, sentado na entrada da Igreja de São Roque, um cão lambia sua baba e ele, Larico, amaciava lentamente o seu pelo. Emulação do próprio São Roque, cuja imagem tem aos pés um cachorro. Todos na cidade o conheciam; manso, de uma mansidão cativante, serviçal, atendia a todos que o procuravam com fidelidade canina em troca de um prato de comida ou uma xícara de café. Seus pais? Ninguém sabia. Muito menos ele. Quando lhe perguntavam onde nascera, respondia: na beira do rio Feio, ao pé de uma goiabeira. Larico Babão que só consigo ver na minha saudade, beleza de minha infância, quero dizer que sou seu irmão.Nascemos na mesma cidade, na doce, terna e querida Porangaba. Somos filhos do mesmo Pai Celeste que nunca deixou de nos assistir. Larico, no céu continua a ser meu irmão.Meus 82 anos completos indicam que logo estarei perto de você, isto se Deus me quiser. Espere-me Larico,sem babação. (Colaboração do conterrâneo dr. Urbano de Miranda)

- O Larico era de Guareí. Seu nome: Vilarino de Souza. Tipo popular, viveu muitos anos como agregado da Família Nogueira, antes com o patriarca Pedro Nogueira e depois, até sua morte ao lado do Mário Nogueira. Fazia pequenos serviços. Se provocado, e o que acontecia sempre, agia rapidamente e era hábil em atirar pedras com voracidade sinistra; a sua esquerda era certeira. Possuía também qualidades; era educado, leal, respeitava as pessoas, as famílias. Gostava de música e tocava na banda; era o bumbeiro oficial.

*Quim Pic Toc - O apelido pegou e todos, na cidade, o conheciam por **Quim Pic Toc.** Talvez pelo "toque" da muleta que o ajudava a caminhar. Usava somente uma. Não me lembro qual braço a apoiava e nem da perna atrofiada. Aleijado numa das pernas, desde criança, não tinha nenhum tipo de revolta e nem era irascível pela deformação. Contavam as pessoas íntimas que o defeito foi em decorrência da queda de um banco, ainda na infância, cuja lesão mal tratada pelos pais, provocou o enrijecimento. Não houve atendimento médico e, por falta de recursos, foi cuidado na própria casa, na base de hervas, garrafadas e outras terapias pouco recomendáveis. O menino somente recomeçou a andar com a ajuda de um bastão e não o largou mais.*

- Chamava-se Joaquim Pires Lopes. Veio do sítio, do bairro dos Florentino, onde nasceu e viveu grande parte de sua vida. Já adulto, trabalhou na lavoura (capinava e roçava) e em serviços mais leves. Não carregava nenhum tipo de complexo; era pessoa simples, produtiva. Como lazer, gostava de jogar "bola", sempre como goleiro. Era curioso vê-lo jogar, debaixo das traves, com arrojados saltos, numa perna só, apoiado na muleta, para alcançar a bola. Tornava-se, sempre, a atração maior. Respeitado na comunidade, participante, tinha muitas amizades. Chegou a se aposentar como trabalhador rural. Morou muito tempo numa casa da prefeitura, ao lado do velório municipal, onde era visitado e recebia a ajuda de amigos. Solteiro, faleceu em Porangaba. Era primo da Chica Pereira e do João Bunda, pessoas bastante populares da cidade.

Fabio Eduardo, o Fábio do Bazinho

Popular, a inclusão de seu nome na relação dos atuais "***tipos populares***" da cidade, é uma simples

homenagem para um jovem especial pela sua força de vontade - um verdadeiro guerreiro.

Fábio Eduardo é um jovem irrequieto, conhecido como Fábio da Bicicleta ou Fabião. Filho de Bazinho Spínola (falecido) e da Célia do Tico, nasceu em 16/03/1974 na cidade de Itatinga. Ao conhecê-lo, todos, indistintamente, notam que é uma pessoa especial. É deficiente físico de nascença, mas totalmente diferenciado, inteligente e produtivo. Mostra força de vontade invejável para viver e vencer obstáculos e, aos poucos, vem dominando as deficiências e se tornando independente. Alegre e prestativo, não se abate facilmente e gosta de participar de encontros de motoqueiros (viaja sempre, com a ajuda da família às cidades vizinhas onde são realizados os eventos). Gosta também de rock and roll (fã de Bon Jove) e de música sertaneja, os cantores Bruno e Marrone são os preferidos. Procura levar uma vida normal e merece todo o respeito e carinho da comunidade. A sua evolução tem sido extraordinária nos últimos anos, graças ao apoio do padrasto João Pedro, que o encaminhou para tratamentos de recuperação. Hoje, já consegue se comunicar e ser entendido. Portador de paralisia ainda na fase de gestação, a anomalia lhe trouxe seqüelas, dificultando a fala, a locomoção e a sustentação, mas, gradativamente, vem melhorando. Dedicado ao trabalho, procurou ser útil desde cedo, quando passou a vender roupas, bijuterias, cigarros, etc., a entregar jornais e panfletos. No início usava uma bicicleta adaptada e, atualmente, conduz um triciclo motorizado, que lhe foi doado, por iniciativa da Rádio FM Porangaba, na pessoa do diretor Elias Marques, com o apoio da Prefeitura Municipal, cuja campanha envolveu grande parte da comunidade. Atualmente, vem fazendo tratamento e acompanhamento na AACD – de São Paulo, e a recuperação é visível, pois com um andador articulado, apesar das dificuldades, já consegue se locomover sozinho.

100. Iluminação Pública (lampiões a querosene)

Não sabemos a data exata em que foi implantado o sistema de iluminação pública, com lampiões, na "Bella Vista de Tatuhy". Foi, provavelmente, nos últimos anos do século 19 e, até a chegada da luz elétrica, a iluminação noturna dos logradouros públicos era feita com lampiões a querosene.

No início, o serviço de manutenção era executado por particulares, contratado através de concorrência publica e custeado pela Câmara Municipal de Tatuí. Nos anais da edilidade tatuiense encontramos algumas referências orçamentárias, a partir de 1899, sobre a iluminação pública no distrito.

Lampião a querozene que existia antigamente na esquina da atual rua Segismunda Machado com a praça Joaquim da Costa Machado, (hoje, casa do sr. Benedito Leme).

Ano - 1938

Em 1903 existiam 12 lampiões espalhados pela vila e "a proposta melhor, na concorrência feita em janeiro daquele ano, foi a de Leandro de Moraes e Silva ". [53]

- *Eram acesos ao anoitecer e ficavam em pontos estratégicos da cidade. À meia noite eram apagados. Um dos primeiros encarregados pela manutenção (responsável por acender e apagar) foi Leandro de Moraes e Silva; depois tivemos Francisco de Paula Vieira de Camargo (Chicuta), Pedro Crispim Rodrigues e, finalmente, já nos anos 40 do século passado, Antônio Brizaco (o último, conhecido por Antônio Jaco).*

[53] O jornal "Cidade de Tatuhy", de 08/02/1907, publicava o seguinte edital: "*Iluminação em Bella Vista - Eu, Benedito Pereira Machado, Diretor da Secretaria Municipal de Tatuhy, etc.... pelo presente, fica aberta a concorrência para a iluminação pública de Bella Vista, durante o ano vindouro. As propostas deverão ser entregues nesta Secretaria até às 11 horas do dia 21 do corrente, devidamente assinadas, fechadas e lacradas. As cláusulas são as seguintes: 1º. a quantidade de lampiões e o preço total do serviço; 2º. o emprego de materiais de primeira qualidade; 3º. o horário de começar e terminar o serviço diariamente, quer no Inverno, quer no Verão; 4º. sujeitar-se o proponente ao depósito na Recebedoria da Bella Vista da quantia correspondente à quota de um mes de serviço para garantia do contrato; 5º. a fazer acompanhar à proposta a quantia correspondente a 10% sobre o valor dela, para garantia da assinatura do contrato, a qual será, oportunamente, restituída ao interessado. Quaisquer informações poderão ser colhidas na Secretaria Municipal. Secretaria Municipal, 07 de dezembro de 1907. a) Benedito Pereira Machado.*

A partir de 1928, com a emancipação política de Porangaba, o serviço ficou a cargo de funcionáios da prefeitura. Em 1930, por exemplo, a rua de cima (atual professor Antônio Freire de Souza) tinha 5 lampiões e a rua de baixo, (atual 4 de Junho), 7 lampiões, instalados nas esquinas e no meio dos quarteirões, fixados nas paredes das casas.

> *"Ao escurecer, vinha com andar apressado, escada às costas, no seu falar manso, a abastecer e acender um a um. É certo que algumas vezes se deparava com as malvadezas da molecada, que misturavam água à querosene, ou faziam outras diabruras, mas nunca perdeu a paciência. À meia noite, retornava para apagar... Muitos ainda se lembram com saudades do Antônio Jaco".*
>
> *Onozor Pinto da Silva*

101. Coretos

Os coretos das praças públicas sempre funcionaram como palanques e eram onde as autoridades mandavam proclamar as leis, códigos e posturas; o pregão público, quando se formava o ***bando*** ou seja o ajuntamento de pessoas para se inteirar das decisões. Isso tudo ocorria no passado.

Depois, passaram a ser usados para as apresentações musicais, comícios políticos e outros encontros de caráter púbico. Serviram também para a reunião de desocupados e boêmios principalmente à noite, quando muita coisa de ruim acontecia, com desavenças e brigas. Aqui, não foi diferente, tivemos até crime de morte em pleno coreto, que foi bastante comentado na época. No Largo da Matriz, hoje praça Joaquim da Costa Machado, sempre existiu, e ainda existe, o coreto. Nas primeiras décadas do século passado, mesmo não havendo o jardim, (*falava-se no pátio da Igreja),* já existia uma plataforma bastante simples, diferente dos padrões atuais. Com o tempo, outros modelos foram surgindo.

Segundo Onozor Pinto da Silva : "*o primeiro tinha 2m de altura do chão ao piso; o segundo tinha 0,80m e foi construído pelo pedreiro Benedito Napoleão e Agostinho Cassetari". Ambos eram fechados com muretas. O atual foi construído no final década de 50 do século passado pelo pedreiro Murilo Alves Seraphim".*

O último, em alvenaria, foi demolido recentemente com a construção da nova praça. Temos hoje um "coreto moderno", inteiramente metálico.

No antigo Pátio de São Roque, atual praça Francisco Pássaro, foi construído um coreto em ferro moldado, estilo colonial, algum tempo depois da demolição da capela em 1957. Desconhecemos sua utilização e se houve, até hoje, qualquer ato público no local.

Com o "*projeto moderno de urbanização"*, imposto pela municipalidade na gestão do prefeito São Pedro, alterou-se profundamente a praça principal. Obra polêmica, criticada por alguns e elogiada por outros, deixou de lado o "tradicional" e a novidade foi simplesmente implantada sem qualquer consulta prévia aos munícipes. A vontade de mudar foi tanta que o "marco do centenário", o único monumento histórico da cidade, com as placas comemorativas alusivas à data, foi simplesmente detonado e sumiu. A história local foi, mais uma vez, desprezada e esquecida. Felizmente, na gestão do prefeito Dito Machado, atendendo apelo popular, a placa alusiva ao centenário voltou à praça. Coisas da política local...!

102. Nomes antigos das ruas

Sem nenhuma preocupação com a história e a memória de Porangaba, os governantes (prefeitos e vereadores) foram mudando, pouco a pouco, os nomes de ruas e logradouros públicos da cidade. Como num jogo de xadrez, foram mexendo na tabuleta e eliminando peças para satisfazer vaidades pessoais. Denominações tradicionais, históricas foram alteradas, esquecidas e, em certa época, todas as ruas, com exceção da via principal, foram nomeadas com letras alfabéticas, porque "caminhávamos para a modernidade, defendia o pai da proposta". Um absurdo imposto pela edilidade, que aprovou a estúpida proposição. Não vingou por muito tempo, porque os mais esclarecidos perceberam o desrespeito cometido contra a história local e tudo voltou como era antes. Mas, infelizmente, nas legislaturas seguintes foi muito pior pelo desmedido espírito gregário dos vereadores em aparecer e, sobretudo, homenagear parentes próximos e amigos falecidos, não levando em consideração os currículos dos indicados; predominou o compadrio e o nepotismo. Infelizmente, aconteceu no passado e continua no presente. A prática adotada é vergonhosa para nós todos, o assunto exige mais seriedade e deve ser tratado com cautela.

- *A nomeação de ruas e logradouros é para datas históricas; para registrar*

nomes antigos de locais e de atividades tradicionais ligadas aos usos e costumes; para marcar atos e fatos dos passado; para homenagear pessoas simples ou de destaque, até folclóricas, que fizeram alguma coisa pela comunidade, ou pelo exercício de cargos importantes ou que se destacaram no comércio, nas atividades sociais e culturais, de benemerência, etc., que fazem parte enfim da história do município com o reconhecimento público.

A atitude gregária, protecionista, adotada pela Câmara nas últimas legislaturas, desprezou nomes importantes da história local; pessoas que lutaram pelo município e se destacaram em suas atividades e, hoje, são totalmente desconhecidas.

É lamentável e inconcebível que tenham ignorado completamente os nomes a seguir relacionados:

- *Pedro José, Francisco Manoel de Oliveira, Manoel Isidoro Brenhas, Leandro de Moraes e Silva, Salvador José da Silva, Vicente Moraes, Francisco Alves (**fundadores**);Paulino Alves Barreto,Cândido Silvestre Domingues, Feliciano do Amaral Camargo, Ignácio Nunes da Silva; Francisco Nunes da Silva, João Nunes da Silva, Policarpo José Gomes; Ignácio Xavier de Freitas, Antônio Ribeiro Bueno, Ignácio José de Oliveira, cônego Demétrio Leopoldo Machado, vigário de Tatuí, deputado; Simão José de Oliveira (o nosso primeiro intendente), tenente Antônio Paulino Telles (o primeiro Juiz de Paz), dr. Laurindo Dias Minhoto (senador), capitão Francisco da Silva Cardoso (o segundo intendente), alferes Firmino Olindino de Mello Palmeira (dentista, professor primário, sub prefeito, o primeiro presidente da Câmara Municipal de Porangaba), padre Francisco José de Miranda (o primeiro professor de primeiras letras da escola masculina), América Kuntz Cardoso (a primeira professora de primeiras letras da escola feminina), padre José Gorga (o primeiro sacerdote católico), pastor José Zacarias de Miranda (o primeiro pastor presbiteriano), comerciante João Afonso Pereira (juiz de paz} Benedito Novaes (juiz de paz), Acácio Vieira de Camargo (o primeiro diretor do Grupo Escolar), padre Ângelo Lemarchad, Bento Manoel Domingues, Josias do Amaral Camargo, Simeão Siqueira Cleto, Afonso Avallone Júnior, Antônio Nunes da Silva, Justiniano Vieira Pinto, Francisco Cubas de Miranda, Otávio Hermelino Soares, Salvador Leme de Souza, Juvenal Nunes Pereira, João Faria de Paula, padre Ambrósio Marks, padre Antônio Dragone, padre José Pássaro, Pedro Domingues Nogueira, José Martins, Domingos Martins, João Bassói, Giocondo Rossi, Cezário Maurício, João Nucera (Carmelo Nuchera), Luiz Angelini, Manoel Ignácio São Pedro, Dioníso Parga, tenente-coronel Francisco de Paula Vieira de Camargo (Chicuta), Honorato da Cruz Falkenback (prefeito municipal), major Leonidas da Silva Cardoso (porangabense, prefeito de Botucatu), Epaminondas Mello do Amaral (porangabense, pastor presbiteriano), Abimael Amaral (coletor estadual), João Paes da Silva (o homem do cartório), João Bueno de Miranda (Nhô do Correio), Antônio Sebastião Vieira (vereador e presidente da Câmara Municipal), Eugênio de Jesus Antunes (diretor do grupo escolar), Antônio Brizaco (Jacó) (funcionário municipal), Ozório Tavares Paes (escrivão),dr. Aniz Boneder (médico), dr. José Celso Nogueira (médico), dr Jorge Assef Amad (médico), dr. Ivo Pástina (médico), Anélio Bassoi (delegado geral da Polícia), Luciano Felício Biondo (diretor do grupo escolar), Roque Soares de Almeida (maestro), Pedro Nogueira Filho (músico de destaque), João Sebastião Vieira, padre Valêncio, pastor Abel Pires do Amaral, pastor Eli do Amaral Camargo, Onozor Pinto da Silva (poeta), Guilherme Wagner, Elias Fadel Fadel (comerciante de destaque), Mizael Ribeiro (cerealista), Mário Mendes, Alfredo Ares (funcionário municipal), Ítalo Ado Biagioni (funcionário municipal), etc.*
- *Figuras populares: Pedro Cavalheiro, Trajano, Jesuíno, Chica Pereira*
- *Nomes de locais antigos – poço do Boava, da Bomba, Pocinho, Matadouro, Lixo, etc.*
- *Os nossos expedicionários da FEB.*

Cabe à Câmara Municipal de Porangaba corrigir tão impopular sistemática de nomeação de ruas e logradouros públicos atualmente adotada, que é polêmica e abertamente criticada pelos munícipe, e até poderá resgatar os nomes do esquecidos. É possível, desde que haja boa vontade, seleção e programação à indicação nos próximos empreendimentos imobiliários, loteamentos e condomínios, reservando-se, sempre, 50% das futuras ruas (novas) para os nomes "desprezados" até que se completem as nomeações. ***Muitos dirão com razão, não temos ruas suficientes para tantos nomes, mas a solução poderá ser alcançada a longo prazo, mesmo porque seria impossível no momento.*** É a maneira simples e racional para corrigir, desde se crie uma lei

municipal específica, com a relação e históricos dos indicados. Vale como sugestão.

Nomes de ruas, avenidas e praças da cidade de Porangaba – Junho/2004.

Avenida prefeito Luiz Manoel Domingues, avenida deputado Narciso Pieroni, praça Francisco Pássaro, praça prefeito Joaquim da Costa Machado, rua 4 de Junho, rua Bernarda Maria da Conceição, rua coronel Joaquim Miranda da Silva, rua prefeito Dassás Vieira de Camargo, rua Segismunda Machado, rua Estevão Maier, rua João do Amaral Camargo, rua João Machado da Silva, rua João Nunes Diniz, rua João Rosa de Oliveira, rua João Batista Mendes, rua Papa João XXIII, rua professor Antônio Freire de Souza, rua professora Geni Coimbra Domingues, rua Braz Gica da Paz, praça João Batista Mendes Neto, rua Alcina Soares Ramos, estrada Valêncio Augusto da Silva, rua Cesário Ribeiro Bueno, rua Ciro Alonso, rua Erasmo Pedroso de Oliveira, rua Marisa da Silveira Machado, rua Martinho Ribeiro Bueno, rua Murilo Alves Seraphim, rua Olívio Juliani, rua Osvaldo Fogaça Leite, avenida Cristino Manoel de Miranda, praça José Eugênio Grazioli, rua Isaias do Amaral, rua Francisco Patrocínio Sâo Pedro, rua Camargo Soares de Almeida, rua Ítalo Américo Biagioni, rua Luiz Antônio de Campos, rua Ataliba da Costa Ávila, rua Paulo Diniz Vaz, rua Nestor de Almeida Machado, rua Ovídio Oscar de Miranda, rua Oscar Carlos Avallone, praça prefeito Domingos Manoel de Miranda, rua Horácio Manoel Domingues (Horácio Cândido), rua Misael de Campos e Silva, rua Maria da Glória Campos Barros, rua José Correa Filho, avenida Lineu de Campos e Silva, rua Maestro Cezarino Antunes Correa, rua Luiz Biagioni, rua Dionísio José da Rosa, rua prefeito Benedito de Oliveira Vaz, rua Carlos de Almeida Machado, rua Eliza Schanz Grazioli, rua Amândio Luiz Fernandes, rua Francelino Soares de Oliveira, rua Inez da Conceição Juliani, rua Luiz Sola Ares, rua Henrique Pinto da Silva, rua prefeito Domingos Diniz Vaz, rua João Luiz de Paula, rua Benedito de Paula Leite, rua Antônio de Oliveira Pinto, rua Pedro de Paula Leite, rua João Machado Alves, rua Olímpio Sebastião de Miranda e rua João Paulino da Silva, praça Lourenço Augusto de Oliveira (Lourenço Leme), praça Maria Aparecida de Moura Martins, praça professor Maurício Barreto.

Alterações feitas no transcorrer do tempo, envolvendo ruas e praças da cidade:

Rua 4 de Junho *- a nossa principal via pública foi no passado o caminho para Botucatu, o caminho para Bofete, a rua do Meio e rua do Comércio;*

Rua professor Antônio Freire de Souza *chamou-se rua da Igreja, de Cima, XV de Novembro e W.8;*

Rua Segismunda Machado *– chamou-se antes rua do Cemitério, depois coronel João Machado da Silva e W.4;*

Rua coronel Joaquim Miranda da Silva *era conhecida como a rua de Baixo, depois 7 de Setembro e W.6;*

Rua Brás Gica da Paz *chamou-se primeiramente rua Direita, depois Jorge Tibiriça, jornalista Stélio Machado Loureiro, lº de Maio e W 5;*

Rua João do Amaral Camargo *chamou-se antes Prudente de Morais, Bernardino de Campos, W 3;*

Rua professora Geny Coimbra Domingues *era no passado a rua do Brejo, depois W.2 e XV de Novembro;*

Praça prefeito Joaquim da Costa Machado *chamava-se, Largo da Matriz, depois praça 26 de Dezembro;*

Praça Franciso Pássaro *era conhecida primeiramente como Largo do Cemitério Velho, depois foi o Pátio de São Roque por muito tempo e ainda a praça coronel Fernando Prestes;*

Avenida Cristino Manoel de Miranda *era conhecida como a rua do Matadouro e avenida Porangaba;*

Rua Bernarda Maria da Conceição *chamou-se primeiramente rua Nova, e depois da Palmeira, do Lixo, 21 de Abril e W 10;*

Rua João Rosa de Oliveira *chamou-se, inicialmente, rua do Pasto do João Boava; depois 13 de Maio e W.11;*

Rua Dassás Vieira de Camargo *chamou-se primeiramente rua Bela Vista e Travessa São Pedro, quando terminava no campo de futebol (hoje o Grupo Escolar Joaquim Francisco de Miranda); depois 7 de abril, W.13 e coronel Francisco Vieira de Camargo.*

Rua João Machado da Silva *- antes, rua Rodrigues Alves e W.9;*

Rua Estevão Maier *– chamava-se rua do Alemão, depois W. 1;*

Rua Cesário Ribeiro Bueno *– antes, rua Mato Grosso do Sul;*

Rua Murilo A. Serafim *– antes rua Minas Gerais;*

Rua Martinho Ribeiro *– antes, rua Pernambuco;*

Rua Ciro Alonso *– anteriormente, a parte de baixo, na direção do Ginásio de Esportes, chamava-se rua São Paulo;*

Rua Erasmo Pedroso de Oliveira – *antes, rua Sergipe;*

Rua Camargo Soares de Almeida *– antes, rua Santa Catarina;*

Rua João Nunes Diniz *– antes, rua padre Anchieta;*

Rua Marisa Machado da Silveira *– antes, rua Alagoas;*

Avenida Luiz Manoel Domingues *- antes, avenida da Saudade;*

Rua Alcina Soares Ramos *– antes, rua do rio Feio;*

Obs. Em mapas antigos é possível localizar a rua do rio Feio, que seria a continuação da atual 4 de junho, já na estrada velha para Bofete, que ia do trecho da esquina da atual rua Dassás Vieira de Camargo até a ponte do rio Feio.

103. Cariocas e Luzias

É provável que o bairro dos Cariocas tenha se formado, mais ou menos, no último quarto do século 19, quando chegaram os primeiros migrantes fluminenses (ou cariocas), daí a denominação. O grupo se restringiu a poucas famílias ligadas, quase com certeza, por parentesco. É o que apuramos e a busca mostrou certa lógica, pois aconteceu justamente quando houve o deslocamento do eixo cafeeiro do Vale Paraíba para o oeste paulista, com a vinda de lavradores à procura de terras férteis que permitissem diversificar as suas lavouras. Pouco tempo depois, quase na mesma época, surgiu aqui, próximo ao primeiro núcleo, o bairro dos ***Luzias***, também formado por famílias fluminenses. O fato também pode ser comprovado pelo simples exame de mapas antigos e através dos jornais de Tatuí. Eram já conhecidos ou foi uma simples coincidência o assentamento?; faziam os ***Luzias,*** como passaram a ser chamados, parte dos primeiro grupo?

Ao procurar entender o que ocorrera, notamos por acaso que um fato ligado à Revolução Liberal de 1842, pela intransigência do grupo conservador, vencedor, poderia estar relacionado com o nascimento do segundo agrupamento aqui no Rio Feio. Qual seria a relação do grupo aqui formado com o conflito? Não seria uma interpretação absurda ligar acontecimentos ocorridos duas décadas antes da fundação do povoado ?

A versão que nos parece aceitável é a seguinte: ao pesquisar a formação demográfica na região, consultando documentos, mapas geográficos, jornais antigos, etc., ***qual o significado de Luzias?*** Seria uma família? Os membros do clã eram simplesmente alcunhados ou assinavam? Hoje, sabemos que não era nome, nem sobrenome, mas o apelido dos migrantes que vieram depois. Não pretendemos modificar a história, nem impor como verdadeira, mas a hipótese é plausível.

O historiador Jorge Caldeira, na obra "Mauá, Empresário do Império", às fls. 170/171, ao escrever sobre a Revolução Liberal, destaca:

- *"Quando conseguiram afastar os desafetos e voltar ao poder pelas mão do rei, os conservadores lançaram-se com sede e raiva ao pote: anularam eleições, etc. Pressionados, os antigos liberais moderados não viram saída. Organizaram às pressas revoltas em São Paulo e Minas Gerais, contra o arbítrio do governo. Era o que os adversários queriam. Não levaram muito tempo para bater os mineiros em **Santa Luzia** e os paulistas em Sorocaba. Como para marcar a separação definitiva dos campos, os vencedores trataram de levar a luta para outras frentes.Nascia o Partido Conservador, auto-apelidado de "Saquarema", em homenagem aos seus principais líderes, fazendeiros escravistas da região da cidade fluminense de Saquarema. Os liberais agiram como puderam... Mas nunca puderam escapar do apelido colocado pelos algozes. Seriam os **"luzias"**, carregando no nome o peso da derrota nas armas em Santa Luzia. Criadas as marcas, os conservadores trataram de aplicá-las às pessoas".*

Fica claro, então, que o apelido pegou e seria carregado por algumas gerações...! Como os migrantes daqui eram fluminenses (mas conhecidos por cariocas), do interior do Estado do Rio de Janeiro, pode ter ocorrido o seguinte: a) deveriam pertencer ao grupo dos liberais ou ser descendentes de "luzias" fluminenses ou mineiros, sendo assim alcunhados; b) curiosamente, aqui o bairro passou a ser conhecido pelo apelido dos moradores e não pelos nomes verdadeiros; c) se faziam parte do primeiro núcleo (bairro dos Cariocas), a separação pode ter representado a discriminação e consequente segregação pelo antagonismo político. Pode até parecer uma simples conclusão, mas vale o registro, e ajuda quem queira se aprofundar na pesquisa.

104. Procissões e Verônicas

Antigamente, as festas religiosas eram os grandes momentos de interação social, comemoradas com procissões [54], missas, "te-déuns", com a participação de muita gente, os moradores locais e sitiantes. As ruas, por onde o cortejo passava, eram preparadas, limpas, iluminadas e às vezes decoradas. As festas de Corpus Christi, do Santo Padroeiro e da Semana Santa tinham os cortejos mais tradicionais, porém, ***a Procissão do Senhor Morto*** era a que mais impressionava pelo canto triste das ***Verônicas*** nas "estações ".

- *Trata-se da tradição cristã, quando a mulher de Jerusalém, chamada Verônica, enxugou com um pano (sudário) o rosto de Jesus, cuja fisionomia ficou ali estampada. O quadro representativo é repetido nas comemorações*

[54] *Segundo o Dicionário Aurélio, " procissão é a cerimônia religiosa em que sacerdotes e sectários de um culto seguem, geralmente em filas, entoando preces, levando expostas imagens ou relíquias dignas de veneração, etc.".*

católicas da Semana Santa, quando uma mulher, vestida de preto e coberta com um véu da mesma cor, leva o "santo sudário" e canta nas "estações" no caminho do calvário.

As comemorações da Semana Santa eram bastante concorridas. Além da banda de música que tocava as marchas fúnebres próprias, eram os cânticos das "verônicas" que mais emocionavam. Na procissão, o andor do Senhor Morto era carregado pela irmandade do Santíssimo e, em seguida, vinha a "Verônica", de preto, com véu preto, trazendo o sudário. Ao parar nas "estações", ao cantar, ia desenrolando e exibindo o rosto de Cristo estampado. Ao terminar, enrolava novamente e a procissão seguia.

- *Eis os nomes de algumas "Verônicas" de Porangaba; as mais antigas citadas foram: Arminda do Valêncio e Clementina Camerlingo, seguindo, depois, : Nêga do Aparício, Anunciata de Bonis, Lina de Bonis, Neguinha de Bonis, Maria Nogueira, professora Cotinha, Dirce do Pedreiro, Áurea Nunes, Matilde Martins, Corolina Falkenback (Carula), Araci Tomé, Elce da Florinda, Olivinha Machado, Lúcia Amaral, Raquel Nunes, Rute Alvarenga, Edite Novaes, Dinha Nogueira, Celinha Ribeiro, etc.*

105. A Festa de Santo Antônio

A tradicional festa religiosa do santo padroeiro, mesmo com o passar dos anos, ainda é a mais concorrida, sendo sempre esperada com júbilo pela comunidade católica. Ao voltar no tempo e rememorar as festas passadas, nada melhor do que o registro feito pelo conterrâneo Roque Miranda, no livro *"Porangaba e Meus Parceiros"*, pág. 71, onde detalhadamente descreve o acontecimento.

" Segunda-feira. O dia amanheceu vestido com o mais lindo sol de inverno. A cerração já dissipara e o burburinho começou cedo. Às cinco horas. Lá pelas seis, chegara a primeira carroça com bambus. Era preciso trabalhar depressa. Era dia 7 de junho e, portanto, na sexta-feira iniciava o tríduo de Santo Antônio, o padroeiro. Enfeitar as ruas não era tarefa fácil. Tinha-se de fazer buracos, de cincoenta em cincoenta metros, de lado a lado da rua, plantar os bambus, fazê-los em arcos e, depois, estender as bandeirinhas de seda. Os dias estavam contados, não se podia perder um minuto. A comissão dos festejos escolhida pelos festeiros começava naquele dia a prestar contas de seus trabalhos. A banda de música estava tinindo. Os arrecadadores de prendas haviam obtido o maior sucesso de todos os tempos, recolhendo as ofertas para o leilão. Do pessoal dos sítios vinham chegando os jacás, troles, carroças e malas. Lembra-se que da relação que seu Lazinho fez na sexta-feira, dia onze, contavam: duas potrancas brancas gêmeas, cinco bois gordos, 23 vitelas, 275 leitoas, 1.225 galinhas, 36 patos, 53 perus, 191 cabritos, 15 marrecos, 5 galinhas d´angola, 11 galos de briga, 9 carneiros, 6 gaiolas com codornas, inhambus, sabiás, 2 macacos, 5 tatuetês, 43 sacos de arroz, 5 carros de milho, 18 sacas de feijão mulatinho, 201 sacos de laranja, 8 sacos de limão galego, 48 feixes de cana-de-açúcar, 8 sacas de açúcar batido, 5 sacas de 4 alqueires de farinha de milho, 252 abóboras madurinhas e mais de duas centenas de carros-de-boi carregados com lenha. Dezenas de queijos, rapaduras, requeijão, cuscuz, bolos, etc. As prendas ofertadas pelo comércio eram chapéus de feltro, tecidos para calças, camisas, cobertores, calçados, ferramentas para a roça, enxadas, foices, bicos de arada, martelos, bebidas, facões do mato. O povo em geral doava enxovais de noivas, de recém-nascidos, uma toalha bordada ou um objeto de estima qualquer. Dinheiro. Dinheiro, não, esse era para gastar na festa.

O Largo da Matriz já estava preparado para receber as barracas. Bem em frente à igreja, de um lado armava-se o balcão do leilão, com um tablado alto sobre as cabeças das pessoas. O lugar dos músicos vinha a seguir, com bancos, fechado, para não ser invadido pelo povo. Em frente, a grande e longa barraca da quermesse; ao lado desta, a barraca da festa; em seguida, vinham os exploradores com as mais diversas barracas: jogo de buzo, jogo de carrequinha. "Olha o jogo da carreca, quem não jogar fica careca" , gritavam os banqueiros. Tiro ao alvo, tira prenda com argola, a barraca dos mágicos, proibida para as crianças, as tendas das ciganas que adivinhavam sobre as pessoas. Atrás da igreja, o espaço era reservado para a queima da fogueira de Santo Antônio, três dias e quatro noites seguidas e, ao lado dela, o grande circo de cavalinhos.

Na quinta-feira, dia 10, abria-se a casa da festa. A casa da festa dava comida e bebida por quatro dias e noites a todos que a procurassem. Arroz com frango, arroz com suã, cabrito assado, leitoas e churrasco de carne de boi; doce de abóbora, de cidra e de mamão; canjica com canela e pinga a vontade. O café com leite e o famoso pão de Santo Antônio eram distribuídos aos milhares, sendo pecado ao fiel recusar-se a comê-lo nos dias da festa do santo.

Tudo pronto, ruas enfeitadas, casas floridas. A igreja tinha sido cuidada com muito esmero e o andor do padroeiro havia recebido a carinhosa arte de famosas solteironas. Eram meu avô Isaias e meu padrinho Guri que promoviam a tourada naquela ano. O seu João Teles era efusivamente cumprimentado por onde passava, por ter sido escolhido o leiloeiro. O homem era um verdadeiro show com uma leitoa assada na

bandeja em cima do tablado. Fazia o povo rir, chorar e era um grande sucessor do pároco para lembrar à multidão as forças do festejado. "Quanto me dão... dou-lhe uma..." E aí passava longos minutos fazendo o povo rir, era um cômico nato. A banda tinha suas músicas certas e, no leilão, o seu João era o dono da batuta.

Primeiro dia de festa: sexta-feira, 5 horas da manhã. As 527 carroças de lenha já estavam nas diversas entradas da cidade aguardando o sinal. A banda esperava na porta da casa da festa. O Justiniano, fogueteiro, esperava a ordem do seu Chico Patrocínio, o festeiro. O povo já se levantava e, apressado, punha-se em condição de participar da abertura do tríduo. O Lazinho já havia distribuído as listas das pessoas que deveriam receber os carros de lenha; o dinheiro correspondente já fora arrecadado. Todos os carros vendidos.

O seu Patrocínio, em elegante terno preto, camisa branca e colete, chapéu coco e bela gravata azul com detalhes vermelhos e brancos, conversava com seus colaboradores. Homem de boa cepa portuguesa, educado, comerciante honesto e piedoso. Dona Carolina, sorriso amigo e alegre, educadamente dava as últimas ordens. Seu Chico retira do bolso do colete o belo relógio Omega, preso por reluzente corrente de prata e chama sua companheira. Voltam juntos, sobraçando como porta-estandarte a bandeira de Santo Antônio. Uma bandeira de fino cetim vermelho com a figura do santo bordada no centro e, nos cantos, delicados lírios brancos. Dá o sinal. Um foguete raspa a neblina e, com grande estrondo, acorda o Rio Feio. A banda inicia com o dobrado marcial "Feijão Queimado"; os grandes sinos de bronze, vindos de Portugal, repicam o toque de festa, os rojões sobem às dúzias e os carros de lenha iniciam a entrada na vila. Cada carroceiro ou carreiro, enfeitou seu veículo como pôde. Iam desfilar primeiro por todas as ruas principais, para depois entregar a lenha ao comprador já estipulado.

O rojões subiam, a banda tocava, os sinos repicavam, o povo ia se juntando ao cortejo. O tilintar dos cincerros, chocalhar de correntes, a batida dos cascos dos animais, o alarido dos cães e o vozerio do povo se confundiam numa alegria inolvidável. A gente do sítio já encerrava suas fainas ao pôr-do-sol do dia anterior e, a partir daquela hora, seria só festança. Até domingo, na hora do encerramento oficial da festa. Era eleita uma carroça ou carro que simbolizava os carros de lenha. Este ia a frente, logo atrás do povo, e pela rua principal dirigia-se à igreja, onde o pároco – um francês ranzinza, porém um santo padre – benzia os carroceiros, os carreiros e a lenha doada à festa. Aí terminava o desfile e começava a festança. A lenha era descarregada à porta de cada casa. Essa lenha era guardada por alguns e usada aos poucos. Uns chegavam a queimar o último tronco no ano seguinte, na mesma data. Dava sorte, diziam. Nesse dia, à noite, haveria o encerramento da novena do santo e depois o animado leilão e quermesse.

Os moradores dos municípios vizinhos e dos sítios chegavam com a alvorada do dia onze e só arredavam pé no dia treze, às 17 horas, quando os últimos foguetes subiam ao céu anunciando o festeiro para o ano seguinte. Onze, doze, treze de junho, noite e dia, leilão e quermesse, jogos, correio elegante, bebedeiras, namoricos e sorrisos. Foram lindos esses dias do Rio Feio" .

106. Costureiras e bordadeiras

Costurar e bordar eram pré-requisitos para ser uma boa dona de casa; eram atividades rotineiras do trabalho doméstico da mulher tanto no campo como na cidade. Poderiam não estudar, mas era preciso saber cozinhar e costurar. Antigamente, as mulheres tinham uma jornada penosa, um ritmo de trabalho fatigante e contínuo. As costureiras, por exemplo, logo cedo, tinham que adiantar os serviços da casa, preparar o almoço e atender os filhos, pois a lida com a tesoura, linhas, dedais, agulhas e a máquina de costura se estendia, muitas vezes, até à noite.

Desde cedo, as meninas já eram incentivadas a se interessar pela costura, aprendendo a fazer adornos, enfeites, bordados, tricô e crochê. Mais tarde, passavam para o ponto cruz, das linhas mais grossas aos delicados fios de seda, até os mais sofisticados bordados e técnicas de acabamento. O aprendizado permitia introduzir um toque pessoal numa peça simples, transformado-a num objeto especial, surgindo então as sianinhas e rendas nas colchas e fronhas; toalhinhas bordadas e rendadas; bicos de crochês nas toalhas e panos de prato; colchas de retalhos; monogramas de diferentes estilos e tamanhos, etc.

- ***Costureiras porangabenses**: Umbelina Vieira, Nhá Maria Antônia (Cândido),Maria Correa, Gertrudes Nunes, Tudinha, Rosa Nunes, Olívia Vaz, Amélia dos Reis, Carmela Novais, Alaide Vaz, **Irma Nunes Domingues**, Jolita Palmeira, Teresa Cassetari, Carlina, Toninha, Lécia, Áurea Nunes, Amásia, Leonilda, Nenê Miranda, Alzira Correa, Áurea Nogueira, Araci Tomé, Maria Colombara, Cecília Mariano, Laurinda Fadel, Rachel Nunes, Dita do Valêncio, Maria de Campos, Neguinha do Angelino, Irene Domingues e outras.*

- *Irma Nunes da Silva, minha saudosa mãe, foi costureira e das melhores! Hoje, chego a acreditar que costurava por prazer, pois era muito prendada na arte de coser e bordar. Lembro-me da correria matinal, lá em casa, quando tinha que atender os filhos e empregados, preparar as refeições e de ter tempo, ainda, para sentar-se à máquina de costura. Com paradas estratégicas, retornava à tarde e, após o jantar, ia até altas horas da noite. A rotina era quase diária e nunca a vi reclamando, mas mostrava-se cansada às vezes, pois a antiga máquina de costurar, mesmo sendo da marca Singer(a mais famosa), exigia bastante esforço para a movimentação dos pedais.*

- *Não existia, ainda, a máquina com motor elétrico. Trabalhava com tecidos finos e suas roupas se destacavam pelo corte, modelagem e refinado acabamento. Possuía uma clientela bastante fiel que lhe propiciava um bom rendimento pecuniário. Diante da tanta habilidade e aptidão, fiquei surpreso ao saber que ela aprendeu a arte de corte e costura com dona Olívia, mãe do Frei Timóteo, conhecida como uma das mais importantes costureiras de Porangaba.*

107. A Instrução Pública

Histórico

- *Alguns historiadores defendiam a tese de que os luso-brasileiros instalaram poucas escolas no Brasil principalmente por causa da religião; o catolicismo lusitano contava com o padre para ler e interpretar a bíblia, desobrigando os fiéis de tais incumbências, etc. Não entrando no mérito, sabemos que somente mais tarde, a lei provincial de 1874 levou avante a intenção da reforma de 1846, tornando compulsória a educação para meninos de 7 a 14 anos e meninas de 7 a 11 em todas as cidades que tivessem escolas oficiais ou oficialmente subvencionadas. Era o quadro do ensino primário no último quartel do século 19. Logo, as condições para o ensino das primeiras letras no nosso país eram precaríssimas, inclusive na Província de São Paulo, razão pela qual é possível que as crianças do bairro do Rio Feio não tivessem recebido nenhum tipo de alfabetização e educação escolar antes da chegada do primeiro professor ao povoado. As mais ricas podem até ter sido alfabetizadas pelos próprios familiares ou chegaram a ter aulas periódicas com professores particulares. Não temos nenhuma comprovação e tudo fica no campo da suposição, mas, como reforço da segunda hipótese, é importante lembrar que já existiam os professores leigos, viajantes e itinerantes, que passavam pelos povoados, vilarejos e fazendas, onde permaneciam por algum tempo a fim de ensinar os rudimentos de leitura, gramática e aritmética aos filhos dos fazendeiros e sitiantes mais ricos.*

Em "Apontamentos", de Manuel Eufrásio de Azevedo Marques, 1879, consta a criação da cadeira de primeiras letrasem 1875 no bairro do Rio Feio, em Tatuí. Nos anais da Assembléia Provincial de São Paulo está registrado o encaminhamento do projeto de criação que deu origem à Lei Estadual nº 09, de 20/04/1875.

> *Na 9a. Sessão Ordinária, realizada em 05/03/1875, foi apresentado o Projeto nº38: A Assembléia Provincial de São Paulo decreta:*
>
> *Artigo Único – Ficam criadas duas cadeiras de primeiras letras do sexo masculino nos bairros da Quadra e Rio Feio, distritos da cidade Tatuí. Paço da Assembléia, 5 de março de 1875. a) Cônego Demétrio – Ulhoa Cintra – Rocha Pombo.*

Criada a cadeira masculina, demorou muito tempo para ser instalada, cerca de 3 (três) anos, apesar da tentativa em 1877 do Inspetor do Distrito de Tatuí, sr. Porfírio José de Souza Negrão que indicou o professor Antônio Carlos de Freitas para o Rio Feio, mas a transferência não se concretizou. A escola somente funcionou, em condições impróprias, sem o mobiliário e outros materiais didáticos, com a chegada do primeiro professor – o sacerdote católico, padre ***Francisco José de Miranda,*** [55] transferido de Tatui, onde regia, desde 18/07/1875, a 2ª. cadeira masculina. Tomou

[55] *Francisco José de Miranda natural de Jacareí, era filho de Marianno de Brito de Miranda e Josefina Maria da Conceição. Foram seus avós paternos; Manoel Correa de Miranda e Joaquina Maria de Jesus; maternos: Emydio Duarte e Virgínia do Nascimento. Esteve em Botucatu no ano de 1867; foi vigário encomendado da Paróquia do Braz (São Paulo) em 1875; trabalhou em Tatuí (1879-1880) e em Bofete (Rio Bonito) de 1884 a 1893.*

posse no dia 01/05/1878; a matrícula foi aberta no dia 14/05/1878 e começou com 24 alunos. O número de alunos aumentou um ano depois para 40 matriculados. O mestre permaneceu no Rio Feio até 30/01/1880, quando se transferiu para a Freguesia do Turvo.

A escola ficou vaga e em setembro do mesmo ano, como nada tinha sido providenciado, "os fazendeiros do populoso bairro do Rio Feio pediram ao sr. Antônio de Oliveira Leite Setubal, Inspetor da Instrução Pública de Tatuí, que a cadeira fosse provida o mais rápido possível". O tempo passou e a criançada ficou sem aula, pois o segundo professor - ***Rodolfo Cassimiro da Rocha*** somente entrou em exercício em 10/11/1883; já passavam quase 4 anos sem professor no Rio Feio.

Nessa época as dificuldades materiais ainda eram enormes, faltando tudo. O segundo mestre desenvolveu um elogiável trabalho e em 29/11/1884 foram realizados os exames na Escola Pública Masculina da Capela do Rio Feio. O capitão *Justiniano José Seabra, Inspetor Literário do Distrito de Tatuí, designou o sr. Sizenando de Almeida Moraes - como encarregado para proceder os exames, e os examinadores: srs. Joaquim do Amaral Camargo e Fernando José Perpétuo. Divididos em 7 classes (categorias), prestaram exames 37 alunos. Distinguiram-se os alunos da 1ª. Classe:* ***Salvador do Amaral Camargo, José de Campos Leite, Antônio Machado da Silva, Antônio Joaquim de Oliveira, Alexandre Ribeiro Leite,*** *que foram examinados em leitura, caligrafia, gramática nacional (análise gramatical) e aritmética. Outras classes foram examinadas em leitura e escrita, e os resultados foram satisfatórios, mostrando bom aproveitamento.*

No final de 1884, a sala de aula ainda funcionava na casa do professor e estavam matriculados 42 alunos, sendo 36 frequentes. Foram eliminados naquele ano, por motivos diversos, os seguintes alunos: ***Joaquim Pereira de Camargo, Deolindo Roberto Vieira, Joaquim Mathias de Oliveira, João Mathias de Oliveira e Manoel Antônio Martins.***

No ano de 1885 foi criada a Cadeira Feminina de Primeiras Letras no bairro do Rio Feio (*Freguesia da Capela de Santo Antônio do Rio Feio)*, e assumiu, em 01/08/1885,a professora titular ***América Kuntz Cardoso.***[56]

Nesse mesmo ano, precisamente em 01/03/1885, o professor Rodolfo Cassimiro da Rocha transferiu-se para a Escola do Rio Bonito, deixando 35 alunos matriculados. Assumiu em seu lugar o professor ***Paulino Mariano Mendes de Moraes***, que entrou em exercício em 28/08/1885. Esse professor, que veio de Sarapuí, ficou pouco tempo, pois, desde sua chegada, mostrou preocupação em se transferir para a localidade onde pudesse ficar junto com a esposa Maria Emília Nogueira, professora que trabalhava no Rio Bonito. Pediu transferência, tentou permutar e nada conseguiu, porém em 15/05/1886 obteve 6 meses de afastamento. Mais uma vez, a escola ficava sem professor, e somente em 27/04/1887, quase um ano depois, assume o professor ***Francisco Mendes de Almeida***, transferido da escola do bairro do Ribeirão das Conchas (Pereiras) que tinha sido extinta. A falta de professor desestimulava os pais dos jovens em idade escolar, principalmente àqueles que moravam nas imediações do povoado, facilmente comprovado pela diminuição do número de alunos matriculados, pois dos 35 matriculados em 1885, restavam somente 20. Esse professor desenvolveu, apesar das condições adversas, um bom trabalho e em junho de 1889, mesmo com a eliminação de 3 alunos, a escola ainda contava com 27 meninos matriculados. Foram eliminados os "jovens": ***João Amálio da Silva, Manoel Rodrigues de Proença e Antônio Lopes Rodrigues***. Os desligamentos ocorreram por motivos diversos, como a mudança de bairro, a solicitação dos pais para a iniciação no serviço agrícola, as faltas em excesso, etc. Como curiosidade, as matérias lecionadas aos alunos da escola masculina eram: ***Educação Cívica, Educação Religiosa, Leitura, Caligrafia, Escrita, Análise, Redação de Cartas, Aritmética e Metrologia.***

O professor Francisco Mendes de Almeida permaneceu na Bela Vista até o ano de 1892. No ano de 1893, o professor da escola masculina já era ***Eugênio Frederico dos Santos***, transferido da Quadra. O seu primeiro relatório, logo ao tomar posse, foi bastante curioso e corajoso, pois enveredou pelo lado da crítica:

[56] *América Kuntz Cardoso, tatuiense, filha de João Nicolau Kuntz e Maria da Conceição, foi a primeira professora pública de Porangaba, então Freguesia da Capela de Santo Antônio do Rio Feio, nomeada, conforme notíciou o jornal "O Progresso de Tatuí", edição nº 368, de 05/07/1885. Casada com o capitão Francisco da Silva Cardoso, ao converter-se ao protestantismo, no início do século passado, teve sérios desentendimento com o padre José Gorga, vigário da paróquia, culminando com uma série de denúncias e processo administrativo na área da educação. Transferiu-se, em 04/07/1905, a pedido, para a Escola de Torre de Pedra. Posteriomente, mudou-se para Guareí, onde lecionou por muitos anos. Faleceu naquela cidade, em 27/04/1953, com 90 anos de idade, onde está sepultada.*

- *" Comunicou ao Inspetor Escolar de Tatuí, professor **Cesário Lange Adrien**, que estavam matriculados 24 alunos, sendo "23 nacionais e 1 estrangeiro", Reclamou, também, da falta de apoio das autoridades locais, pois além da inexistência de carteiras e outros materiais, os alunos conheciam "quadro negro, mapas e globos geográficos" através das ilustrações nos poucos e usados livros. Sentavam-se todos em mesas comuns com bancada. As condições de higiene eram insatisfatórias, pois a sala de aula estava numa casa bastante velha, próxima de um pântano".*

A escola feminina também enfrentava as mesmas dificuldades e continuava sob a direção da professora América Kuntz Cardoso; tinha 22 alunas matriculadas.

Em 12/01/1894, o professor Eugênio Frederico dos Santos foi transferido para 3ª. Escola Masculina de Tatuí e, durante o restante do ano, por falta de professor, não funcionou a escola masculina.

No ano de 1895, a classe masculina já era regida pelo professor ***Claro Eugênio França*** e tinha 22 alunos. No mesmo ano (1895) já funcionava a escola masculina municipal no bairro da Serrinha, mantida pela Câmara Municipal de Tatuí, com 25 alunos.

Em junho de 1896, o professor Claro Eugênio França removeu-se para a 1ª. Escola Masculina de Porto Feliz., ficando outra vez vaga a escola masculina da "Bella Vista". Veio para seu lugar o professor ***Libânio da Silva Sodré.***

Em 1897, o titular já era ***Antônio da Silva Teixeira,*** que permaneceu até 1899, quando se transferiu para a escola do Distrito da Quadra. Esse professor faleceu em Tatuí em 04/05/1903. Nesse mesmo ano de 1899, passou a reger a escola masculina o professor ***Francisco Bastos***.

No ano de 1899, "Bella Vista" tinha 4 escola públicas de primeiras letras: além da masculina e da feminina que funcionavam na vila, existiam ainda a do bairro da Serrinha que era regida pelo professor leigo Firmino Olindino de Mello Palmeira e a do bairro da Partes, que se encontrava vaga.

- *O ano de 1899 foi marcado pelo conflito religioso entre católicos e protestantes na Bela Vista, cujas conseqüências refletiriam negativamente no próprio desenvolvimento econômico e na vida sócio-cultural do distrito, principalmente na área da educação..*

Como conseqüência do confronto religioso ocorrido em 1899, a professora América Kuntz Cardoso, que se mostrou simpática aos protestantes, teve sérias divergências com o padre José Gorga, vigário da Paróquia. Foi acusada de tentar ensinar a religião presbiteriana às alunas católicas, o que culminou com a representação dos pais (abaixo-assinado) pedindo a sua transferência, o processo administrativo e a conseqüente saída da mesma, algum tempo depois, embora nada fosse provado. O inspetor escolar Antônio Rodrigues Alves Pereira veio de São Paulo para ouvir as partes conflitantes, algumas alunas, os pais, autoridades locais, etc. Apesar dos protestos do padre, a professora continuou dirigindo a escola feminina até 1905.

No ano de 1900, o outro professor leigo era João Cassimiro da Silva. [57]

Obs. Toda história do ensino público primário em Porangaba, referente ao período de 1878 a 1978, totalizando 100 anos, será tratada em trabalho a parte.

As *Escolas Agrupadas de Porangaba* já estavam funcionando em 1922 com 3 classes e 152 alunos. O diretor era o professor Nicanor de Paula Arruda.

Em 1927 já tínhamos as *Escolas Reunidas de Porangaba* com 5 classes e 185 alunos, funcionando na rua do Comércio, 597. O diretor era o professor Benedito Flores de Azevedo.

No ano de 1932 foi criado o Grupo Escolar de Porangaba, substituindo as Escolas Reunidas, funcionando no mesmo local a partir de 29/03/1932, sendo o seu primeiro diretor efetivo o professor Acácio Vieira de Camargo

De acordo com o recenseamento escolar de 1934, Porangaba tinha a população em idade escolar de 2.104 crianças com 16 salas de aulas. Fonte - Anuário do Governo do Estado de São Paulo - 1934

A partir de 20/02/1953, o Grupo Escolar de Porangaba passou a funcionar em prédio próprio construído na rua João Rosa de Oliveira. Através do decreto nº 12, de 15/03/53, passou a se chamar Grupo Escolar "Joaquim Francisco de Miranda". O diretor era o professor Lineu Vieira de Moraes.

[57] *Os professores leigos eram examinados nos próprios distritos, com a aprovação do Conselho Superior, limitando-se a ministrar um curso restritamente elementar e provisório até que as cadeiras fossem regularmente providas por professores habilitados*

108. Guarda Nacional

Histórico

"Quando começou o período regencial, o Exército Nacional era uma instituição mal organizada e vista pelo governo com muita suspeita. Mesmo após a abdicação de D. Pedro I, o número de oficiais portugueses era significativo. A maior preocupação, porém, vinha da base do Exército, formada por gente mal paga, insatisfeita, e propensa a aliar-se ao povo nas rebeliões urbanas. Em agosto de 1831 foi criada a Guarda Nacional, em substituição às antigas milícias e ordenanças, ato que se baseou numa lei francesa do mesmo ano. A idéia era organizar um corpo de cidadãos confiáveis, capaz de evitar tantos os excessos do Governo como as ameaças das "classes perigosas". Praticamente, sua função era manter a ordem no município onde fosse formada. Em casos especiais, foi chamada para enfrentar rebeliões fora do município e proteger as fronteiras do país, sob o comando do Exército. Faziam parte, obrigatoriamente, todos os cidadãos com direito a voto nas eleições primárias, que tivessem entre 21 e 60 anos. O alistamento obrigatório para a Guarda Nacional reduziu o interesse pelo Exército, pois, quem pertencesse à primeira, ficava dispensado de servir no segundo. Outra curiosidade era a eleição dos oficiais inferiores ser feita pelos integrantes da corporação, presidida pelo Juiz de Paz local, o que se deu até o ano de 1850, após o que, em virtude da realidade nacional e da necessidade de se estabelecer uma hierarquia, alterou-se o princípio eletivo". (Boris Fausto, História do Brasil).

No dizer do historiador Américo Jacobina Lacombe, a Guarda Nacional *"foi a arma salvadora da unidade nacional, ameaçada com as lutas da Regência (...); foi com essa força que o Governo venceu a tormenta da desagregação e da anarquia. Exigência curiosa era de que "os moços que não tivessem renda suficiente poderiam, mesmo assim, se alistar desde que da renda paterna lhes coubesse o mínimo de duzentos mil réis".*

O castigo mais cruel para um guarda nacional era ser recrutado para o Exército, pois, como consequência, um homem não merecia a consideração social se não pertencesse à Guarda Nacional [58]. A fortuna pessoal e o prestígio político ditavam o posto a ocupar na oficialidade. A infantaria combateu nas guerras internas e externas, ao lado de tropas permanentes, sendo de se destacar o corpo instituído para os serviços de guerra, em circunstâncias extraordinárias, com a denominação de ***Voluntários da Pátria*** e que se notabilizou na Guerra do Paraguai (1865/1870).

Passaram a funcionar nas vilas os Conselhos de Qualificação da Guarda Nacional, selecionando, então, cidadãos para a guarda ativa e da reserva. Tomando como referência o ano de 1873, a Guarda Nacional nos municípios era formada por um Comando Superior, que abrangia vilas e freguesias, com seus batalhões de infantaria, esquadrões de cavalaria, além dos batalhões de reserva. Como chegou a ocorrer exageros na qualificação em alguns municípios e, também, omissão e dispensa de nomes por questões políticas locais, foi criado o Conselho de Revisão para analisar esses casos.

A Guarda Nacional foi abolida com a proclamação da República (1889). Mesmo com a Guarda Nacional extinta, os oficiais continuaram a merecer a distinção social do posto, enquanto viveram. Por exemplo, o jornal "Cidade de Tatuhy", (A. Porto e A. Pereira), noticiou na edição de 05/08/1900 que "*por decreto de 28 do mez próximo passado foram creadas duas brigadas de cavallaria e uma de infantaria nesta comarca*", o que comprova que sobreviveram por mais tempo. A última vez que se apresentou em público foi em 1911, no Rio de Janeiro, na parada do Dia de Independência.

---

[58] *"Naquela época (1872), a G.N. encontrava-se dividida na Província de São Paulo em 24 Comandos Superiores, com as três armas - artilharia, cavalaria e infantaria, num total de 50.000 homens, mais ou menos. Mas isso, teoricamente, apenas no papel, porque os soldados alistados pelos chefes locais eram quase todos trabalhadores rurais, que continuavam nos seus serviços e só se apresentavam, quando se apresentavam! - em ocasiões da revistas, realizadas esporadicamente, sem datas regulares, e nas quais se limitavam a executar as evoluções mais simples. De modo que, sem a disciplina que a permanência nos quartéis impunha, sem uniformes, sem armas, essa força nunca teve eficiência militar em ocasião alguma. No início, cada batalhão do Interior era obrigado a fornecer um certo número de praças para a guarnição da Capital, sendo um ônus pesadíssimo para os pobres roceiros que se viam obrigados a abandonar suas lavouras e outros afazeres. Mas, foram essas unidades locais se libertando aos poucos com os progressos da Capital e afinal ficaram de todo dispensadas.* ***Era, em suma, um exército "sui-generis", composto só de oficiais, sem soldados****". (Azevedo Marques, Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, nº 37, pág. 268) ".*

109. A Guarda Nacional em Porangaba

A Guarda Nacional foi numerosa no município de Tatuí a partir de 1865 e o bairro da Bela Vista de Tatuí (Porangaba) teve diversos cidadãos qualificados e do corpo de reserva. A pesquisa permitiu identificar alguns oficiais e alferes (aspirante a oficial), na 3ª. Companhia do Sexto Batalhão de Infantaria, na 4ª. Companhia do Batalhão de Infantaria 143 e no 4º. Batalhão de Reserva. A curiosidade aumentou e passamos, então, a imaginar a possível participação dos "belavistenses", incorporados ao Esquadrão de Cavalaria de Tatuí, no ano de 1893, na defesa da fronteira paulista. Existem registros sobre a participação daquela Unidade:

- *O historiador Hernâni Donato, na obra "Achegas para a História de Botucatu", pág. 127: "Em 1893, revolucionários federalistas do Rio Grande do Sul intentaram marcha sobre o Rio de Janeiro, atravessando Santa Catarina e Paraná. O Governo Federal armou dispositivo de combate na divisa estadual paulista. Chamou para guarnecê-la, entre outras tropas, o Esquadrão de Cavalaria da G.N. de Botucatu, reunido aos de Sorocaba e* ***Tatuí.*** *O choque não ocorreu; os federalistas retornaram ao Sul";*
- *complementando, o advogado Laurindo Dias Minhoto, na sua obra "Tatuhy, Através da História", pág. 170: "Por ocasião da revolução de 1893, Tatuí prestou ótimos serviços à República. Foi aqui o ponto de desembarque das tropas e munições, vindo estas, diretamente, do Rio de Janeiro, pela Central do Brasil que, então, era de bitola igual. Foi comandante da praça o dr. Carlos Garcia. Aqui se prepararam as conduções, para que tudo fosse sem perda de tempo, ao Itararé. Organizou-se um batalhão patriótico (Guarda Nacional) que não teve necessidade de prestar serviços". Não houve o confronto, mas os Esquadrões estiveram de prontidão.*

Apresentamos a relação parcial do componentes da Guarda Nacional da Comarca de Tatuí ***que viveram ou tiveram algum tipo de relacionamento com a Freguesia da Bela Vista de Tatuí***, tendo como data base o ano de 1893 em diante.

***Relação parcial dos oficiais e aspirantes da Guarda Nacional que viveram ou tiveram interesses em Porangaba*:**

Coronéis: *João Guedes Pinto de Mello (Comandante Superior); Thomaz Guedes Pinto de Mello – proprietários da Fazenda São Martinho.*

Capitães: *Francisco Vieira de Camargo, João Machado da Silva, Francisco da Silva Cardoso, Joaquim Carneiro da Silva Lobo, Joaquim Francisco de Miranda, Carlos Frederico dos Santos, Antônio da Silva Teixeira, Francisco de Moraes e Silva, João do Amaral Camargo, Crispim Francisco Paulino; João Offa, Zeferino Francisco Paulino, Francisco de Paula Vieira de Camargo, João Pedroso de Oliveira, Rodolpho Carneiro da Silva Braga, Domingos Carneiro da Silva Braga, Sizenando de Almeida Moraes, Eugênio Frederico dos Santos, Sebastião José da Fonseca.*

Major*: Porfírio Vieira de Camargo*

Tenentes: *José do Amaral Camargo Sobrinho, João Paes da Silva, João Afonso Pereira, Antônio Paulino Telles, João Fellipe de Oliveira, Domingos Carneiro da Silva Braga Júnior, Pedro Domingues Nogueira.*

Alferes: *João Samuel Strombeck, Salvador do Amaral Camargo, João Florentino de Almeida, Benedito Novaes, Francisco do Amaral Sobrinho, Osório Nunes da Silva, Clemêncio Soares de Almeida, Manoel da Silva Cardoso, Firmino Olindino de Mello Palmeira, Silvino Barbosa Carneiro, José Sommerhauzer.*

110. A Revolução Liberal de 1842

Histórico

A revolta liberal pode ser assim explicada. Em 1831, D. Pedro I deixou o trono para o filho Pedro II, então com 5 anos de idade, e voltou para Portugal. O Governo passou para uma regência trina. Houve, a partir daí, durante dez anos, uma relativa tranquilidade nas províncias centrais de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro, mas o Governo enfrentou surtos separatistas em Pernambuco, Pará, Maranhão e Rio Grande do Sul. Com a maioridade de D. Pedro II, o Governo

começou a se inclinar para a linha conservadora, o que provocou entre os liberais, a partir de 1831, o descontentamento crescente a nível nacional.

Uma série de medidas legais provocou a dissidência, como: a nomeação dos vice-presidentes nas províncias diretamente pelo Imperador, não sendo, portanto, mais eleitos; a criação de um Conselho de Estado com provimento vitalício e as reformas do Código Penal. Houve, como se esperava, a reação imediata dos liberais, encabeçada pelo padre Diogo Antônio Feijó e, em seguida, confronto direto da Assembléia Provincial de São Paulo que protestou em termos violentos junto ao Imperador.

Os liberais paulistas estavam descontentes e a resistência ganhou força, tanto na capital como no interior da província, com o apoio da maçonaria. Em julho de 1841, como já era inevitável, Rafael Tobias de Aguiar foi substituído na presidência da província e, no mês de maio, o Imperador dissolveu a Câmara dos Deputados, convocando um novo legislativo. Esse era o sinal combinado pelos revolucionários e a revolução começou nas províncias de São Paulo e Minas Gerais. Tobias de Aguiar foi aclamado presidente paulista e, durante os primeiros embates, ao perceber que não contava com o apoio esperado, inclusive pela incerteza do sucesso dos revoltosos em Minas Gerais, transferiu-se para Itu e, depois, para Sorocaba.

Ocorreu uma série de confrontos no interior da província e na perifería da capital, mas, pouco a pouco, o Governo começou a dominar a situação, tendo a frente Duque de Caxias. Este, ocupou diversas cidades e chegou triunfalmente em Sorocaba, derrotando os legalistas. Tobias de Aguiar fugiu para o Rio Grande do Sul, onde foi preso e transferido para o Rio de Janeiro. No ano de 1844 foram anistiados todos que participaram da Revolução Liberal.

111. Envolvimento de Tatuí e a ligação com o Rio Feio

O bairro do Rio Feio não existia, oficialmente, em 1842; eram terras de Tatuí – ponto de pouso de tropeiros no caminho do sertão. Nada mais que uma pousada! A população estava inteiramente dispersa na região. Algum povoador ou morador do Vale do Rio Feio, ou da vizinhança, poderia ter alguma participação na Revolução Liberal? Qual o motivo para abordar o tema? Simplesmente, a curiosidade, pois Tatuí foi palco de confronto direto entre conservadores e liberais, com um número enorme de pessoas envolvidas e seria até possível que, um ou outro revolucionário, tivesse, mais tarde, alguma relação com a futura "Freguezia da Bella Vista de Tatuhy". Surpreso, encontramos dois nomes e, então, procuramos conhecer o que ali ocorreu.

Na obra "Tatuhy Através da História", o dr. Laurindo Dias Minhoto cita:

"Teve grande destaque tanto pró como contra-revolução. Organizaram-se dois batalhões adversos, sendo os ***revolucionários*** *(liberais) chefiados por Ignácio Xavier Cesar, com mais ou menos duzentos homens, dentre os quais se destacaram: José Gurjão Baptista Aranha Cotrim, Bento Antunes de Camargo, Apolinário José Rodrigues, padre José Norberto de Oliveira, Luiz de Abreu Castanho, Manoel Fidêncio Padilha, Antônio Manoel de Moraes, Theodoro José de Camargo, Jerônimo de Barros Lima,* ***Ignácio José de Oliveira,*** *Antônio Rodrigues Costa e Manoel José da Silva Pompeo.*

Os ***legalistas*** *(conservadores) chefiados por Antônio Xavier de Freitas foram: Antônio Ribeiro de Campos, Claudiano José de Proença, José Martins Fiuza, Bernardino José de Toledo, João Carneiro de Oliveira, José Ignácio da Silveira Garcia, Manoel Theodoro de Camargo e Souza,* ***Francisco Leite de Paula****, Ignácio Pinheiro de Camargo, João Henrique Teixeira, padre Manoel Teixeira de Almeida, João Correa de Moraes, Veríssimo José Coelho, Francisco José Coelho, Manuel Paes de Almeida, Jacinto da Silveira Garcia, alferes José Maria de Camargo Pires, Antônio Castanho Fiuza, João Manoel Fiuza, Manoel Paes de Araújo Fiuza, Manoel Paes de Araújo, Ignácio Mendes de Almeida, José Luciano Leite, Antônio José de Proença, Jerônimo de Proença,* ***Ignácio Xavier de Freitas****, Francisco Xavier de Camargo, José Rodrigues Novaes Pinheiro, Joaquim de Almeida Leite, José Pinto de Almeida, Manoel Jacintho – todos homens de prestígio e figuras de destaque que dominavam seus subordinados". O batalhão legalista de Tatuí foi uma preocupação ao brigadeiro Tobias e a notícia de que os tatuienses haviam mandado prender a escolta que despachou àquela cidade para dispensar ou prender os legalistas e, sobretudo, a intenção de marchar sobre Sorocaba o irritou profundamente. Prosseguindo: "A história dessa revolução está cheia de episódios que se deram entre Rafael Tobias e os legalistas de Tatuhy, os quais eram a alma negra dos revolucionários e precisavam ser extinctos, como desejava o Brigadeiro. Os voluntários de Tatuhy*

se tornaram o terror, não só de Rafael Tobias, como ainda de toda província. Foi então que requisitou forças de Capivary, Itu, Porto Feliz e Itapetininga para dar combate e extinguir "essa canalha" que da insignificante freguezia de Tatuhy queria dominar toda província (palavras textuaes). E ninguém ousou investir contra Tatuhy! As forças legalistas, ao contrário, avançaram contra Sorocaba".

Dentre os participantes, o nome do conservador ***Ignácio Xavier de Freitas*** *está intimamente ligado ao bairro do Rio Feio. Viveu ali, posteriormente, onde, inclusive, faleceu em 09/06/1869, com 70 anos de idade. Antes, no mesmo bairro já havia falecido sua esposa Maria da Purificação, precisamente no dia 08/06/1868, com 60 anos de idade. Ambos foram sepultados no cemitério da Igreja de Nossa Senhora da Conceição de Tatuí. Algumas referências importantes sobre os Xavier de Freitas:*

a) o óbito de sua escrava de nome Maria, com 30 anos de idade, ocorrido no dia 11/05/1867, no bairro do Rio Feio; sepultada no cemitério de Tatuí;

b) era costume da época, entre os escravos, a adoção do sobrenome do patrão e, curiosamente, no bairro da Aleluia ocorreu o óbito de Ignácio Xavier de Freitas, negro, ex-escravo, solteiro, com mais de 100 anos de idade, em 08/09/1888, possivelmente nas terras que foram do ex-senhorio;

c) formou-se no bairro dos Lopes a Família Xavier de Freitas, com descendentes negros desse ramo, cuja maior parte mudou-se depois para Tatuí;

d) existem ainda alguns descendentes espalhados na zona rural e, até há pouco tempo vivia na cidade, o sr. Benedito Xavier de Freitas, o Ditinho da Luz, do mesmo ramo, funcionário aposentado da CESP.

Outro nome é do liberal ***Ignácio José de Oliveira,*** *patriarca de tradicional família aqui formada. Casado com Messias Maria da Conceição, foram seus filhos: a) Simão José de Oliveira, o nosso primeiro Agente de Intendência da Câmara de Tatuí na Bela Vista e, também, delegado de polícia; b) Joaquim José de Oliveira Falcão, avô materno do prefeito Benedito de Oliveira Vaz.*

Foram os dois participantes da Revolução Liberal que conseguimos identificar, que tiveram relações com o bairro do Rio Feio; eram fazendeiros, escravocratas, vieram de Tatuí.

Francisco Leite de Paula *e outro nome que merece uma melhor investigação, pois, além de constar da relação dos "legalistas" de Tatuí, já morava ou tinha interesses no bairro do Moquém em 1856. Se não for homônimo, certamente é mais um participante do Rio Feio.*

112. A Revolução de 1924

Histórico

A Revolução de 1924 foi um movimento ligado ao "tenentismo" e tinha por objetivo a derrubada do Governo Artur Bernardes, já que este personificava o ódio que os tenentes tinham da oligarquia dominante. No ano de 1923 houve articulação dos militares em torno de Nilo Peçanha, mas este faleceu no começo de 1924 e os conspiradores voltaram para o nome do general Isidoro Dias Lopes, oficial gaúcho que ficara ao lado dos Federalistas na época de Floriano Peixoto. Passou a ser o líder ostensivo da revolta. Entre os oficiais mais atuantes: Távora (Juarez e Joaquim), Eduardo Gomes, Estilac Leal, João Cabanas, Miguel Costa (oficial de prestígio da Força Pública paulista), que trouxe para os rebeldes o apoio de parte da milícia paulista. Em resumo, os revolucionários tomaram alguns quartéis em São Paulo e desenvolveu-se batalha para o controle da cidade. Houve a falta de gêneros alimentícios e ocorreram saques nos armazéns e mercados. No dia 09/07/1924, quando os rebeldes se preparavam para deixar São Paulo, o governador Carlos de Campos abandonou o Palácio de Campos Elíseos e se instalou nos arredores da cidade, porém, a presença dos tenentes se prolongou até do dia 27. O Governo empregou artilharia contra os rebeldes sem maior discriminação; militares e civis foram atingidos e ocorreram sérios estragos materiais.

*Os revoltosos se deslocaram na direção de Bauru e a marcha chegou a ser facilitada pelas revoltas tenentistas em diversas cidades paulistas. Foi a chamada "Coluna Paulista", que se deslocou e se fixou no oeste do Paraná, e, ali, juntou-se ao grupo gaúcho de João Alberto e Luiz Carlos Prestes, em 1925, nascendo assim a Coluna Miguel Costa-Luiz Carlos Prestes - a conhecida "****Coluna Prestes****". Os tenentes acabaram enfrentando o Governo praticamente sozinhos; não conseguiram o apoio do exército e nenhum setor ponderável da elite civil mostrou disposição em acompanhá-los, não pelo conteúdo, mas pelo método do confronto armado.*

Lembrando sempre que na época o distrito de Porangaba pertencia ao município de Tatuí e, para melhor entender, é importante conhecer as publicações do jornal " O Progresso de Tatuhy" sobre o movimento revolucionário:

Edição nº. 95, de 18/08/1924 -

A Revolução em Tatuí.

"Quase todas as localidades do Estado, desprevenidas e inermes, tiveram a visita de bandoleiros que depuzeram os governos municipais e se apoderaram das cidades, auxiliados pelas oposições políticas locais. Tatuí constituiu uma exceção, graças a Deus, e dos esforços e coragem do seu prefeito e de seus amigos que, em um numeroso grupo, se armaram para a defesa legal e politicamente da cidade. ..... E Tatuí fez mais do batalhão de voluntários que organizou, tirou uma boa parcela e mandou a Itapetininga para colaborar com o Batalhão Fernando Prestes, na defesa do Estado. Este punhado de bravos, composto de vinte e tantos moços desta cidade e ***de Porangaba****, tem prestado serviços inestimáveis, tendo tomado parte nos combates de Pantojo, Mairinque, da Serra de Botucatu, voltando a tomar o rumo de Itararé para obstar por ali a fuga dos revoltosos que tomaram os Sertões da Sorocabana. .....*

Edição n. 98, de 07/09/1924 - "Bellíssimo Exemplo"

"Acabam de regressar dos campos de batalha os bravos voluntários que daqui partiram na defesa da legalidade, nos dias calamitosos que afligiram toda população do nosso glorioso Estado. São eles: José Fernandes Ruivo, Manoel França, Palmiro Paes, ***Genésio Palmeira****, Antônio Alves Pereira, Oscar Moreira da Rosa, Lázaro Benedito dos Santos, Rodrigo Passarinho,* ***Pedro Rodrigues Cavalheiro****, Jerônimo Azambuja, Salustiano Ramos de Oliveira, Alcides Teodoro, Manoel Vieira de Camargo, Onésimo de Camargo,* ***Estevão Colaço*** *e Laurindo Minhoto Júnior. Todos se incorporaram ao Batalhão Fernando Prestes, cujo comandante foi o exmo. sr. dr. Eduardo Silveira da Motta, juiz de direito desta comarca, no posto de coronel. ..... Foram felizes, porque depois de 37 dias de trabalhos e privações incalculáveis, depois de haver entrado em contato com os inimigos, em Pantojo e Serra de Botucatu, depois de percorrerem os nossos sertões por vias quase intransitáveis ..... ".*

113. A volta dos Voluntários de Tatuí

"Foi magnífica a recepção feita aos voluntários de Tatuí. Domingo, dia 11 de agosto, ao saber que o Batalhão Fernando Prestes voltava para Itapetininga, a fim de serem licenciados os seus soldados, muita gente se dirigiu à estação e quando o comboio especial se estendeu ao longo da plataforma, ouviu-se uma longa salva de palmas e vivas aos defensores da legalidade. Os voluntários foram recebidos com flores e discursos. Organizou-se um cortejo: "com a bandeira nacional à frente, vinham os voluntários ladeados pelas autoridades locais: em segundo lugar, os escoteiros e soldados da polícia; depois a grande massa popular e, finalmente, inúmeros automóveis. O cortejo se encaminhou para a Câmara Municipal, onde o dr. Laurindo Minhoto falou em nome do município. A cidade apresentava ar festivo. À noite, na residência do dr. Laurindo Minhoto foi oferecido um jantar aos voluntários, tendo estado presentes, além de pessoas desta cidade, representações de Cesário Lange e ***Porangaba****. Ao "champagne", discursou o* ***sr. Lino de Barros****,* ***diretor das escolas de Porangaba*** *e, em seguida, o dr. Laurindo Minhoto Júnior respondeu, agradecendo em nome de seus colegas. Após o jantar, todos se dirigiram ao Elite Clube Tatuiense, onde foi promovido um "assustado", que, com grande animação, durou até a madrugada"*

114. Em Porangaba

"Também em Porangaba não foi menos significativa a festa que prepararam aos seus filhos. São eles: ***Genésio Palmeira, Pedro Cavalheiro e Estevão Colaço.*** *Acompanhado por uma banda de música, o povo se reuniu junto à ponte do Rio Feio (na entrada da cidade) e ali recebeu, entre aclamações, esses três bravos. Saudou-os o sr. Afonso Avallone Júnior, sendo as suas últimas palavras cobertas por uma longa salva de palmas e, em seguida, entre aclamações às autoridades da nação, do Estado e do município, dirigiram-se todos à residência do sr. Joaquim Francisco de Miranda, onde o sr. Lino de Barros pronunciou um discurso em nome das autoridades locais. À noite, houve um baile concorridíssimo na residência do sr. Miranda, tendo toda a população de Porangaba tomado parte em todas as festas".*

115. Promoções

A participação porangabense na Revolução de 1924 foi marcada por um sentimento nacionalista muito forte, pois o movimento mexeu com os brios dos paulistas. Não nos surpreendeu o voluntariado, já que em todos os movimentos em prol dos ideais democráticos, na defesa do poder constituído, sempre iremos identificar filhos de Porangaba. Foi assim nas Revoluções de 1930 e 1932, e também Segunda Guerra Mundial.

O tempo é implacável, infelizmente, e os voluntários foram esquecidos. Como agravante, temos ainda o descaso pelo estudo da história local nas escolas públicas, principalmente, e o desinteresse das autoridades e da própria sociedade. Quem são os culpados? É difícil identificar, mas trata-se de um problema cultural, associado ao desinteresse em divulgar as nossas coisas. Mesmo com a desconsideração, cremos que, feito o registro, estamos enaltecendo os feitos dos filhos de Porangaba, para que todos percebam a bravura, o espírito patriótico e o civismo desses soldados.

Ao pesquisar o movimento de 1924, ao ler os jornais de Tatuí, logo encontramos notícias sobre

os voluntários daqui. E, então, voltando no tempo, lembramos de nossa infância na pequena e pacata cidade, do convívio com um deles, homem simples e já maduro, e a grande surpresa: foi um revolucionário!

- *"Os voluntários porangabenses Estevão Colaço e Pedro Rodrigues Cavalheiro receberam as divisas de cabo como recompensa pela bravura. Cavalheiro foi considerado o soldado mais alegre do batalhão e não menos valente. Foi promovido a cabo, mas por uma travessura foi rebaixado, entretanto, alguns dias depois, ostentava novamente com orgulho as divisas perdidas... Duas vezes promovido! "*

---

1. *Lembramos muito bem do Pedro Cavalheiro, solteiro, já velho, irreverente, boêmio, seresteiro, a dedilhar o violão, cantando canções românticas de Paraguaçu e Catulo da Paixão Cearense e, somente agora, passados tantos anos, conhecer a sua faceta de herói! O Cabo Pedro, quem diria? O mais alegre do Batalhão!. Já doente, dormia na "tulha" que nhô Bento Candido tinha na "rua de cima", onde era ajudado pelos amigos. Faleceu em Porangaba.*
2. *Pouco sabemos de Estevão Colaço; foi jogador de futebol, goleiro, além de galã e ator do grupo teatral de nossa cidade. Seu nome verdadeiro era Estevam Antônio de Medeiros, filho de José Antônio de Medeiros Filho e Maria da Glória. Nasceu em Porangaba em 18/09/1901 e faleceu em Tatuí.*
3. *Muito pouco ouvimos sobre o Genésio Palmeira; irmão do Rodolfo, sobrinho do alferes Firmino Palmeira, veio de Pernambuco e faleceu em São Paulo.Nada mais.*

Os três ainda são lembrados pelos moradores mais idosos. Muito obrigado Cabo Pedro, Cabo Estevão e Soldado Genésio pelo que vocês fizeram para a manutenção da legalidade e da democracia.

---

116. Prisão do Juiz de Direito

O crime político ocorrido no distrito de Bella Vista de Tatuhy (Porangaba), no ano de 1910, quando foi assassinado o sub-prefeito Benedito José Soares (Nhô Tico), chefe dos "hermistas", repercutiu 14 anos depois na carreira do magistrado Renato Fulton Silveira da Mota, então Juiz de Direito na cidade de São Roque. Aconteceu durante a Revolução de 1924.

No livreto "***Os Sucessos de Julho em São Roque",*** o juiz narra que foi incurso no artigo 107, do Código Penal, por insurreição, injustamente, pois, na qualidade de magistrado daquela comarca, como a cidade estava com sérios problemas de abastecimento, deslocou-se até a Capital para conversar com o comando dos revolucionários e pleitear a liberação de gêneros alimentícios. Sua atitude foi considerada intempestiva e foi preso por ordem do Governo Paulista, o que lhe aborreceu profundamente. Os motivos:

ser genro do coronel Paulo Orozimbo, chefe hermista, adversário do dr. Washington Luiz Pereira de Souza;

perseguição por parte de Júlio Prestes, Euclides de Oliveira e Ataliba Leonel;

a causa principal foi a sua atuação no processo do crime político, ocorrido no ano de 1910, na Bella Vista de Tatuhy (Porangaba), quando era o juiz direito da comarca de Tatui.

117. O crime político na Bella Vista

Na introdução do livreto "A Lenda dos Assassinatos Políticos em São Paulo", publicado em 1911, por ordem da Secretária da Justiça, lê-se:

- *"Simples e documentada narrativa dos factos occorridos no Estado de São Paulo, os quaes a paixão partidária denominou assassinatos políticos. As reiteradas acusações que a má fé e o embuste partidário têm levantado contra o governo paulista a propósito de alguns assassinatos, a que se quer falsamente dar caráter político, sugeriram a idéia de reeditar os libelos formulados pela oposição e a história real dos fatos, acompanhada de....".*

O documento contém os crimes ocorridos nas seguintes localidades: Monte Verde (Barretos);

Bella Vista de Tatuhy (Porangaba); Lenções, Guaratinguetá, Igarapava, Mogi-Mirim, Itu, São José do Guapiara, Apiaí, Jundiaí, Bauru, Avaré, Sorocaba e São Carlos.

Leôncio Manoel de Oliveira

Caso da "Bella Vista"

Com relação ao assassinato ocorrido, articulou a imprensa oposicionista: " Passava um dia a cavalo pela estrada o sr. Soares, presidente da Junta Hermista e, ao enfrentar uma venda, desceu da cavalgadura pois fôra chamado e, ao penetrar na dita venda, para tomar cerveja, teve a ameaça logo traduzida em fatos - de que ali hermistas não bebiam. E seguida foi detonada a arma do civilista, que assim falara e assim baqueou a segunda vítima (a primeira fôra Barthmann, em Monte Verde, Município de Barretos), disse o articulista.

A verdade, (segundo a situação) entretanto, é a seguinte: "Leôncio Manoel de Oliveira e Benedito José Soares residiam no distrito de Bella Vista, no município de Tatuhy, onde o primeiro exercia cumulativamente as funções de fiscal da Câmara e recebedor das rendas municipais, e o segundo o cargo de sub-prefeito. Por motivos de ordem particular, Benedito exigiu da Câmara de Tatuhy a demissão de Leôncio. Não tendo conseguido, resignou o cargo de ***vereador*** *e o cargo de* ***sub-prefeito****, e filliou-se à facção hermista de Bella Vista. No dia 23/01/1910, às cinco horas da tarde, em uma sala da casa comercial de Rafael Camerlingo, à rua XV de Novembro, na povoação da Bella Vista, Leôncio Manoel de Oliveira, Paulino Garcia (viajante de uma casa comercial da Capital), João Gorga (primeiro juiz de paz), Firmino Palmeira (primeiro suplente do delegado), e o proprietário da casa comercial, ali conversavam e tomavam cerveja, quando aconteceu passar na calçada Benedito José Soares, acompanhado de Domingos Pereira da Silva. Leôncio chamou por Domingos e convidou-o a tomar um copo de cerveja. Paulino Garcia percebendo que Benedito se magoara com o convite de Leôncio a Domingos e, ignorando a inimizade existente entre os dois, convidou também Benedito para tomar parte da reunião. Logo que Benedito entrou na sala, Leôncio o interpelou: -- É verdade que você comprou um revólver para me matar? Benedito respondeu: - Você também quer me matar... Estabeleceu-se uma discussão acalorada e Leôncio disse: - Você não é homem, desgraçado! A essas palavras, Benedito saiu para a rua, empunhando o revólver e acompanhado por Leôncio. Armou-se o conflito, no qual Benedito disparou um tiro e Leôncio cinco, atingindo Benedito que, ferido gravemente, morreu duas horas depois. O assassino evadiu-se".*

O Secretário da Justiça e da Segurança Pública determinou a vinda de um delegado auxiliar à Bella Vista, para abrir rigoroso inquérito a respeito. Desembarcou em Tatuí o 1º Delegado Auxiliar da Capital, dr. Arthur Xavier Pinheiro e Prado, que mandou autopsiar o cadáver de Benedito, que para ali havia sido transportado, e seguiu a cavalo até Bela Vista, distante 7 léguas da sede da Comarca, onde avocou o inquérito iniciado pelo sub-delegado capitão Joaquim Francisco de Miranda. Em 10/02/1910, fez a remessa dos autos do inquérito ao Juiz de Direito da Comarca, tendo a Promotoria Pública oferecido a denúncia em 18 do mesmo mês (art. 294, parágrafo 2º. do C.P.) e pedido a prisão preventiva do indiciado. Foi pronunciado em 27/06/1910 e recolhido à prisão no dia 17 de agosto, quando se apresentou. Em sessão do júri, em 13/09/1910, foi julgado, tendo o Conselho de Sentença o absolvido por unanimidade de votos. ***O Juiz de Direito era o dr. Renato Fulton Silveira da Mota.***

Com relação à detenção do magistrado em 1924, pelos motivos citados no livreto (notas para a minha fé de ofício 1924/25 como registrou na introdução), sua manifestação foi clara: " *na presidência do júri não apelei da sentença que absolveu o civilista, que matou o hermista, caso que motivou a fina ironia deste comentário faceto: esse digno magistrado, zeloso cumpridor dos seus deveres, é genro do coronel Paulo Orozimbo de Azevedo, conhecido chefe hermista nesta capital"*

Para entender a ocorrência: na eleição para a presidência da república, os partidários que apoiavam o marechal Hermes da Fonseca (sobrinho de Deodoro da Fonseca) eram chamados de hermistas - ***(os gafanhotos);*** e os que apoiavam Rui Barbosa eram os civilistas ***(os carrapatos).*** Foi eleito Hermes da Fonseca para o mandato de 1910/1914.

118. Eleições em 1930

Boris Fausto na obra História do Brasil, pag. 319, cita: "*Seria muito difícil prever, no início de 1929, que após a presidência relativamente tranquila de Washington Luiz surgiria uma forte cisão entre as*

elites dos grandes Estados. Mais ainda, que essa cisão acabaria por levar ao fim da Primeira República. Os desentendimentos começaram quando, de forma surpreendente, Washington Luiz insistiu na candidatura de um paulista à sua sucessão. Como se isso não bastasse, fechou questão em torno do governador de São Paulo, Júlio Prestes. Até hoje, as razões da intransigência de Washington Luiz são discutidas. É provável que o presidente considerasse ser Júlio Prestes o homem capaz de assegurar a continuidade de seu plano financeiro. Seja como for, a atitude de Washington Luiz empurrou mineiros e gaúchos para um acordo. Em meados de 1929, após varias conversações, as oposições lançaram as candidaturas de Getúlio Vargas à presidência e de João Pessoa à vice-presidência ".

Júlio Prestes venceu as eleições de 1° de março de 1930 e ficava evidente ***a força do coronelismo.***

119. As eleições em Porangaba

Compareceram 360 eleitores para votar na única seção que funcionava e a oposição não obteve um único voto. Era a força da máquina eleitoral, o ***voto fiel*** e deixaram de votar 145 eleitores. Compareceram:

Antônio Lopes de Moura, Antônio Machado da Silva, Benedito Valério Soares, Antônio de Oliveira Pinto, Dinarte Leite Cassimiro, Antônio Fidêncio da Rosa, Benedito Fogaça Leite, Luiz Carlos Vieira, Nicanor Fonseca, Antônio Pereira dos Reis Filho, Juventino do Amaral Camargo, Cezário Maurício, Francisco Alegre Sobrinho, Achilles Chierici, Isaias Pereira Coelho, Salvador Vieira da Silva, Joaquim Ferreira do Amaral, João Xavier de Miranda, Joaquim Beraldo de Miranda, Antônio Francisco Maria, Adolfino Sebastião de Miranda, João Bernardo da Silva, João Francisco Vieira, ***Antônio Nunes da Silva,*** *João Florêncio Machado,* ***Feliciano Nunes da Silva,*** *Esmereles Antônio Martins, José Antunes Correa, Francisco Ruivo de Miranda, Antônio Leite Cassimiro, Amâncio Fortunato da Palma, Donato José Furtado, Pedro Antônio Paes, João Diniz Vaz Filho, Marcílio do Amaral Camargo, João Brazílio, José Ribeiro, Antônio Alves de Camargo, José Ferreira de Oliveira, Antônio Soares de Almeida, Amâncio Oliveira Pinto, Francisco Generozo da Silva, Avelino Ribeiro Bueno, José Pereira de Oliveira, Pedro Silveira Camargo, Salvador Machado Alves, João Farias de Paula, Alfredo Florentino Soares, Antônio Pereira de Oliveira, Geraldo Antônio dos Reis, Joaquim Sebastião Vieira, Odilon do Amaral Camargo,* ***Bento Manoel Domingues,*** *José Marciano de Almeida,* ***Francisco Manoel Domingues,*** *Antônio Florentino Soares, Alfredo José de Oliveira, Hermas do Amaral Nogueira, Theodoro Bernardino da Silva, Adelino Cassimiro Rodrigues, Francisco Antônio de Oliveira Cubas, Onésimo do Amaral, Felisbino Manoel de Mello, Odorico Vieira, José Francisco de Moraes, Benedicto Manoel Luiz, Vitorino Alegre Ferreira, Salvador de Arruda Leite, Pedro Francisco de Moraes, Pedro Bernardino da Silva, Elydio do Amaral Camargo, Joaquim Celestino de Oliveira, Maximiliano Vieira de Camargo, Antônio Nunes Diniz, Amândio Fernandes, Ozório Nunes da Silva, Antônio Fraga, João Canuto da Silva, Joaquim Fogaça Leite, Lourenço Antônio Prachedes, João do Amaral Camargo, Francisco Alves Camargo, José Bráulio de Campos Mello, Pedro Dias de Camargo, Francisco Novaes e Silva, João Antunes Correa,* ***Manoel Cândido Silvestre,*** *Francisco de Assis Oliveira, Mariano Capuano, Pedro Prestes de Oliveira, Narciso José Gregório, João Pinheiro da Silva, Leandro Cassimiro, Antônio Celestino de Oliveira, Pedro de Campos Mello, João Florentino Soares, Antônio Dias, Luiz de Andrade, Amantino Vidal Soares, Benedito Celestino de Oliveira, João Fogaça de Almeida, Juvenal Cubas de Miranda, José do Amaral Júnior, Joaquim Antônio de Medeiros, Bráulio de Campos Mello, Antônio Rodrigues Vieira, Avelino Godinho de Albuquerque, Laurindo Leite de Paula, Manoel Francisco de Proença, Sebastião Ribeiro de Arruda, João Antônio de Oliveira, José Antônio de Oliveira, Vicente Cardoso Machado, João Pedro de Arruda, Francisco José Gregório, Josias do Amaral Camargo, Simeão de Siqueira Cleto, João Raphael de Oliveira, Antônio Brizacco, Francisco Cubas de Miranda, Antônio Gregório Filho, Lázaro Moreira de Almeida, Leandro Sebastião Vieira, Joaquim Rodrigues Martins, João Ribeiro de Arruda, Benedito Gomes da Silva, Marcílio Pedroso da Silva, Antônio Correa Neto, Antônio Leite Machado, Cezário Bueno de Campos, Bento Antônio Rodrigues, Benedito Oliveira Moraes, Domingos Nunes da Silva, Manoel José Gregório, Silvério de Oliveira e Silva, Benedito Batista de Oliveira, José Manoel de Proença Netto, José Leite de Siqueira, Nicanor Sebastião, Antônio José Luiz, Francisco Gonçalves da Silva, João Theóphilo de Oliveira, Emygdio Torquato de Oliveira, Lourenço Diniz Vaz, José Antônio de Oliveira Cubas, Francisco Coelho de Oliveira, José Xavier Marques, João Novas de Arruda, Sebastião José da Fonseca, João Lopes de Moura, Lourenço Mariano Leite, João Francisco de Oliveira, Antônio Lopes de Moura, José Luciano Diniz, Antônio Nunes Vieira, Raul Gonçalves da Silva, Luiz Antônio de Oliveira, João Domingues de Arruda, Silvério Mariano Augusto, Agustinho Fogaça de Almeida, Antônio Lopes de Almeida, Antônio José Pereira, João Lemes da Silva, José Nunes Gomes, Paulino José da Rosa, José Cubas do Amaral, Sebastião Frozino da Silva, Silvino Florentino Soares, Benedito Virgílio Gonçalves, Mário Dias de Tolledo, José Correa dos Reis, João Alves Ferreira, João Baptista Leite, Benedito da Luz Cardoso, Antônio Justino da Silveira, Benedito Paulino Telles, Quirino Nunes da Silva, Dionísio Bertoldo do Nascimento, Pedro Domingues Nogueira, Deolindo Ribeiro Leite, Silvério Antônio da Motta, João Ribeiro Correa, Sebastião Pires de Camargo, Antônio Antunes Correa, Joaquim Soares da Silva, Emílio Francisco de Oliveira, José Constantino de Oliveira, Donato Rodrigues da Silva, Lupércio Alves de Moraes, Bernardo Vieira Pinto, Antônio Coelho de Oliveira, João Bueno de Miranda, Francisco Fogaça Leite, José Mariano da Silva, João Baptista Mendes, Maurício Diniz Vaz, João Sebastião Vieira, Antônio André de Oliveira, José Martins, Joaquim Firmino Correa, Honorato Alves Barreto, Durvalino Lopes de Almeida, Bento Mariano Leite, Abimael do Amaral, João Ribeiro Machado, José Antônio da Costa, Alfrino Luiz Vieira, Antônio Manoel Pereira, Antônio de Paula Leite, Antônio Florentino Ribeiro, Simão Antônio de Oliveira, Francisco Manoel de Miranda, Amador de Oliveira Barreto, Pedro Rodrigues Cavalheiro, Aparício de Oliveira Pinto, Joaquim Leite Cardoso, Silvério Manoel de Miranda, Amaro Leite Fernandes, Francisco Mariano Leite, Martinho Olímpio da Silva, José Ciríaco de Campos, José Paulino Mariano, Augusto Thomé da Costa, Silvério Francisco Paulino, Manoel de Oliveira Pinto, Manoel Nunes do Prado, Antenógens de Proença, Juvenal da Luz Cardoso, Abílio Soares Palmeira, Juvenal de Oliveira, Paulino Mariano Leite, Pedro Moreira da Silva, Francisco Silvestre Domingues, Anísio do Amaral, João Correa da Silva, Antônio*

Manoel de Proença, Apolinário Nunes da Silva, Silvério Mariano Neto, Francelino Alves de Camargo, Joaquim Francisco de Miranda, Deolindo Antônio da Silva, Agenor Antunes do Amaral, José Florentino Soares Sobrinho, Justiniano Vieira Pinto, Abílio Dionísio, Valêncio da Silva, Francisco Rodrigues de Almeida, Victor Hugo Vieira de Camargo, Alicínio Júlio de Campos, Higino Nordi, João Paulino de Miranda, Laurindo Mariano Leite, Theodolino José Moreira, Pedro Soares da Silva, Dorival Manoel Rodrigues, José Gregório da Motta, Elídio Lopes de Moura, Albertino Rodrigues de Almeida, João Paulino da Silva, João Pereira, Joaquim Manoel de Miranda, Pedro Piragibú, Samuel do Amaral, João Xavier de Freitas, Francisco Bueno de Miranda, João Paulino Telles, Juvêncio Firmino Correa, Joaquim Correa Machado, Lindo Francisco Paulino, João Florentino Leite, José Antônio de Medeiros, Laurentino Luiz Fernandes, Benedito Flores de Azevedo, Benedito Paes, João Américo Machado, Alcides Diniz Vaz, Tertuliano Florindo de Campos, Oscar do Amaral Camargo, Antônio Cândido Aires, Afonso Pereira de Camargo, Antônio Paes, Domingos Martins, Isaias Diniz Vaz, José Mariano da Luz, José Luiz Machado, João Brando de Oliveira, Isolino Bicudo de Oliveira, Salvador Xavier de Miranda, José Manoel de Miranda, Joaquim Simão, Brasílio Luiz Pereira, Avelino Vieira Pinto, Amadeu Cassetari, Antenor Pinto da Silva, José Batista da Silveira, Euclides de Oliveira Pinto, Antônio Souza, Domingos Manoel de Miranda, Marcelino Luiz Machado, Francisco Patrocínio São Pedro, João de Paula Leite, João Soares Filho, Braz Vieira de Barros, Antônio Manoel de Miranda, Antônio Fogaça Leite, Isaias do Amaral, Orestes de Moura, João Nunes de Mattos, Estevam Ribeiro Correa, Francisco Antônio de Arruda, Felício Antônio de Oliveira, Francisco Brasile, Domingos Mariano da Rocha, João Martins de Almeida, Nicanor da Silveira Castro, Luiz Pinto de Oliveira, Pedro Ulbano de Mattos, Virgílio Rodrigues Ferreira, Olímpio José Mariano da Rocha, Benedito Pinto da Silva, Benedito Moreira, Raphael da Silveira Sobrinho, José Estevão Portella, José Soares de Oliveira, Antônio José Garcia, Bráulio Dias, Francisco Lemes Machado, João Pires Júnior, José A. Silvestre, José Albino dos Santos, Lourenço de Paula, Laurindo Gonçalves da Silva, Nicanor Machado, Pedro de Oliveira e Silva, Silvério Francisco Henriques, Luiz Orsi do Amaral, Laudelino Bueno Ferreira, Benedito de Oliveira Vaz, Pedro José Rodrigues, Amâncio Vieira Pinto, João Marcelino de Arruda, Salvador Barduino de Almeida, Dassás Vieira de Camargo, Martinho Pires, Raphael Antônio dos Reis, Salvador Celestino da Silva, Benedito José Pereira, Quintino Luzia de Camargo, Nascimento José da Silva, Rodolfo Soares Palmeira, Saturnino Dias, Leôncio Lopes de Moura, José Constantino Filho, Elias Bueno Ferreira, Francisco Pedroso de Camargo, Benedito Pedroso de Assis, Francisco Cardoso Machado, Firmino Olindino de Mello Palmeira, João Pedroso de Oliveira, João Paes da Silva

Resultado das Eleições em Porangaba	***Votação***
Presidente	
Júlio Prestes de Albuquerque	*360 votos*
Vice-presidente	
Vital Henrique Batista Soares	*360 votos*
Senador	
Manoel Pedro Villaboim	*360 votos*
Deputados Federais	
Alexandre Machado Marcondes Filhs	*299 votos*
Sílvio de Campos	*299 votos*
Ataliba Leonel	*300 votos*
Francisco Ferreira Braga	*299 votos*
Carlos Cirilo Júnior	*299 votos*

Fonte – Livro de Notas do Cartório de Registro Civil e Anexos de Porangaba –1930

120. A Revolução de 1930

O PRP - Partido Republicano Paulista dominava por toda parte, mas o movimento dos "tenentes" em 1924 levou a oposição a tomar corpo e vigor na maioria das cidades do interior. Foi uma reação crescente, porém insuficiente para impedir a vitória do candidato Júlio Prestes de Albuquerque O Partido Democrático, oposicionista, abrigava os descontentes e era liderado justamente pelos homens que haviam aderido ao movimento revoltoso dos tenentes, seis anos antes. O resultado da eleição não diminuiu a tensão e a revolução começou no dia 03/10/1930 nos Estados de Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Pernambuco e Paraíba. No dia 24 é deposto Washington Luiz, sendo notória a derrota militar e política do PRP. Políticos podiam esperar, mas o povo não, havia muita raiva, muita conta para ajustar, acumuladas durante decênios. As notícias não poderiam ser melhores e o Brasil político viraria de cabeça para baixo, o que levou muitos republicanos a se ausentar de suas cidades. Portanto, no final de outubro, as tropas gaúchas já ocupavam cidades paulistas consideradas pontos estratégicos, cujo domínio chegava a aborrecer o povo. Em todos municípios brasileiros foram instaladas as juntas governativas revolucionárias. No Nordeste, o movimento foi comandado por Juarez Távora, tendo a Paraíba como centro de operações. Contou com o apôio da população do Recife. A situação no Nordeste logo pendeu para os revolucionários. Por outro lado, as atenções se concentraram na tropa formada por contingentes do Exército, brigada militar e voluntários que, tendo assumido o controle no Sul do país, preparavam-se para invadir o Estado de São Paulo. Gois Monteiro montou o seu quartel general em Ponta Grossa, no norte do Paraná, e Getúlio Vargas ali se instalou com sua comitiva, precisamente, em um vagão de trem. Planejaram, então, um ataque às forças militares que apoiavam Washington Luiz, a partir de Itararé, já em território paulista. A ***"Batalha de Itararé"*** ficou conhecida na história como ***a batalha que não aconteceu,*** pois o presidente foi deposto antes do confronto decisivo. Formou-se, então, uma Junta Provisória de Governo que tentou permanecer no comando do país, mas, em decorrência da reação

popular e da pressão dos revolucionários sulistas, recuou. Getúlio Vargas deslocou-se de trem até São Paulo (passou por Tatuí, onde foi aclamado pela população na estação da estrada de ferro) e daí para o Rio de Janeiro, precedido por 3000 soldados gaúchos. O homem que, no comando da nação iría insistir no tema da unidade nacional, fez questão de fazer transparecer naquele momento seus traços regionais. Desembarcou na capital de República em uniforme militar, ostentando um grande chapéu dos pampas. O simbolismo do triunfo regional se completou, quando os gaúchos foram amarrar seus cavalos em um obelisco existente na avenida Rio Branco. A posse de Getúlio Vargas na presidência, a 3 de novembro de 1930, ***marcou o fim da Primeira República.***

121. A Junta Governativa em Porangaba

A derrota política do PRP teve seu efeito, também, em Porangaba, onde a oposição conseguiu, após muitos anos de subserviência e insatisfação, o gosto pelo poder. Durou muito pouco, é verdade, de 07/11/1930 a 16/01/1931, a gestão da Junta Governativa nomeada, composta de membros oposicionistas da Família Amaral Camargo e seus aliados. Praticamente, nada fizeram e somente açodaram a reação coronelista. Foram nomeados: prefeito provisório Antônio Machado da Silva; membros: Adonias do Amaral, Anísio do Amaral e Ezequiel Pires de Camargo. O secretário municipal foi Marcílio do Amaral Camargo. O que se pode concluir a respeito do episódio, com duração efêmera, é que a oposição tinha certo prestígio político, todavia os resquícios dos conflitos religiosos do passado ainda estavam vivos. Por coincidência, enquanto eram "derrubados" os membros da Junta, todos ligados ao protestantismo, o novo prefeito nomeado era o sr. Joaquim da Costa Machado, (Quinzote Machado), proprietário, pessoa muito respeitada na comunidade, mas com a condição precípua de ser católico praticante.

122. Revolucionários porangabenses

O jornal "Cidade de Tatuí" noticiou na época que o capitão Joaquim F. de Miranda, presidente do diretório político local, telegrafou ao dr. Ataliba Leonel comunicando a ida de 15 voluntários porangabenses para Itapetininga. Infelizmente, não econtramos os nomes. A falta de documentos tem sido o grande empecilho para resgatar a identidade dos revolucionários locais. Alguns nomes citados foram, certamente, mas toda tentativa de resgate, ao ouvir os moradores mais antigos, é marcada por fantasias, gregarismo e a valorização de nomes de parentes, principalmente, o que torna a busca irreal. Falta a confirmação dos nomes. Por exemplo, é quase que unânime a participacão de Alípio de Oliveira Vaz e Chiquinho Nogueira, mas não temos nenhuma prova doumental. Falam, ainda de: Vilarino de Souza (Larico), Candido Correa Machado (Candú), Antonio Correa Machado (Quinzote), Brasílio Preto, Narciso Preto, Pedro Cavalheiro, João Telles, etc. Nada encontramos. Com certeza, numa segunda etapa de investigação e nas futuras revisões, os nomes deverão de resgatados no Arquivo do Estado de São Paulo, pois na Delegacia de Polícia e no Cartório de Registro Civil de Porangaba nenhum documento foi localizado.

- *O porangabense Leônidas da Silva Cardoso, filho do capitão Francisco da Silva Cardos e da professora América Kuntz Cardoso, ocupou cargo de vulto em Botucatu durante a Revolução de 1930, tomando parte ativa no Comando da Brigada Sul, sendo fundador da Legião Revolucionária daquela cidade. Recebeu a patente de "major"pelos relevantes serviços prestados.*

- *Localizamos anotação no Livro de Despesas da Prefeitura Municipal, referente ao ano de 1930, sobre o pagamento de despesas aos cidadãos Onésimo Amaral, Oscar Machado e Cícero Leandro – que certamente funcionaram como observadores noo Posto de Vigilância que funcionou nas imediações da cidade.*

123. A Revolução de 1932

A revolução começou em 09.07.1932. Para entender as causas geradoras do movimento revolucionário é preciso saber que: a) com a vitória de Getúlio Vargas em 1930, os "tenentes" passaram a fazer parte do Governo; b) exigiam reformas profundas como o atendimento igual e uniforme às diversas regiões do país; c) a instalação de uma indústria básica de siderurgia; d) a nacionalização das minas, dos meios de transportes e de comunicação, da navegação de cabotagem, etc. Defendiam um Governo Federal centralizado e estável, porém, ao contrário dos liberais, queriam a continuidade da ditadura Vargas e uma constituição que estabelecesse a representação das classes. O ditador, de forma inteligente, utilizou os "tenentes" como instrumento de luta contra o predomínio das oligarquias estaduais do Nordeste e São Paulo,

porém a instabilidade do Governo Federal concorreu para a explosão de uma guerra civil no território paulista. A elite paulista foi marginalizada, principalmente os membros do Partido Democrático, quando o militar pernambucano João Alberto Lins de Barros foi nomeado interventor em São Paulo. Este, não resistiu as pressões dos membros do próprio Governo e se demitiu em julho de 1931. A situação se tornou tão confusa que, até meados de 1932, chegaram a ser nomeados mais 3 interventores em São Paulo. Os "tenentes" no comando do Estado sempre foram antipáticos à maioria da população paulista. Essa repulsa funcionou como uma bandeira que uniu amplos setores da população e aproximou os políticos do PRP e do PD. Surgiu a Frente Única Paulista em fevereiro de 1932. Percebendo a gravidade, em março de 1932, o Governo Provisório tentou minimizar a situação e, além de promulgar o Código Eleitoral que estabeleceu a obrigatoriedade do voto e o seu caráter secreto, nomeou um interventor civil paulista Pedro de Toledo, nome de prestígio limitado no meio político, embora tivesse sido um "hermista" em 1910, ligado ao PRP e seguido a carreira diplomática.

Os "tenentes" continuavam com sua interferência nociva ao Governo, impunes pelos desmandos e, como houve o rompimento da Frente Única gaúcha com Getúlio, em São Paulo os grupos ligados ao PD, que já vinham conspirado, aceleraram os preparativos para a revolução. O episódio MMDC em 23/05/1932 agravou ainda mais o quadro e, então, estourou a revolução contra o Governo Federal. Não veio o esperado apoio de Minas Gerais, e do Rio Grande do Sul à tropa matogrossense, chefiadas por Bertoldo Klinger. Seria um reforço substancial às tropas paulistas, mas jamais chegou e foi uma das causas da derrota paulista. A "guerra paulista" ficou militarmente confinada ao território de São Paulo.

O porto de Santos foi bloqueado pela Marinha. Apesar de divergirem do mando central, as elites regionais do Rio Grande do Sul e Minas Gerais não quiseram correr o risco de enfrentar um Governo que haviam ajudado a colocar no poder a menos de dois anos. São Paulo ficou praticamente sozinho, contando com a Força Pública e uma intensa mobilização popular e, apesar da superioridade das forças federais, a luta durou quase três meses. O ataque ao território paulista foi lançado a partir do sul do Estado e, também, da fronteira com Minas Gerais e do Vale do Paraíba. No dia 01/10/1932, representantes da Força Pública, reunidos com o general Gois Monteiro, decidiram render-se a fim de poupar vidas, pondo fim às últimas esperança de resistência. No mesmo dia aconteceu o último combate nas imediações de Angatuba. O objetivo fundamental da Revolução foi de pronto alcançado, pois, como consequência, o Governo, embora vitorioso, percebeu que não poderia ignorar a elite paulista, e os paulistas, por outro lado, passaram a ser mais flexíveis e a estabelecer compromissos com o poder central. Em agosto de 1933, Getúlio Vargas nomeou, então, o interventor Armando de Salles Oliveira, paulista e civil no pleno sentido da expressão, ligado aos democratas. O Governo decidiu constitucionalizar o país e em 14 de julho de 1934 foi promulgada a nova carta.

124. Revolucionários Porangabenses

O mesmo se aplica ao ocorrido com os revolucionários porangabenses de 1930; pois ao tentar identificar os nomes, quase nada encontramos. A confirmação dos participantes dependerá, também, de levantamentos futuros. Comprovadamente temos a participação dos seguintes revolucionários: Epaminondas Moreira do Valle, professor Francisco Pássaro (Chichilo), Acácio Vieira de Camargo (diretor do Grupo Escolar) e do professor Cândido de Moura. Outros nomes citados precisam ser ratificados: Olivério Feliciano, João Palmeira, Neinho, Otoniel João de Ávila, Camargo Soares de Almeida, Benedito de Paula, Artulino Correa, Domingos Fernandes, Paulo Pereira, Emídio Cardoso, Antonio Lopes, Otávio Nunes dos Santos, José Antonio Cardoso, Francisco Nunes Diniz, etc.

125. A Primeira Guerra Mundial

Histórico

O conflito entre o Império Austro Húngaro e a Sérvia começou no dia 28/07/1914, alastrando-se pela Europa e por outros continentes, reunindo em luta as potências centrais como a Alemanha, o Império Austro Húngaro e a Turquia contra os Aliados, principalmente a Grã-Bretanha, a França, a Rússia, a Itália e, mais tarde, os Estados Unidos. A principal causa da guerra foi a rivalidade comercial entres os grande estados europeus do século 19, ao lado de uma série de alianças que buscavam o equilíbrio militar com o objetivo de evitar agressões entre as potências da comunidade. Essa situação contribuiu, somente, para propiciar a instável paz armada, sempre na expectativa de ocorrer uma enorme convulsão político-social. Consequentemente, com esse sistema de alianças gerando crises seguidas, bastou o assassinato do arquiduque Francis Ferdinand, herdeiro do trono da Áustria, em Saravejo, para que precipitasse a inevitável guerra mundial. Os Estados Unidos declararam guerra à Alemanha somente em

06/04/1917, no momento em que a situação da guerra no oeste europeu permanecia estacionária. O Governo Alemão somente em 1918, quatro anos depois, precisamente no dia 11/11/1918 pediu armistício com base na proposta dos "quatorze pontos" do presidente americano Thomas Woodrow Wilson.

126. Participação do Brasil - 1917/18

Oito paises latino-americanos participaram da guerra ao lado dos Estados Unidos: Brasil, Cuba, Costa Rica, Guatemala, Haiti, Honduras, Nicarágua e Panamá. Somente o Brasil e Cuba participaram com forças militares e navais. A 26/10/1917, após o bloqueio submarino total no Atlântico e o torpedeamento de vários navios mercantes brasileiros, foi declarado o estado de guerra com a Alemanha, seguindo-se a remessa de alguns navios (cruzadores ligeiros e contra-torpedeiros) e de um grupo de dez aviadores da nossa aviação naval à Inglaterra. No norte da África, em Dakar, a peste fez 464 vítimas entre os 2000 homens da nossa Divisão Naval. O Brasil enviou também uma missão médica, composta de 100 cirurgiões para auxiliar as Forças Aliadas. Os danos sofridos pelos brasileiros resumiram-se nas mortes, nos afundamentos dos barcos mercantes e das baixas da Divisão Naval: 7 oficiais e 96 praças.

127. Consequências da guerra

O conflito provocou a devastação de extensas áreas na Europa, estimando-se em 15 milhões o número de vítimas, sendo mais de 10 milhões o total de mortos nos campos de batalha. A arrasada Europa ficou em estado de crise e desequilíbrio, acontecendo, em seguida, sucessivas revoluções políticas e sociais. Caíram muitas dinastias européias e o regime democrático passou a predominar em quase todos os paises. O empobrecimento dos europeus, a instabilidade das moedas e do câmbio, os endividamentos, fatos acontecidos nos anos seguintes e culminando com a crise ocorrida no ano de 1929, foram os ingredientes principais, acumulados, que já preparavam o cenário para o segundo conflito mundial.

128. A relação com Porangaba

Três participantes, dois italianos e um alemão, inimigos na guerra, tornaram-se, tempo depois, grandes amigos em Porangaba. Por coincidência, imigraram para o Brasil, logo após o término do conflito, em busca de uma nova terra onde pudessem trabalhar e viver pacificamente. Escolheram Porangaba. Homens íntegros, aqui formaram e criaram suas respeitáveis famílias. Um lutou pela Alemanha e dois pela Itália.

Stefan Mayer, filho de João Mayer e Catarina Mayer, nasceu no dia 26/12/1889 em Trostberg, Alemanha. Imigrou para o nosso país e viveu, primeiramente, em Conchas, onde casou-se com a brasileira Eugênia Lara Mayer. Transferiu-se depois para Porangaba, dedicando-se à lavoura e à indústria. Pessoa empreendedora, alegre, de caráter grandioso, com seu linguajar característico sempre recebia as pessoas com jovialidade e cordialidade. Marcado pela guerra com a mutilação de uma das vistas, chegou até a ficar internado em campo de concentração, mas nunca demonstrou revolta pelo que sofreu. Foi um homem bom, carismático e feliz. Adorava festas e reuniões com seus familiares e amigos. Teve, ainda, destacado papel na instalação de luz elétrica em 1946, quando deu total apoio ao projeto e cedeu as dependências e os equipamentos de sua pequena indústria para a instalação dos geradores. Seu gesto foi de importância fundamental e decisivo à concretização do maior sonho dos porangabenses. Faleceu em Porangaba no dia 22/05/1970; deixou filhos.

- *O "**Moinho do Alemão**" foi um marco na história industrial de Porangaba e, certamente, uma das mais belas recordações da infância de muitos porangabenses. Ali, no dia a dia, era comum ver sempre uma criança pedir ao **Seu Estevão** o saboroso biju de milho, quentinho, nunca negado e na hora preparado com capricho pelas farinheiras. A fábrica era marcada pelo barulho envolvente das máquinas que chegava encobrir as vozes dos operários, enquanto o milho era triturado e transformado em quirera, farelo, canjica,*

fubá, etc., e o arroz beneficiado. Ali trabalharam Benedito Rosa, Nenê Teles, Zé Pequeno, João Leme, Alípio Pinto, Cornélio Saturnino, José Wagner, Abilinho, Álvaro Leme, João Luiz, Luiz Leme, José Juliani e outros. Às farinheiras Cecília, Jorja, Maria Pires, Maria do Zé Pequeno, Virgínia, Ester da Silva, Clediomira do Cesário Neco e outras, que infelizmente não mais lembramos dos nomes. Recebam as nossas homenagens pela paciência com que atendiam a criançada. Quantas saudades!

Ângelo Bechelli, filho de Leopoldo Bechelli e Rosa Cassetari, nasceu em 29/08/1897 na Comune de Pieve Fosciana, Província de Lucca, Itália. Veio para o Brasil, após o término da guerra. Foi pessoa admirável, exímia - uma espécie de mestre-artesão, agricultor e comerciante. Teve armazém de secos e molhados, padaria e confeitaria. Foi lavrador, pedreiro e carpinteiro, chegando a fabricar carroças, carros, carretas e engenhos. Teve também máquina de beneficiar arroz. Nas horas vagas foi ferreiro, encanador e, até, eletricista. Era comum ser procurado por artífices para solucionar os mais intrincados problemas, fazendo com prazer as explicações e mostrando as soluções. Possuía muita habilidade, daí ser chamado pelo poeta Onozor Pinto da Silva de ***"o homem dos sete instrumentos".*** Querido por todos, ao falecer deixou uma grande lacuna na nossa comunidade. Casou-se na Itália com Concheta Bertoncini. Faleceu em Porangaba em 0/03/1957; deixou filhos.

- *O que marcou a personalidade de Ângelo Bechelli foi a simplicidade, pois manteve sempre no anonimato a sua condição de militar de reserva do Exército Italiano e jamais quis usufruir de qualquer tipo de regalia como "herói de guerra". Foi condecorado **pelo Régio Esército Italiano,** na qualidade de **Capitão Major do XX Battaglione D'Assalto, Distrito de Lucca,** com **a Croce al Merito di Guerra.** Poucos conheciam sua formação militar e sua patente. Em Porangaba era conhecido pelo apelido de "**Téamanhã**", que aceitou naturalmente, porque, logo que aqui chegou, a todos cumprimentava com a dita expressão, não importando a hora Transformou-se no **Seu Téamanhá**, mas sempre tratado com muito respeito e consideração.*

Giocondo Rossi, filho de Enrico Rossi e Teresa Moscardini, nasceu em 28/10/1896, na Comune de Pieve Fosciana, Província de Lucca, Itália. Habilidoso, foi músico, artesão, um empreendedor com tino comercial invejável, destacando-se no cenário comercial do município pela correção e exemplo de vida. Emotivo, sensível, foi o que mais sofreu com a guerra, pois sendo aprisionado pelos alemães, sentiu na pele os maus tratos com sequelas que perduraram até sua morte. Mesmo assim, fugiu do acampamento e voltou à frente de batalha, onde recebeu a medalha de honra ao mérito por atos de bravura. Ao findar o conflito já possuía a patente de tenente. Casou-se na Itália com a argentina Maria Catarina Cassetari e emigrou para o Brasil, vindo para Porangaba. No início trabalhou como pedreiro e se tornou comerciante destacado, chegando a ter bar, padaria, loja de tecidos, armazém de secos e molhados; um dos primeiros a comercializar gasolina em Porangaba. Foi, ainda, um dos maiores compradores de algodão e cereais do município. Participou ativamente da vida sócio-cultural, como diretor do Clube Recreativo 21 de Abril e da Corporação Musical Santo Antônio. Chegou a militar na política local, como membro do P.R.P. - Partido Republicano Paulista. Faleceu em Porangaba em 02/02/1948 com 51 anos de idade; deixou filhos.

- *Um fato singular ligou ainda mais o querido toscano à Porangaba, possivelmente o recorde de **compadrio do casal Rossi**, como*

padrinhos de batismo de 318 crianças e de casamento de 158 casais. Foi grande incentivador da Banda Santo Antônio e, além de participar da diretoria, sempre esteve à frente dos movimentos para socorrer pecuniariamente a associação. Amava a música e, além de acompanhar a montagem das coleções musicais com os maestros, conseguiu partituras de renomados compositores italianos que vieram enriquecer o repertório da banda. A peça sinfônica "Cruz de Honra" era a sua predileta e se tornou marca da banda Santo Antônio.

129. A Segunda Guerra Mundial

Histórico

Começou com a invasão da Polônia em 01/09/1939, continuou no território europeu e em partes de outros continentes até a capitulação da Alemanha (07/05/1945). No Pacífico somente terminou com a rendição dos japoneses (02/09/1945). No ano de 1933, Adolf Hitler, ao assumir o poder na Alemanha, começou a desintegrar o equilíbrio europeu. A Itália, por sua vez, pela pretensão expansionista de Mussolini, nos casos da Albânia e Etiópia, juntou-se aos alemães. O ambiente de tensão não ficou restrito somente ao território europeu, pois, na Ásia, o Japão buscava sua hegemonia comercial no Oriente e, além de invadir a Mandchúria e norte da China, procurou se proteger da Rússia. Aliou-se à Alemanha e Itália num pacto anti-comunista, formando-se assim o Eixo Roma-Berlim-Tóquio. A invasão da França pelos alemães preocupou as nações americanas, daí a convocação da Conferência de Havana, quando foi aprovado o dispositivo de segurança coletiva do continente.

Ficou acertado que qualquer país americano, que fosse agredido, contaria com o apoio incondicional dos demais. No ano de 1941, o ataque japonês aos americanos em Pearl Harbor foi a violação clara dos princípios aprovados em Havana, o que levou a maioria dos países americanos a declarar guerra ao Eixo. Da mesma forma, como aconteceu na Primeira Guerra Mundial, a Alemanha pretendia utilizar a América Latina para seus fins. O Brasil que havia rompido as relações diplomáticas com os paises totalitários, declarou-lhes guerra no mês de agosto de 1942.

É muito difícil avaliar matematicamente as consequências da guerra; estima-se que o total de mortes e desaparecidos militares dos dois lados tenha atingido o número de 14,5 milhões de soldados. É preciso enfatizar que a população civil sofreu ainda mais em razão dos bombardeios aéreos, da fome, das epidemias e massacres dirigidos. Calcula-se que o número de civis mortos atingiu a cifra de quase 13 milhões de vítimas. Os prejuízos materiais foram incalculáveis.

130. Participação do Brasil (1942-45)

"A FEB era um bom resumo do povo do Brasil, não só porque tinha soldados de todos os seu Estados e de todas as classes sociais e níveis de cultura, como porque levava todos os seus defeitos e improvisações, todas as suas incoerências e mitos, todas as falhas e virtudes desse povo".

(Rubem Braga – Revista Realidade/69)

O ***Exército Brasileiro*** organizou a força expedicionária que tomou parte ativa na invasão e conquista da Itália. De acordo com os planos originais, o Brasil deveria enviar à Europa 3 divisões de infantaria no total de 60.000 homens, porém o objetivo foi atingido apenas em parte. Foram enviados oficialmente 14.254 homens (734 oficiais e 13.520 praças) como tropa combatente. A colaboração brasileira no tocante **às forças terrestres** restringiu-se, portanto, à uma divisão (1ª. Divisão de Infantaria Expedicionária) e alguns elementos do Corpo do Exército e dos Serviços Gerais, no total de 25.334 homens. Seguiram, também, 67 enfermeiras que trabalharam em hospitais americanos. A FEB era uma divisão incorporada ao Exército dos EUA. O comando do Corpo Expedicionário coube ao general de divisão João Batista Mascarenhas de Moraes.

A participação brasileira na guerra foi relevante para a vitória dos Aliados, pois, além da contribuição militar, demos uma colaboração econômica considerável. Os prejuízos, sem considerar as despesas de guerra, atingiram 1,5 bilhão de cruzeiros e, ainda, como agravante, ao terminar a guerra, ***o Brasil não foi convidado para a Conferência de Paris que fez o rateio das quotas de reparações.***

- *Segundo o critério adotado, à semelhança de outros paises sul-americanos, que foram meros expectadores, o Brasil deveria ser ressarcido de seus prejuízos mediante às*

incorporações dos bens alemães já penhorados para tal fim.

De acordo com o tenente-coronel Thomaz Castello Branco ("O Brasil na 2ª. Guerra" - Biblioteca do Exército, Rio de Janeiro, 1960), as baixas brasileiras foram : **1899** mortos, sendo 8 da Aeronáutica; 443 do Exército; 469 da Marinha Mercante; 476 da Marinha de Guerra; 503 entre civis e militares. Os danos materiais foram 22 aviões e 34 navios.

"A maioria dos soldados da FEB nunca tinha saído do Brasil. Menos ainda eram os que tinham visto neve, ou escalado algo mais do que uma colina. Um número ainda menor de soldados já tinha alguma vez participado de algum tipo de combate - uns poucos eram veteranos da Revolução Constitucionalista de 1932, que não se caracterizou por combates ferozes. De repente, eles saíram de seu país tropical e tiveram de cavar trincheiras no solo duro e coberto de neve, subindo montanhas íngremes debaixo de fogo de metralhadora, canhão e morteiro". (Ricardo Bonalume Neto - A Nossa Segunda Guerra).

A FEB foi aprendendo. As missões dadas aos brasileiros foram cumpridas e, não há dúvida de que, quando acabou a guerra, os pelotões brasileiros de infantaria poderiam ser comparados a quaisquer outros dos exército aliado. Muitos oficiais e soldados foram condecorados pelo Exército dos EUA.

Nossos Expedicionários

131. Expedicionários Porangabenses

Após as agressões sofridas pela Marinha Mercante e a declaração de guerra, o Brasil enviou a ***FEB - Força Expedicionária Brasileira*** para atuar na frente italiana. Da nossa pequenina Porangaba partiram, integrando àquela força, os seguintes porangabenses:

- ***Estevão Baldacin; Jaime Martins; José Sant'ana Fernandes; Roque Mariano; Anselmo Alegre Bueno; João Pires de Oliveira; Silvério Diniz Vaz e Franklin Barbosa Carneiro.***

Todos retornaram, mas a maioria já faleceu; foram simplesmente esquecidos pela sociedade e autoridades locais. Nunca foram homenageados, nunca foram honrados pela comunidade, nunca receberam o devido respeito. Nem sequer um nome de rua – o que mostra o desprezo total da edilidade e da municipalidade. O tempo passou e foram totalmente ignorados.

Sr. Benedito Aires de Campos, expedicionário, veio de Tatuí e viveu aqui grande parte de sua vida. Conhecido por nhô Dito, trabalhou no Posto de Saúde. Ao lado da esposa d. Maria, formou respeitável família. Pessoa afável, sempre cercado pelos amigos, gostava de contar causos e as aventuras vividas na Itália. Nosso preito de saudades ao inesquecível nhô Dito.

Tivemos também os *"pracinhas porangabenses"*, que indiretamente participaram da guerra; foram os reservistas convocados que não embarcaram, mas que permaneceram de prontidão, aquartelados ou guardando a costa brasileira.

- Pracinhas porangabenses: *Décio Silveira Campos, Oscar José Gregório, Benedito Canhambora, Sebastião Cardoso, José Alves de Camargo (Juquinha Alves), Nicanor de Arruda (Lico), Carmo da Luz e outros.*

132. As Catequistas

A figura do catequista sempre existiu na Igreja Católica. São homens e mulheres que educam e formam crianças, jovens e adultos, preparando-os para os sacramentos e de modo especial à eucaristia. Ser catequista é ter consciência do chamamento para educar e formar na fé..

Professora Iracema Biagioni

Antigamente, as crianças e os adolescentes eram preparados para a primeira comunhão na própria igreja. Pensei..., quanto tempo faz que eu fiz a primeira comunhão? Eu já tinha atingido a idade da razão (que se supõe, a partir dos sete anos de idade!) e começava a fazer perguntas e mais perguntas à minha mãe. Tudo, que antes era sonho começava a dissipar. Queria saber sobre o céu, o inferno, o purgatório e o mistério da morte. A cabeça ficava confusa. Então, apareceram as catequistas - as voluntárias que cumpriam com amor e desvelo a missão de ensinar os mandamentos e a firmar a fé. Passaram a nos ensinar e dar a coragem exata, pois todos nós, católicos, tivemos um dia uma catequista que marcou a nossa iniciação cristã. Conversei com pessoas amigas e as recordações afloraram ainda mais. Destacaram o respeito e a disciplina que existia no relacionamento com as catequistas e o carinho com que os jovens eram tratados. As aulas evolviam temas complexos, mas eram sempre motivadas, entusiasmadas e até compensadas, quando as catequistas levavam todos em fila para um delicioso sorvete na Sorveteria do Aleixo. São fatos que ninguém esquece. Até o livro utilizado foi nos apresentado – o devocionário, da OFF, Gráficas Ave Maria, 1942, com as principais orações e os exercícios de piedade que o cristão deve praticar. Falaram também que antes, possivelmente, até os anos 40, as aulas de catecismo eram dadas na própria escola pelas professoras primárias. Foram lembradas : dona Ismênia, dona Ana de Souza, dona Olga Job e dona Geni Coimbra. Diversos nomes foram lembrados, mas de pronto dois se destacaram especialmente - pessoas especiais, de elevado caráter, de famílias porangabenses tradicionais. Uma optou pelo magistério, estava acostumada a lidar com crianças, mas sempre encontrava tempo para ensinar religião. A sublimidade da fé. A outra, doméstica, na sua simplicidade e pureza de espírito, além da dedicação à família, colaborava com a Paróquia, uma espécie de Zeladora da Igreja, mas que gostava também de passar os seus conhecimentos religiosos aos jovens.

Dona Francelina Proença

Ambas, mulheres carismáticas que receberam o dom de ensinar – por vocação e por missão - ajudando a moldar o caráter de centenas de jovens, indicando-lhes o bom caminho. Fazem parte da história da cidade e mostram a grandeza da mulher porangabense. ***Dona Francelina*** *(ou Celina), filha do Luiz Liberto (Carreiro) e* ***dona Iracema Biagioni****, filha do Luiz Biagioni (Padeiro), da Irmandade do Coração de Jesus, que tinham em comum a missão de amor para com os seus semelhantes.* Outras catequistas lembradas: Maria Augusta, Iria (filha do Brás) e Tereza Cassetari.

AGRADECIMENTOS

Agradecimento especial às seguintes pessoas pela colaboração, com informações importantes e curiosos depoimentos, que, além de enriquecer a matéria, deram confiabilidade à pesquisa:

Onozor Pinto da Silva, João Paulino da Silva (Janguinho), Zeni Machado Fogaça, Adélio Antunes da Rosa, Horácio Cândido, Luiz Cândido, Anunciata De Bonis Domingues, Paulo Antunes Amaral, Lazinho Soares de Almeida, Nêgo da Nhá Gerarda, Erasmo Pedroso de Oliveira, Paulo Moraes, Luiz Miranda, Leontina Martins Machado, Roquinho Mariano, Toninho Cristóvão, Antônio Manoel de Miranda, João do Jango, Ítalo Biagioni, Elias Lopes de Moura, Lindolfo da Ada, André de Almeida Machado, Leontina Machado, Frei Timóteo Maria de Porangaba, Lazinho do Valêncio, Urbano de Miranda, Florival Moreira da Silva, Zequinha Ruivo, professor Maurício Barreto, Antonio Silva, Geninho (Sapateiro), Antônio de Arruda, Antônio Cláudio da Cruz (Tó Cláudio), Jorge Alves, Zezinho Paes, Mario Acylino Correa (Marinho Sapateiro), *João Emílio de Oliveira –* ***(falecidos);***

Gentil de Oliveira, Acácio Cândido, Décio Silveira, Enos Amaral, Plínio de Oliveira Vaz, Nicanor do Valêncio, Lico de Arruda, Lúcia Amaral, Dina Bechelli, Sérgio Rossi, Veríssimo da Costa Machado, Domingos Antão Machado, Mantino da Serrinha, Luizinho Rosa; Valter Barbeiro, Rachel Nunes da Silva, professor Eugênio de Camargo Barros.;

Historiadores: Paulo Fraletti (Pereiras), Renato Ferreira de Camargo (Tatuí)

Apesar da boa vontade mostrada pelos entrevistados, alguns fatos e registros de nomes, principalmente, podem estar incompletos, pois, além do tempo decorrido e a falta de documentos, some-se o natural lapso de memória da maioria dos consultados, com idade bastante avançada. Foi possível, mesmo assim, marcar razoável quantidade de temas que permitem relembrar a

Porangaba Antiga.

FONTES:

1. *Livros de registros do Cartório de Registro Civil de Porangaba – a partir de 1891 – casamentos, nascimentos, óbitos, notas, etc.*
2. *Jornal " Comarca de Tatuhy " – edições e datas diversas*
3. *Jornal " Cidade de Tatuhy " – edições e datas diversas*
4. *Jornal " O Progresso de Tatuí " – edições e datas diversas*
5. *Livro do Tombo da Paróquia de Santo Antônio de Porangaba – 1900*
6. *Boletim da Secretaria da Agricultura – 1932*
7. *Certidões do Cartório de Registro de Imóveis de Tatuí - datas diversas*
8. *Achegas para a História de Botucatu – Hernani Donato - 1954*
9. *Achegas para a História Tatuiense – Renato Ferreira de Camargo - 2000*
10. *No Velho Botucatu – Sebastião de Almeida Pinto*
11. *Álbum de Tatuí – João Neto Caldeira – 1934*
12. *Anais da Câmara Municipal de Tatuí – datas divs.*
13. *Nossa Tropa – João Cristino dos Santos (Janguito) – Apiaí*
14. *Sarapuí – Sua História, Seus Antepassados – Hélio Holtz*
15. *Livros Diversos – Delegacia de Polícia de Porangaba – datas diversas*
16. *Bofete, Nossa Terra Nossa Gente – Naérson Miranda - 1995*
17. *Almanach Tatuhiense – Affonso Guimarães Porto – 1900*
18. *Almanaque da Província de São Paulo- José B. de Luné e Paulo Delfino – 1873*
19. *História da Vida Privada no Brasil – volumes 1, 2 e 3 – 1997*
20. *Nova Enciclopédia Ilustrada da Folha – 1998*
21. *Cultura Popular Brasileira – Alceu Maynard de Araújo – 1973*
22. *Vida e Morte de Tropeiro – Aluísio de Almeida*
23. *Os Parceiros do Rio Bonito – Antônio Cândido – 1964*
24. *Memórias de Tatuí – Renato Ferreira de Camargo - 1997*

25. *Ana Rosa, Sua Vida, Sua História – Moacir Bernardo - 1998*
26. *Enciclopédia Barsa – volumes diversos*
27. *Anais da Assembléia Provincial de São Paulo – a partir de 1879*
28. *Mauá, Empresário do Império – Jorge Caldeira*
29. *História do Brasil, Boris Fausto - 1994*
30. *Livros de atas do Clube Recreativo 21 de Abril – datas diversas*
31. *Livros de atas do Clube Recreativo e Esportivo 7 de Setembro – datas diversas*
32. *Livros diversos de receitas e despesas da Prefeitura .Municipal de Porangaba, referentes aos anos de 1928/1936/1940/1944/1945*
33. *Porangaba e Meus Parceiros – Roque Miranda*
34. *Fotos – do acervo do autor*
35. *Foto do ''Item 52 – recorte da capa de Thiago Szmrecsánil e Arnaldo de Mello com base em fragamento de "Carpinteiros"de Jean-Baptiste Debret, in Voyage Pittoresque er Historique au Bresil*

LEITURAS

1. Porangaba e Meus Parceiros

Roque Miranda

Saudades...

" Um dia a saudade bate... As imagens, uma a uma, passam na minha memória. Sonho em voltar, mas não tenho condição. Não tenho, como? A memória queima, as pessoas começam a visitar o meu cérebro. Vez por outra, pegava uma carona e ia visitá-la, mas não encontrava o Rio Feio. Toda vez que ia, mudava alguma coisa. O Rio Feio se afastava para mais longe. Voltava triste... Um dia resolvi registrar todo passado daqueles anos longínquos. Comecei a revirar a memória: meu avô Chico Cubas e a "mãe" Mariazinha foram os primeiros a se apresentar: depois veio o vovô Isaias e vovó Guilhermina. Então começaram a desfilar: o Mirandão, sempre na janela de sua casa, nunca nas rodas da rua. O Chicutão, já muito velho, quase cego, mesmo assim andando pela calçada defronte à sua casa, porém acompanhado. E o padrinho Quinzote Machado e a madrinha Delfina, num aprumo de bom gosto nas missas de domingo. O sr. Pedro Nogueira sempre a caminho do sítio. O seu Chico Fogaça vinha pouco à cidade, só em dias importantes. Nhô Chico Alves, o sr. Manoel Ignácio, seu piquete e o "poção" na curva do rio. Eduardo Português, o ferreiro; Pedro Piragibu e seu filho Castorino, lembram-se? O Quinzote Lili, nhô João Poli, ah... que famílias! O Dito Vaz, professor Antônio Freire de Souza, Dassás Vieira de Camargo e dona .Olímpia, seu Jango Mendes e dona .Dionísia, nhô João Pedroso e dona Adélia, políticos importantes. João Diniz, João Paes da Silva, Feliciano Nunes, Silvério de Oliveira ... que saudades das visitas que eu fazia aos seus sítios. O sr. Oscar Avallone com dona Olívia, que casal! O velho São Pedro, que ranzinza! O seu Dionísio Parga com seu Chevrolet, e dona Ramona! Sr. Bento Cândido e dona Clementina, que casal! Bravos, mas bondosos. E o Zé Martins e dona Ida, como os respeito! ... Seu Luigi Biagioni e dona Maria, padeira, que pão italiano! O seu Chico Patrocínio e dona Carolina, seu Luiz Angelini e dona Rosa, o Giocondo Rossi e dona Catarina, o eterno prefeito Domingos Miranda e dona Elisa, vocês se lembram. Toninho Cristóvão, o mestre da música; o Cezarino, o homem das serenatas; o João Teles, o leiloeiro! O "Nhô" João Bueno de Miranda, o homem das boas notícias. Nhá Tomázia, dona Maria de Arruda, Pedro Cavalheiro (o Dom Quixote de Porangaba), quem não se lembra deles? Personagens sisudos, sérios,

mas nunca saíamos de suas casas sem um bom conselho ou um pires de doce de mamão verde, de cidra ralada ou ainda de abóbora com cravo. O professor, o autodidata ou o letrado, e mesmo o analfabeto: esses homens e mulheres eram os que plasmavam a formação de nossa honradez, respeito e valentia. Valentia em defender as atitudes corretas, valentia em defrontar com a vida. Formação de opinião e defesa da família. Saí de Porangaba aprendendo a respeitar a natureza e os seres humanos. Não aprendi nada mais de básico para a vida, nada de novo. Trouxe tudo do Rio Feio. O medo de assombração deixei por lá! Minha memória não se esgota, vejo a rapaziada já adulta.

O Gustão, gaiato e brincalhão, era que me cedia um cigarro Fulgor, "dos bão", dizia. E o Eurico Fogaça com aquele alegre sorriso, de gato manso e matreiro, sempre aprontando. O Pipe Rossi (Locão), sempre amigo; o Horácio Cândido, sorriso de leão, manso, gozador, cigarrinho de palha; Roque Lourenço, contador de histórias, à noitinha, no murinho do jardim. O Armando, o "Brack", Rui Carneiro, Camargo, Nozor, Mário Mendes, Erasmo Pedroso, Joãozinho Palmeira, Acácio Cândido, Carlino do Jango, o Mário Nogueira... uns mais, outros menos velhos. Esses eram os rapazes que passavam no passado, suas experiências para a molecada, não sem tirarem proveito. Esses moços, rapazes mais taludos, com se diz por lá, dedicavam à garotada de meu tempo cuidados e carinhos, apesar das malvadezas que aprontavam. Os meninos eram aproveitados para levar e trazer recados para amigos e namoradas, para dar trotes nos incautos, buscar ou levar cavalos ao pasto, comprar cigarros, guardar segredinhos, buscar o correio e ajudar em algum serviço. Mas, a rapaziada nunca negava aos moleques uma entrada de cinema ou circo. Gente boa. Com eles aprendi a manobra da vida. Para terminar esta saudação aos meu amigos do passado, não posso deixar de mencionar a "turma da fornalha", meus colegas e amigos de infância. Uns infantis, outros púberes e alguns saindo da puberdade. Idos de 1930/1938, vividos no Rio Feio.

Hoje, quem estiver vivo terá entre sessenta e cinco e setenta e cinco anos. Luiz Nunes, Olívio do Nicanor (Titica), Florival (Preguinho), Luiz Martins, Abílio São Pedro, Oraci Bassoi, Nilo Martins, o Durvalino do Juvêncio, Oraci Pinto, Ataíde do Amaral, o Durval do João Seleiro, Oraci e João do Vadô Machado, Simão dos Reis, lembram-se deles? O Caviúna (Zé Fogaça), o Noel (irmão do Roque, encrenqueiro, mais amigo, o Noel Nunes, o Quinzinho Miranda, o Osvaldo do Valêncio, O Urbano, o Levi Miranda e o Sérgio Rossi. Esses e outros, menos enturmados, representavam o grupo de meu tempo.

Alguns se foram do Rio Feio antes que eu me fosse, outros voltaram para substituir a velha guarda, que nos deixara. Eu não consegui voltar e lamento a vida inteira por isso. Para vocês todos, estejam onde estiverem, lembrem-se de que este livro é o registro de minha saudade!

2. O assassinato do ex-prefeito Minguinho

Domingos Diniz Vaz, ex-prefeito municipal, provedor da Santa Casa de Misericórdia de Porangaba, foi brutalmente assassinado em 03/02/1998 quando se dirigia à Tatuí para cuidar de interesses do hospital. Ao parar o seu veículo na rodovia Castelo Branco, para dar carona a uma pessoa conhecida que lhe sinalizou, foi dominado e conduzido para um matagal, na estrada municipal do bairro dos Cedro, Cesário Lange, onde mais dois indivíduos o aguardavam. Ali, após assinar algumas folhas de cheques, foi brutalmente agredido e mutilado, sendo assassinado a pauladas. Um brutalidade jamais vista. Pessoa simples, carismática, popular, exemplar pai de família, voltado à caridade e ajuda à classe mais pobre e carente da população, sua morte abrupta foi um acontecimento irreparável à sociedade local.

Minguinho, como era conhecido, foi sempre atuante tanto na política como nos movimentos sociais. Católico praticante, foi membro destacado na Congregação Mariana e na Irmandade do Santíssimo. Vereador, presidente da Câmara Municipal, presidente de partido político, foi ainda prefeito municipal por duas gestões (1977 a 1982 e de 1989 a 1992). Fez parte, ainda, das diretorias do Clube Recreativo 21 de Abril, da Banda Santa Cecília e do Esporte Clube Porangabense. Casado, deixou filhos e netos.

O jornal "O Estado de São Paulo", na edição do dia 08/02/98, noticiou:

- *Desde terça-feira, um clima de medo instalou-se entre os 7 mil habitantes de Porangaba, região de Sorocaba. O ex-prefeito Domingos Diniz Vaz foi seqüestrado e morto por três assaltantes. Vaz foi vítima de um antigo costume, quase uma lei nas pequenas cidades: quem tem carro,*

dá carona a quem pede. O ex-prefeito atendeu a um sinal de Silvanei Alves, de 18 anos, a quem conhecia de vista, e foi dominado por outros dois ladrões, que estavam escondidos. Os cúmplices, José Cabral de Oliveira e Célio Benedito Cardoso, eram fugitivos da cadeia de Capão Bonito. O trio obrigou Vaz a assinar várias folhas de cheque e o matou a pauladas, levando seu Voyage. "Nem mesmo em pesadelo a gente via uma coisa dessas", diz Rui Nunes Ribeiro, escrivão da delegacia local. O último homicídio em Porangaba ocorreu fazia mais de três anos, por causa de uma briga. "Agora, a gente sente que as pessoas estão amedrontadas, porque não se vê ninguém na rua à noite."

O assassinato do prefeito chocou a pequena Porangaba e ficou marcado na história da comunidade sob os aspectos da violência e do absurdo. É inaceitável que uma pessoa, com tanta vontade de servir a população, fosse assim trucidada e eliminada. Dirigindo sempre com dedicação a Santa Casa, com o seu desaparecimento o hospital fechou as portas e não mais reabriu, sendo um enorme desafio para todos os porangabenses. Os problemas da saúde pública se agravaram. E o que é pior, nada foi feito e o latrocínio não foi esclerecido até hoje.

3. Nossas raízes rurais – É verdade ou é mentira?

Podemos até pensar que deixamos para trás nossas raízes rurais, flores do asfalto que somos. Creiam-me - em pleno século 21, temos o campo arraigado no dia-a-dia. Nas canções de ninar, falamos de sapo-cururu com frio, de rosas despetaladas em brigas mortais com malvados cravos, em cuca que pega criança que reluta em dormir. Hoje nem sei mais se os bois pretos ainda fazem careta e se isso assusta as criancinhas, mas continuamos cantando. Doce incerteza. Não descremos nem cremos que manga com leite mata, que lobisomem aparece à meia-noite de sexta-feira e que vento levanta poeira para deixar o saci-pererê fugir. Isso tudo, assim impresso no jornal, parece ingênuo, mas quebra a dureza das certezas que jazem sobre o rígido asfalto. Nossas almas precisam dessas inocentes ambigüidades, uma espécie de sal da terra. Por isso não perdemos tempo para comprovar se dá ou não azar passar debaixo da escada e se é necessário bater três vezes na madeira para evitar o quebranto. Falta ao mundo urbano-industrial graça e cor. Já, nas superstições e ilusões, sobra colorido, luxo e riqueza. No mundo do campo, o ar está cheio de barulhinhos. Lembro-me de dar voltas em torno de pé de mexerica procurando a melhor e a mais linda. Escolhida, uma forcinha e "ploc", a mexerica está na mão, já separada do caulezinho, seu cordão umbilical. Na mexerica madura, a casca se desprende no momento do "ploc" e depois... só o barulhinho de cuspir o caroço para longe. Já a jabuticaba, rainha do imaginário infantil, é bem diferente. Seu cordão umbilical é curtinho e fraquinho. Silencioso. O primeiro ruído é na boca mesmo, como tão bem descreveu Monteiro Lobato. É um "ploc" que ressoa pela cabeça inteira. E que bom que é fazer "tic-tic-tic" no galhinho da folha da parreira quando a gente morde para sugar seu azedinho! Mas nem tudo na natureza são flores. Comer goiaba no pé é bom, mas nos avisavam: "Coma com atenção, porque pode ter bicho quando madura e dar dor de barriga se comida verde". E as amoras? Essas são silenciosas e suculentas, porém perigosíssimas: mancham a roupa para valer. E mãe que é mãe não perdoa mancha na roupa. Goiaba, amora e pitanga sempre deram como praga por aqui. Não precisa plantar. Pode ter em todo quintal. Não pede água nem adubo. Em quintal úmido, ainda podemos encontrar o sapo, nojento e perigoso, pois, ameaçado, urina nos nossos olhos e nos deixa cegos. (Será verdade? Será mentira? Eu é que não vou testar!).

Os barulhinhos da natureza não perturbam nossos sentimentos e deixam muita saudade. Lá, nas nossas raízes rurais, ainda estão cigarras, vaga-lumes, besouros que atravessam a garoa espalhando seus ecos e seus ruídos. E a garoa, onde é que foi parar? O que já foi parte da vida hoje está confinado a alguns bairros, quintais ou zonas de muito mato. São resíduos de nossa pré-história que até confundimos com seres imaginários. O outro lado do nosso "eu" procura certezas. Aparentemente, vivemos querendo nos desfazer de toda e qualquer ambigüidade. Nem acreditamos mais nas informações reais que nosso corpo nos dá. Para saber se está frio ou calor, muitas vezes recorremos aos serviços de informação por telefone, ao rádio ou à televisão. E até vamos ao termômetro para confirmar se estamos sentindo certo. A natureza se afasta do asfalto, assim como o sereno, a friagem da noitinha e a garoa. Ficamos cada vez mais à mercê dos ruídos criados por nós mesmos, pela nossa cultura. Nós, homens, vivemos inventando moda, fugindo da repetição, esquivando-nos das

tradições. Dos velhos queremos cada vez menos ensinamentos. Deles queremos mais lendas e superstições. Com o pé fincado no asfalto que nos separa da terra, procuramos meios de nos defendermos da poluição do ar, da poluição sonora. Não são mais os besouros, os morcegos ou as cobras que nos ameaçam. As tradições, lendas e superstições são hoje mantidas não só na voz e na memória de quem nos relata histórias como em CDs, vídeos e DVDs, onde vamos reencontrar os príncipes, as fadas, as figuras mitológicas. Eis a tecnologia realimentando nossas raízes rurais.

Anna Verônica Mautner – Cientista social, psicanalista – Folha de São Paulo -31.01.2004

---

4. A vida no sítio

(Quim Feliciano)

"Quando eu era ainda pequeno, trabalhava com meus pais. A nossa plantação era milho, feijão, arroz, cana, café, batata, abóbora, pipoca, mandioca, banana e laranja. Lembro-me bem que meus pais eram muito católicos e guardavam muito bem a quaresma. A Semana Santa, então, era aquela coisa rigorosa; meu pais não deixavam a gente comer carne por 40 dias e faziam o jejum muito certinho. Em compensação, quando era sábado de aleluia, ele matava uma vaca bem gorda para que os filhos comessem a vontade.

Depois, casei-me com a Amélia e continuamos fazendo a mesma plantação e para preparar a terra para o plantio dos cereais era assim: roçava o mato com a foice, queimava e depois arava a terra com arado puxado por dois cavalos, Depois, gradeava a terra até ficar bem macia e, então, plantava todas as sementes selecionadas. Nós juntos limpávamos as plantas com enxada, depois quando era feita a colheita, trazíamos o milho para o paiol, transportado por um cavalo com cangalha e dois cestos de cada lado, onde o peso era dividido. Para trazer a cana, também era usado o cavalo com cangalha, com 4 ganchos de pau adaptados, dois de cada lado, para dividir a carga. Depois, passei a usar a carroça e o carro de boi e, então, ficou bem mais fácil. O milho para fazer a farinha era limpo em monjolinho de pé. Era um pilão que a gente manejava com os pés. Servia, também, para limpar arroz. Depois de limpo, o milho era colocado em um saco e lavado ao rio, onde ficava de molho na água por oito dias. Era, então, tirado d'água e socado de novo para fazer o fubá e a deliciosa farinha. Tudo era feito com a ajuda da minha esposa Amélia. Para fazer o açúcar era assim: a cana era moída no engenho puxado por cavalo e o caldo (garapa) era colocado ao fogo num forno grande, quando era apurado até virar melado bem grosso. Este era batido com uma colher de pau, até virar o açúcar bem solto

Para fazer a farinha de mandioca: a mandioca era raspada e ralada (numa roda grande que tinha ralo na volta toda). A mandioca já ralada era colocada, então, num tapete adaptado feito de casca de palmiteiro, tecido todo a mão, que era posto na prensa e ali permanecia toda a noite para o polvilho secar. O polvilho era levado, então, para o forno de pedra para ser torrado até ficar bem soltinho. Aos domingos, jogava-se "bola" no campo da venda do bairro e à tarde jogava-se malha no terreiro de nossa casa. Os cereais eram levados a cidade pelas tropas.

Existia a "recomenda" na quaresma, quando saíamos fazer e a gente gostava muito. Agradava o povo que acordava para ouvir. Era uma forma de oração. Carreira eu gostava e tinha cavalo de trato; eu mesmo que corria o cavalo. Geralmente aos sábados, convidávamos o vizinho que era naquela época o cantador de moda de viola, então amanhecíamos cantando, quando era servido um "quentão"ou uma pinguinha. Havia ceia a noite toda. Dançávamos o fandango, que era sapateado. Era muito bom e divertido

Havia muito pouca criação de gado, porque aqui era mais plantação de cereais. Na cidade existia a banda de música, a Banda Santo Antônio, que animava as festas religiosas – São Roque, Santo Antônio. O quarteirão do bairro era o sr. Boaventura. Alguns imigrantes que eu conheci: José Colombara, Luiz Angelini, Ângelo Becheli,Giocondo Biagioni e Domingos Martins. Lembro-me da parteiras: dona Júlia e dona Bernarda e dos médicos: dr. Renato e dr. Colângelo. Havia muita superstição: por exemplo, a existência do saci-pererê – nas noites de luar, quando se escutavam assobios, os animais se agitavam nos pastos e corriam em desembestadas e, no dia seguinte quando apareciam com a crina feito estribo, que eram tranças muito bem feitas e difíceis de desmanchar.

(Depoimento de Joaquim Soares da Silva Primo (conhecido por Quim Feliciano) – (1899 -1981) , morador do bairro do Rio Bonito, feito ao professor Eugênio José de Camargo Barros).

5. Um pouco de história

(Eugênio José de Camargo Barros)

Na festa de Santo Antônio de 1980, como reação contra um "show" pretensiosamente sertanejo, comandado pelo Felisbino, decidimos, o Júnior e eu, promover um outro na festa de São Roque. Ali mesmo, na mesa do bar do clube, fizemos o levantamento dos músicos adequados para a apresentação, bem como dos prováveis intérpretes, todos valores da própria terra. O roteiro deveria seguir uma linha de exaltação dos valores do caboclo; falar de sua vida, dos seus sentimentos, amor à terra, seus amores, religiosidade, saudades...

Outra exigência, o "show" teria que ser apresentado na Igreja. Aliás, isto já ficou acertado no dia seguinte, diretamente, com o Vigário, Pe. Pássaro. Outro detalhe, o Zé Luiz praticamente assumiria a preparação musical.

Se a coisa foi bem pensada, melhor ainda foi realizada, apesar de uma série de imprevistos acontecidos na oportunidade. O time que participou do "show", seja como linha de frente ou apenas na retaguarda foi o seguinte:

- *Wilson Batatinha; Toninho Batatinha; Aparecido Batatinha, Assunção, Neto Mendes, Pingo, Dalvete, Cristina, Dito da Vila; . Levi; João Francisco, Hudson, Elen; Gil, Tinho, Cesarininho, Sávio, Beto do Júlio; Toninho (ACCS), Márcio (fotografia), Georges (fotografia), Lisete, Walter, Licério, Maurício (faixa), Júnior, Eugênio e José Luiz.*

A Lisete não cantou. No domingo precisou levar a mãe doente para São Paulo. O Walter e o Licério também não se apresentaram porque na semana da festa faleceu uma sobrinha do Licério. Alias, era irmã dos Batatinhas. O pai, porém, fez questão que os filhos se apresentassem na Igreja.

Em março/81, recebi uma carta da Irmã Patrícia Silva, da Revista "Família Cristã", querendo informações sobre o acontecido. O fato poderia até motivar uma reportagem na revista. Dizia: "Tomamos conhecimento, através dos jornais, do seu trabalho realizado em homenagem ao caboclo e seu modo de vida, em agosto passado. Achamos interessante e vimos, através desta, solicitar-lhe informações sobre como se realizou este trabalho, se, no objetivo de colher as formas de expressão mais autênticas do povo, conseguiu elementos válidos para a elaboração de uma matéria sobre Cultura Popular, em nossa revista. Sobretudo, interessa-nos muito divulgar os valores das expressões culturais do povo".

Mantive contato com a Irmã Patrícia, da "Família Cristã". Provavelmente virá assistir o "show" do dia 16 de agosto e levantou a possibilidade de uma reportagem sobre Porangaba em sua revista. Ainda em março/81, a Secretaria de Cultura lançou entre os estudantes das E.E. de 1º e 2º Graus um concurso sobre "A Memória Musical de minha cidade". O Zé Luiz, como responsável, pelo levantamento, veio pedir apoio para a pesquisa. Topei a parada e acabamos envolvendo também o Júnior na jogada. E o trabalho começou. Acontece que dessa idéia primeira, decidimos pesquisar outros aspectos da história de Porangaba, embora não ligados à memória musical.

No dia 14 de junho/81, domingo, às 9,30 horas, aconteceu aqui em casa a reunião de quase trinta pessoas, homens e mulheres, todos com mais de 65 anos de idade. Foram convidados durante a semana. Vieram e toparam satisfeitos a idéia de poderem colaborar no levantamento da memória local. Por decisão deles, mesmos, farão o trabalho por escrito. Baseado nesse documento, poderemos posteriormente entrevistar os autores, tentando ampliar as informações. A Terezinha, a Zezinha e a Maria forneceram o cafezinho para os participantes. Por falta de espaço, precisamos fazer a reunião no quintal. Eis a lista dos presentes:

- *Roque Mariano, Antônio de Arruda, dona Francisca, dona Carolina, Janguinho, Toninho Cristovão, Cesarino, Amanda, Francelino Soares, Paulo Moraes, Pedrão, Deraldo, Zé Miranda, Simão Diniz (representado pelo filho João Lazinho), Quim Feliciano, Lazinho do Valêncio, Juca do Julião, Antônio Pires, Vitu, João Rosa, Eugênia Maier, Paulo Antunes, Antônio Paulino, Isaias, Zezinho Soares, João Furtado,Olímpio, Benedita M. Miranda, Vitória.*

Foram convidados e não puderam comparecer:

- *Otoniel do Reis, Antônio Miranda, Maria do Pedro Cabo, Carlino Fidelis, Jorge Alves, Dona Rosa (Nunes), Zelão Adolfino, Dona Catarina, Zé Batista, Juca dos Reis, Inácio Nunes*

Os participantes da reunião receberam uma ficha com o roteiro para o depoimento. Alem das informações por escrito, foi pedido a todos que

fornecessem: fotos antigas – que possibilitem fazer cópias; objetos antigos de madeira, pano, vidro ou louça – que serão fotografados; recortes de jornal, escritos, documentos antigos (por exemplo: passaportes, carteira de carroceiro, etc.), que serão copiados. Baseados nos depoimentos, existe ainda a pretensão de entrevistar cada participante e fotografá-los. Aliás, a reunião terminou *com a foto de todos na frente de minha casa.*

6. A Primeira Biblioteca

Clube Literário Riofeiense

A leitura de jornais antigos permite resgatar fatos ligados ao passado, à historia de uma cidade, instituições, grupos e pessoas. A surpresa é, às vezes, muito grande. Neste caso, não esquecendo que o bairro do Rio Feio era "boca de sertão" até o final do século 19, um pequeno sítio com poucos habitantes e com a maioria analfabeta, o impacto foi muito maior.

- O jornal " Progresso de Tatuí", edição de 09/08/1885, noticiava: *" Rio Feio – Comunicam-nos: - Por ter de retirar-se desta localidade. O 1º. Secretário do Club Literário Riofeiense, Rodolfo Cassimiro da Rocha, que exercia as funções de bibliotecário, passou a biblioteca a cargo do sócio Francisco do Amaral Camargo; - A diretoria do Club, em sua reunião competente, autorizou a compra de algumas obras".*

Daí a curiosidade, pois a prática da leitura seria restrita a um número pequeno de leitores que, além do aprimoramento cultural, teriam certamente afinidades outras para organizar um gabinete de leitura. A Capela do Rio Feio já tinha, então, o seu clube literário e os riofeienses procuravam se instruir através da leitura. A semente cultural já germinava por aqui.

- *Os clubes literários nasceram pela necessidade do enriquecimento intelectual, embora, muitas vezes, os associados buscassem mais um plenário para expor as suas idéias, os princípios filosóficos e doutrinários que defendiam.Os ideais republicanos disseminavam-se por toda parte, a escravidão estava com os dias contados, o descontentamento com o regime monárquico era patente e esses temas constituíam, certamente, o grosso da temática debatida nesses gabinetes. Sabemos, através de historiadores, que as bibliotecas privadas na época colonial, do século 16 ao 19, foram poucas e a propriedade de livros se concentrava nas mãos de um reduzido número de pessoas, com poucos títulos. Em sua maioria, os donos de bibliotecas eram membros das elites.*

Aqui, não foi diferente: ***Rodolfo Cassimiro da Rocha*** - professor de primeiras letras; ***Francisco do Amaral Camargo***,comerciante abastado e de família importante. Infelizmente, não foi possível estabelecer a data exata da formação do clube e identificar os outros sócios fundadores, já que são raros os exemplares de jornais da época disponíveis à consulta. A grande notícia, sem dúvida, é que, há mais de um século, já existia biblioteca por aqui. Quanto ao acervo, temos as seguintes informações:

Gabinete de Leitura Riofeiense

A esta associação os srs. Pereira Guimarães & Cia ofereceram as seguintes obras: ***Mil e um fantasmas****, 2 volumes;* ***Diana de Lis****, 1 volume;* ***O capitão Paulo****, 1 volume;* ***Rainha Margot****, 2 volumes;* ***Os trez mosqueteiros****, 3 volumes;* ***Vinte annos depois****, 3 volumes;* ***O pirata Relavnai****, 1 volume (Alexandre Dumas);* ***Baroneza d´amor****, 2 volumes (Joaquim Manoel de Macedo);* ***Recordações de Paris e Londres****, 1 volume (Júlio C. Machado);* ***O Brazil e as colônias****, 1 volume;* ***Dos mithos religiosos****, 1 volume (J.P.Oliveira Martins);* ***Eurico, o presbythero****, 1 volume (A. Herculano);* ***O annel mysterioso****, 1 volume (Alberto Pimentel);* ***As mil e uma noite****, 4 volumes (Mr. Gallande);* ***Um bocadinho de pão****, 1 volume (João Mace);* ***O poder da vontade,*** *1 volume (T.Smeles);* ***Miniaturas****, 1 volume (Antônio C.G. Crespo);* ***A morte de d. João****, 1 volume (G. Junqueira);* ***Poesias****, 1 volume (João Diniz);* ***Poesias****, 1 volume (A. A.Soares de Passos);* ***A flor de maravilha,*** *4 volumes (Álvaro Carrillo);* ***Os herdeiros de Caramuru****, 2 volumes (Jaguaribe Filho);* ***Armeeiro de Milão****, 1 volume (Posson du Terrail);* ***A cabelleira****, 1 volume (Franklim Távora);* ***Obras posthumas****, 2 volumes (Luiz José Junqueira Freire);* ***Aspásia****, 1 volume (João M. P. da Silva);* ***Contos e lendas****, 1 volume (Rabello da Silva);* ***A vereda da América****, 1 volume (Paulo de Kock);* ***Fastos da igreja****, 1 volume (Luiz A R. da Silva);* ***Historia do Brazil****, 1 volume (J.P.Xavier Pinheiro);* ***Os noivos****, 1 volume (Teixeira de Queiroz),* ***As trez irmãs****, 1 volume; Um homem de brios, 1 volume;* ***A bruxa de Monte Cordova****, 1 volume;* ***A engeitada****, 1 volume;* ***Coração e estomago****, 1 volume;* ***Analhema C.****, 1 volume;* ***Lágrimas abençoadas****, 1 volume;* ***História da guerra entre a França e Rússia****, 1 volume;* ***Doce casamento****, 1 volume;* ***O que fazem mulheres****, 1 volume;* ***Onde está a felicidade****, 1 volume (C.C.Branco);* ***A promessa sagrada****, 2 volumes (Henrique Perez Escricb);* ***O amor da pátria****, 1 volume (F.G. de Amorim);* ***A escrava Isaura****, 1 volume (Bernardo Guimarães);* ***Um casamento real****, 1 volume (D.Torcato Tarrago);* ***Homenagem Posthuma****, 1 volume (Duque de Caxias);* ***A mascara vermelha****, 1 volume (M.Pinheiro Chagas);* ***O novo Monte Christo****, 1 volume;* ***Dramas de Londres****, 1 volume;* ***O segredo do resussitado****, 1 volume (V.Reinolds).*

Obras compradas:

"Por deliberação da diretoria do Club Literário Riofeiense, foram compradas e recolhidas à biblioteca as seguintes obras: ***Dramas do Tribunal de Justiça, A Prisão nº.7****. de Zaccone;* ***A Creoula, O corcunda,*** *de P.Feval;* ***Helena****, de M. de Assis;* ***História Pátria****, de A. Braziliense;* ***A Volta de Rocambole, Novas Poesias de Rocambole****, de Guecoult;* ***Os Dois Zuavos, As Duas Irmãs****, de Xavier de Montepim;* ***A Família Joufray****, de E.Sue;* ***Os Desherdados****, de Gonzalez;* ***A Jangada****, de J. Verne;* ***A esposa Martyr****, de Escrich;* ***Os Dois Cadáveres****, de F.Soulie, e* ***Um Noivo e Duas Noivas****, de Macedo".*

7. Mãe e Mestra

Dr. Gentil de Oliveira

Dentre as mulheres que me amaram, e cujo nome eu trago permanentemente no espírito e no coração, houve uma a quem consagrei e ainda consagro, os meus pensamentos de cada dia, as minhas inquietações de cada hora. É o conhecimento mais antigo que tive. Ela, entretanto, me conheceu há mais tempo do que eu a ela. Quando fomos apresentados um ao outro por uma senhora amiga, contava ela com 39 anos, e eu apenas uns 5 minutos. Eu, porém, só vim, a saber, o seu nome, uns dois anos depois. A partir dessa data, ela não deixou mais de pronunciar o meu nome ou apelido por ela mesma colocado: Tico. Chamava-se ela, ***Luiza Maria da Silveira***, nome só usado em alguns documentos oficiais, como por exemplo, o livro de ata de seu casamento e algumas cartas que escreveu. Daí para frente todos a chamavam apenas de ***Luiza.*** Diziam os remanescentes da época que ela foi muito bonita, a mais bela moça do Rio Feio: morena de olhos verdes e tristes que lhe davam um ar de doçura. Pois essa mulher foi quem me ensinou a andar, a falar, a ler e escrever, e pegando na minha mão pequenina e frágil desenhava a chamada "cobrinha" e juntava letras, formando palavras conhecidas do nosso meio, contando apenas, com o instinto de mãe e muito amor ao filho caçula, que viera extemporaneamente. Como cartilha e primeiro livro, usou os almanaques Capivarol e Biotônico Fontoura, adquiridos graciosamente nas farmácias do Oscar Avallone e do Chiquinho Nogueira, quando lá ia para comprar pílulas de vida do Dr. Ross e Beladona. Sob a lamparina fumarenta sobre u'a mesa tosca, encurtava ela as suas e as minhas noites, soletrando palavrinhas, tendo como fundo musical o coaxar dos sapos do tanque que meu pai fizera construir junto do nosso terreiro, e que eu chamava de orquestra sapônica. Assim foi, até que ao final de algum tempo eu estava alfabetizado, embora com deficiência por falta de conhecimento e técnica à professora leiga; que supria sua inexperiência com seu amor e boa vontade. Quando cheguei no Grupo Escolar do Diretor Eugênio de Jesus Antunes, onde fui matriculado na 1ª. Série e encaminhado à professora Vitalina, que, após alguns dias de aula, me devolveu ao Diretor, informando-o que o menino Gentil já estava alfabetizado e que fosse matriculado no 2º ano da enérgica professora Euthímia do Amaral. Essa atitude da professora Vitalina mostrou a eficiência da D. Luiza, como professora leiga de primeira ordem; fato esse, que me deixou muito orgulhoso da mãe que tinha, pois, além de fazer pães, bolos e doces, foi minha primeira mestra. Dentre as prendas domésticas que tinha ***D. Luiza***, era boa costureira, fazendo camisas e calças para a família, no começo numa pequenina máquina de costura de mão, que tardava em dar a partida, ao impulso da mão; depois adquiriu com o dinheiro de queijos, que fazia muito bem, uma, de gabinete movida a pedal. Costurou com ela, algum tempo, confeccionando o meu uniforme azul e branco entre outras coisas, até sua morte com 61 anos de idade, quando já trabalhava com certa dificuldade, com suas pernas inchadas, que de há muito já não recebiam os benefícios da circulação. Por isso agora, que minhas idéias se atropelam no meu espírito, quero afastar-me um pouco para ir onde ela está, e genuflexo, lhe dizer muito contrito: ***Mãe e Mestra: Deus lhe Pague***. *(Dias das Mães – 2005)*

8. Eu e os tempos antigos de Porangaba

Dr. Urbano de Miranda

O tempo passa. Ninguém detém a sua marcha. Chegamos à velhice – a fase mais impiedosa do tempo – e, então, vêm as saudades. A gente cresce, muda de cidade, de pouso, percorre e conhece outros paises e ainda os "brasis " afora – Lagarto, Gravatá, Bococó, Cabobró, os Cafundós, as "Bahias", os confins do Juda, mas no fundo, bem lá no âmago profundo, sem sentir, acaba guardando nos escaninhos mais íntimos a imagem, possivelmente, diluída e esgarçada do berço onde nasceu. Ali ficam guardadas as lembranças acaloradas da terra natal, as recordações felizes das pessoas que muitas vezes servem de estimulo para enfrentar os problemas do dia a dia; é a bateria que permite repor energias gastas, nos estimulando e reabilitando às futuras caminhadas.

Num exame introspectivo da vida interior, dos próprios pensamentos e sentimentos, na contextura de mim mesmo, percebo que me resta como dado permanente a figura do menino de Porangaba, da pequena cidade do interior paulista, perdida às margens do rio Feio, e que tem como pano de fundo a beleza do Morro de Bofete, o prolongamento da Serra de Botucatu. Lembro com saudades do "clã" dos Miranda, minha família: o avô paterno, capitão Joaquim Francisco de Miranda (1861 - 1945), 14 filhos; do avô materno Manuel Ignácio São Pedro (1850 -1947); minha mãe Elisa de Jesus Miranda (1891 -1939) e de meu pai Domingos Manoel de Miranda (1887-1964) . O tios, então, superando recordes e recordes de fecundidade: tia Arminda (14 filhos), tio Antônio (16 filhos), tia Mazé (24 filhos), sim 24 filhos e, como corolário, o infindável número de parentes. Hoje, provavelmente, mais de um milheiro exclusivamente de primos de 1º , 2º , 3º e até 4º graus. Sinto-me, também, neste instante devotado, afeiçoado à figura de Bento Mimi 50 anos ou pouco mais dedicados ao capitão Miranda e, em seguida, aos demais da família, ininterruptamente.

Em Porangaba,vivi sem intervalos, pouco mais de 12 anos. Freqüentei o Grupo Escolar; hoje denominado "Joaquim Francisco de Miranda", tendo como diretores: Flores e Antônio Freire de Souza. Levei vida tranqüila, de pássaro sem gaiola. Passava a maior parte do dia na chácara junto à cidade, herdada de minha avó materna. De manhã, leite ao pé da vaca Malhada ou da Boneca, minhas preferidas. Soboreando pitanga, coquinho do mato, gabiroba, laranja, frutas da época, algumas temporã. Às escondidas, para evitar o carão materno, comia sanduíche de pão sovado e mortadela, tomando "capilé" na padaria do Giocondo Rossi. Também às escondidas, nadava no "poção" de meu avô, no rio Feio. Quando bem comportado, era conduzido ao rio Bonito, que cortava nossas terras e cujas águas eram claras e límpidas. Uma festa, ouvir atentamente as estórias do Lau Canhambora e do Ditinho.

Adorava circo. Que alegria que me despertava. Sem me estender, vou narrar uma curta passagem, pitoresca. Apaixonei-me, certa feita, pela filha do dono do circo. Queria fugir com ela ! Ela que encerrava o espetáculo, cantando: " - não chores, não, amanhã nós voltaremos para dar nova função". Eu delirava. Guardo ainda na memória aquele cantor circense que tanto me impressionou, pois as letras da canção me davam calafrios:

"O cemitério onde dormem os mortos, onde meu corpo dormirá também, o mundo fica para quem tem sorte e quem não tem sorte, dormirá também".

De Porangaba ao Ginásio do Estado em Tatuí e, depois, para o Colégio Diocesano Nossa Senhora de Lourdes de Botucatu. Neste último, como aluno interno. O "velho" tomou conhecimento das maluquices do filho em Tatuí e prendeu o pássaro na gaiola. Sai de Porangaba chorando. Era a primeira vez que me separava da terra. Senti que minha vida mudaria. De início, na pensão Angelim e aquela dor de quem se sente isolado do mundo. Em pouco tempo, as feridas causadas pelas saudades, cicatrizaram. Logo, conformado e integrado, passei a ser o alvo das mais diversas gozações: "Urbano, cansado de tanto assoprar a lâmpada elétrica, quebrou-a com chineladas. Queimou a mão no ferro elétrico". O jornalzinho estudantil não me perdoava: "chegou de Porangaba, bonitão, terno novo, camisa nova, mas ao olharmos para baixo, que decepção ... estava descalço.

"Urbano, o maior viciado no jogo de bicho; queria ganhar de qualquer maneira: jogou no grupo, de 1 a 24. Deu vaca, 25". Não me amolava, até gostava. O que entristeceu, mesmo, foi quando o sargento nordestino do Tiro de Guerra, Abdon Machado de Castro, depois de cantarmos o hino nacional, colocou-me em posição de sentido, na frente da tropa, e disse de dedo em riste, bem alto a terrível sentença: - "Olhem todos (levantando a voz) para ele. É um mau brasileiro". Isso em plena praça da matriz, cheia, num domingo, na saída da missa das 10 horas. Quase morri de vergonha. Também pudera, enquanto todos cantavam eu ria e não conseguia me dominar. Riso escancarado.

Depois. Tatuí, a juventude, a farra, o Palácio de Cristal, as serenatas, as malandragens, peraltices e traquinagens, principalmente nas famosas madrugadas. Ó Tatuí – Tatuí, sobretudo, coração. Em Botucatu, aluno interno, senti que a gostosa liberdade tatuíana sofrera amputações dolorosas. Preso como canário no alçapão. Tudo na hora certa: acordar, rezar, comer, estudar, dormir. Para o castigo, merecido ou não, todas horas eram horas. Porém, a permuta Tatuí-Demoníaca para Botucatu-Redentora apresentou resultado altamente benéfico. Moldou meu caráter, modificou minha personalidade. Desenvolveu-me certa dose de pureza. Ensinou-me o caminho certo, a trilha sem mazelas. Enfim, reencontrei-me. A partir de então, salvo as férias ou visitas

esporádicas, diminuíram os meus contatos com a terra natal. Durante o tempo já citado acima, vi passar a geração veneranda de velhos da minha terra. Sua "gerontocracia" no dizer dos eruditos. Gente de outrora, ou melhor, nascida no século passado, com quem convivi no período de 1930 a 1942, durante a meninice e juventude. Nomes do século 19 que vêm a tona, sem grande esforço de memória com o sabor de programa de evocações, lembrando nossa Porangaba que ainda hoje é o que era, há 50 anos. E assim, num enternecido envolvimento evocativo de figuras habituais ao cenário já muito distante da infância, a elas são particularmente dedicados os pensamentos de afeto e saudade:

Nhá Bernarda, responsável por todos os nascimentos ocorridos na comunidade durante as décadas de 1910 a 1940; não a esquecerei nunca. Os avós paternos e maternos, Joaquim Francisco de Miiranda e Manuel Ignácio São Pedro e ainda Antoninho Correia, Chicuta, Manuel Fernandes (o Manuel do Padre) Palmeira, Chico Cubas, José Colombara. Eram os decanos, juntamente com a matriarca Emídia do Amaral.

Outros mais "novos", também do século passado: meu pai, Domingos Manoel de Miranda, Dassás Vieira de Camargo, Pedro Nogueira, Jango Mendes, Bento Cândido, Valêncio da Silva, Isaias Vaz, João Leme, Abimael do Amaral (o Nego), Juquinha Carneiro, João Pedroso de Oliveira, Benedito Vaz, Marcílio do Amaral, João Sebastião Vieira, Afonso Avallone, Inocêncio de Morais, João Paes da Silva, Chico Fogaça, Camilo Príncipe de Morais, Lazinho Diniz, Clemencinho Pinto, Domingos Nunes da Silva, Quinzote Machado (o mais fervoroso católico), Pedro Cabo, Chico Vaz, João Machado, Vado Machado, José Fogaça, Benedito Colaço, etc.

As grandes famílias: Fogaça, Amaral, Nunes, Camargo, Cubas, Lopes, Arruda, Almeida, Poli, Machado, Diniz, Carneiro, Alves, Correia, Cassimiro, Pinto, Leme, Silva, Nogueira, Reis, que, através de seus patriarcas, seus chefes de família, constituíam e compunham a aristocracia rural de Porangaba. Principais responsáveis pelo sustento, pela manutenção do estomago cheio da nação porangabense. Que época de fartura, meus Deus! Feijão, arroz, batata, açúcar comprados em sacos de 60 quilos. Banana, de cacho. Porcos matados nas residências e, conseqüentemente, aquela confusão nos dias de matança. Sangue para chouriço, carne para lingüiça, paçoca, charque, derretia-se a gordura. Era aquela bagunça generalizada. Respirava-se no ar o cheiro característico. Dos bairro dos Nunes procedia a maior e mais variada gama de produtos. Ovos frescos, queijos, frutas, hortaliças. Exemplificando e argumentando, na década de 30 existiam 5 padarias em Porangaba, fora as dos particulares, das famílias mais abastadas que fabricavam o pão em casa, tinham fornos a lenha. Hoje, salvo engano, há apenas uma, uma somente. Confirmo as 5 que existiam: Luiz Padeiro e Antônio Aires no Largo da Matriz; do Ângelo Bechelli e do Giocondo Rossi, na rua principal e do Rafael Pássaro, na rua de cima, ao lado da extinta Capela de São Roque. Induz-se, pois, ou a população diminuiu de forma considerável ou não se come mais pão como antigamente. Hoje, mesmo nas famílias mais abastadas, nos centros mais adiantados, inexistem farturas como aquelas de antigamente. Naquele tempo, talvez exagerando no meu saudosismo, não se distinguia o pobre do rico. Rico, no conceito da época, era aquele de melhores vestes: dava-se ao luxo de passear freqüentemente em Tatuí ou até na Capital.

Volto aos antecessores. Dessa geração já mencionada, ***"made in século 19"***, até há pouco, enfrentaram o século 20: Maria Biagioni, Totinha Carneiro e Clementina Camerlingo. Resistem, felizmente, até hoje, Filomena Bassoi, Carolina São Pedro, Catarina Rossi, o bondoso e sorridente Joaquim Cubas de Miranda, o Joaquim da Olivia, para diferenciar do grande número de Joaquins existentes na cidade, pai de numeroso clã, inclusive de nosso Frei Timóteo Maria de Porangaba; tios Silvério, Antônio e Beraldo e o Otávio Rodrigues. Filho coruja, ao pai, Domingos Manoel de Miranda, abro parênteses mais amplos. Fazendeiro, pecuarista, comerciante, encarregado do correio, delegado de polícia, prefeito durante nove anos, político. Bonitão, gozador. Gabava dos seus 30 anos como membro do Corpo de Jurados da Comarca. Apreciava, comedidamente, a boa pinga, o bom vinho e o fumo. Em Tatuí, religiosamente, visitava o dr. Laurindo Minhoto, seu grande guia e orientador e, também, o coronel Chico Vieira. Raramente visitava o dr. Júlio Prestes de Albuquerque na Fazenda Paiol, em Itapetininga. Trocavam garrafões de pinga e fumo de corda. Discutiam suas qualidades, da pinga e do fumo, saboreando o delicioso cafézinho. Em São Paulo a visita mais importante era dedicada ao dr. Altino Arantes que, salvo engano, residia na rua Paim. Lembro-me do sobrado amarelo do dr. Altino pegado a outros dois, também idênticos e amarelos. Dr. Júlio, dr. Altino, guardo com admiração suas figuras, seus portes de estadistas eméritos. Conheciam a alma cabocla; da mais alta linhagem, estirpe de bravos, todavia eram

caboclos também. Criadores do "PRP", o Partido Republicano Paulista.

Parte importante e integrante da comunidade, foram os estrangeiros que aqui chegaram a partir do último quarto do século 19 e se integraram totalmente: meu avô Manuel Ignácio São Pedro (português), Giuseppe Colombara (italiano) Dionísio Parga (espanhol), Luigi Biagioni (italiano) e Raphaelo Passaro (italiano), que formavam, podíamos dizer, o quinteto decano alienígena. Outros: Luigi Angelini (italiano), Francisco Patrocínio São Pedro (português), Giocondo Rossi (italiano), Giovanni Bassoi (italiano), Antônio Aires (espanhol), José Martins (espanhol), Domingos Martins (espanhol), Manoel Alves Antunes, o Manélito (português), Ângelo Bechelli, o estimado "Té amanhã" (italiano), cujo apelido se deve ao fato de cumprimentar todas as pessoa, tanto na chegada como na saída, com a dita expressão. Em pouco tempo, igualaram-se estrangeiros e nativos caboclos da terra. Nos gostos, nos costumes, nos hábitos de vida, nas suas alegrias e sofrimentos, nos sentimentos coletivos, na religiosidade. Ajoelhavam-se lado a lado e, com igual confiança em Deus e a mesma fé no poder milagroso do Padroeiro Santo Antônio, faziam suas orações. Nas procissões, quando os sinos da Igreja Matriz e da Capela de São Roque anunciavam o "Angelus", o sentimento religioso tinha a força de um vínculo. A força de igualar e nivelar. A força de lembrar a toda comunidade, caboclos e estrangeiros, que todos eram mortais e que diante de Deus não existem diferenças, nem desigualdades. E, assim alicerçada, floresceu e se desenvolveu unida a família porangabense.

Vamos a outra faceta porangabense. É necessário que os conterrâneos mais novos, que desconhecem a história de sua gente, tomem conhecimento da existência de uma plêiade de homens, de nascimento ou de adoção, que aqui viveram e sempre se dedicaram a fazer o bem e a servir a população. Eu, na condição de filho da terra, tive o privilégio da convivência e louvo tão importante trabalho e dedicação. Alguns nomes:

- ***Padre Lemarchand**., o nosso vigário. Imagino aos 45 ou 50 anos (ou mais!), o pequeno francês ardente e piedoso. Pôs-se a serviço dos fiéis com todo amor, cheio de zelo. Formou-nos espiritualmente, revelando a todos com veemência e sabedoria os preceitos cristãos. Avançadíssimo para a época, apreciava o bom vinho, discutia com espalhafato com meu avô Manuel no jogo de escopa, onde sempre se desentendiam. Era, sobretudo, por seu enorme coração, querido e amado. Transferido para a paróquia de Pereiras, compulsoriamente, logo veio a falecer, não resistindo as saudades de sua Porangaba.*

- ***Nhá Bernarda -** Um símbolo! Profissão: parteira. Desculpem-me, não era profissão, mas um sacerdócio. Não tenho palavras, não encontro adjetivação capaz de definir a grandeza daquela senhora. Uma verdadeira santa.*

- ***Amador -** a alma mais limpa de todos os porangabenses que habitam o reino do céu. Lixeiro, coveiro, lavador de defuntos, removedor de cadáveres e animais putrefatos, limpador de latrinas. Em troca? Alguns vinténs, comida, vestes e as perenes graças de Deus.*

- ***Antoninho -** " o maestro da banda" – responsável pela formação de mais de uma centena de músicos. Grande músicos; um deles, Pedro Nogueira Filho, ainda hoje brilha nas orquestras do Rio de Janeiro. Que delícia acompanhar a **Banda Santo Antônio** pelas ruas da cidade até o coreto do jardim. Cada dobrado, cada marcha, a proporcionar tardes maravilhosas de alegria e prazer. A banda sempre atraía a atenção do povo; não somente pelo seu fascínio espontâneo como, também, a transmitir alegria às festas porangabenses, principalmente às festas religiosas.*

- ***Justiniano -** "fogueteiro" - o Justiniano da Florinda. Mestre da arte. Um dos principais responsáveis pela beleza das festas, com as ronqueiras, rojões, fogos de artifício, preparados com rara perfeição.*

- ***João Teles** - o palhaço. O grande animador de festas. Adorado pela criançada. No seu linguajar pitoresco, fazendo mímicas, ou cantarolando: - "é lé com lê e cré com crê, é lê com lé e crê com cré".*

- ***Carmelo** – o incansável carroceiro; **Agostinho Cassetari** – o construtor; **Euclides** – o notável **Clidinho**, carpinteiro de mão cheia; **Chiquinho Bueno** – o Chiquinho da Elvira, o barbeiro calmo, tranqüilo, educadíssimo e o preferido; **Mané Liberto** – o melhor farinheiro; **João***

***Machado** – o singular ferreiro; **Nhá Tomázia** – lavadeira de todos, sempre atarefada e a costureira **Tudinha**, uma das mais procuradas. **Maria de Arruda,** farinheira, benzia contra o quebranto e mau olhado. **Emílio Haddad,** o bom Emílio Turco, que falava sempre: - "sou técnico em gelados e não sorveteiro"; tão alegre e trabalhador.*

- *Jamais esquecerei do barbeiro **Juvêncio Palmeira**, um gozador, com constantes brincadeiras e que gostava de provocar os meninos que passavam na frente do salão, quando dava estrondosos "peidos" que assustavam e envergonhavam os jovens passantes.*

- *E as professoras. Existiam as boas e as más. À vezes, "toma cacete", batiam com ponteiro, cacete grosso e afilado, sem dó, nem piedade. Destaco sempre e lembro com saudades das bondosas**; dona Amália, Filomena, Semíramis e Ana de Souza.***
- *Dos sapateiros, o temeroso e sombrio **Higino Nordi.** Angustiado, nas crises, o italiano explodia irreverentemente. "Aquilo é um herege, dizia Alcina Pinto – não sei porque não cai um raio encima daquele homem. Nos agudos momentos etílicos, sempre prognosticava: - "esta terra nunca passará de uma aldeia ". Os prognósticos, as profecias do Higino consumaram-se ou não? Respondam os porangabenses...*
- *Uma das minhas grandes alegrias era seguir com os olhos a figura do **Antônio Jaco**, de escada na mão, ao anoitecer, acendendo os lampiões que existiam em algumas esquinas. Iluminava a cidade; era a luz que nos protegia da noite.*
- *Não posso esquecer dos pretos. A **Família Piragibu** (Nascimento). A maior representante da raça negra no município, salvo engano. Eram fortes, enormes, bons, afáveis, viviam modestamente da pesca, rachar lenha e outros serviços avulsos.*

Manifesto, neste instante, a mais eloqüente reverência ao padre, à parteira, ao ferreiro, ao sorveteiro, ao barbeiro, ao carroceiro e tantos outros mais, letrados ou não, de que recebi inesquecíveis lições na escola da vida. Tudo aconteceu na minha terra natal. Cito, lembrando Sêneca, o filósofo romano que viveu no início da era cristã:

"Somente os homens destituídos de boa formação moral não são reconhecidos, não cultivam a gratidão".

Para finalizar, confesso que menos, bem menos, como bacharel em direito e mais como auxiliar de escritório, no primeiro emprego, em troca, em detrimento da saudosa vida acadêmica, escriturário e gerente de grande empresa pública, logrei rasgar os caminhos com muita luta e trabalho. Trabalho, embora apagado, mas na verdade, visando valorizar como filho, os Miranda e com muito amor à nossa querida Porangaba. Escrevi estas lembranças de forma despretensiosa, não para valorizá-las a ponto de incluir na própria história da cidade, mas como belas recordações da minha "passagem" por Porangaba e para falar de mim mesmo.

9. Mestre Gentil e Seu Epitáfio

Dr. Gentil de Oliveira

Caro Júlio! Eu não tive a feliz iniciativa que você teve, de falar de sua terra, pesquisar e trazer à lume tanta coisa interessante, mas por amor ao meu chão, onde tenho o umbigo enterrado, por meu turno, resolvi depositar o resto do meu corpo em solo pátrio. Construi, no campo santo de minha cidade, um túmulo, só para mim, desenhado por mim e com uma lápide sobre ele, onde deixo uma placa de bronze, com dizeres de minha lavra, alguns versos que descrevem minha vida de princípio ao fim. Um porangabense que ler meu epitáfio, entenderá o que eu quis dizer, certamente. Mando para você, como uma deferência especial, cópia desse epitáfio que perpetuei em bronze e guardo para conhecimentos de mesu conterrâneos depois de minha morte, qundo será aposto em meu jazigo. Para você, que pesquisa Porangaba e sua gente, não há segredo. Faça dele o uso que lhe aprouver. Do amigalhaço e conterrâneo.

Gentil Silveira de Oliveira Falcão

(Allegro ma non tropo)

Simplesmente GENTIL, para os íntimos como você.

9. O 1º Arcebispo de Belém do Pará na Bela Vista de Tatuí

- *Há mais de cem anos, no dia 25/07/1907, Dom José Marcondes Homem de Mello, Arcebispo Titular de Ptolomaide e Arecebispo de Belém do Pará, como Visistador Diocesano de Congregações esteve na Bela Vista de Tatuí. É, até hoje, a maior autoridade eclesiástica da Igreja Católica que esteve na Paróquia de Santo Antônio de Porangaba.*

- *Ptolomaide – terminologia antiga que era acrescentada ao cargo de bispo ou arcebispo que, por impendimento justo. Deixava de fica à frente de sua diocese ou arquidiocese.*

Biografia *- Filho do Coronel Benedito Marcondes Homem de Mello e de Maria Pureza Monteiro de Godoy, nasceu em Pindamonhangaba no dia 13/09/1860. Estudou no Colégio do Caraça dos Padres Lazaristas, em Minas Gerais, e cursou ciências eclesiásticas no Seminário de São Paulo. Foi ordenado presbítero pelo Bispo de São Paulo, Dom Lino Deodato Rodrigues de Carvalho, no dia 11 de março de 1883. Recebeu da Santa Sé a Medalha Pro-Ecclesia et Pontifice, a 10 de julho de 1900. Foi nomeado Monsenhor Camareiro Secreto do Papa Leão XIII, no dia 3 de abril de 1902. Portanto, foi uma pessoa notável da Igreja Católica Apostólica Romana do Brasil, sendo nomeado em 1906 Arcebispo de Belém do Pará. No mesmo ano, um trágico acontecimento marcou a sua vida, pois, ao retornar de Roma pelo navio Sírio, este naufragou nas costas da Espanha, próximo ao Cabo de Palos e, lamentavelmente, faleceu o seu companheiro de viagem Dom José de Camargo Barros, Bispo de São Paulo, cujo corpo não foi encontrado. Dom Marcondes ficou muito abalado emocionalmente e, então, renunciou ao governo da Arquidiocese de Belém por saber que o meio de transporte usual na região seriam embarcações. Foi então nomeado pela Santa Sé Arcebispo Titular de Ptolomaide (Ptolemais in Phoenicia). Em 1908 foi nomeado o 1º Bispo da Diocese de São Carlos do Pinhal, conservando o título pessoal de arcebispo, onde governou por 36 anos. Faleceu em São Paulo em 15/10/1937, com 77 anos de idade.*

Livro do Tombo: – *Fazemos saber que aos 25 de Julho de 1907 chegamos à Parochia de Bella Vista de Tatuhy, antigo Rio Feio, acompanhado do respectivo Vigário P. José Gorga que foi ao nosso encontro em Espírito Santo da Boa Vista, dos Padres do Immaculado Coração de Maria: Ildefonso Penalba e Henrique Mone e do Secretário da Visita: P.Mariano Patella. A uma legoa de distância fomos esperados por mais de quinhentos cavalleiros. Ao chegarmos a povoação éramos esperado pelo povo e authoridades locaes. Fomos saudados então pelo Professor de Conchas, Snr Ernesto Sampaio, que em nome do povo nos deu as boas vindas. Formou-se então um longo préstito que nos conduzio debaixo do pallio para a residência parochial. Ahi demos o annel a beijar a todo povo. No mesmo dia, à tardinha, fizemos nossa entrada solenne, pregando por essa ocasião A Egreja Matriz está sendo reconstruída, estando já completa a fachada com duas torres. Quando acabada será um belo templo. A parte primitiva está bem conservada, limpa. As imagens são todas perfeitas e novas; os paramentos estão em bom estado. O Sacrário é correcto e o Altar Mor é tratado com cuidado e decoro. O povo da Bella Vista tem instrucção religiosa e está habituado à recepção dos sacramento e se porta convenientemente na Egreja e quando assiste as funcções religiosas. Os livros parochiais estão bem conservados, a escripturação é bem feita e todo do próprio punho do Rdo Vigário, coisa digna de nota e elogios. ... ... No último dia da Visita Pastoral, à noite, a população de Bella Vista precedida pelas associações religiosas, com archotes lanternas, e com a Banda de Música à frente, ao estrugir dos foguetes, percorreu as duas ruas principais do povoado e veio até a frente da casa de nossa residência onde tomou a palavra o professor publico snr. Ernesto Sampaio, o qual em linguagem correcta interpretou os sentimentos do povo catholico de Bella Vista que alli se achava reunido para deante da nossa pessoa dar publico testemunho da sua fé e de sua immensa alegria por ter participado das graças da Visita Pastoral, beneficio a tanto tempo desejado e finalmente conseguido. Agradecemos aquella brilhante manifestação e invocamos às bênçãos do Ceo sobre todo aquelle povo fiel que correspondeu ruidosamente aos vivas que demos à Religião Catholica Apostholica Romana e ao Santo Padre – o Papa Pio X. Pregamos duas vezes nos dias da visita e na nossa despedida encorajamos este bom povo a continuar firme na fé e obediente aos preceitos da Santa Egreja, e também exigimos o concurso de todos para unidos ao Rdo Vigário concluírem a Egreja Matriz. Despedindo-nos do bom povo da Bella Vista, agradecemos ao Rdo Vigário as suas attenções, as provas de respeito e amizade que despensou à nossa pessoa, à hospedagem que nos deu e aos nossos companheiros; aos seus dignos irmãos agradecemos também o trabalho e o esforço que fizerão para que tudo corresse bem no tempo da Visita Pastoral. Agradecemos ainda a Corporação Musical o seo concurso expontaneo e alegre em todos os actos da visita. Agradecemos também à Authoridades e as distinctas famílias de Bella Vista as manifestações de seu respeito. A todo povo catholico de Bella Vista os nossos agradecimentos pelo affecto carinhoso com que nos recebeu e tratou; a todos pois as nossas melhores bênçãos em nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo. Esta será lida em um dia festivo para que chegue ao conhecimento de todos. Dada e passada em Rio Bonito, em visita pastoral aos 31 de julho de 1907. E eu P. Mariano Patella, Secretario da Visita a escrevi.*

Porangaba Antiga

Muita gente pelas ruas,
Muitos caboclos a cavalo,
Mulheres de saias compridas,
Nem as canelas eram nuas.
Festas com muito regalo,
Eram assim as suas vidas.

Quando nos fins de semana,
Vinte ou trinta casamentos.
Caboclos arrastando esporas,
Pensavam ser bacanas.
Alguns caboclos briguentos,
Aguardando a sua hora.

Quando em dias chuvosos,
Pelas ruas muita lama,
Encalhava até carroça.
Homens sérios e briosos,
Homens que a bravura inflama,
De que ninguém fazia troça.

Armazéns e botequins,
Tudo com muita fartura.
Algodão, milho e feijão,
Arroz, batata, amendoim.
A safra sempre segura
Muiltiplicava o tostão.

Quando nas noites sem lua,
Os lampiões a querozene
Clareavam toda a vila.
Mesmo assim inda nas ruas,
Alegria era perene
Pr'aquela gente tranqüila.

Santo Antonio ou São Roque,
Festas que fama espalhava
Convocando a redondeza,
Que ao sinal de seu toque
Que pelo céu reboava
Avisando da certeza.

Missa, novena er leilão,
Quermesse inda não havia.
Algum baile no tablado
Era a profana diversão
Que todo povo assistia,
Algum já informado.

Todo o povo misturado
Assistia a procissão
Que marcava o fim da festa.
Precisava até soldado
Pra manter a ordem então.
Na memória isso me resta.

Nas festas, circo e tourada,
O cinema sempre mudo,
Assim mais romântico ainda.
Dos carros de bois, a entrada
Na festa era quase tudo,
Era o algo da berlinda.

Para o almoço dos carreiros,
O Arroz com picadinho,
Batatinha. A tradição,
Para o premiado em primeiro,
A oferta com carinho
Do desejado facão.

No pátio da igreja matriz,
bancas de buzo e roleta,
Jogos de dados ou caneca.
O banqueiro bem feliz
A impingir a sua peta
Fazendo aqui sua meca.

Botequins em profusão
Cobertos de ramo e sapé,
Pelo pátio todo, armados.
Bebida pura e quentão,
A pinga com capilé,
Bolinho de peixe e assados.

Banda, roqueira e rojão,
Já naqueles tempos idos
Era a alegria das festas.
Rifas, sorteios e leilão,
Domadores destemidos,
Já dos quais mais nada resta.

Namoro de muito longe,
Quase sempre escondido
Por causa da incompreensão.
Namorados quase monjes.
Assim mui mais divertido
O golpe d' algum fujão.

Os carnavais a cavalo,
A tirada da argolinha,
A riqueza em fantasia.
Sempre a brincar com o talo,
O palhaço sempre vinha
A despertar alegria.

Nos bailes, a gaita, a sanfona,
O maxixe, a polca, o chote,
O tango, a mazurca, um colosso,
A valsa que apaixona.
As damas com seus decotes

Mal descobriam o pescoço.

Tudo isto no entanto,
Faz-me lembrar com carinho
A minha velha cidade.
Pra chorar não tenho pranto,
Mas sinto como um espinho
A tristeza que me invade.

Embora sendo verdade,
Que o progresso com seu manto
Cobriu a minha cidade,
Inda eu vejo com espanto
A imagem da saudade
Escondida em cada canto.

Onozor Pinto da Silva
ORVALHOS E GRANIZOS DE MINH 'ALMA